

RAQUEL CARNEIRO AMIN

O “MÊS DAS CRIANÇAS E DOS LOUCOS”:

reconstituição da exposição paulista de 1933

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da UNICAMP, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes.
Área de concentração: Artes Visuais

Orientadora: Prof^a. Dra. Lucia Helena Reily.

UNICAMP

2009

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP**

Am54m	<p>Amin, Raquel Carneiro. O “Mês das Crianças e dos Loucos”: reconstituição da exposição paulista de 1933. / Raquel Carneiro Amin. – Campinas, SP: [s.n.], 2009.</p> <p>Orientador: Profª Dra. Lucia Helena Reily. Dissertação(mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.</p> <p>1. Desenho infantil. 2. Arte e doença mental. 3. Psicologia e arte. 4. Arte moderna - séc. XX - São Paulo. I. Reily, Lucia Helena. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">(em/ia)</p>
-------	---

Título em inglês: “The “Month of the Children and the Insane”: reconstitution of the 1933 Paulista Exhibition.”

Palavras-chave em inglês (Keywords): Children’s drawing; Art and mental illness; Psychology and art; Modern art – XX century – São Paulo.

Titulação: Mestre em Artes.

Banca examinadora:

Profª Dra. Lucia Helena Reily.

Profª. Dra. Maria Heloisa de Correa Toledo de Ferraz.

Prof. Dr. João Francisco Duarte Júnior.

Profª. Dra. Maria de Fátima Morethy Couto (suplente).

Profª. Dra. Regina Lara Silveira Mello (suplente).

Data da Defesa: 21-08-2009

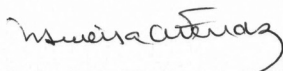
Programa de Pós-Graduação: Artes.

Instituto de Artes
Comissão de Pós-Graduação

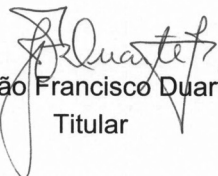
Defesa de Dissertação de Mestrado em Artes, apresentada pela Mestranda
Raquel Carneiro Amin - RA 047226 como parte dos requisitos para a obtenção
do título de Mestre, perante a Banca Examinadora:



Profa. Dra. Lucia Helena Reily
Presidente



Profa. Dra. Maria Heloisa Corrêa de Toledo Ferraz
Titular



Prof. Dr. João Francisco Duarte Junior
Titular

Dedicatória

À minha querida e grande família...
com amor

Agradecimentos

Primeiro agradeço à FAPESP que financiou minha pesquisa, prestando apoio financeiro às inúmeras buscas nos mais diferentes arquivos e instituições que visitei, principalmente na cidade de São Paulo.

Agradeço também àquela que foi minha primeira orientadora, Tatiana Gonçalves, que além de abrir brechas para o meu mundo acadêmico, durante a especialização, esteve carinhosamente presente nas primeiras idéias e rabiscos deste estudo.

À eterna professora e também amiga Patrícia Sant'Anna, pelas descobertas e primeiro incentivo. Pelas aulas (que sempre terei como exemplo), pela dedicação e carinho concedidas nas muitas leituras e observações a respeito do projeto inicial deste trabalho e também pelas conversas que até hoje são inspiradoras. Obrigada pela força, pelas palavras e pela credibilidade!

Aos profissionais do Arquivo Público do Estado de São Paulo, em especial, Anatercia, Tércio e Aparecido, pela prontidão, gentileza e grande auxílio durante as minhas muitas visitas ao acervo da instituição.

À Lucia Reily, carinhosa orientadora, agradeço pela oportunidade e pela confiança. Agradeço por conduzir-me com maestria e doçura nos caminhos acadêmicos e estar sempre presente em todos eles. Pelas graciosas palavras de incentivo no decorrer de minha escrita, por educar minhas palavras e minha sensibilidade durante todo este processo. Levarei comigo sua postura serena, seu olhar dedicado e as palavras de conforto nos muitos momentos de ansiedade.

À Heloisa Ferraz, pelos distintos apontamentos iniciais que embasaram esta pesquisa, pela atenção nas palavras e leituras. Ao prof. João Francisco Duarte Júnior, pela construção de um olhar mais sensível para a arte e arte-educação; pelas contribuições que sua disciplina trouxe tanto para a Raquel Amin como pessoa, como para a pesquisa da Raquel Amin. Obrigada também pelas bonitas e bem colocadas palavras em sua tese, que muito me inspiraram neste trabalho.

À Dna. Conceição, por um grande presente: pelo gentil acolhimento, pelo tempo que passamos junto e pelas admiráveis conversas acompanhadas de gelatina e de memórias surpreendentes. Obrigada pela “mais nova amiga” que me foi concedida, e por fazer-me recordar dos deliciosos momentos que passei com minha avó.

Às amigas de muitos anos, que sempre estiveram presentes em meu pensamento e coração. Àquelas que rumaram para outros destinos, mas que, de alguma forma, mantiveram-se atentas, querendo saber como andava o meu mes-trado, a minha vida. Especialmente agradeço à querida amiga Alice, pelos encon-tros e pelos cafés, acompanhados de conversas e risadas inesquecíveis! Obrigada também, pelas leituras de meus primeiros artigos e carinho com o qual se dispôs a organizar visualmente este trabalho. Adorei!

Ao meu querido e amado Fábio, que chegou de mansinho, me conquis-tando, e que fez toda a diferença... Obrigada por compreender os mais diversos momentos, pela paciência e dedicação cativantes, seja nas palavras de incentivo e ajuda; seja no aconchego tranqüilo e gostoso. Obrigada por acreditar em mim!

E, finalmente, agradeço à minha tão especial e amada família. Com mui-ta emoção agradeço aos meus queridos pais, sempre presentes com muita ternura, auxiliando-me nas mais variadas decisões. Obrigada pelo carinho, apoio e conforto incondicionais; pelos olhares, pelas palavras gentis, pela atenção e confiança. Obri-gada por acreditarem, por sempre acreditarem! Sem vocês, nunca conseguiria ter escrito, com tanto amor, uma linha sequer. Aos meus queridos e tão amados irmãos, por serem “somente” assim: especiais, carinhosos, interessados e acolhedores. À minha tia tão querida, tia Tita, presente desde o início, com boas e carinhosas su-gestões. Obrigada pelo incentivo, pelas inúmeras conversas acadêmicas e pelo afetuoso acolhimento em terras interioranas... Ao meu espirituoso e tão estimado primo, Gustavo, pela dedicação e presteza de auxílio com que sempre me pre-senteou; pelo tratamento das imagens que aqui se encontram. E por fim, mas não por último, meus avós, meus tios e tias, primos e filhos de primos... Minha grande, amada e especial família. Meu porto seguro... Dedico a vocês, que moram no meu coração, este trabalho.

*Que se entende por estado normal?
Eis a questão colocada nos seus devidos termos.
Poder-se-ia rematar a questão com uma resposta:
O homem normal é aquele que não tem sensibilidade.*

David Antunes
em *A Face Trágica da Arte*
(bisavô que adoraria ter conhecido...)

Resumo

Desde o século XIX até os nossos dias, houve crescente interesse por parte de psiquiatras, psicólogos e artistas plásticos em justapor a produção artística do louco e da criança. No Brasil o interesse remonta à década de 1920, com os estudos do psiquiatra Osório Cesar, baseados nas produções plásticas de pacientes do Hospital Juqueri e também com Ulisses Pernambucano, que em 1925 funda o Instituto de Psicologia do Recife. O presente estudo intencionou estudar o “Mês das Crianças e dos Loucos” – exposição organizada por Flávio de Carvalho e Osório Cesar acompanhada por uma série de conferências, no ano de 1933, em São Paulo, no Clube dos Artistas Modernos (CAM) – do qual participaram artistas, médicos, intelectuais e educadores num momento de grande efervescência cultural modernista no país. O evento colocou em pauta os pontos comuns entre as produções plásticas da infância e dos doentes mentais. Discutiu prioritariamente o interesse que despontava entre alguns artistas plásticos e psiquiatras pela produção da criança, de um lado, e do louco, de outro, que este evento reuniu sob o mesmo teto. Este estudo se apoiou em metodologia documental para desenhar a estrutura do evento (como foi organizado o mês, quais coleções e obras foram expostas, e de que forma e quem dele participou) e seu impacto cultural. Interessou conhecer os argumentos que justificaram o evento, os princípios norteadores, o *design* da curadoria, a repercussão em jornais e periódicos do momento envolvidos e correlacionados à exposição. O estudo mostrou que este evento representou um marco em termos do encontro entre as áreas de arte, educação e psicologia e teve desdobramentos culturais significativos na cidade de São Paulo na década de 1930.

Palavras-chave: desenho infantil; arte e doença mental; psicologia e arte; arte moderna - séc. XX - São Paulo.

Abstract

The “Month of the Children and the Insane”: reconstitution of the 1933 Paulista Exhibition

From the nineteenth-century to the present day, there has been growing interest on the part of psychiatrists, psychologists and visual artists in bringing together the artistic production by the insane and by children. In Brazil, such interest emerges in the 1920s with publications by the psychiatrist Osório Cesar who studied visual arts productions of psychiatric patients from Hospital Juqueri, as well as Ulisses Pernambucano who founded the Instituto de Psicologia in Recife in 1925. This study aimed to investigate the “Month of the Children and the Insane” – an exhibition and series of conferences organized in 1933 by the artist Flávio de Carvalho and Osório Cesar in São Paulo at the Clube dos Artistas Modernos (CAM) – with the participation of artists, medical doctors, intellectuals and education professionals, at a time of great modernist upheaval in the country. The event illuminated common aspects of productions by children and people with mental illness. The discussion mainly circled around the emerging interest among some visual artists and psychiatrists in artwork by children on the one hand and by the insane on the other, which this event brought together under the same roof. This study used documentary methodology to design the structure of the event (how the month was organized, which collections and works were shown, and how they were presented, and who participated) and its cultural impact. We were interested in understanding the arguments that justified the event, the guiding principles, the curatorial design, the repercussions in current newspapers and in journals that were involved and related to the exhibition. The study showed that this event represented a breakthrough in terms of the coming together of the fields of visual arts, education and psychology, with significant cultural results for the city of São Paulo in the 1930s.

Key Words: children’s drawing; art and mental illness; psychology and art; modern art – XX century – São Paulo.

Lista de figuras

Fig 1.	Flávio de Carvalho em 1967	65
Fig 2.	A sra. Tarsila do Amaral quando pronunciava a sua conferencia	70
Fig 3.	Dr. Osorio Cesar	81
Fig 4.	O dr. Osório Cesar pronuncia a sua palestra no C.A.M.....	82
Fig 5.	Dr. Pedro de Alcantara.....	85
Fig 6.	O dr. Pedro de Alcantara pronuncia, no Clube dos Artistas Modernos, a sua palestra sobre desenhos infantis	86
Fig 7.	Dr. Durval Marcondes	89
Fig 8.	O dr. Durval Bellegrade Marcondes e a assistencia á sua palestra na SPAM	90
Fig 9.	Ao alto, a assistencia, e, a lado, o conferencista ao ler o seu trabalho	95
Fig 10.	A reunião de hontem no Clube dos Artistas Modernos.....	97
Fig 11.	Dr. Balmaceda Cardoso.....	101
Fig 12.	Algumas produções artisticas dos alienados.....	108
Fig 13.	Esculpturas e bonecas, trabalhadas pelos alienados do hospital do juquery, em exposição no C.A.M.	109
Fig 14.	Salão do Clube dos Artistas Modernos (CAM)	110
Fig 15.	Desenho tipico de criança, reproduzido de um muro de certa rua de bairro.....	111
Fig 16.	Desenhos de uma menina de 3 anos	112
Fig 17.	Desenho a lapis de um paraphrenico	115
Fig 18.	Desenho a lapis de uma paraphrenico	116
Fig 19.	Desenho a lapis de um paraphrenico	116
Fig 20.	Desenho a lapis de um paraphrenico	117

Fig 21. A “catedral dos assombros”	118
Fig 22. A “catedral dos assombros”	119
Fig 23. Desenho de um doente de E. Weiss	120
Fig 24. “Requiem”. Quadro de um paciente de O. Pfister.....	120
Fig 25. Esculptura de um louco do Juquery.....	121
Fig 26. A ACTIVIDADE do club dos artistas modernos	124
Fig 27. CLUB dos artistas modernos	125
Fig 28. A arte nos loucos e vanguardistas	171
Fig 29. Clube dos Artistas Modernos	172
Fig 30. Psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes	172
Fig 31. Mez dos loucos e das crianças.....	172
Fig 32. Psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes	173
Fig 33. Psychanalyse: uma conferencia do dr. Neves Manta no Clube dos Artistas Modernos	173
Fig 34. Exposição de desenho de crenças e alienados	173
Fig 35. O grande movimento do clube dos artistas modernos	174
Fig 36. A arte e a psiquiatria através dos tempos	175
Fig 37. Interpretação dos desenhos de crianças e o seu valor pedagógico	175
Fig 38. Valor negativo da psychopatologia na interpretação da obra de arte.....	175
Fig 39. A arte de vanguarda e a arte dos alienados	176
Fig 40. Desenhos de loucos e creanças.....	176
Fig 41. Desenhos de crianças e o seu valor no ensino	177
Fig 42. Club dos Artistas Modernos	178
Fig 43. Club dos artistas modernos	179
Fig 44. A actividade do club dos artistas modernos.....	180

Fig 45. O contingente psychologico na critica de arte	181
Fig 46. Prosseguem as conferencias sobre os desenhos de alienados.....	182
Fig 47. Movimento cultural no clube dos artistas modernos.....	183
Fig 48. Interpretação de desenhos de crianças e o seu valor no ensino	184
Fig 49. Clube dos Artistas Modernos	184
Fig 50. Psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes	184
Fig 51. Clube dos Artistas Modernos	184
Fig 52. A curiosa exposição de trabalhos artisticos de loucos e crianças no clube dos artistas modernos.....	186
Fig 53. Mez dos loucos e das crianças no clube dos artistas modernos.....	187
Fig 54. A arte dos loucos e a arte de vanguarda	187
Fig 55. Intensa actividade no clube dos artistas modernos	188
Fig 56. Conferencias no clube dos artistas modernos.....	190
Fig 57. Interpretação de desenhos de crianças e o seu valor pedagogico	191
Fig 58. Está aberta a exposição de desenhos de crianças e de alienados, no C.A.M.	192
Fig 59. O mez dos alienados e das creanças no C.A.M.....	194
Fig 60. A psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes	195
Fig 61. A arte e a psiquiatria através dos tempos	196
Fig 62. A arte e a psiquiatria atraves dos tempos	197
Fig 63. O contingente psychologico na critica de arte	197
Fig 64. Interpretação de desenhos de crianças e o seu valor pedagogico	197
Fig 65. A exposição de desenhos de alienados e de crianças no clube dos artistas modernos	198
Fig 66. C.A.M.	198
Fig 67. Clube dos Artistas Modernos	198
Fig 68. Valor negativo da psycho-patologia na interpretação da obra de arte.....	200

Fig 69. A arte e a psiquiatria através dos tempos	201
Fig 70. Clube dos artistas modernos	202
Fig 71. Clube dos artistas modernos	202
Fig 72. Clube dos artistas modernos	202
Fig 73. Clube dos artistas modernos	202
Fig 74. Psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes	203
Fig 75. Estudo comparativo entre a arte de vanguarda e a arte dos alienados.....	204
Fig 76. Interpretação de desenhos de crianças e o seu valor pedagogico	204
Fig 77. Clube dos artistas modernos	204
Fig 78. Conferência na spam.....	205
Fig 79. Exposição de desenhos de loucos e de crianças, no clube dos artistas modernos	205
Fig 80. Conferencias.....	206
Fig 81. Club dos Artistas Modernos	206
Fig 82. Conferencias.....	207
Fig 83. Conferencias.....	207
Fig 84. Conferencias.....	207
Fig 85. Conferencias.....	207
Fig 86. Conferencias.....	208
Fig 87. Conferencias.....	208
Fig 88. Artistas Modernos	208
Fig 89. Conferencias.....	209
Fig 90. Conferencias.....	209
Fig 91. Clube dos Artistas Modernos	210
Fig 92. L'attività del club degli artisti moderni	211
Fig 93. Arte ed Artisti: l'attività del club degli artisti moderni	211

Fig 94. Psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes	212
Fig 95. Psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes	212
Fig 96. A arte e a psiquiatria através dos tempos	212
Fig 97. O c.a.m. vae entrar numa phase de grande actividade	213
Fig 98. Clube dos Artistas Modernos	213
Fig 99. No Clube dos artistas modernos.....	214
Fig 100. Marcel Proust psychanalyticamente e literariamente	214
Fig 101. Interpretação de desenhos de crianças e o seu valor pedagogico	214
Fig 102. A arte e a psiquiatria através dos tempos	215
Fig 103. A psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes	216
Fig 104. O valor negativo da psychopatologia na critica da arte	218
Fig 105. Interpretação dos desenhos das crianças e seu valor pedagógico	218
Fig 106. Clube dos artistas modernos	218
Fig 107. Estudo comparativo entre a arte de vanguarda e a arte dos alienados.....	219
Fig 108. A actividade do clube dos artistas modernos	219
Fig 109. Os desenhos dos loucos.....	220
Fig 110. Interpretação dos desenhos das crianças e seu valor pedagógico	224
Fig 111. A Interpretação de desenhos de crianças e seu valor pedagógico	225
Fig 112. Marcel Proust literariamente e psychanaliticamente	225
Fig 113. As actividades do clube dos artistas modernos.....	225
Fig 114. O contingente psychological na critica da arte	226
Fig 115. Clube dos artistas modernos	226
Fig 116. Interpretação dos desenhos infantis	227
Fig 117. ARTIGAS, J. Vilanova. A arte dos loucos	232
Fig 118. Clube dos Artistas Modernos	233
Fig 119. A arte dos loucos e vanguardistas	235

Fig 120. Desenhos de crianças em paredes	237
Fig 121. Interpretação de desenhos de crianças.....	239
Fig 122. A psicanalise dos desenhos de doentes mentais	240
Fig 123. A actividade do club dos artistas modernos.....	241
Fig 124. Marcel Proust, psychanalytica e literariamente, pelo dr. Neves Manta, dia 3, no salão do club dos artistas modernos	242
Fig 125. Interpretação de desenhos de crianças e o seu valor no ensino, pelo dr. Pedro de Alcântara, no club dos artistas modernos	242
Fig 126. Psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes. Pelo dr. Durval Marcondes, no club dos artistas modernos	242
Fig 127. Marcel Preyoust psychanalytica e literariamente, pelo dr. Neves Manta: hoje, no club dos artistas modernos	242
Fig 128. A arte dos loucos e a arte de vanguarda, pelo dr. Osorio Cesar, hoje, no Club dos Artistas Modernos	243
Fig 129. Psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes. Pelo dr. Durval Mamede, hoje, no club dos artistas modernos	243
Fig 130. A arte e a psiquiatria através dos tempos, pelo professor Pacheco e Silva, hoje, no club dos artistas modernos	244
Fig 131. O valor negativo psychopatologia na critica de arte. Pelo dr. Balmaceda Cardoso, no club dos artistas modernos	244
Fig 132. A arte e a psiquiatria através dos tempos, pelo dr. Pacheco e Silva, dia 26, no club dos artistas modernos	244
Fig 133. No club dos artistas modernos	244
Fig 134. Mês dos loucos e das crianças.....	245
Fig 135. F. M. A. A figura do bobão grande.....	246
Fig 136. Recordação do clube dos artistas modernos.....	252
Fig 137. Club dos artistas modernos: um laboratório de experiências para a arte moderna.....	254
Fig 138. Crianças-Artistas, doidos-artistas	256

Fig 139. Ensaio de psychologia e de pedagogia do desenho infantil.....	257
Fig 140. Desenho.....	259

Sumário

Apresentação	1
Introdução.....	3
1 A arte da criança e do louco: primeiros encontros.....	13
1.1 Primeiros olhares sobre a arte da criança.....	13
1.2 As exposições.....	21
2 O interesse dos artistas modernos pela arte do louco	29
2.1 Primeiros olhares dirigidos à produção expressiva de internos nos manicômios.....	29
2.2 As exposições.....	40
3 Psicologia, arte e educação no Brasil	43
4 Contextualização histórica e cultural da sociedade paulistana	53
4.1 A psicanálise e os psiquiatras.....	55
4.2 Arte e psicologia se encontram	63
4.3 Sobre o Clube de Artistas Modernos.....	66
5 “Mês das Crianças e dos Loucos”: objetivos, preparativos e realização	73
5.1 Realização e Programa do Mês	76
5.2 Conferências proferidas e programadas	81
5.3 Debates após as conferências	105
5.4 As obras na exposição e nas conferências	107
5.5 Os trabalhos das crianças e dos loucos na exposição	111
5.6 A Divulgação do “Mês das Crianças e dos Loucos”	123
6 Repercussão e desdobramentos do “Mês das Crianças e dos Loucos”	129
6.1 Repercussões do “Mês das Crianças e dos Loucos”	129
6.2 Desdobramentos: consolidação do campo de arte e psicologia.....	132
Considerações finais	137
Referências Bibliográficas	143
Bibliografia Complementar	153
Anexo A – Listagem dos artigos encontrados	161
Anexo B – Reprodução de periódicos	171

Anexo C – A psicanálise dos desenhos dos psicopatas – Durval	
Marcondes (1933)	261
Anexo D – A arte e a psiquiatria através dos tempos – Pacheco e	
Silva (1936)	281

Apresentação

O desenho da criança é objeto de grande interesse do educador. Por meio do desenho, a criança expressa sua visão de mundo, constitui seu repertório pessoal de elementos gráficos, realiza narrativas visuais, desenvolve fantasias e brincadeiras, e muito mais. A graça das figuras e das resoluções espaciais inusitadas da produção plástica infantil provoca no educador um processo de deleite semelhante ao da apreciação de obras consagradas de artes plásticas.

Entretanto, o desenho infantil que hoje é valorizado em escolas que prezam a produção legítima da infância nem sempre foi reconhecido como digno de atenção. A recuperação dos processos sócio-históricos que levaram à mudança na valorização do desenho da criança nas primeiras décadas do século XX é relevante para o campo da educação em geral e do ensino de arte para crianças, especificamente.

Da mesma forma, nessa mesma época, a manifestação artística de pacientes psiquiátricos começou a mobilizar o interesse de alguns psiquiatras e também de alguns artistas plásticos de vanguarda por razões similares: pela qualidade estética inusitada das manifestações visuais, pela singularidade do processo criativo e pelo modo como foram capazes de acessar configurações do inconsciente.

O presente estudo se situa na intersecção em que coincidem os encontros de artistas plásticos vanguardistas e de psiquiatras com a produção plástica da infância e da loucura. O projeto faz parte de um conjunto de pesquisas sobre a relação estabelecida e existente entre arte e loucura que se evidencia nos trabalhos de Tatiana Fecchio da Cunha Gonçalves, *A legitimação de trabalhos plásticos de pacientes psiquiátricos: eixo Rio – São Paulo*, 2004; Flávia Cassoli Leite, com *Do outro lado da mesa: nos espaços da loucura e da arte*, 2004; José Otavio Motta Pompeu e Silva, *A psiquiatria e o artista: Nise da Silveira e Almir Mavignier encontram as imagens do inconsciente*, 2006; Rosa Cristina Maria de Carvalho, que pesquisou *Atuação do artista plástico no ambiente psiquiátrico: a escola livre de artes plásticas do Juqueri*, 2008; Ariana de Abreu Lorenzino, que estudou *A poética de Gentileza: um patrimônio carioca*, 2009. Todos estes estudos orientados por Lucia Helena Reily no Instituto de Artes da Unicamp vão consolidando um eixo de pesquisa interdisciplinar em arte, educação e saúde.

Introdução

Como marco histórico em São Paulo do reconhecimento do valor do desenho da criança e da produção expressiva do louco ocorreu em 1933 o “Mês das Crianças e dos Loucos”, uma das mais importantes iniciativas do Clube dos Artistas Modernos (CAM), que teve relevantes repercussões entre pessoas envolvidas com o ensino de arte e com a psicologia e o campo das Artes. O evento foi organizado por Flávio de Carvalho e Osório Cesar, sendo inaugurado em 28 de agosto de 1933, na sede do CAM na rua Pedro Lessa, nº 2. Constitui-se de dois focos: exposição de trabalhos plásticos e conferências. A exposição incluiu “desenhos, pintura e escultura de alienados do Hospital do Juqueri, de crianças das escolas públicas de São Paulo e de particulares” (CARVALHO, 1939, s/n). As conferências foram proferidas por médicos e intelectuais, relacionados ao assunto, finalizadas por debates acalorados, mobilizando a imprensa da época.

Na presente pesquisa, temos como objetivo reconstituir o “Mês das Crianças e dos Loucos”, dentro de um estudo sobre os significados do evento para o cenário cultural da época. Buscamos redesenhá-lo a partir de documentos impressos, reportagens e publicações, para mostrar como foi organizado o mês, quais coleções e obras foram expostas e de que forma, quem dele participou, quem visitou a exposição e assistiu às palestras. O estudo é relevante por abordar questões que podem fortalecer debates e estudos futuros sobre o tema e também por aquilo que as conferências permitem vislumbrar sobre como se pensava na época: os processos de ensino de arte para crianças e os modos de analisar o universo psicológico do louco manifesto em suas produções.

O objeto deste estudo é bastante citado em bibliografias brasileiras que abordam a questão da loucura e mesmo nas publicações sobre a vida de Flávio de Carvalho – um dos organizadores da exposição. Entretanto, o acontecimento tem sido mencionado ainda de modo pouco detalhado. Dessa forma, a atual pesquisa pode configurar-se como contribuição para entender melhor o acontecimento, seus pressupostos e temas relacionados, bem como a sua repercussão no ensino da arte.

O evento pode também ser interessante com a perspectiva de se entender o contato dos intelectuais paulistas com o trabalho pioneiro do psiquiatra e

historiador de arte Hans Prinzhorn¹ (1995, originalmente publicado em 1922), que já havia realizado comparações entre os desenhos de crianças e pacientes psicóticos no seu livro *Bildernei der Geisteskranken*.

O evento se constitui como parte de uma tessitura geral de iniciativas importantes que foram promovidas em diversas partes do país (São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco). Como um empenho ligada à saúde mental, evidenciou possibilidades de diálogos entre a arte, saúde e educação.

Assim, ao reconstituir este importante acontecimento de 1933, por meio de publicações, fotografias e outros registros, buscamos contextualizar o meio social, ou seja, a paisagem singular da sociedade paulista daquela época, os princípios que nortearam a realização do evento, a descrição dos trabalhos mostrados e dos personagens envolvidos, como organizadores e como conferencistas.

Para tal empreitada, realizamos uma análise pormenorizada sobre a estrutura de montagem, os princípios norteadores, o *design* da curadoria, a repercussão em jornais e periódicos do momento envolvidos com a exposição e correlacionadas ao assunto. Procuramos investigar os discursos dos organizadores divulgados na imprensa e publicados posteriormente em periódicos e livros para identificar quais foram as justificativas utilizadas na argumentação a favor de reunir a produção da criança e do louco. Buscamos responder às perguntas: por que foram escolhidos trabalhos destes dois grupos e quais os diálogos possíveis sobre essas produções no discurso dos organizadores?

Procedimentos de busca de documentos

Para concretizar a reconstituição do “Mês das Crianças e dos Loucos”, levando em consideração a organização da exposição e conferências, bem como a sua repercussão no cenário cultural da época, foi necessário estabelecermos alguns procedimentos de busca. Dividiram-se em quatro momentos distintos: a pesquisa bibliográfica, o diálogo com pesquisadores, a pesquisa documental (de campo) preliminar e o refinamento de pesquisa de campo.

Sendo assim, neste espaço, optamos por apresentar as fontes pesquisadas, indicadas e visitadas de maneira didática, para facilitar a visualização do

¹ Como o livro *Bildernei der Geisteskranken* não fora traduzido para o português, não se sabe ao certo qual o domínio dos intelectuais brasileiros da língua alemã para conseguirem lê-lo. Entretanto, MacGregor (1989) já indica que vários artistas franceses que possuíam o livro também não conseguiam ler o texto, mas apreciavam muito as imagens nele reproduzidas.

processo. É importante ressaltar que esse movimento de busca não se deu de maneira cronológica; foi um processo muito mais dinâmico e articulado do que o texto irá sugerir.

A pesquisa bibliográfica funcionou como ponto de partida para este estudo, inclusive indicando os caminhos que seriam trilhados durante a pesquisa documental. Neste levantamento de publicações que ofereciam uma discussão histórico-artística sobre o tema, foram consultados livros, artigos e catálogos de exposições.

Contatos com pesquisadores também foram realizados, os quais, na sua maioria, foram bastante profícuos. Conversamos com M. Heloísa de C. Toledo Ferraz, que direcionou caminhos para a busca efetiva de material a respeito do evento e também elucidou diversas questões históricas. Telê Ancona Lopez (curadora do Arquivo Mário de Andrade no IEB-USP) nos auxiliou com relação às buscas neste arquivo; Paulo M. M. de Aquino, pesquisador com acervo referente a Flávio de Carvalho, também intermediou o contato com as pesquisas de Rui Moreira Leite. Arley Andriolo e Paula Barros Dias indicaram artigos relacionados ao tema. Rejane Galvão Coutinho teve um importante papel ao sanar dúvidas sobre questões educacionais brasileiras, a partir de seu estudo sobre a coleção de desenhos de Mário de Andrade. Tais contatos auxiliaram na busca de documentos e em alguns casos propiciaram a obtenção de cópias de artigos.

A pesquisa documental constitui-se na busca de artigos de jornais, revistas, catálogos, cartazes, cartas, fotografias e textos da crítica que trataram do assunto na época. A busca *in loco* foi imprescindível para execução desta parte da pesquisa: era extremamente necessário o manuseio dos artigos e dos documentos, devido à necessidade de triagem do material pertinente à pesquisa. Lembremos que a pesquisa documental se fez complementar à pesquisa bibliográfica, sendo fruto dela e dos pesquisadores consultados. Na consideração de Fachin (2006, p. 146) pesquisa documental

corresponde a toda a informação coletada, seja de forma oral, escrita ou visualizada. Ela consiste na coleta, classificação, seleção difusa e utilização de toda espécie de informação, compreendendo também as técnicas e os métodos que facilitam a sua busca e sua identificação.

O processo de busca de documentos históricos exige muito do pesquisador, e parece não se esgotar. Deparamo-nos com dificuldades de diferentes espécies, como: desencontros, informações imprecisas, atendentes que, às vezes,

pareciam ter pouca disponibilidade em auxiliar o pesquisador na consulta ao conteúdo do arquivo sob sua responsabilidade, acervos fechados para reforma ou para balanço, reproduções de imagens de baixa qualidade e ausência de cuidados com o material constitutivo do acervo (como necessidades específicas para consulta, guarda, preservação dos documentos e agentes de deterioração). Numa pesquisa documental, problemas como esses fazem grande diferença, pois comprometem a nitidez dos impressos.

Indo a campo, encontram-se novas fontes, que levam a outras ainda, num processo que permite ramificações que demandam a definição do recorte. Foi necessário, em muitos arquivos, ir e voltar várias vezes, colher material, analisar e visitar novamente, à medida que se determinava a relevância do documento. Conforme o arquivo, o pesquisador solicita e paga pelo serviço de reprodução do documento desejado (em arquivo digital, em microfilme, ou impresso em papel), embora em alguns poucos arquivos fosse possível à pesquisadora fotografar ou digitalizar ela própria.

Em alguns casos foi preciso solicitar uma nova reprodução do documento, já que se exige do mestrando inserido no Programa de Pós-graduação em Artes, imagens tanto legíveis quanto de boa resolução.

Neste sentido, desde o segundo semestre de 2007, foram visitados inúmeros acervos, buscando-se reportagens, convites, catálogos e documentos diversos que pudessem elucidar como foi o preparatório para o evento, a sua execução, e o impacto por ele gerado na sociedade paulistana.

Logo no início das buscas, levantou-se uma quantidade significativa de documentos que diziam respeito ao “Mês das Crianças e dos Loucos” e suas repercussões – o que muito nos motivou, pois indicava que nossos objetivos poderiam, sim, ser atingidos! No primeiro semestre de 2008 foi concedida uma bolsa FAPESP que nos possibilitou melhores condições de pesquisa nos acervos.

O Arquivo Público do Estado de São Paulo mostrou-se o mais frutífero de todos, onde obtivemos a maior quantidade de informações a respeito do evento em questão. Supunha-se que haveria uma importante documentação na Biblioteca Mário de Andrade, entretanto, a instituição está em processo de reforma há mais de dois anos e seu acervo de periódicos encontra-se inacessível na biblioteca Prefeito Prestes Maia em Santo Amaro.

Foram realizados no segundo semestre de 2008 dois contatos importantes para este estudo. O primeiro diz respeito aos arquivos do Museu Osório Cesar,

no Complexo Hospitalar Juqueri. Apesar do incêndio que destruiu por completo o prédio administrativo do hospital e também a biblioteca, que continha diversos arquivos históricos do hospital (*Folha Online*: Cotidiano, 2005), era imprescindível visitar o complexo, já que se supunha que seria possível encontrar documentação sobre as obras expostas no evento ou material de divulgação. O segundo foi o acervo de Flávio de Carvalho, organizado por seu biógrafo J. Toledo. Este material é de difícil acesso por constituir espólio, já que J. Toledo faleceu em 29 de setembro de 2007. A biblioteca pessoal de Flávio de Carvalho já integra o CEDAE/ Unicamp, que está em negociação para compra do acervo em questão. Por meio de sinuoso processo de contatos pessoais, foi-nos possível vasculhar inúmeras pastas e caixas com revistas, livros, cartas, fotografias, álbuns, documentos pessoais etc. Percebemos, nesse processo, quão vulnerável é o material de arquivos pessoais que ficam enredados em trâmites delicados, e o quanto o andamento de pesquisas documentais fica à mercê de imposições burocráticas.

Instituições Consultadas

Listamos, a seguir, as instituições consultadas. No primeiro agrupamento, constam as que forneceram material documental relevante; no segundo, as que não geraram resultados para a pesquisa.

Agrupamento 1

- Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- Acervo documental de Flávio de Carvalho (espólio, que estava com J. Toledo).
- Arquivo do Museu Osório Cesar, do Complexo Hospitalar Juqueri.
- Arquivo Edgard Leuenroth, do Centro de Pesquisa e Documentação Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.
- Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de Artes de São Paulo.
- Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Associação Paulista de Medicina (APM).
- Biblioteca Central Cesar Lattes da Unicamp – Direção de Coleções Especiais: Alexandre Eulálio.

- Biblioteca da PUC-Campinas, Centro de Ciências da Vida, Campus II.
- Centro Cultural São Paulo (CCSP).
- Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE), do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.
- Centro de Documentação e Memória da Unesp (CEDEM).
- Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo (DPH).
- Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB).
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM).

Agrupamento 2

- Biblioteca Caio Graco da Silva Prado de Franco da Rocha.
- Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU)/ USP.
- Biblioteca e Centro de Documentação do MASP.
- Biblioteca Lourival Gomes Machado – MAC/ USP.
- Biblioteca Mário de Andrade (em reforma).
- Biblioteca Prefeito Prestes Maia.
- Centro de Documentação e Memória da Pinacoteca do Estado de São Paulo (CEDOC).
- Departamento de Informação e Documentação Artísticas (IDART).
- Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB).
- Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP)².
- Memória Técnica da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo³.
- Museu Lasar Segall.

² Recebemos a informação de que a hemeroteca e a biblioteca de obras raras do IHGSP haviam sido transferidas, por convênio, para o Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo (DPH), e que estariam em processo de conservação e digitalização, não estando disponíveis para consulta a tempo de inclusão na pesquisa.

³ Não obtivemos sucesso com relação a uma listagem ou reprodução dos desenhos das crianças cedidos pelas escolas municipais da época, pois, segundo a responsável pelo setor, a Secretaria de Educação Municipal de São Paulo só foi fundada em 1947, sendo assim, qualquer material anterior a esse período não consta do arquivo. Já o Departamento de Cultura, responsável pelo estímulo e desenvolvimento de projetos nas áreas educacional, artística e sociocultural, foi criado somente em 1935, idealizado por Mário de Andrade e Paulo Duarte. A iniciativa “[...] visava reconhecer, estudar e inventariar as manifestações características da identidade cultural paulista, mediante a realização de pesquisas, registros e resgate de usos e costumes, promovendo, ademais, a divulgação e difusão do material coletado e produzido” (ALVES; DALTÉRIO, 2006, p. 107).

Periódicos Consultados

Os periódicos encontrados nas distintas fontes de pesquisa possuem informações e, em alguns momentos, imagens a respeito do “Mês das Crianças e dos Loucos” – tais documentos concentram em si informações que nos permitiram reconstituir o evento, possibilitando-nos a observação quanto aos seus participantes, os visitantes, bem como a sua repercussão no cenário da época, sua organização, algumas das coleções e obras que foram expostas (e de que forma).

Abaixo, listamos os periódicos, seguidos da cidade de sua publicação, a sua natureza (jornal ou revista), o ano e o acervo em que se encontram. A reprodução dos artigos (aliada à transcrição daqueles com difícil legibilidade) encontra-se no Anexo B, organizados por ordem alfabética de título de periódico.

- **A Civilização** – São Paulo – SP – (Jornal): 1933 – Acervo documental de Flávio de Carvalho.
- **A Gazeta** – São Paulo – SP – (Jornal): 1933 – Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- **A Platéia** – São Paulo – SP – (Jornal): 1933 – Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- **Base: Revista de arte, técnica e pensamento** – Rio de Janeiro – RJ – (Revista): 1933 – Instituto de Estudos Brasileiros da USP.
- **Brazil Novo** – São Paulo – SP – (Jornal): 1933 – Acervo documental de Flávio de Carvalho.
- **Correio de São Paulo** – São Paulo – SP – (Jornal): 1933 – Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- **Correio Paulistano** – São Paulo – SP – (Jornal): 1941 – Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- **Diário da Noite** – São Paulo – SP – (Jornal): 1933 – Acervo documental de Flávio de Carvalho.
- **Diário de São Paulo** – São Paulo – SP – (Jornal): 1933, 1936 e 1941 – Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- **Diário Popular** – São Paulo – SP – (Jornal): 1933 – Arquivo Público do Estado de São Paulo.

- **Diário do Povo** – Campinas – SP – (Jornal): 1933 – Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- **Fanfulla** – São Paulo – SP – (Jornal): 1933 – Acervo documental de Flávio de Carvalho.
- **Folha da Manhã** – São Paulo – SP – (Jornal): 1933 – Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- **Folha da Noite** – São Paulo – SP – (Jornal): 1933 – Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- **Fundamentos** – São Paulo – SP – (Revista): 1951 – Centro de Documentação e Memória da Unesp (Fundo PCB).
- **Jornal do Estado** – São Paulo – SP – (Jornal): 1933 – Acervo documental de Flávio de Carvalho.
- **O Dia** – São Paulo – SP – (Jornal): 1933 – Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- **O Estado de São Paulo** – São Paulo – SP – (Jornal): 1933 e 1941 – Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- **O Homem Livre** – São Paulo – SP – (Revista): 1933 – Centro de Documentação e Memória da UNESP (Fundo Cemap-Miguel Macedo/Asmob).
- **Problemas de Higiene Mental** – São Paulo – SP – (Revista): 1936 – Associação Paulista de Medicina (APM).
- **Revista Anual do Salão de Maio (RASM)** – São Paulo – SP – (Revista): 1939 – Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.
- **Revista da Associação Paulista de Medicina** – São Paulo – SP – (Revista): 1933 – Associação Paulista de Medicina (APM).
- **Rumo** – Rio de Janeiro – RJ – (Revista): 1933 – Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

Em síntese, esta pesquisa documental gerou a coleta de grande quantidade de reportagens, a partir das quais buscamos construir uma narrativa que

redesenhasse, parcialmente, o evento.⁴ Parcialmente, pois nem todos os nossos objetivos foram alcançados: infelizmente, não obtivemos nenhum catálogo ou documento contendo a listagem dos trabalhos/ acervos que foram expostos. Constatam-se referências sobre o plano de lançar uma publicação das conferências realizadas durante o evento, no entanto Leite (1994, p. 44) afirma que “nunca foi editado o conjunto das palestras como programado – a edição seria ilustrada com os desenhos da mostra – nem todas se realizaram”.⁵

A imprensa da época concedeu grande ênfase às conferências que foram ou seriam proferidas, muito mais do que às produções dos internos do Juqueri e dos desenhos das crianças. Algumas das conferências foram posteriormente publicadas, a saber:

- A conferência proferida pelo médico Dr. Osório Cesar, intitulada *Estudo comparativo entre a arte de vanguarda e a arte dos alienados*, publicada em forma de livro no ano seguinte, em 1934, com o seguinte título: *A arte nos loucos e vanguardistas*.
- A conferência do Dr. Durval Marcondes, *A psicanálise dos desenhos dos psicopatas*, está impressa na *Revista da Associação Paulista de Medicina*, de outubro de 1933.
- *A arte e a psiquiatria através dos tempos*, palestra ministrada pelo Dr. A. C. Pacheco e Silva, está publicada no livro *Problemas de higiene mental*, do ano de 1936.

Todavia, não é do escopo deste estudo analisar o conteúdo das três conferências, as quais foram encontradas nos meses finais da pesquisa de mestrado⁶. Ainda assim, consideramos importante incluir como anexo as duas últimas (de Marcondes e Pacheco e Silva), por se tratarem de artigos, definindo uma análise como meta para etapa posterior.

O Capítulo 1, “A arte da criança e do louco: primeiros encontros” apresenta argumentos que transparecem nos discursos da época relacionando a obra

⁴ Todos os documentos resultantes da pesquisa documental foram organizados da seguinte maneira: digitalizados e/ou fotografados por ordem alfabética de título de periódico.

⁵ Ver também Antelo (1984, p. 269).

⁶ Estas publicações foram adquiridas pela pesquisadora com os recursos da reserva técnica da FAPESP.

da criança e do louco entre si e com a arte de vanguarda. No Capítulo 2, “O interesse dos artistas modernos pela arte do louco”, descrevemos as primeiras pesquisas sobre a produção artística nos manicômios e o despertar do interesse de alguns artistas modernos por essa produção. No Capítulo 3, “Psicologia, arte e educação no Brasil”, discutimos como se deu o despertar do interesse brasileiro frente às produções infantis e dos loucos, instigando mudanças de paradigmas com repercussões para o campo da arte-educação.

No Capítulo 4, “Contextualização histórica e cultural da sociedade paulistana”, contextualizamos o cenário sócio-histórico paulistano em geral, a consolidação da psiquiatria no século XX em São Paulo e os primórdios de diálogo entre os artistas plásticos com o campo da psicologia. Apresentamos também informações específicas sobre o Clube dos Artistas Modernos (CAM), que foi o órgão que organizou o evento, bem como as ações culturais e programações do clube que ajudam a situar o evento e seus objetivos. No Capítulo 5, “‘Mês das Crianças e dos Loucos’: objetivos, preparativos e realização” abordamos criticamente diversos aspectos referentes à realização do evento, como os seus objetivos, a fala dos conferencistas, a divulgação na mídia e o impacto na imprensa das conferências e das obras expostas. Discute-se também, a partir das reportagens, questões e críticas levantadas na época sobre o ensino de arte, já que alguns conferencistas apresentaram propostas inovadoras para o ensino da arte na escola.

O Capítulo 6, “Repercussão e desdobramentos do ‘Mês das crianças e dos loucos’”, explora reflexões sobre os resultados e significados do “Mês”, e sua influência na consolidação do campo de arte e psicologia em São Paulo. As Considerações Finais são um espaço avaliativo, reservado para sintetizar alguns pontos mais relevantes, no qual buscamos iluminar a intersecção entre os campos da cultura e da psiquiatria, e da arte do louco e da criança.

1 A arte da criança e do louco: primeiros encontros

O interesse sobre o desenho infantil por parte de artistas remonta a tempos distantes, antes mesmo de existir qualquer menção significativa sobre o assunto na literatura. Exemplo disso é a obra *Portrait of a boy with his stick-figure drawing* de Giovanni Francesco Caroto, de 1520, na qual uma criança é retratada segurando uma folha com um desenho, supostamente seu, de um “homem-palito”. Durante o século XVII até o XIX, vários artistas representaram crianças envolvidas no desenho, entre eles Rembrandt (*Christ preaching*, de 1652), Gustave Courbet (*The painter's studio – a real allegory describing a seven year period of my artistic life*, de 1855), ambos citados em Mèredieu (1974) e Fineberg (1997). Porém, segundo relata Fineberg (1997), geralmente essas representações envolviam pouca preocupação com relação aos desenhos originais produzidos pelas crianças; usavam, na realidade, estereótipos de desenhos infantis como símbolo de inocência. O interesse dos artistas plásticos em conhecer de fato como a criança desenha só vai começar a emergir à medida que mudam as representações sociais da infância.

1.1 Primeiros olhares sobre a arte da criança

Como assinala Korzenik (1995), o desenho da criança passou a ser considerado digno de atenção e pesquisa apenas a partir da influência de escritores e artistas Românticos do século XVIII e início do XIX. O Romantismo louvou a inocência da criança ainda em estado bruto: atribuiu conceitos de domínios distintos como, por exemplo, o “‘espírito puro’ com o ‘dom natural’, o ‘ser primitivo’ com a ‘criança’, o ‘olhar inocente’, não civilizado com a ‘criação artística’” (COUTINHO, 2002, p.45-46). Para os românticos, a criança era vista como ser menos civilizado, mais próxima à natureza, do estado bruto e inocente. Nessa direção aponta o comentário do filósofo alemão Friedrich Schiller, em seu ensaio *Concerning naive and sentimental poetry* (1795):

elas [as crianças] são o que nós fomos; são o que nós deveríamos nos tornar novamente. Éramos natureza como elas e nossa cultura deve, por meio da razão e da liberdade, guiar-nos de volta à natureza. São ao mesmo tempo uma representação de nossa própria infância perdida, que continua por toda eternidade como nosso bem mais precioso (SCHILLER apud FINEBERG, 1997, p. 3).⁷

⁷ Todas as traduções de citação em inglês foram realizadas por nós.

Coube a Jean Jacques Rousseau o papel de contribuição significativa para a modificação do pensamento moderno acerca da criança com o seu tratado *Émile ou de l'éducation* (1762). Rousseau traz uma situação imaginária onde ele e seu aluno Émile desenhavam juntos e conversavam sobre suas produções: ao longo do processo, evidenciava-se a falta de habilidade de ambos para com o desenho. Dessa maneira, Rousseau sugeria que os trabalhos produzidos fossem colocados em imponentes molduras douradas – semelhantes às utilizadas por artistas da época, ao exibirem os seus premiados trabalhos de arte. Tal prescrição acabou por ridicularizar o que a sociedade de sua época chamava de “Arte” – com um só ato foi capaz de denegrir iniciantes no desenho e pintores reconhecidos de seu período. Sua ação foi um componente necessário para que articulasse uma nova estética, a estética do primitivo (KORZENIK, 1995).

Era evidente que Rousseau valorizava a capacidade da criança para o desenho ao dizer, logo no início de *Émile*, que: “tout est bien sortant des mains de l'Auteur des choses, tout degenerate entre les mains de l'homme” (Rousseau, 1966, p. 35). Neste discurso, as crianças ocupariam um lugar privilegiado, pois tiveram menos experiências com a sociedade ao seu redor e, por ter vivido menos, eram concebidas como mais próximas de Deus. Era visível a sua inclinação romântica para com a criança, visualizando-a como ser menos contaminado que os adultos, capaz de produzir melhores trabalhos que o próprio adulto quando executado de maneira espontânea e sem instrução. Entretanto, apesar de tais aproximações, em nenhum momento Rousseau chamou a criança de artista, nem a seus desenhos de produtos de arte. Ele valorizava o desenho enquanto processo que auxiliava e desenvolvia a capacidade de observação, como exercício do olhar, sendo responsável pela internalização de novos conhecimentos sobre a natureza.

Ainda no século XIX, perdurava a ambivalência frente às crianças, ora vistas como puras e amáveis, devendo ser protegidas da corrupção da sociedade, ora como pequenos animais irracionais que precisavam ser trazidos à civilidade da idade adulta o mais rapidamente possível (LEEDS, 1989).

O interesse que motivou algumas das primeiras publicações sobre o desenho da criança baseava-se na teoria da recapitulação, que procurava “explicar a psicogênese humana utilizando o desenho infantil como um instrumento de comparação entre a evolução da espécie e a evolução do indivíduo” (COUTINHO, 2002, p. 40). Segundo a mesma autora, nesta linha se pautam os estudos de Sully (1895), Baldwin (1895), Lamprecht (1904), Kerschensteiner (1905), Leinstein (1905), entre

outros. Mas antes destes autores, o primeiro a publicar sobre o desenho da criança foi, provavelmente, o educador e artista suíço Rodolphe Töpffer que dedicou dois capítulos de seu livro *Réflexions et menus-propos d'un peintre genevois* de 1848, a análises de desenho infantil – exaltando em suas linhas a genialidade expressiva na arte da criança. O livro de G. Stanley Hall, *The content of children's minds*, de 1883, e *L'art dei bambini*, 1887, do poeta e filósofo italiano Corrado Ricci, estão entre as primeiras tentativas de estudo e classificação sistematizada dos motivos presentes na arte da criança. Já em 1890 houve um aumento expressivo de estudos sobre a arte infantil e, até mesmo, exposições públicas de desenhos de crianças.

Tais pesquisas estavam relacionadas e interessavam a diversas áreas do conhecimento, como a psicologia, a educação, a antropologia e a história natural e a filosofia. Novamente é Coutinho (2002, p. 40-41) que pondera:

o uso de imagens produzidas por crianças e por 'primitivos' para afirmar a teoria da recapitulação se embasava em similaridades formais. Este recurso se tornou uma evidência tão corriqueira que atingiu também o campo da produção e da teoria e crítica de arte.

A mudança de visão frente à infância se articula com a industrialização e com o movimento social de países europeus visando à ampliação de oportunidades de escolarização para maior número de crianças, o que significou maior facilidade de acesso ao lápis e ao papel, materiais que, até então, eram muito caros para serem “desperdiçados” com as crianças. Segundo Silva (2002), isto não significa que elas antes não desenhavam, pois elas faziam desenhos nos mais diferentes lugares com os mais diversos instrumentos, no entanto esses produtos foram descartados; isso explica por que estudos sobre o desenho infantil não remontam a tempos anteriores.

Como bem salienta Korzenik (1995), o desenho era acessível para estudo, pois deixava um traço, uma marca que poderia ser analisada depois de longo tempo de sua produção. A partir do final do século XIX, com a consolidação de um novo olhar dirigido à infância, descobre-se a originalidade da infância: o desenho infantil passa a ser visto como digno de estudo.

Duas áreas de conhecimento foram responsáveis por constituir um discurso sobre desenho da criança, quais sejam: as artes plásticas e a pedagogia, aliada, às vezes, à psicologia. Brent Wilson (2004, p. 299) explica:

Tendo início em meados do século XIX, uma [versão da narrativa] foi contada pelos artistas modernos e seus co-conspiradores ideológicos, os críticos. A outra foi relatada pelos pedagogos e arte educadores, às vezes acompanhados dos psicólogos – que não se preocupavam tanto com a arte quanto com os conteúdos da mente da criança revelados em seus desenhos.

Os pesquisadores e profissionais destes dois campos pouco dialogaram entre si, e os objetivos muitas vezes não coincidiam, entretanto as contribuições de ambas as áreas foram essenciais por inaugurarem o reconhecimento do valor da produção plástica da criança e a constituição do conceito “arte infantil”.

A vertente preocupada com o desenvolvimento e ensino interessou-se em capturar e compreender a natureza do desenvolvimento da criança, e, mobilizada pela inauguração de uma nova área – a psicanálise – buscou instrumentos para acessar o inconsciente. Como assinala Coutinho (2002) os estudos sobre o desenho infantil foram desenvolvidos por meio de pesquisas que resultaram em sistematizações teóricas que foram publicadas nos principais centros da Europa e dos Estados Unidos. Os primeiros estudos apresentavam forte caráter psicológico e seguiam algumas linhas de investigação descritiva que estabeleceram características gerais do desenvolvimento do desenho na criança.

Para Ivashkevich (2006), os primeiros textos sobre desenho infantil foram dominados por generalizações e suposições universais, baseadas em grandes coleções de desenhos advindas de escolas e de desenhos realizados em casa. Além disso, na maioria das vezes, os desenhos não partiram de iniciativas espontâneas das crianças, eram produzidos seguindo solicitações de professores e outros adultos.

Outros pesquisadores também basearam seus estudos em grandes amostras de trabalhos infantis, porém, como analisa Ivashkevich (2006), não diferenciaram os desenhos espontâneos dos dirigidos, como, por exemplo, Louise Maitland (1895), Herman T. Lukens (1896), James Sully (1895), Karl Lamprecht (1904), Georg Kerschensteiner (1905), Siegfried Levinstein (1905), Philip B. Ballard (1912, 1913) e Stella Agnes McCarty (1924).

O primeiro estudo de que se tem notícia que levou em consideração a intenção da criança em desenhos infantis foi o de Georges Luquet, que estudou mais de 1500 desenhos produzidos por sua filha, sendo alguns deles observados durante o processo. Essa observação pontual de Luquet sobre o processo gráfico

de sua filha influenciou o trabalho de muitos pesquisadores subseqüentes, como Jean Piaget e Viktor Lowenfeld.

Sob esse olhar, o começo do século XX continuou a apresentar investigações e estudos sobre a arte infantil: autores e teorias proliferaram nos centros de estudos da Europa e Estados Unidos. Foram criadas na Europa diversas associações dedicadas à formação estética da criança; exposições de manifestações artísticas passam a ser organizadas, bem como inúmeros congressos internacionais, montados nos anos anteriores à Primeira Guerra Mundial. Publicações de manuais de formação artística foram fomentadas, e também revistas com artigos relacionados ao assunto (BELVER, 2002). Decorrentes desse movimento foram inauguradas algumas práticas de ensino apoiadas na pedagogia científica, integrantes dos movimentos de renovação da educação, chamados no Brasil de Escola Nova, Escolanovista, Renovada ou Progressista, que enfatizavam a importância do desenho no conjunto das atividades pedagógicas.

Enquanto os pesquisadores consolidavam os conhecimentos sobre os processos de desenho de crianças, os textos pouco abordavam a inventividade estética da criança, aponta Fineberg (1997). Os primeiros estudos revelavam concepções de arte calcadas numa produção estética idealista e naturalista de representação da realidade; dessa forma, a habilidade técnica era um fator prioritário. Se coube aos psicólogos estudar os desenhos das crianças e coletar exemplares, foram os artistas, de uma maneira geral, que promoveram exposições de acervos e levaram a estética infantil à sociedade; e, na maioria das vezes, fizeram isto mostrando as produções, e não páginas escritas.

Por meio de uma trajetória histórica sobre o interesse dos artistas e o aparecimento da criança nas artes, Fineberg (1997) desenvolve seu argumento detendo-se na conexão existente entre o artista moderno e a produção plástica infantil. Neste percurso, faz com que seu espectador repense as produções feitas pela criança ao longo dos tempos, que tanto influenciaram grandes artistas, com o intuito de trazer um novo olhar às obras modernistas e também às da criança em diversos níveis: seja na espontaneidade, no olhar singular, na imaginação ou na criatividade.

Diferentemente daquilo que os pedagogos e psicólogos buscavam nos desenhos infantis, o interesse dos artistas plásticos pelo desenho da criança era motivado pela ruptura com a arte acadêmica desgastada, a tradição Renascentista de verossimilhança e naturalismo, e pela necessidade de novas fontes de imagem

e grafismo. Assim, artistas a partir dos pós-impressionistas e marcadamente de Cézanne negaram a norma acadêmica, a representação mimética, buscando novas fontes de imagem e grafismo na alteridade – naquilo que é distante da cultura européia, portanto, exótico, selvagem, puro. Vemos confirmação em Picasso com suas máscaras africanas, Gauguin e a cultura visual do Taiti, Monet e as gravuras japonesas, Klee com a redescoberta de seus desenhos de criança, Kandinsky e Gabriele Münter com a coleção de desenhos infantis, entre outros.

Estes artistas de vanguarda européia, do início do modernismo, consideravam os valores sociais e artísticos de sua sociedade decadentes, falidos e burgueses, incapazes de responder aos anseios de uma nova arte. Pretendia-se

descartá-los por completo e inventar uma forma de expressão inteiramente nova. Expressionistas, Secessão e artistas do Cavaleiro Azul, e outros grupos de vanguarda começaram a procurar por inspiração em formas de arte que se originavam de premissas diferentes daquelas da estética acadêmica. Estes artistas começaram a estudar arte popular, arte tribal, a arte da criança, e também a arte do louco, todos os quais haviam, num momento ou outro, servido seu propósito. Ao invés dos padrões acadêmicos, do clássico do sublime, do nobre e do ideal, eles tomaram o primitivo, o autêntico, o expressivo, e o inventivo como parâmetros de excelência (LEEDS, 1989, p. 99).

Destarte, em vista desse desejo de retomada, a ênfase na espontaneidade sobrepôs-se a valores tradicionais, ocasionando uma mudança fundamental na virada do século XIX para o século XX: o desenho infantil ganhou um valor exemplar, um status único. O desenho da criança foi louvado, muitos artistas descobriram as imagens da infância, buscando “se libertar dos fardos do passado, regozizaram-se na idealização da infância” (KORZENIK, 1995, p. 13). A defesa da arte infantil como modelo estético foi assumida por alguns artistas de vanguarda, que justamente admiravam-na e invejavam os aspectos que tradicionalmente haviam sido considerados negativos no desenho infantil: a espontaneidade, a sensibilidade, a emotividade, a liberdade do traço ágil, o ver o mundo sem ataduras nem obstáculos estéticos prévios... Para Arnheim (2006), esse retorno ao começo acontece quando um alto grau de refinamento é atingido e não existe maneira, ou mesmo razão, de se continuar seguindo pelo mesmo caminho. Reflexão que nos conduz a uma longa citação na qual este afirma que:

como questão de sobrevivência, tornou-se necessário voltar ao lugar onde tudo começou [...]. Para romper com a tradição que já havia se desgastado e reinventar um mundo do imaginário, os artistas tendem a procurar por modelos no seu entorno. [...] Assim como os artistas europeus receberam o impulso do qual precisavam das esculturas africanas, cujo sentido e função desconheciam quase por completo, também receberam forte influência dos desenhos infantis que se apoiavam em preceitos, interpretações e conotações que pouco tinham a ver com os estados de espírito daqueles que produziam aquelas imagens descompromissadas. Só eram necessárias algumas propriedades formais pelas quais os artistas estavam buscando para resolver seus próprios problemas (ARNHEIM, 2006, p. 20).

O artista que desejava libertar-se do peso do passado revelava fortes inclinações pelo retorno à meninice, à procura de criatividade e espontaneidade – além de significar uma busca de instrumentos para acesso ao inconsciente. Alguns artistas queriam manter suas produções iguais às artes liberais, à arte do olho inocente, à arte infantil, procurando então,

a abertura de sentimento, a chegada direta, a plasticidade imaginativa da mente tão natural à criança, aspectos que começaram a ser reconhecidos como característicos da criatividade em geral (LEEDS, 1989, p. 100).

A este respeito, comenta André Derain, em carta para Maurice Vlaminck, em agosto de 1902: “Eu gostaria de estudar os desenhos de crianças. Ali, sem dúvida, está a verdade”; anos depois, Vlaminck comentou: “Sempre olho todas as coisas com os olhos de uma criança” (apud FINEBERG, 1997, p. 19). Desse modo, com relação a essa atitude, Fineberg (2006, p. 88) afirma que:

na arte, as crianças encontram maneiras de incorporar suas experiências em símbolos que elas possam manipular para explorar as relações entre elas próprias e as coisas que encontram no mundo – assim como o artista adulto faz. Este trabalho de criar formas significativas é impulsionado pela necessidade de dar coerência à nossa vivência. Portanto, os artistas são atraídos precisamente pelo que consideram como pouco familiar, fora do controle, mesmo pelo que produz desconforto ao olhar, por aquilo que faz questionar nossos hábitos estabelecidos de ver, porque é aí que reside o desafio que mais desacomoda.

Dentro de todo esse movimento, percebe-se o grau de reconhecimento alcançado pelo desenho da criança dentre as distintas áreas da sociedade e o novo olhar lançado pelos artistas plásticos, interessados, agora, na poética das imagens. Alguns artistas estavam realmente envolvidos na organização de acervos e exibi-

ções, pois o modo como as crianças desenhavam era estímulo para seus próprios trabalhos. Desejavam “voltar ao ponto zero da criação, recomeçar tudo desde as bases” (MÈREDIEU, 1974, p. 5), rejeitando o engessamento das culturas nos museus e o ensino tradicional, acadêmico.

A este respeito, Mèredieu (1974) expõe que os artistas modernos, por terem interesse em uma expressão espontânea e original, fomentados por um desejo de desestruturação, voltaram-se para as produções marginais à arte institucionalizada, produções consideradas menores, como o artesanato, folclore, o desenho infantil, a produção dos ditos povos primitivos (ou melhor, povos que viviam distantes das sociedades ocidentais industrializadas), dos doentes mentais – alguns dos quais seriam considerados mais tarde como Arte Bruta⁸ por Dubuffet. Interessavam os trabalhos que apresentavam um forte caráter espontâneo e inventivo, pouco ligado à arte acadêmica e seus moldes, tendo como autores pessoas estranhas ao meio artístico profissional.

O historiador de arte Jonathan Fineberg (1997), em capítulos sobre alguns dos grandes artistas modernos do século XX, argumenta como, de uma forma ou de outra, esses artistas sequiosamente colecionaram produções plásticas de crianças, e, em alguns momentos específicos, utilizaram-nas como fonte de sugestões e dicas para seus próprios trabalhos; artistas como Wassily Kandinsky e Gabriele Münter, Paul Klee, Pablo Picasso, Joan Miró, Henri Matisse, Jean Dubuffet, Mikhail Larionov e Nataliya Goncharova, artistas do Der Blaue Reiter (O Cavaleiro Azul), Futuristas Russos e integrantes do grupo Cobra, são os principais exemplos. Partes substanciais de suas coleções ainda existem.

Além destes, há indícios de outros artistas, como Alexander Calder, Joaquín Torres García, Marc Chagall, Maurice Denis, Pierre Bonnard, André Derain e Maurice Vlaminck que dialogaram com os desenhos das crianças (BELVER, 2002; FINEBERG, 1997, 1998, 2006). Em alguns momentos, estes artistas foram depreciados por suas aproximações com a expressão plástica da criança; em outros, foram admirados, além de auxiliarem no fortalecimento do desenho infantil enquanto produto artístico.

⁸ Para Dubuffet, Arte Bruta não define uma escola ou movimento artístico, e as coleções “são compostas por trabalhos criados por indivíduos trabalhando fora do meio cultural e protegidos de sua influência. Os autores de tais trabalhos são, primordialmente, não instruídos... e suas obras emergem dos estados espirituais de uma ordem verdadeiramente original, profundamente diferentes daqueles aos quais estamos acostumados” (DUBUFFET apud MACGREGOR, 1989, p. 301).

Diferentemente de Courbet, Caroto, Rembrandt, Hogarth etc, alguns artistas modernos necessitavam da imagem em matéria – que funcionava como estudo, como tema e como inspiração. Essa busca acabou acontecendo de maneiras distintas: alguns procuraram as produções feitas durante a própria infância; outros promoveram o desenho de seus filhos, dos filhos de amigos, de crianças que circulavam entre os artistas, que freqüentavam os ambientes das exposições.

Os modos como cada artista dialogou com o desenho da criança foram bastante diversos. Alguns, como Miró, se encantaram pelas produções da criança pequena nos primórdios da conquista do desenho figurativo. Outros preferiram as soluções de representação espacial de crianças um pouco maiores, a exemplo de Goncharova. Alguns artistas investiram nas memórias de sua própria infância, nas temáticas oníricas, fantasiosas, longínquas, por exemplo Kandinsky. Outros investigaram seus próprios desenhos de infância, como Klee, outros organizaram espaços para que crianças de amigos pudessem desenhar e pintar, como Gabriele Münter. Alguns ainda produziram para as crianças, como Calder. É um equívoco considerar que é possível encontrar modelos diretamente copiados de desenhos de crianças nas obras dos artistas modernos. Os processos de articulação de imagens ao repertório dos pintores modernos foram muito mais complexos do que isso. Mas cabe assinalar que poucos são os que citavam ou estudavam os teóricos da psicologia do desenho.

Nas palavras de Henri Matisse (1973, p. 737), a infância pode trazer o frescor de um novo olhar à produção do artista:

o esforço necessário para libertar-nos exige uma espécie de coragem; e essa coragem é indispensável ao artista que deve ver todas as coisas como se as visse pela primeira vez; é preciso ver a vida inteira como no tempo em que se era criança, pois a perda dessa condição nos priva da possibilidade de uma maneira de expressão original, isto é, pessoal.

1.2 As exposições

Como vimos, ao estudar a produção artística da criança, pedagogos, psicólogos e artistas plásticos iniciaram a montagem de seus acervos, os quais eram ocasionalmente apresentados ao público em exposições. A curadoria ganhava temáticas e conceitos diferentes, dependendo de quem estivesse organizando a exposição. Para os pedagogos e arte-educadores, interessava mostrar como a

criança representava o seu mundo, valorizando-se a expressão singular criativa do artista mirim. Para os artistas plásticos, as exposições não tinham como objetivo fornecer protótipos de como sua arte deveria ser, mas sim estabelecer conexões entre as suas produções e a da criança. E, neste sentido, seguiam-se as considerações de Kandinsky (1996, p. 157) contidas em *Sobre a Questão da Forma*: “o artista que se assemelha bastante à criança durante toda a sua vida é freqüentemente mais apto que ninguém para perceber a ressonância interior das coisas”.

Com objetivo didático, apresentamos algumas das principais exposições de desenhos e pinturas de crianças agrupadas por propostas 1) montadas por pessoas envolvidas no ensino de arte; 2) organizadas por artistas plásticos e 3) fundadas sobre determinadas ideologias, com função propagandística ou comercial.

1) Exposições organizadas por pessoas envolvidas no ensino de arte para crianças

Em 1901, em Berlim, foi organizada por um grupo de professores, com o patronato de artistas e escritores, o que se considera ser a primeira exposição de arte infantil na Europa, intitulada *A arte na vida das crianças*. A exposição se constituía em três módulos: decoração da escola e da casa, livros e estampas de arte para crianças e a criança-artista com desenhos escolares. O movimento se espalhou pela Áustria, Bélgica, Inglaterra, Suécia e Finlândia. Na consideração de Coutinho (2002, p. 53),

inicialmente a tônica maior do programa era dada à necessidade de aproximar a arte do ambiente escolar e discutia-se a qualidade das obras e reproduções que poderiam ser expostas nas paredes da escola, eram propostas excursões dos estudantes aos museus, parques e monumentos, além de sessões de cinema, concertos e representações teatrais feitas especialmente para os jovens.

Em 1908, houve uma sala na *Kunstschau* (exposição de arte em Viena) dedicada à exibição de trabalhos infantis. Franz Cizek organizou na sala de entrada trabalhos de arte de seus alunos de 6 a 14 anos, como sendo um condicionamento visual para o visitante. A exposição teve uma sala dedicada à arte para crianças e também uma sala de arte de crianças. Segundo Leeds (1989), não havia condescendência, mas sim indicação da importância com que viam os trabalhos expostos: como contribuição estética e como pura forma de expressão humana.

O *Third international art congress for the development of drawing and art teaching*, ocorrido no *Victoria and Albert Museum* em 1908, foi acompanhado de uma grande exposição de trabalhos infantis.

O professor de arte, artista e educador Franz Cizek também exibiu trabalhos de seus alunos coletados entre 1917 e 1922 em diversos lugares, como Viena. Cizek intrigou-se com a idéia de que a arte da criança é uma arte que só pode ser produzida por ela mesma e, em 1897, começou a oferecer sua *Classe de arte para jovens*, com o propósito de prover a criança de liberdade criativa e a chance de trabalhar a partir da imaginação. Cizek acreditava que uma instrução artística poderia despertar os poderes criativos da criança, ao encorajar o desenho livre e a imaginação; assim, não estimulava a cópia ou imitação entre seus alunos de trabalhos de artistas já inseridos no campo das Artes. A atividade perdurou por 40 anos, tornando-se um importante modelo no ensino de arte. De acordo com Cizek, o melhor desenho infantil era aquele que era coerente com a faixa etária da criança. Os resultados da tentativa de imitar o desenho do adulto geravam trabalhos muito fracos.

2) Artistas plásticos e as exposições de produções infantis

Se os profissionais do ensino se mobilizaram para reunir desenhos de crianças em exposições em várias partes da Europa, os artistas plásticos também se somaram a estes esforços, embora seus objetivos tenham sido diferentes.

Desde a virada do século XX até o começo da Primeira Guerra Mundial,

os artistas passaram a se envolver cada vez mais na organização de grande quantidade de exposições de arte infantil após a virada do século enquanto, ao mesmo tempo, olhavam mais detidamente a vários aspectos de como as crianças desenhavam como estímulo para o seu próprio trabalho (FINEBERG, 1997, p. 12).

Em 1898, foi inaugurada a exposição *Das kind als künstler* (A criança como artista) em Hamburgo, na qual foram associados desenhos livres de crianças e a manifestação artística de povos primitivos.

Já em 1909-1910 na *First international exhibition of painting, sculpture, engraving and drawing*, organizada pelo escultor Vladimir Izdebsky, trabalhos de crianças foram expostos.

No ano seguinte, em 1911, acontecia a *International exhibition of art*, segundo salão organizado por Vladimir Izdebsky, com a participação de Kandinsky,

Münter, Jawlensky, Werefkin, os irmãos Burlyuk, Larionov e Goncharova, Tatlin, entre outros, com duas salas de arte infantil.

Mikhail Larionov e Nataliya Goncharova incluíram desenhos de crianças selecionados das coleções de A. Shevchenko e N. D. Vinogradov, quando organizaram a *The target (Mishen')*, a 24 de março de 1913. Na introdução do catálogo da exposição lia-se:

o objetivo dessa exposição inclui mostrar uma série de trabalhos de artistas que não pertencem a qualquer movimento e que criam, primordialmente, um trabalho de arte pela manifestação de si mesmo em seu trabalho (apud MOLOK, 1998, p. 59).

Em 7 de junho de 1914, Apollinaire foi o crítico responsável pela exposição na *Galerie Malpel* em Paris, intitulada *Dessins d'enfants*, na qual ele elogiava o trabalho imaginativo feito pela criança (muitas destas crianças eram filhos de artistas, incluindo a filha da Van Dongen). A crítica é finalizada em dois parágrafos a respeito de Matisse: “Eu me lembro quando Matisse costumava ficar exibindo os desenhos de seus filhos” escreveu Apollinaire, “alguns dos quais eram impressionantes. Matisse estava realmente muito interessado neles. Entretanto”, ele costumava dizer, “não acho que a gente deveria fazer tanto caso sobre os desenhos de crianças, porque elas não sabem o que estão fazendo.” (APOLLINAIRE apud FINEBERG, 1997, p. 14-15). Segundo Fineberg (1997), pode ser que realmente elas não soubessem o que estavam fazendo, mas isso não impediu Matisse de utilizar-se de um vocabulário visual simplificado que foi inspirado em arte infantil, como sendo uma alavanca libertadora, com o intuito de livrá-lo de uma representação literal imposta pelos objetos.

Alfred Stieglitz organizou quatro exposições de arte infantil na sua galeria “291” em Nova York, no período de 1912 até 1916, a primeira deste tipo nos Estados Unidos, segundo o New York Evening Sun, de 27 de abril de 1912.

Também em 1908, em São Petersburgo, Rússia, o interesse pela criança começa com a exposição intitulada *Art in the life of a child*. Ainda no mesmo ano e mesmo local, acontecia a *Fifth exhibition of paintings of St. Petersburg novoe obshchestvo khudozhnikov (New society of artists)*, exposta na casa do conde Stroganov on Nevsky Propekt, incluindo exibição de desenhos infantis.

O expressionista abstrato Rothko utilizou-se direta e conscientemente da arte infantil: ensinou arte para crianças no *Academy of the brooklyn jewish center* de

1929 a 1952 e, quando realizou sua primeira exposição solo, em 1933, incluiu uma seleção de trabalhos de seus alunos ao lado de suas pinturas.

Em 1917 e 1919, em Londres, Roger Fry exibiu desenhos infantis nos *Omega workshops*. Em 1919 os *Omega Workshops* exibiam trabalhos de alunos de Marion Richardson, professora de arte da região de Birmingham, ao lado de desenhos de Mikhail Larionov.

Em 1919, na cidade de Colônia, Alemanha, numa exposição Dadaísta, foram incluídos trabalhos infantis, arte africana e arte de psicóticos juntamente com os trabalhos de Max Ernst e outros Dadaístas (HELLER, 1992).

Em 1921, a Exposição da Universidade de Heidelberg em Frankfurt expôs, de maneira comparativa, trabalhos de doentes mentais, desenhos infantis, dos primitivos e arte moderna (COUTINHO, 2002).

Em exposições dos Expressionistas, Cubistas, Futuristas e artistas da vanguarda russa, era comum ver a produção artística das crianças justaposta às obras dos artistas plásticos e de obras naïf, trabalhos de povos chamados, na época, de “primitivos” e produções de pacientes psiquiátricos, com o objetivo de travar um processo de comparação sobre os modos de representação de cada grupo. Sobre este assunto, como afirma Wörwag (1998), os desenhos das crianças recebiam a mesma consideração e apreço dados aos trabalhos de adultos.

3) Exposições de bases ideológicas

As exposições de desenhos de crianças começaram a ser identificadas como espaços de discurso para o intercâmbio de idéias e imagens entre diferentes países, com motivos que circundam questões de ordem econômica e/ou ideológica (COUTINHO, 2002). De uma maneira geral, estas exposições ocorreram no período compreendido entre a Primeira e Segunda Guerras Mundiais.

Como exemplo, temos, na primavera de 1915, V. Voronov que organizou no *Stroganov Institute* em Moscou a exposição *War in children's drawings*. Mikhail Larionov e Nataliya Goncharova visitaram a exposição e compraram muitos dos desenhos ali presentes.

Em 1916, uma exposição organizada pela Cruz Vermelha Americana de reproduções em pôsteres de pinturas das crianças de Viena circulou por várias cidades dos Estados Unidos. Em 1921, uma exibição de pinturas e xilogravuras destas crianças foi realizada com o intuito de levantar fundos para ajudar a manter a ateliê de Viena. A exposição aconteceu em Londres e depois circulou por outras

cidades da Grã-Bretanha. Em Londres o movimento de divulgação da produção plástica da criança foi intenso com a atuação do crítico Roger Fry e da professora Marion Richardson.

Em 1930, tem-se a exibição de trabalhos plásticos de crianças ucranianas em Nova York.⁹

A produção artística infantil também foi explorada com intenção comercial. O sucesso da onda de exposições foi aproveitado pela empresa *Binney and Smith (Crayola Crayon Company)*, que começava a investir em materiais artísticos para escolas. A companhia realizou em 1936 uma exposição que percorreu algumas cidades dos Estados Unidos com o título *Young american paints* (COUTINHO, 2002). O objetivo, segundo a companhia, foi o de divulgar para o público em geral os avanços que estavam ocorrendo no ensino de arte daquele momento, além de ressaltar que o ensino de arte era para todos e não para poucos talentosos.

Outra exposição que também aconteceu em Nova York e Boston em 1938 foi *Children's drawings from the spanish civil war*¹⁰. Organizada pelos Quakers, notórios por sua posição anti-guerra, pretendia chamar atenção da população dos Estados Unidos para a situação da Guerra Civil Espanhola, através dos trabalhos das crianças que estavam nos campos dos refugiados. Os trabalhos expostos foram vendidos para levantar fundos para estes campos.

As exposições, independentemente de quem tomou a iniciativa de organizá-las, e dos propósitos pretendidos com a mostra, tiveram um papel muito importante nas primeiras décadas do século XX porque mobilizaram a atenção do público, geraram discussão e também incentivaram a organização de coleções. Neste movimento circular, alguns artistas foram se apropriando de desenhos e pinturas de crianças que marcaram a sua linguagem plástica, às vezes gerando novos acervos que poderiam ser incorporados em outras exposições.

De uma maneira geral, comenta Coutinho (2002, p. 58) que elas foram,

num primeiro momento, organizadas para divulgar idéias e concepções sobre a 'arte da criança' e sobre a idéia da 'criança como artista' e como consequência, num segundo momento, elas passaram a ser usadas (as

⁹ Coutinho (2002) cita que os desenhos e pinturas desta exposição constituem atualmente o acervo da *Special Collection* da *Milbank Memorial Library* do *Teachers College Columbia University*.

¹⁰ A coleção desses desenhos faz parte hoje do acervo da *Avery's Drawings and Archives Department of Fine Arts* da *Columbia University* (COUTINHO, 2002).

exposições, as crianças e suas produções), como meio de divulgação de outras idéias de caráter econômico e/ou ideológico.

Face a esse processo, precisamos considerar a maneira pela qual determinados desenhos infantis foram escolhidos em detrimento de outros, para serem exibidos nas diferentes exposições. Para Korzenik (1995), tais exposições eram organizadas pelos adultos e para adultos. Sendo assim, a autora afirma que se os trabalhos das crianças encontram-se expostos em espaços dedicados à arte de adultos, é porque são detentores de valor estético. Desse modo, nem tudo que se via pendurado nas exposições eram as manifestações não-direcionadas mais puras e inocentes de crianças. Para Korzenik (1995, p. 8),

aquilo que cada era seleciona para as suas exposições de trabalho de alunos nunca é o resultado da 'criança pura' hipoteticamente não contaminada. Os objetos que vemos pendurados nas exposições são sempre manifestações do gosto do adulto.

O movimento das exposições repercutiu nas publicações sobre o tema da arte da criança. Destacam-se três periódicos que se dedicaram ao assunto. Em 1890, Alexander Koch, um dos fundadores do Jungendstil Alemão, iniciou a publicação de *Kind und Kunst*, um periódico ilustrado de arte para e de crianças. Em 1907 o primeiro volume do periódico *Zeitschrift für angewandte Psychologie* se dedicou inteiramente à arte da criança, citando várias coleções e exposições de arte infantil que estavam circulando na época, incluindo as coleções de Kerschensteiner e do historiador Karl Lamprecht em Genebra. Em 1912, foi publicado *Der Blaue Reiter Almanac*, contendo, além de outros temas, 144 ilustrações que incluíam o trabalho de artistas contemporâneos, como Kandinsky, Franz Marc, Van Gogh, Cézanne e Gauguin, ao lado de trabalhos de arte folclórica Bavária e Russa, desenhos de crianças, selecionados da coleção de Gabriele Münter, e exemplos de objetos etnográficos.

2 O interesse dos artistas modernos pela arte do louco

Os desenhos e pinturas realizados por doentes mentais foram criados em resposta a um impulso espontâneo e singular, desse modo, a tremenda fascinação que exerceram em médicos e artistas deriva dessa pureza de conteúdo e impulso (MACGREGOR, 1989).

2.1 Primeiros olhares dirigidos à produção expressiva de internos nos manicômios

Assim como os artistas retrataram a criança no ato de desenhar, também há diversas representações de pessoas com loucura em atividades de desenho. Como vimos no caso dos retratos de crianças desenhando, não houve, durante muito tempo, nenhuma preocupação com uma representação fiel dos trabalhos artísticos produzidos pelos loucos, sendo, na maioria das vezes, voltadas para a idéia que o próprio artista possuía de como seria a arte do paciente psiquiátrico.

Exemplos dessas manifestações podem ser vistas em vários trabalhos. A edição ilustrada de *A tale of a tub*, em 1710, de Jonathan Swift contém uma ilustração representando o interior da ala masculina no Bethlem Mental Asylum, em Londres, com visitantes olhando para os internos através de uma janela gradeada. No trabalho de William Hogarth, *The Rake's progress*, de 1735, uma seqüência de gravuras descreve oito estágios da ruína dos princípios morais de Tom Rakewell, sendo que a última delas retrata diferentes tipos de loucos confinados no asilo de Bedlam com a representação de muitos personagens portadores de síndromes psiquiátricas e Tom, despido e acorrentado. E, em Wilhelm Von Kaulbach, *Das narrenhaus*, de 1835, aparece, em segundo plano, um desenho de figura humana semelhante aos desenhos infantis, refletindo a visão de que a arte do louco muito se parecia com a da criança.

Por um longo período de tempo o contato do público aconteceu, especialmente, através de visitas aos hospitais psiquiátricos. Artistas e escritores, inspirados pelas noções românticas de loucura, viram o asilo como fonte de inspiração, e suas visitas eram reportadas em jornais e publicações do período (MACGREGOR, 1989). Douglas (1996) mostra que alguns artistas plásticos conheceram a realidade dos manicômios como visitantes. Hogarth retratou o interior de Bethlem Mental

Asylum, um hospital psiquiátrico, em meados do século XVIII; Goya retratou 'loucos furiosos' do Asilo de Saragossa na Espanha no final do mesmo século (SCHICKEL, 1971). Outros foram internos, como foi o caso de Van Gogh (BONAFOUX, 1990) e também Gérard de Nerval (LOMBROSO, 1891).

É importante lembrar que estes trabalhos não tinham a preocupação de provocar qualquer reforma no tratamento usado na época para com o doente mental, pois, durante muito tempo os artistas se detiveram em representar o doente mental a partir de uma esquemática pictórica convencional, ao invés de retratá-lo de forma naturalista. Os artistas foram constituindo uma tradição iconográfica da loucura, baseada em alguns estereótipos, como mostra Gilman (1996), que por sua vez alimentaram concepções sobre a loucura.¹¹ Visão esta assinalada por MacGregor (1989, p. 13), ao comentar que

desde que tenham sido fornecidas pistas visuais e atributos tradicionais suficientes, esperava-se que os espectadores para quem a imagem fosse dirigida reconhecessem a condição de distúrbio mental desses internos de Bedlam, de modo a identificar cada variedade de loucura retratada.

Da mesma forma que a influência do Romantismo gerou uma abertura para os fazeres da infância, impulsionando um novo olhar frente aos desenhos das crianças, os escritores românticos também desempenharam um importante papel ao ampliar o interesse pela produção artística do doente mental.

O Romantismo viu na loucura uma condição privilegiada, por escapar à convenção social, possibilitar o acesso à natureza emocional, à verdades profundas do ser humano. Sobre a idealização da loucura no Romantismo, MacGregor (1989, p. 4) aponta que

o louco foi transformado de um animal sem mente, sem sentimentos, a uma incorporação heróica do ideal romântico, sua arte sendo a pura expressão da imaginação romântica não acorrentada.

Entrelaçamentos e paralelismos entre a arte e a psicologia, a psiquiatria e a psicanálise aconteceram em momentos históricos semelhantes à descoberta do

¹¹ Foram criadas fontes de informação que serviam como modelos para representar estados e feições da loucura, como o livro de Cesaré Ripa, *Iconologia*, munido de símbolos visuais e atributos externos padronizados.

desenho da infância, com as devidas diferenças de enfoque. Nas palavras de Ferraz (1998, p. 19), o aparecimento de proposições nestas áreas trouxe

novas pesquisas e teorias voltadas para o campo de consciência dos indivíduos e suas manifestações, e transformaram o conhecimento sobre a articulação do pensar, do sentir, do imaginar e agir humanos.

Para MacGregor (1989), foi no campo das artes, através da contribuição de artistas e historiadores de arte que se estabeleceu uma discussão sobre o aspecto artístico da criação do paciente psiquiátrico fora do campo da psiquiatria. Sobre esta busca e a produção artística do louco, o poeta alemão Wieland Herzfeld pondera:

os doentes mentais são artisticamente dotados. Seus trabalhos mostram um senso mais bem ou mal explicado, mas honesto, do belo e do apropriado. Entretanto, como a sua sensibilidade difere da nossa, as formas, cores e relações das suas obras nos parecem estranhas, bizarras e grotescas: loucas. Mesmo assim, o fato permanece que os possuídos são capazes de trabalhar criativamente e com dedicação... Apenas integram em si aquilo que se harmonizam com as suas mudanças psicológicas, nada mais. Mantêm sua própria linguagem: trata-se de uma afirmação de sua psique... O que se imprimiu sobre sua psique permanece para sempre na memória. Pois tudo que os impressiona, têm melhor memória que nós, mas não têm nenhuma memória para coisas pouco importantes. Um dom semelhante levou artistas a serem considerados sonhadores que fogem da realidade e vivem sem estrutura (HERZFELD, apud HELLER, 1992, p. 84).

MacGregor (1989) considera que foram os artistas os primeiros a notar as atividades artísticas de pacientes internados nos manicômios, e, logo em seguida, senão em uníssono, foram estudadas por médicos psiquiatras – pois ambos dirigiam-se para um fim comum: o encontro com o inconsciente, além da realidade, que foge ao mundo tangível. A descoberta da arte do louco não se concentrou somente nos círculos psiquiátricos e de artistas modernos, nem mesmo a sua apreciação foi limitada a um pequeno grupo: as imagens produzidas dentro de um contexto de insanidade despertaram intenso interesse e curiosidade do público em geral.

Para Arnheim (1977), as primeiras tentativas de compreender e apreciar a arte do louco coincidem com o primeiro impacto da arte moderna sobre a Europa Ocidental. Assim, a descoberta do valor estético das obras produzidas pelos doentes mentais foi engendrada por artistas que, com o intuito de encontrar novos elementos para as suas obras, se dirigiram até os hospitais psiquiátricos. Entretanto,

to, a sistematização dos estudos, das coleções e das classificações de imagens produzidas dentro de um contexto asilar foram iniciadas por médicos psiquiatras especializados no tratamento de doentes mentais (MACGREGOR, 1989).¹² Em consequência de todo esse interesse, pouco antes do fim do século XIX, muitos psiquiatras começaram a publicar detalhadas descrições e classificações, abastecidas de ilustrações, a respeito das produções artísticas dos pacientes internados – que não se limitaram aos círculos da medicina – sendo, muitas vezes, apresentadas em exposições de arte. Dentre eles, no comentário de Ferraz (1998), destacam-se: Jaspers (1920; 1922), Morgenthaler (1921), Prinzhorn (1922 e 1926), Lafora (1922) e Vinchon (1925). Além destes, mencionamos também Tardieu (1872), Lombroso (1891), Simon (1876), Hrdlicka (1899) como outros médicos que montaram coleções bem antes da Primeira Guerra Mundial (MACGREGOR, 1989). As coleções de arte foram responsáveis pela criação de alguns museus e “transformaram-se em representações que seguiram as tendências artísticas ou científicas de seus fundadores” (FERRAZ, 2002, p. 11).¹³

Dessa maneira, dentre inúmeros estudos¹⁴ iniciais sobre uma “estética psiquiátrica” (FERRAZ, 1998, p. 21), destacamos, além dos citados anteriormente, os trabalhos dos médicos Marcel Réja (1907),¹⁵ Delacroix (1920) e Kretschmer (1929). Inicialmente no meio científico, a intenção era analisar e interpretar a produção artística do louco com o intuito de “mensurar e documentar toda a natureza de seus distúrbios mentais. Serviu, portanto para propósitos diagnósticos e não terapêuticos” (MACLAGAN, 1997, p. 142). Mais tarde, influenciados pelo modernismo e discussões do momento, as coleções passaram a ser direcionadas para a pesquisa, “ampliando os estudos científicos sobre a criação humana, como os de Hans Prinzhorn, Morgenthaler e R. Volmat, entre outros” (FERRAZ, 2002, p. 12).

Réja, no início do século XX, está entre os pioneiros em cujos textos são encontradas referências análogas entre as produções artísticas de psicóticos,

¹² O final do século XIX presenciou a formação de importantes coleções de arte psicopatológica que funcionaram como bases para muitas das pesquisas atuais.

¹³ Até o surgimento da Primeira Guerra Mundial apenas seis museus dedicavam-se aos trabalhos plásticos de doentes mentais asilados que mantinham exposições permanentes do acervo: os museus *Lombroso* e *Tamburini*, na Itália; o museu de *Heidelberg* (fundado por Prinzhorn e Wilmann), na Alemanha; o museu *Waldau* (fundado por Morgenthaler) e *Landame*, na Suíça; e na França o museu *A. Marie*.

¹⁴ O alienista francês Pinel, segundo Beveridge (2001), foi o primeiro a escrever sobre a produção artística do doente mental, em 1801.

¹⁵ Pseudônimo de Paul Meunier.

crianças e povos primitivos, que indicam o reconhecimento das produções artísticas desses grupos.¹⁶ Para aprofundar o conhecimento das expressões gráficas de cada um deles – crianças, loucos e primitivos – estudam-se os “processos representacionais presentes em suas produções plásticas e procuram definir as etapas evolutivas e a linguagem utilizada por eles” (FERRAZ, 1998, p. 23).

O contato entre a comunidade artística e a do louco antecede o contato dos artistas com a arte dos povos primitivos, entretanto, a relação com a arte dos povos primitivos se fez mais intensa pela presença dos museus etnográficos, ao passo que as coleções de arte psicopatológicas não eram abertas ao público na sua maioria.¹⁷

Nessa direção, e de acordo com MacGregor (1989, p. 8),

as primeiras abordagens científicas frente a essas imagens não eram motivadas por nenhuma forte convicção de que tratava-se de arte ou que detivessem alguma qualidade de beleza. Independentemente disso, os métodos de análise aqui empregados eram, na maior parte dos casos, emprestados do estudo de produções visuais de arte, tanto na classificação da temática e na criteriosa exploração descritiva de elementos formais e estilo, quanto nos esforços posteriores de interpretação e compreensão. As abordagens psiquiátricas mais tardias da arte de pacientes revelam claramente o crescente respeito e apreciação por parte do médico dessas imagens como esteticamente agradáveis, mesmo instigantes.

Artistas do século XX foram mobilizados por esta “nova imagética”, pois não se interessavam mais por apreender e representar o mundo de maneira fiel como haviam feito os artistas realistas do século XIX – “tal qual ele é”. Foram guiados por um interesse segundo o qual o que importava, conforme Eliel e Tuchman (1992), organizadores de *Parallel Visions: Modern Artists and Outsider Art*, era o fazer descompromissado e genuíno com o próprio trabalho e as necessidades internas do próprio indivíduo. Comenta MacGregor (1989) que essas novas imagens satisfizeram uma necessidade profunda de contato e cultivo de uma estética completamente diferente da vigente no período. A citação a seguir é longa, mas é bem colocada:

¹⁶ Ferraz (1998) destaca, entre os muitos pesquisadores que se dedicaram ao assunto, os trabalhos de Rouma (1913), Delacroix (1920), Lafora (1922), Delgado (1922) e Pfister (1923) – os quais detectaram semelhanças gráficas referentes à estilização, proporção, movimento e ausência de perspectiva.

¹⁷ Conforme relata MacGregor (1989), exemplares de arte Africana e da Oceania eram importados e vendidos em lojas de antiguidades, enquanto que a arte do louco era raramente acessível para venda ou coleção.

no decorrer do século XIX e com ainda maior velocidade no século XX, a temática do artista se volta cada vez mais para ele próprio. Abandonando qualquer racionalização ou pretexto exterior, ele se lança a explorar a sua realidade interior para apresentá-la em imagens que são, muitas vezes, completamente privadas e incompreensíveis. Este movimento de distanciamento da superfície não foi o resultado do contato do artista com a arte do louco. [...] A descoberta dessa nova modalidade de arte foi apenas o resultado de processos que estavam acontecendo tanto na arte quanto na psiquiatria que encaminhavam inexoravelmente em direção ao encontro com o inconsciente (MACGREGOR, 1989, p. 315).

O estabelecimento de um contato entre os artistas psicóticos e os artistas já conhecidos no campo das Artes, durante o século XX, ocorreu de diversas maneiras: artistas já inseridos no mercado depararam-se com publicações sobre artistas excluídos ou às vezes colecionaram trabalhos deles. Em alguns poucos casos os contatos de artistas tradicionais com os artistas das bordas foi pessoal. Vários artistas europeus que lutaram na Primeira Guerra Mundial trabalharam ou foram internados em hospitais psiquiátricos e asilos (onde os soldados foram tratados pelos traumas sofridos), travando contato direto com a expressão de pacientes internados. Tais relacionamentos foram fundamentados não em um culto à personalidade do artista, mas sim no poder expressivo das imagens, pois era somente essa idéia que realmente importava neste contato (ELIEL, 1992).

Os trabalhos plásticos de vários artistas do século XX sofreram influência decorrente do contato com a arte do louco. Assim, não custa recolher, outra vez mais, algumas reflexões de MacGregor (1989, p. 315), que assinala:

artistas, diferentemente de cientistas, reagem fazendo; as descobertas devem ser discernidas mais claramente no seu trabalho. Em alguns casos, tem sido possível encontrar evidências pictóricas claras da influência dessa fonte. Mas a influência principal do louco na arte moderna se encontra não nas similaridades formais superficiais ou na coincidência de temáticas, mas sim na proximidade cada vez maior dessas duas formas de arte e em termos do território que ambos exploram.

O autor esclarece que não podemos reduzir esse contato a um simples movimento de apropriação de idéias e elementos formais, ou seja, cópia, pelo artista moderno. Faz-se indispensável aduzir a estas reflexões outras palavras desse mesmo autor, que comenta:

a integridade absoluta e a força pictórica que viram na arte do louco não treinado encorajou muitos artistas modernos a se arriscarem a se abrirem

e dar vazão expressiva a áreas similares em si mesmos (MACGREGOR, 1989, p. 315).

Faz-se mister salientarmos as diferenças entre as produções de cada um desses grupos: no alienado a simbologia presente em seu trabalho brota de um processo interno; já no trabalho do artista vanguardista ela é fruto de uma busca intencional em direção ao primitivo, ao infantil, ao inconsciente.

Deste modo, para muitos artistas alemães e franceses, no entre guerras, e, mais tarde, nos Estados Unidos, o livro de Prinzhorn, *Bildnerei der Geisteskranken*, publicado em 1922, tornou-se fonte importante de estímulo e inspiração, com grande repercussão nos círculos artísticos.

Em linhas gerais, Prinzhorn inaugurou uma visão estética a respeito das produções plásticas dos doentes mentais; descreveu afinidades entre as produções de esquizofrênicos e a criação espontânea de imagens de crianças, dos povos primitivos, dos pintores naïfs (Rousseau) e de mediúnicos (Wilhelmine Assmann, A. Machner e Helene Smith). Prinzhorn escolheu dez casos emblemáticos a detalhar e, com conhecimento de historiador da arte, buscou aproximações da produção com a arte antiga, da Idade Média, produções plásticas do oriente, bem como com os artistas modernos (principalmente dadaístas, expressionistas e surrealistas).

A conexão que Prinzhorn estabeleceu a partir de sua percepção de semelhanças formais entre os trabalhos dos pacientes esquizofrênicos com as obras de Van Gogh, Oskar Kokoschka, Franz Marc, Emil Nolde, James Ensor, Alfred Kubin, Ernst Barlach, Max Pechstein, Erich Heckel, teve importantes desdobramentos históricos, uma vez que os nazistas se apropriaram deste conceito e subverteram-no para propósitos nefastos. Daí, por causa das inúmeras referências, tem-se a impressão de que Prinzhorn tenha dado maior ênfase às comparações entre as produções dos vanguardistas e dos alienados do que, de fato, se encontra no seu livro.

O livro é ricamente ilustrado por imagens da coleção de desenhos, pinturas e esculturas de doentes mentais reunida entre 1919 e 1920 por Prinzhorn com o auxílio de Karl Wilmanns, diretor da Clínica Psiquiátrica de Heidelberg,¹⁸ além

¹⁸ Em 1919 Prinzhorn foi convidado a integrar o quadro de funcionários da Clínica (que já possuía uma pequena coleção, iniciada em 1890), começando, logo em seguida, o estudo sobre a arte espontânea de pacientes psicóticos. Apoiado por Wilmanns, Prinzhorn aumentou a coleção e publicou seu livro – que lhe concedeu um sucesso estrondoso, tornando-o famoso da noite para o dia. O psiquiatra deixou Heidelberg antes de ter seu livro publicado e a coleção parou de crescer a partir de então. Depois de sua morte, em 1933, a coleção foi encaixotada e depositada no sótão do hospital, devido às dificuldades do pós-guerra. Durante esse período, algumas peças desapareceram e outras foram destruídas – a coleção só foi resgatada e recatalogada anos mais tarde (MACGREGOR, 1989).

de algumas produções de outros hospitais psiquiátricos e clínicas particulares da Alemanha, Áustria, Suíça, Itália, Países Baixos, Estados Unidos e também Japão. A coleção é composta de mais de cinco mil pinturas e esculturas de aproximadamente 500 pacientes-artistas.

É preciso ressaltar que tanto Prinzhorn quanto outros autores afirmavam que os trabalhos da coleção eram feitos sem qualquer tipo de interferência, sendo manifestações espontâneas produzidas sem treinamento anterior. Entretanto, segundo Brand-Claussen (1996), há evidências em correspondências entre Prinzhorn e psiquiatras de outros centros psiquiátricos de que os pacientes eram encorajados a, estimulados para e recompensados por, às vezes financeiramente, fazer tais obras.

É evidente, também, que a afirmação posterior de Prinzhorn de que os pacientes haviam produzido sua obra 'espontaneamente', sem solicitação e sem treinamento anterior – num campo transhistórico, por assim dizer – exige qualificação considerável: estes pacientes foram positivamente encorajados a produzir obras de arte (p. 10).

O livro de Prinzhorn certamente gerou maior consciência da importância desses trabalhos. A obra foi introduzida no círculo surrealista francês como um presente de Max Ernst endereçado a Paul Eluard, sendo o primeiro exemplar a alcançar Paris – os pintores franceses nunca tinham sido expostos a uma arte psicótica de tamanha qualidade. Apesar de não ter sido traduzido para o francês, a obra teve um forte impacto nos surrealistas: a proeza do livro foi gerada inteiramente pelas próprias imagens. Além da poética das obras em si, interessou aos surrealistas as metodologias de tratamento como meio de atingir o inconsciente e alcançar outros níveis de consciência, como técnicas de escrita e desenho automáticos, *frottage* e ilustração de sonhos (MACGREGOR, 1989).

Artistas e intelectuais como Paul Klee, Alfred Kubin, Rainer Maria Rilke, Hermann Hesse, Oskar Schlemmer, André Breton e Max Ernst muito se impressionaram com as imagens contidas no livro, revelando a insanidade como um maravilhoso estado de total liberdade criativa e imaginação ilimitada (MACGREGOR, 1989).

André Breton, durante a Primeira Guerra Mundial, serviu como médico assistente em hospitais psiquiátricos fundados para lidar com casos de distúrbios psicológicos causados pela experiência militar e pela guerra. Dessa forma entrou em contato com uma enorme gama de distúrbios mentais, deparando-se com a rea-

lidade do insano, com os métodos de Freud e, mais tarde, com o livro de Prinzhorn. Em 1929 iniciou a sua coleção de trabalhos artísticos de doentes mentais, ao comprar uma das obras da exposição que acontecia na *Galerie Max Bine*, em Paris. Sua coleção cresceu rapidamente, incluindo trabalhos de Aloïse e Wölfli.

Dentro do contexto Expressionista temos artistas como Emil Nolde e Kokoscha, colecionadores da obra do artista sueco Ernst Josephson, produzidas durante surto psicótico que levou a seu internamento em um hospital psiquiátrico. Um aspecto de interesse aos artistas foi a radical mudança no estilo artístico de Josephson na fase de crise e na fase saudável. Picasso e Modigliani também foram atraídos por suas imagens, estudando-as (MACGREGOR, 1989).

Alguns artistas expressionistas viveram a experiência da internação em hospitais psiquiátricos devido a traumatismos psicológicos durante a guerra. Foi o caso de Ernst Ludwig Kirchner, entre os anos 1915-1917, que sofreu sérios distúrbios emocionais que resultaram em várias internações em instituições psiquiátricas, nas quais continuou a realizar seus trabalhos artísticos.¹⁹

Entre os artistas do *Der Blaue Reiter*, deve-se à Paul Klee²⁰ o descobrimento da arte psicótica influenciando o seu trabalho do início do século XX (MACGREGOR, 1989). Acreditava que tais imagens eram profundamente importantes para o futuro desenvolvimento da arte moderna, pois, em suas palavras:

estes são inícios primitivos na arte, como aqueles que geralmente se encontram em coleções etnográficas ou em casa nos aposentos dos pequenos. Não dê risada, leitor! As crianças também detêm habilidades artísticas e há sabedoria nisso! O quanto mais vulneráveis são, mais instrutivos serão os exemplos que nos fornecem; e elas devem ser preservadas livres de corrupção desde tenra idade. Fenômenos paralelos são fornecidos pelos trabalhos dos doentes mentais; nem o comportamento infantilizado nem a loucura são vistos aqui como palavras ofensivas, como geralmente os são. Tudo pode ser considerado com muita seriedade, mais seriamente do que em todas as galerias públicas quando se trata de reformar a arte de hoje (KLEE apud MACGREGOR, 1989, p. 231).

¹⁹ O artista salientava a importância de seus desenhos produzidos na infância, quando os reproduzia ou exibia ao lado de seus trabalhos da fase adulta.

²⁰ O artista mantinha uma cópia do livro de Prinzhorn em seu estúdio, o que lhe possibilitou grande conhecimento sobre cada um dos artistas psicóticos, conhecendo-os pelo nome e seus respectivos trabalhos. Assim, de 1922 em diante identificavam-se influências no trabalho de Klee, decorrente de seu longo processo de estudo das imagens presentes na coleção de Prinzhorn (MACGREGOR, 1989).

Alfred Kubin, outro membro do grupo Der Blaue Reiter, viajou para Heidelberg em 1922 para conhecer a coleção de Prinzhorn publicando suas impressões em um pequeno artigo intitulado *The Art of the Insane*; vejamos aqui um trecho:

os trabalhos, [...] me afetaram e meu amigo amante da arte, de maneira muito forte, por meio da sua aderência oculta à ordem formal. Estávamos diante de milagres do espírito artístico, que são chamados da profundidade, livres de qualquer sobreposição intelectual, a criação e a contemplação daquilo que deve gerar a felicidade (KUBIN apud MACGREGOR, 1989, p. 235).²¹

Na consideração de MacGregor (1989, p. 237),

o fato de os pintores expressionistas encontrarem nas imagens potentes, às vezes violentas, dos loucos certos paralelos com sua própria obra, sugerindo um território espiritual ou comunidade de sentimento, não implicava que eles próprios tinham distúrbios mentais.

Anos mais tarde, a partir de 1933, a arte produzida pelo doente mental e pelo artista moderno, principalmente os expressionistas alemães, foi tachada de “Arte Degenerada” pelo nazismo – ambos os grupos passaram a ser perseguidos politicamente. Com ideologias de eugenia, as doutrinas de superioridade racial foram aplicadas contra a arte e os artistas modernos; o objetivo era identificar a arte doente e seus criadores, e purificar a cultura ariana ao destruí-las (MACGREGOR, 1989).²²

Com Jean Dubuffet (1901-1985), ao final dos anos 1940, tem-se um segundo período de intensa atração pela arte produzida pelo doente mental, uma renovação de interesses. Sua atividade como colecionador e pesquisador da arte do louco iniciou-se formalmente em 1945, a partir de coleta e estudos sistemáticos, aliados a exposições; entretanto, o seu interesse remonta à juventude quando da leitura do livro de Prinzhorn, que instigou uma visita à clínica de Heidelberg para ver as obras em primeira mão (SELZ, 1981).

²¹ Alfred Kubin foi bastante influenciado por Franz Pohl, um dos artistas presentes na coleção de Prinzhorn (MACGREGOR, 1989).

²² Por mais estranho que pareça, as idéias de Hitler foram bem recebidas pelo povo alemão e também além das fronteiras germânicas – em todos os lugares a arte moderna estava sob ataque. O ataque à arte contemporânea na Alemanha atingiu o seu ápice com a exposição *Entartete Kunst*, aberta ao público em 19 de julho de 1937, em Munique, na qual trabalhos de arte moderna e de loucos que foram expostos para humilhação e difamação pública, sendo visitada por 2 milhões de espectadores. Para saber mais, ver o documentário *Arquitetura da destruição*, de Peter Cohen.

Trazemos as palavras de Dubuffet, ao manifestar-se sobre a produção do louco, que podem ser ampliadas para as outras produções às margens da arte:

acredito que a criação de arte está intimamente ligada ao espírito de revolta. A insanidade representa uma recusa de adotar a visão de realidade que é imposta pelo costume. A arte consiste em construir ou inventar um espelho no qual todo o universo está refletido. Um artista é um homem que cria um universo paralelo, que não aceita um universo imposto sobre ele. Ele quer fazê-lo por si só. Esta é a definição da insanidade. Os loucos são indivíduos que levam a sua criatividade mais longe que os artistas profissionais, que acreditam plenamente nela (DUBUFFET apud MACGREGOR, 1989, p. 303).

De início não tinha a intenção de constituir uma coleção, apesar de interessar-se em realizar uma exposição dos trabalhos em Paris. Sua coleção era composta dos mais heterogêneos trabalhos e artistas.²³ Em seu trabalho artístico é evidente a contribuição de sua coleção; em verdade, Dubuffet procurou meios de alcançar uma linguagem puramente pessoal e imagens que refletissem o seu próprio ser. Nessa busca, encontrou-se, também, com os desenhos feitos por crianças. Em seu próprio comentário: “Nunca fui influenciado pela Arte Bruta. Fui influenciado pela independência, pela liberdade, que muito me ajudaram. Apropriei-me do seu exemplo (DUBUFFET apud MACGREGOR, 1989, p. 297).

Nas considerações de Prinzhorn (1995), a relação do trabalho do doente mental com a arte moderna possibilitou uma sucessão de diferentes reações no público interessado pelo assunto: os observadores que conviviam com o problema da representação pictórica ou que estavam ligados com a psicopatologia responderam prontamente aos trabalhos dos doentes mentais. Alguns artistas conservadores e outros expressionistas se propuseram à realização de um estudo pormenorizado sobre as peculiaridades de cada trabalho, admirando ou rejeitando vários deles. Outros nomearam as produções como ‘não-arte’, mas, mesmo assim, se detiveram às nuances. Para outro grupo de artistas, essa produção mobilizou questionamentos sobre sua própria produção, pois acreditavam ter encontrado o processo inicial e original de toda representação – pura inspiração, que qualquer artista anseia por encontrar. Muitos entraram em crise, porém, retornaram aos seus trabalhos com maior conhecimento sobre si mesmos.

²³ No ano de 1972 a coleção foi doada à cidade de Lausanne, na Suíça, sendo abrigada permanentemente no *Château de Beaulieu*, funcionando como centro de pesquisa e museu permanente da coleção; foi aberta ao público em 1976.

A produção do doente mental é valorizada por Prinzhorn (1995), que a descreve como uma necessidade de expressão instintiva, alegando que estes estão em contato, de modo irracional, com as mais profundas verdades. Destaca ainda os valores formais e construtivos dessa arte, negando qualquer tentativa de diagnóstico a partir das produções artísticas, suprimindo as biografias e as folhas clínicas dos pacientes, para não desviar a atenção do intrínseco valor das imagens. Como ele mesmo pontua:

... pessoas não treinadas com doenças mentais, principalmente esquizofrênicos, muitas vezes compõem quadros que possuem muitas das qualidades da arte séria e nos seus detalhes muitas vezes mostram semelhanças surpreendentes com os desenhos de crianças e dos primitivos, assim como daqueles que são de diversos períodos culturais. Devemos, entretanto, evitar a falácia de concluir, com base em semelhanças superficiais, que haja uma equivalência psíquica (com a arte de nosso tempo) (PRINZHORN, 1995, p. 273).

Ao dispormos um olhar atento à sua obra, percebemos que ele reforça a idéia de que o doente mental possui “possibilidades criadoras que sobrevivem às desagregações da personalidade” (FERRAZ, 1998, p. 23), trazendo questões como a inclusão da produção plástica do insano, muitas vezes similar ou superior à arte de artistas já consagrados, como manifestação artística séria e digna de respeito. Utiliza-se das mesmas palavras para caracterizar a produção do esquizofrênico e a arte séria: ambos renunciam ao mundo externo, desvalorizando sua ostentação, alterando o foco para o interior, para o seu próprio eu; pontua, entretanto, uma diferença entre as duas produções, dizendo que, para o esquizofrênico, a alienação ao mundo é determinada pelo destino, é a ele imposta, sina contra a qual ele luta por um tempo, mas depois se submete, sem forças... Passa a sentir-se familiarizado com seu mundo particular repleto de ilusões depois de algum tempo. E, para o artista contemporâneo, esse olhar para dentro de si é uma experiência que envolve decisões conscientes e racionais, com um propósito claro: lidar com qualidades psíquicas puras e personalidade autônoma.

2.2 As exposições

Por intermédio de várias exposições e também por meio de acervos, conexões entre as produções do louco, do artista moderno e também de crianças e artistas naíf puderam ser estabelecidas no cenário da época, ávido por novidades.

Ilustrando esse aspecto temos a *Exposição de Frankfurt*, em 1921, que comparou os trabalhos dos doentes mentais com desenhos infantis, dos primitivos e com a arte moderna. Em 1928, na *Galerie Vavin*, em Paris, trabalhos de doentes mentais foram expostos. No ano seguinte, na *Galerie Max Bine*, a exposição *Manifestations artistiques des malades du cerveau* reuniu 200 trabalhos produzidos por doentes mentais (alguns dos quais já haviam sido expostos na exposição de 1928), fornecidos por coleções particulares de inúmeros psiquiatras franceses, sendo que alguns estiveram à venda.

Em 1936 têm-se as aquarelas da coleção de Prinzhorn, trabalhos de doentes mentais das coleções de Paul Éluard e André Breton e fotografias do túmulo de Ferdinand Cheval e seu Palais Ideal expostas na *Fantastic art, dada and surrealism* no *Museum of Modern Art* de Nova York. Alguns dos mesmos objetos da coleção de Breton foram exibidos na *International surrealist exhibition*, em 1936, na *New Burlington Galleries* em Londres.

Do mesmo modo, na contemporaneidade os artistas da cena internacional de arte ainda recorrem à produção artística infantil (o grafismo e a pintura) e do louco como mote criativo, ou como fonte de inspiração e diálogo, sendo o caso de Jackson Pollock, Arshile Gorky, Franz Kline, Barnett Newman, Willem de Kooning e Mark Rothko, além de Jean-Michel Basquiat, Cy Twombly e Keith Haring, entre outros. Todos estes artistas “dependeram de uma forma ou de outra do retorno à infância como um reservatório de conteúdo originário” (FINEBERG, 1997, p. 209).

Em suma, percebe-se que, na Europa, tanto o desenho infantil quanto a produção do louco tiveram não apenas o reconhecimento de muitos artistas modernos desde o início do século, como motivaram coleções e mesmo diálogos com a produção artística do período.

3 Psicologia, arte e educação no Brasil

No Brasil não foi diferente, porém essa interlocução aconteceu de maneira mais tímida do que no exterior, tanto com relação às pesquisas sobre o assunto, quanto para admiradores e colecionadores da temática aqui abordada. No início do século XX os artistas, educadores e intelectuais da América Latina se voltaram para o entendimento de seu mundo, com o intuito de recuperarem e reconhecerem as culturas dos povos latinos. Segundo Gobbi (2004, p. 141), nesse período

a confluência de desejos expressa na luta pela construção de novos paradigmas, de novos olhares e produções, que procuravam a inovação e a ruptura com moldes sociais e culturais de caráter mais tradicionais, encontravam ressonância num mundo que vivenciava simultaneamente uma depressão econômica, a expansão da indústria cultural e o despontar de novos agentes sociais de origens sindicais, corporações, museus e salões como espaços aglutinadores da divulgação desse novo jeito de ser e estar no mundo, com olhares menos colonizados e em busca de uma identidade nacional de expressão criadora e criativa.

Neste contexto, artistas, intelectuais e cientistas brasileiros procuraram se atualizar com as descobertas e publicações estrangeiras, principalmente aquelas desenvolvidas na Alemanha e na França, dirigidas à produção artística do doente mental. Dessa maneira, passaram a tomar conhecimento das novas tendências, acompanhando a “eclosão da estética modernista, das descobertas e do desenvolvimento científico, principalmente no campo da psiquiatria, psicologia e psicanálise” (FERRAZ, 2002, p. 12).

Alguns momentos foram chaves na caracterização da história da formação do artista no Brasil, segundo Barbosa (1978). Em síntese, podemos citar a criação da Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro e a Missão Francesa como eixos que constituíram uma sólida tradição acadêmica. A realização da *Semana de Arte Moderna* em 1922 veio como uma ruptura dos padrões estabelecidos no Brasil colônia. Não houve propriamente um período de transição entre a formalidade da produção plástica brasileira acadêmica e da expressividade dos artistas da *Semana de 1922*. Todavia, a chegada do pintor expressionista Lasar Segall, no ano de 1913, o artigo de Oswald de Andrade, intitulado *Em prol de uma arte nacional*, publicado em 1917, e a exposição da artista Anita Malfatti, ocorrido também no ano de 1917 têm importante papel ao preparar, mesmo que timidamente, para o ideário moder-

nista que viria a eclodir em 1922. Segundo Barbosa (1978, p. 32), entretanto, “[...] estes acontecimentos pré-modernistas não tiveram nenhuma influência sobre a sistemática do ensino de Arte na escola primária, secundária e superior”. O ambiente educacional da época, segundo Coutinho (2002), se mostrava impermeável às novas abordagens estéticas. Percebe-se que a “modificação do olhar dos adultos educadores e pais em relação a essa produção aconteceu lentamente” (COUTINHO, 2002, p. 62).

Para entendermos o percurso da arte-educação brasileira é necessário voltar alguns anos, justamente quando se inicia o interesse por ela. A preocupação com arte-educação no Brasil começou somente no fim do século XIX – mais precisamente, entre 1885 e 1895 – com o primeiro surto industrial que alcançou o país, que reforçou o ideal da educação para o progresso da nação. O estudo e a aprendizagem do desenho estavam ligados ao processo de industrialização, assim como nas escolas da Inglaterra, França e outros países europeus.

É importante notar também que São Paulo, desde o século XIX, estava sofrendo grande processo de europeização – pois em crise, a Europa exportava emigrantes de diferentes nacionalidades para o nosso país. Com o avanço da economia cafeeira, já nos anos 1920²⁴, atraídos por um fabuloso acúmulo de recursos e oportunidades na indústria e comércio, ou mesmo vislumbrando a possibilidade de enriquecimento, multidões de famílias e indivíduos se dirigiram a São Paulo, provenientes das mais diferentes partes do Brasil e do mundo. O que se via em São Paulo nessa época era uma “correria sôfrega para escavar raízes tradicionais e restabelecer uma ‘memória’ de tinturas coloniais; um empenho pelo resgate e identificação com uma cultura popular [...]” (SEVCENKO, 1992, p. 255).

Neste mesmo ambiente, preocuparam-se em criar um amplo programa educacional, principalmente de alfabetização, para assimilação dos imigrantes, dada a necessidade de formar mão-de-obra qualificada num período de grande desenvolvimento econômico. Os críticos de arte também passaram a operar papel importante em toda essa constituição histórica do ensino do desenho nas escolas e

²⁴ Foi Fernando de Azevedo o responsável pela criação e execução da mais bem sucedida reforma educacional que abrangeu todo o estado de São Paulo na década de 1920, sob o governo do presidente do estado Washington Luís. O programa foi considerado tão eficiente que a intenção era impô-lo ao resto do país. O plano não pôde ser concretizado em virtude da crise do café de 1929, que destruiu o domínio paulista. “Ainda assim, o presidente Getúlio Vargas, após o golpe de Estado de 1930, faria amplo uso dos princípios e das experiências do professor Fernando de Azevedo” (SEVCENKO, 1993, p. 80).

também pela construção de uma infra-estrutura cultural e artística para a sociedade. Assim, o clamor

por um museu de artes, uma galeria de artes do município, por escolas públicas de artes adquire uma intensidade que se assemelha à das campanhas por um estádio monumental poliesportivo. A ‘educação artística’ passa a ser vista como um imperativo equivalente à ‘educação física’ (SEVCENKO, 1992, p. 97).²⁵

Segundo Barbosa (1978), desde a implantação do desenho nos programas educacionais brasileiros, no século XIX, e nas duas primeiras décadas do século XX, coexistiam duas orientações distintas no mesmo sistema: de um lado o desenho técnico, fundamentado na geometria (relacionado às disciplinas ditas ‘científicas’ para auxiliar na formação de uma mão-de-obra especializada para a indústria em crescimento). De outro, os programas de desenho com orientações estéticas, preocupados com aspectos ornamentais, utilizaram-se de metodologia de cópia de estampas ou desenho natural. Esta orientação estava carregada de conceitos e preconceitos da metodologia utilizada na Escola de Belas Artes, de influência francesa, responsável pela formação de especialistas na matéria. Ora uma ou outra predominavam nas reformas educacionais, que procuravam adequar e atualizar o sistema de ensino nos diferentes níveis de educação, predominantes desde o final do século XIX até as duas primeiras décadas do século seguinte.

O ensino de desenho naquela época, em escolas primárias e secundárias, acabou adquirindo um sentido utilitário, de preparação técnica tanto para o trabalho que era desenvolvido em fábricas, quanto para serviços artesanais. O processo de aquisição de conhecimento se baseava em modelos e bases de pensamentos desenvolvidos pelos adultos, pautando-se em um ensino bastante “mecanizado, desvinculado dos aspectos do cotidiano, e com ênfase exclusivamente no professor, que ‘passa’ para os alunos ‘informações’ consideradas verdades absolutas”

²⁵ Com relação à prática da educação física nas escolas, Sevcenko (1993, p. 82) coloca: “[...] para tornarem-se velozes e adaptadas às modernas fontes de energia, as pessoas tinham de ser fisicamente condicionadas e psicologicamente motivadas. Foi para isso que os esportes modernos foram inventados. Não causa surpresa, portanto, o fato de que no momento em que alcançou sua fase de crescimento urbano mais acelerado, logo depois da Primeira Guerra Mundial, São Paulo tenha experimentado um espantoso *boom* dos esportes. A cidade toda se transformou num gigantesco estádio polivalente. Todas as praças, jardins públicos e parques foram tomados por filas disciplinadas de jovens atletas que praticavam exercícios físicos, movimentos coordenados e ginástica sueca. [...] Não é preciso dizer que a educação física foi imposta pelas autoridades no currículo das escolas primárias, tornando o atletismo e a ginástica uma rotina diária para os pequenos alunos e alunas”.

(FERRAZ, FUSARI, 1992, p. 23). Assim, era valorizado “o traço, o contorno e a repetição de modelos que vinham geralmente de fora do país; o desenho de ornatos, a cópia e o desenho geométrico [...]” (FERRAZ, FUSARI, 1993, p. 30). Segundo Ferraz e Fusari (1992, p. 25),

o desenho de ornatos e o desenho geométrico eram considerados ‘linguagens’ úteis para determinadas profissões, e quando transformados em conteúdos de ensino dava-se ênfase aos seus aspectos técnicos e científicos. Os professores exigiam e avaliavam esse conhecimento dos alunos empregando métodos que tinha por finalidade exercitar a vista, a mão, a inteligência, a imaginação (memória e novas composições), o gosto e o senso moral.

As informações sobre o desenvolvimento do grafismo infantil começaram a chegar às escolas normais apenas na década de 1920. Porém, tal conhecimento não foi difundido nas disciplinas de Desenho nem em outras referentes ao campo das artes, mas sim ao campo da psicologia e da pedagogia experimental²⁶. Temos notícia das primeiras pesquisas realizadas no Brasil, que reconhecem e conceituam o desenho da criança, desenvolvidas nos recém criados laboratórios de pedagogia experimental ligados às escolas normais, como foi o caso de São Paulo (1914) e de Pernambuco (1925), ou mesmo como tese de cátedra da Escola Normal, no Rio de Janeiro (1929), ou ainda como curso e reforma da Escola Normal de Minas Gerais (1930). O segundo momento de produção e sistematização de pesquisas sobre o desenho da criança, em um contexto científico, só veio a acontecer mais tarde, nas décadas de 1980 e 1990 (COUTINHO, 2002).²⁷

Já ao final da década de 1920, início da década de 1930, por ocasião de uma grande crise de ordem política e social que afligia o país, novas reformas educacionais foram estabelecidas: a idéia de “livre-expressão” alcançava a escola pública. Chegavam ao Brasil os reflexos da Escola Nova, com origens no final do século XIX na Europa e Estados Unidos – “tendo como princípio unificador a ade-

²⁶ Segundo Coutinho (2002, p. 61), “a publicação de 1914, com título Laboratório de Pedagogia Experimental sobre a implantação e as primeiras pesquisas no Gabinete de Psicologia e Antropologia Pedagógica que funcionava anexo à Escola Normal de São Paulo, apresentava o resultado de vários trabalhos que usavam o desenho infantil [...]”.

²⁷ Temos, no início da década de 1930, com Sylvio Rabello (educador, professor de psicologia e pesquisador), em Pernambuco, a publicação de suas pesquisas em separatas, referentes à temática aqui abordada: *Aplicação dos testes decrolyanos de desenho* (1931); *Características do desenho infantil* (1934); *A percepção das cores e das formas entre as crianças de 3 a 11 anos* (1934); *Pesquisa sobre a noção do tempo entre as crianças de 3 a 10 anos* (1935). Em 1935 Rabello publicou o seu primeiro livro, pela Companhia Editora Nacional de São Paulo, intitulado *Psicologia do desenho infantil*.

quação dos métodos de ensino às necessidades dos indivíduos em cada etapa do seu desenvolvimento” (COUTINHO, 2002, p. 4).²⁸ Com o intuito de reformar e transformar o deficiente sistema de educação brasileiro, a pedagogia Escolanovista foi disseminada a partir dos anos 1950/60, com as escolas experimentais (BARBOSA, 1985; FERRAZ, FUSARI, 1992, 1993).

O movimento se opunha diretamente à educação tradicional, propondo experiências que levassem em consideração os interesses, motivações e necessidades individuais dos alunos, através de diferentes métodos e atividades motivadoras das experiências artísticas – dessa maneira, o processo passava a ser o mais importante, e não o produto. Caracterizava-se como uma pedagogia essencialmente experimental, fundamentada nos experimentos e testes da pedagogia científica e da psicologia. Dessa maneira, os professores “passaram a trabalhar com diferentes métodos e atividades motivadoras das experiências artísticas, centradas nos interesses e temas individuais dos alunos, que se transformavam depois em conteúdos do ensino” (FERRAZ, FUSARI, 1992, p. 36). Nessa perspectiva, a criança era vista como ser criativo, e, por isso, havia a preocupação de prover os estímulos necessários para que ela pudesse se expressar artisticamente. O *aprender fazendo* capacitaria a criança a “atuar cooperativamente na sociedade” (FERRAZ, FUSARI, 1992, p. 36).

O Estado Novo iniciou uma forte repressão ao campo educacional quando o movimento escolanovista atingia o seu auge: muitos professores foram perseguidos ou despedidos, sustando o progresso da educação. Somente depois da queda de Getúlio Vargas é que a educação foi colocada novamente em foco, numa grande campanha para sua recuperação.

Justamente neste período de renovação da educação nacional, apesar de toda essa impenetrável atmosfera, materializando grande parte dessas questões tão prementes na época, emergiram alguns exemplos contrários que despontaram dentro da paisagem brasileira, mais precisamente em São Paulo. Médicos, intelectuais, educadores e artistas, engajados no movimento modernista, começaram a se reunir com o objetivo de promover discussões e ações culturais coerentes “com os problemas culturais e sociais da época” (ZANINI, 1991, p. 38). Tais personagens contribuíram com suas experiências no campo da educação, ampliando o olhar sobre a produção artística da criança, interessaram-se “[...] por seus processos

²⁸ Importantes filósofos e educadores contribuíram para a difusão destas idéias, como John Dewey, Maria Montessori, Ovídio Decroly e Celestin Freinet (COUTINHO, 2002).

mentais, seu mundo imaginativo, passando até mesmo a colecionar os desenhos infantis” (FERRAZ, FUSARI, 1992, p. 31-32).

Osório Cesar foi um desses exemplos, e, vislumbrando a riqueza gráfica e plástica das produções dos doentes mentais internos no Hospital Psiquiátrico do Juqueri, foi o primeiro a empenhar-se a estudá-las, metodizar suas observações e divulgá-las para o mundo (FERRAZ, 1998). O médico psiquiatra, músico e crítico de arte, interessava-se em ampliar seus conhecimentos sobre a arte dos alienados, observando-os trabalhar, e, não pensando em estudar a arte do louco isoladamente, comparou-a com as manifestações artísticas das crianças e dos primitivos.

Reunindo seus conhecimentos artísticos e científicos publicou, em 1925, *A Arte Primitiva nos Alienados*; essa obra introduziu na sociedade paulistana as primeiras noções sobre a arte dos loucos, “afirmando que a arte produzida pelos loucos tem uma estética própria, que inclui deformações e distorções figurativas, com caráter simbólico e pode ser comparada com a ‘estética futurista’” (FERRAZ, 1998, p. 45). Suas publicações a respeito do tema prolongam-se para anos seguintes, a saber: *A Expressão Artística nos Alienados*, editado em 1929, contendo 84 ilustrações e prefácio de Cândido Mota Filho, no qual analisou psicanaliticamente as produções expressivas de pacientes do Hospital do Juqueri, considerada obra de grande importância sobre a questão da arte dos loucos no Brasil. E, em 1934 publicava também *A Arte nos Loucos e Vanguardistas*, comparando a estética do louco e do artista moderno.²⁹

Osório Cesar realizou um estudo comparativo sobre a manifestação artística de grupos “cuja característica seria o simbolismo, a espontaneidade e a apresentação de aspectos particulares na formalização de suas representações” (FERRAZ, 1998, p. 46), como a arte dos loucos, da criança, dos povos primitivos (indígenas, povos pré-históricos) e a arte primitiva (arte medieval, japonesa, africana). A este respeito Cesar (1948, republicado em Zanini, 1981) deixa anotado que:

na realização de seus trabalhos artísticos, os doentes decompõem a realidade em combinações arbitrárias, alterando assim as normas de nossas representações visuais. Constroem um mundo novo de representações e de imagens, adaptando-a a seu modo. O ritmo e a estilização são marcantes nessas obras. A estilização de seus desenhos assemelha-se à das crianças e à dos primitivos. O ritmo é estereotipado (p. 45).

²⁹ Publicação da conferência proferida por Osório Cesar no “Mês das Crianças e dos Loucos”, no Clube dos Artistas Modernos, em 1933.

Refletiu sobre o conceito de loucura mostrando-se atento e profundo conhecedor das muitas publicações estrangeiras sobre arte e o doente mental, como os trabalhos de Lombroso, Morselli, Julio Dantas, Morgenthaler e principalmente Prinzhorn.

Na década de 1920, tem-se o trabalho do professor alemão Wilhelm Haarberg, que trabalhava e dava aulas em São Paulo. Em 1921, Mário de Andrade conheceu o professor, e, tamanha foi sua admiração com o trabalho, que convidou-o para fazer parte da *Semana de Arte Moderna* de 1922. Acerca disto, comentou Mário de Andrade na Revista do Brasil de fevereiro de 1923:

além de artista o Sr. Haarberg é excelente professor. Imprimiu uma orientação clarividente ao seu curso de plástica na Escola Alemã, e os trabalhos expostos de seus pequeninos alunos deram à exposição uma de suas mais vivas atrações. Com que tristeza me pus a comparar esta gente mal instruída brasileira, que não pode ver um desenho sem perguntar ‘onde estão os olhos?’, com esses meninos educados na justa noção, capazes de compreender a escultura como o jogo da luz e volume! ... Amargor! Mas, não faz mal! O sentimento de humanidade vencerá talvez um dia o preconceito das pátrias restritas. Esses meninos serão homens em breve; e é pelo exemplo de espíritos assim educados que o gosto artístico da humanidade progredirá (ANDRADE apud COUTINHO, 2002, p. 63).

Outro exemplo especial no ambiente artístico, estético e educacional de São Paulo, se pauta em Anita Malfatti, que, nos anos de 1929 e 1930, deu aulas para crianças em seu ateliê e atendia aos filhos da elite paulistana na Escola Americana Mackenzie (Mackenzie College), criada no fim do século XIX, em São Paulo. Numa época em que ainda havia pouca preocupação com os trabalhos em arte de crianças e jovens, Anita já desenvolvia um trabalho pioneiro, dando-lhes liberdade criativa, estimulando-os a aprender a partir do que realizavam. Entretanto, não deixava de se apoiar nas propostas, então em voga, dos programas oficiais de desenho, como vemos a seguir:

as idéias modernistas da ‘imaginação criadora’ da criança, da linguagem do desenho como linguagem universal, acessível a todos e o preconceito contra a técnica estavam entranhados na artista/ professora que ao mesmo tempo se propunha a seguir um plano de aulas estruturado sequencialmente a partir das dificuldades encontradas talvez em seu próprio aprendizado (COUTINHO, 2002, p. 65).

Nesta época surgem também as primeiras tentativas de escolas de arte como atividade extracurricular, voltadas para crianças e adolescentes em várias cidades do Brasil, “[...] em geral orientados por artistas que tinham como objetivo liberar a expressão da criança fazendo com que ela se manifestasse livremente sem interferência do adulto” (BARBOSA, 2003, p. 2). No início da década de 1930, em São Paulo, foi criada a Escola Brasileira de Arte, por Theodoro Braga, na qual crianças de 8 a 14 anos podiam estudar gratuitamente conteúdos de música, desenho e pintura. Anos mais tarde, já em 1947, foi criada a escola de Lula Cardoso Ayres em Pernambuco, tendo uma curta existência, baseando-se em prover lápis, papel e tinta à criança e deixá-la exprimir-se livremente. Outro pernambucano, Augusto Rodrigues, criou a Escolinha de Arte do Brasil, em 1948, que funcionava nas dependências de uma biblioteca infantil no Rio de Janeiro. A escola assemelhava-se a uma espécie de ateliê, no qual as crianças eram livres para desenhar e pintar, refletindo o clima de “reafirmção expressionista que dominava o pós-guerra” (BARBOSA, 1985, p. 14). Além das suas classes de arte para crianças, adolescentes e adultos, a Escolinha também se tornou um centro de treinamento para professores de arte, estimulando a criação de novas escolas em diversos estados do país (por volta de 1958, justamente quando o governo federal permitiu a criação de classes experimentais na escola primária e secundária, já existiam quase 20 escolinhas no país). Rodrigues afirmava que a idéia de sua escola surgiu a partir de uma visita à mostra internacional de desenhos de crianças realizada no Rio de Janeiro – organizada por Marion Richardson e apresentada por Herbert Read. Naquele mesmo ano foi criado o Clube Infantil de Arte do Museu de Arte de São Paulo por Suzana Rodrigues, ex-mulher do educador Augusto Rodrigues, ligado também à criação de escolinhas de arte pelo Brasil conjuntamente com outras pessoas, como: Margaret Spencer, Lúcia Valentim e Noêmia Varela.

Já a coleção de desenhos de Mário de Andrade³⁰, estudada por Coutinho (2002) em sua tese de doutorado, situa-se historicamente no primeiro momento de interesse de pesquisadores brasileiros sobre a produção plástica da criança. Os desenhos da coleção foram reunidos entre 1927 a 1942, sendo constituída por desenhos de crianças e jovens com idade entre 3 e 16 anos e, no total, são 2.160 desenhos de procedências diversas: cerca de metade é proveniente de diferentes ambientes escolares e de doações de amigos e familiares; a outra metade des-

³⁰ A coleção de desenhos hoje se encontra no Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB/ USP), acondicionada em 16 caixas, disponíveis para consulta.

ses desenhos foi produzida para concursos idealizados por Mário de Andrade em 1937.³¹ Seu objetivo, por meio dos concursos, era aprofundar suas pesquisas e ter controle sobre a produção dos desenhos que colecionava e observava – esta foi a oportunidade de sistematizar e legitimar sua pesquisa sobre o grafismo infantil. Entretanto, percebeu-se que a produção resultante do concurso de desenhos indicava muito mais o estado de aprendizagem do desenho das crianças do que um exercício de liberdade de expressão. Isso porque desenhar para um concurso é bem diferente de desenhar entre amigos ou por prazer: uma situação de competição acaba induzindo a criança a recorrer a esquemas pré-estabelecidos e aprendidos em aula, pois seriam mais facilmente aceitos, tolhendo as tentativas de criação e pesquisa (COUTINHO, 2002).

Durante a década de 1930, Flávio de Carvalho também reuniu desenhos de crianças procedentes do Abrigo de Menores em Trânsito, do Grupo Escolar Rodrigues Alves, da Escola da Vida e do Hospital do Juqueri. O artista também colecionou regularmente trabalhos plásticos de pacientes psiquiátricos, sobretudo esculturas e pinturas.

Em 24 de novembro de 1932 foi fundado o Clube dos Artistas Modernos (CAM)³², que atraiu personalidades do campo da arte e também da ciência, com vistas a organizar uma série de atividades notáveis e inéditas na paisagem cultural paulistana. Dentre as atividades organizadas pelo Clube, o “Mês das Crianças e dos Loucos” sobrepujou todas: o evento foi capaz de concretizar o interesse do mundo da arte e da psicologia acerca da justaposição do desenho da criança e do louco. O “Mês das Crianças e dos Loucos” – inaugurado em 28 de agosto de 1933, em São Paulo, organizado por Flávio de Carvalho e Osório Cesar – compreendeu duas vertentes importantes e complementares: a exposição de trabalhos plásticos feitos por crianças e por doentes mentais, e uma série de conferências relacionadas ao assunto, proferidas por especialistas.

Em 1933 foi criada a Biblioteca Infantil pela Professora Lenyra Fraccaroli, do Instituto Caetano de Campos, que, em 1936, foi incorporada ao Departamento

³¹ Quando à frente do Departamento de Cultura do Município de São Paulo, Mário de Andrade organizou dois concursos, um de Desenho e outro de Figurinhas de Barro. No ano seguinte, alguns dos desenhos vencedores foram incluídos no curso de Filosofia e História da Arte, ministrado por Mário de Andrade no Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal do Rio de Janeiro, como material de leitura e de comparação com a arte primitiva.

³² O artista Flávio de Carvalho (1899 – 1973) foi o líder do grupo, e Antonio Gomide (1895 – 1967), Carlos Prado (1908 – 1992) e Di Cavalcanti (1897 – 1976) foram os colaboradores na constituição do CAM.

de Cultura. Além das atividades inerentes a uma biblioteca, ela propunha atividades recreativas e educacionais (sessões de cinema, torneio de jogos, excursões culturais a museus e instituições de ensino, audição de músicas clássicas e regionais). No período de 1936 a 1939, as crianças, em sua maioria, vinham dos ginásios e grupos escolares da capital, sendo grande parte filhos de funcionários públicos, comerciantes e profissionais liberais, e, em menor número, filhos de operários.

Entre maio de 1935 e julho de 1938 foram constituídos os chamados Parques Infantis do Departamento de Cultura do Município de São Paulo, dedicados aos filhos do operariado paulistano, do qual Mário de Andrade foi um dos idealizadores e seu primeiro diretor. Tratou-se de um espaço onde a arte era vista como direito cultural, pois promovia a convivência de crianças de diferentes idades, a partir dos três anos. Neste ambiente, havia amplas oportunidades para o brincar, construindo uma cultura infantil também ligada ao folclore nacional. Calcados nas idéias da pedagogia científica e da Escola Nova, intencionavam estudar a criança, seu universo e sua cultura, sendo possível colher material que fosse posteriormente avaliado e divulgado para os interessados através de uma publicação específica.

Vivia-se numa época de discussão sobre as relações entre o mundo psicológico e o artístico na infância – na qual se buscava a criatividade e a flexibilidade, com o objetivo de se configurar espontaneamente tudo o que fosse tocado. Uma época em que se intencionava a confluência de desejos pela construção de novos valores, demolindo antigos paradigmas. Novos olhares e produções rompantes com os moldes culturais tradicionais da época, em busca de uma identidade nacional criativa – é isso que intelectuais e educadores de arte almejavam.

4 Contextualização histórica e cultural da sociedade paulistana

Compreender o significado do “Mês das Crianças e dos Loucos” requer uma volta à atmosfera sociocultural dos anos trinta na cidade de São Paulo. Os anos 1920 e 1930 no Brasil e no mundo³³ são marcados por rupturas, em que os

movimentos sociais, políticos e culturais refletem as mudanças da política internacional e as vanguardas européias. Trata-se de um período de inquietação também marcado por idéias reformistas que alcançam o domínio das artes, culminando com o Modernismo artístico e literário (FERRAZ, 1998, p. 35).

Subproduto da rápida expansão das lavouras de café no interior do estado, São Paulo sofreu nas duas primeiras décadas do século XX um grande crescimento industrial adjunto a um *boom* do crescimento demográfico e econômico, exigindo um novo conjunto de reformas urbanas (SEVCENKO, 1993). Esse movimento é decorrente da chamada Segunda Revolução Industrial, ou Revolução Científico Tecnológica (1870), que provocou inúmeras mudanças no mercado de bens primários. Trouxe grandes avanços tecnológicos que levaram à utilização de novas fontes de energia (petróleo, gás e eletricidade), fazendo com que o investimento capitalista crescesse em volume e amplitude, permitindo, assim, a criação de modernos complexos industriais, baseados na administração científica e na linha de montagem. Sua extensão foi global: buscou por matérias primas e novos mercados nas regiões mais remotas do planeta, ainda intocadas pelo capitalismo. O Brasil vivia uma situação de otimismo, e São Paulo adquiria lugar de vanguarda no conjunto nacional.

Nesta paisagem, dentro de um sistema capitalista com suas desigualdades sociais, ocorreram migrações em massa – numa escala jamais vista antes na história. Os imigrantes provenientes das mais diferentes partes do Brasil e do mundo buscavam São Paulo com a esperança de encontrar trabalho.

Forçadas pela superexploração e pela pobreza extrema dela decorrente, essas massas encaminharam-se para as novas fronteiras da expansão capitalista, como plantações, zonas de mineração ou áreas industriais concentradas e de crescimento rápido, e aí se estabeleceram aos milhões, dando origem às megalópoles do século XX. São Paulo, em si mesma

³³ Ver Amaral (1984), p. 382-385.

um subproduto das lavouras de café, foi um exemplo assombroso dessas megalópoles que se multiplicaram rápida e inesperadamente, como cogumelos após a chuva (SEVCENKO, 1993, p. 82).

A cidade de São Paulo parecia uma colcha de retalhos cosmopolita³⁴ e o seu processo de crescimento foi caótico; nas palavras de Velloso (1993, p. 92), “mais do que qualquer outra região, o estado paulista vive diretamente os impactos da imigração européia [...]”.

Partindo da conjectura que a presença maciça e a ascensão irrefreável dos imigrantes em São Paulo (envolvidos, principalmente, com indústria e comércio) se apresentavam como uma grande ameaça contra a província, nulificando os valores, costumes e cultura brasileira, com o intuito de salvaguardar sua memória, foram iniciados programas de afirmação da nacionalidade. *Slogans* encorajadores como “assimilamos ou seremos assimilados” e outros “recheados com a imagem do moderno” (SEVCENKO, 1993, p. 87) eram distribuídos para toda a população paulista e paulistana, incluindo os imigrantes. Foram criados *slogans* que persistem até o presente, como: “‘São Paulo não pode parar’, ‘São Paulo é a locomotiva do Brasil’, ‘São Paulo é a capital do progresso’, ‘São Paulo é uma montanharussa [sic]’” (SEVCENKO, 1993, p. 87).

Envolto neste clima de “intensa agitação social, política e intelectual nasce o movimento modernista, procurando expressar, simbolicamente, o fluxo da vida moderna” (VELLOSO, 1993, p. 92). E cabe a São Paulo o papel de corporificar o espírito da modernidade.

Por conseguinte, as novas possibilidades geradas no decorrer da década de 1920 prepararam todo um cenário cultural na cidade de São Paulo, consolidando-a como pólo cultural. Surgem novos espaços para exposições (enquanto que outros são improvisados em hotéis, livrarias, casas comerciais e até cinemas), que ocorreram quase sem interrupção, todas com público interessado em visitá-las e também em comprar obras (SEVCENKO, 1992). Exposições de maquetes, pintura, escultura, concertos, conferências e livros ocorriam no Palácio das Indústrias e na Pinacoteca, demonstrando que São Paulo amava a arte e que, de fato, era uma capital artística. Vemos a emergência de um novo público urbano, adinheirado, que

³⁴ Naquela época, a população se compunha de descendentes de povos indígenas originais; ex-escravos fugidos das fazendas; escravos libertos (com a extinção da escravidão e seus descendentes), mestiços ou não; populações advindas das áreas norte e central; diferentes povos europeus, com destaque para os italianos, portugueses, espanhóis, alemães e eslavos; imigrantes árabes, turcos, armênios, israelitas; além dos orientais, como chineses e japoneses (SEVCENKO, 2000).

buscava apressadamente sinais de distinção que os destacassem tanto do vulgo como daqueles que, tendo os recursos, tinham escasso interesse e pouca informação artística. [...] Essa gente nova sabia o que queria ver, mas não tinha a menor idéia de com o que o objeto do seu desejo parecia. Os artistas e críticos são postos em xeque para darem forma a essa ansiedade visível, mas sem contorno (SEVCENKO, 1992, p. 96-97).

Os críticos de arte passaram a operar uma campanha ruidosa para forçar as autoridades da cidade a dotarem-na de uma infra-estrutura de arte “capaz de permitir uma rotatividade mais intensa e ampla de artistas, obras e tendências, além de garantir a referência básica de substanciosos acervos permanentes” (SEVCENKO, 1992, p. 97).

Já no início da década de 1930, quando outra crise político-social assolava o país – lembremos da crise econômica de 1929, o colapso da cafeicultura e o golpe em 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder –, São Paulo vivia as contradições de uma época em transição, com focos de vanguarda, responsáveis pelo desenvolvimento de uma série de atividades notáveis e inéditas, em meio a uma paisagem modorrenta e repreendida que resistia aos movimentos culturais internacionais da modernidade. Promovia-se, então, o desenvolvimento de uma “cultura essencialmente crítica, voltada, sobretudo para a investigação e denúncia das tradições autoritárias e das estruturas de discriminação e opressão social” (SEVCENKO, 2000, p. 100).

4.1 A psicanálise e os psiquiatras

Ainda imersos neste clima de grandes rupturas, num período de inquietação, tem-se a entrada da psicanálise num campo de forças divergentes, antagônicas e inconciliáveis, levando a dois modos distintos o uso instrumental da psicanálise: “de um lado, o discurso psiquiátrico-higienista, com sua leitura reformista e universalizante da psicanálise; de outro, o discurso da vanguarda modernista, com a leitura da subversão dos códigos estabelecidos e da busca de singularidade” (FACCHINETTI, 2003, p. 115).

Se na Europa do começo dos anos 1920 a psicanálise encontrou muita resistência de médicos e psiquiatras, no Brasil não foi diferente. Entretanto, mesmo aqui, existiram exceções à resistência da psicanálise, e esta se desenvolveu como projeto institucional em São Paulo quase simultaneamente à França, Alemanha, In-

glaterra e Estados Unidos – quatro países onde se criaram os primeiros centros de formação e sociedades psicanalíticas nos anos 1920 (SAGAWA, 2002).

Evidenciando a sincronia com o movimento psicanalítico internacional, temos, em São Paulo dos nos anos 1920, o destaque da já consolidada da Colônia do Juqueri e a criação da seção paulista da Liga Brasileira de Higiene Mental, que atuou de forma muito ativa, promovendo campanhas públicas para atingir toda a população. A Sociedade Brasileira de Medicina e Cirurgia de São Paulo passou a ser um importante fórum de debates científicos e profissionais e a Faculdade de Medicina, criada na década anterior, foi a principal propulsora do fornecimento sistemático de novos médicos.

Em 24 de novembro de 1927, tem-se a fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise, sob a liderança dos psiquiatras Franco da Rocha e Durval Marcondes. Seguindo os moldes da *International Psychoanalytical Association* (IPA), fundada por Freud e seus discípulos em 1920, a Sociedade Brasileira de Psicanálise tinha o objetivo de “reunir as pessoas interessadas no estudo da teoria freudiana e fazer a divulgação dessas idéias” (MARCONDES apud SAGAWA, 2002, p. 26-27), através de palestras, cursos e artigos na imprensa local.³⁵ Pela Sociedade, foram realizadas algumas palestras, sendo bem freqüentadas por figuras notórias da sociedade local, como intelectuais e artistas, entre eles podemos citar: Olívia Guedes Penteado, Tarsila do Amaral, Pepita Guedes Nogueira, dona Noêmia Nascimento Gama (grande declamadora de versos), Sr. e Sra. Benjamin Pereira. Após três anos de existência a Sociedade encerrou suas atividades, não cabendo aqui discutir o porquê.

Na década de 1930 surgem ou ganham forte impulso várias outras instituições médicas especializadas, como: a Liga Paulista de Higiene Mental, a Polyclínica Geral (instituição privada), a Seção de Higiene Mental Escolar, o Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), entre outras.

Cabe destacar o papel particular dos programas higienistas no país, por conta do seu enfoque educacional e preventivo. Embora a denominação Liga de Higiene Mental fosse comum a várias associações, havia independência entre elas

³⁵ Na primeira reunião da Sociedade, segundo Sagawa (2002), foi eleita a seguinte diretoria provisória: presidente, Prof. Dr. Francisco Franco da Rocha; vice-presidente, Prof. Dr. Raul Briquet; secretário, Dr. Durval Marcondes; tesoureiro, Prof. Lourenço Filho. Inscreveram-se 24 sócios e, entre eles, diversos professores universitários (Flamínio Fávero, A. de Sampaio Dória), médicos psiquiatras (James Ferraz Alvim, Pedro de Alcântara, Osório Cesar, A. de Almeida Junior etc.) e intelectuais (Menotti del Picchia, Cândido Motta Filho).

quanto às bases ideológicas, bem como quanto às ações abraçadas e às políticas públicas promovidas. A Liga Brasileira de Higiene Mental foi criada no Rio de Janeiro de 1922; a Liga Paulista de Higiene Mental, em São Paulo, foi fundada por Antônio Carlos Pacheco e Silva em 1926 com sede no Hospital do Juqueri; a Liga de Higiene Mental de Pernambuco, por sua vez, foi fundada em 1933 pelo psiquiatra Ulisses Pernambucano. Foi por meio dessas ligas que a campanha higienista pôde constituir alicerces para propor metas de prevenção, tendo a infância como “lugar privilegiado de profilaxia” (PATTO, 2004, p. 206). Segundo a pesquisadora,

em se tratando do Brasil, tudo indica que a campanha higienista foi, em grande medida, parte de um projeto político de ‘salvação da nacionalidade’ e de ‘regeneração da raça’, verdadeira obsessão que tomou conta de nossos intelectuais e especialistas em decorrência das perspectivas sombrias trazidas a um país mestiço pelas teorias raciais geradas na Europa e assimiladas a partir do Segundo Império (PATTO, 2004, p. 205).

O movimento higienista priorizou ações voltadas para a infância por meio da qual seria possível atuar na prevenção. Os projetos de prevenção e reabilitação na infância incluíram, segundo Patto (1994, p. 206):

divulgação de princípios da puericultura; mudanças na legislação referente aos ‘menores’; criação de instituições de assistência e educação de crianças pobres e ‘menores abandonados’; tratamento e educação especial de ‘menores anormais’; reforma de ‘menores delinquentes’; ensino escolar primário para as crianças ‘normais’.

A ideologia higienista, em algumas bases, promoveu princípios de eugenia propondo a eliminação de fatores entendidos como corruptores que poderiam contaminar e propagar a degeneração humana. A Liga Paulista de Higiene Mental, criada na década de 1920, promoveu campanhas de saúde pública, mas a gestão de Pacheco e Silva marcou uma posição claramente pró-nazista, como afirma Saggawa, (2002, p. 54):

durante a ditadura do Estado Novo, [a Liga Paulista de Higiene Mental] apoiou e aderiu abertamente ao nazismo. Sem prestar assistência direta aos alienados mentais, a Liga pretendeu ser uma entidade de propaganda dos ideais de Higiene Mental. Nesse sentido, tendeu a adquirir militância política, inclusive porque Pacheco e Silva exerceu poder no âmbito legislativo. Em 1934, foi um dos dezessete deputados indicados, pelos representantes patronais da Associação Comercial de São Paulo, para compor a Assembléia Nacional Constituinte. Nesta, teve ativa participação para

estabelecer uma política de 'higiene social', na qual se incluiu a eugenia, visando, entre outros objetivos, ao 'aperfeiçoamento da raça'.

Em meio à turbulência da consolidação das especialidades médicas que atuavam na saúde mental, profissionais do campo da medicina se aliavam em frentes favoráveis e contrárias à psicanálise. Na Associação Paulista de Medicina, criada em 1930,

os médicos trataram a Psicanálise como algo aberrante que foi exercido na clínica somente por um médico, mesmo contando com o apoio nacionalmente respeitável de Franco da Rocha. Nesse fórum de especialistas, a Psicanálise foi dispensada de merecer qualquer consideração ou legitimidade científico-profissional, embora não tenha sido possível impedir Durval Marcondes de apresentar ali comunicações clínicas e científicas (SAGAWA, 2002, p. 42).

Enquanto isso, a psicanálise conseguiu mobilizar o interesse de leigos (SAGAWA, 2002, p. 33). A psicanálise foi divulgada em rodas de intelectuais, em instituições educacionais e também nas entidades culturais e científicas. Vê-se que o conhecimento psicanalítico foi mais acolhido pelos artistas modernistas do que pela própria medicina, devido às estreitas relações sociais dos psicanalistas com os modernistas, além das leituras psicanalíticas que estes últimos faziam. Era evidente que o meio cultural paulistano já se mostrava interessado pela psicanálise desde o aparecimento do livro *O pansexualismo e a doutrina de Freud*, publicado por Franco da Rocha em 1920. Dessa maneira, as obras de

Freud, Otto Rank e Charles Baudouin, entre outras, são adquiridas por escritores, críticos de arte e artistas, como observamos em relatos e bibliotecas de Flávio de Carvalho, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Luiz Martins, Osório Cesar, Geraldo Ferraz, Mário Pedrosa e Sérgio Milliet (FERRAZ, 1998, p. 37).

De fato, Freud começa a ser lentamente traduzido em 1930: Durval Marcondes e J. Barbosa Correia traduzem a primeira obra de Freud no Brasil – *Cinco lições de psicanálise* – e, em 1933-34, vários títulos seus e de alguns discípulos, como Otto Rank, também continuam a ser publicados em português. Conforme relata Facchinetti (2003, p. 124),

as mais diversas revistas modernistas trouxeram Freud à baila, seja nas citações e traduções, seja na pena de seus poetas e escritores. *O homem e*

a morte, de Menotti Del Picchia (*Klaxon*, n. 1, 1922, p. 6), é tão fortemente marcado por sua relação com a psicanálise, que Mário de Andrade, ao estabelecer sua crítica, escreveu que 'quanto ao Homem poderá dizer se que é filho legítimo de Freud' (*Klaxon*, n. 8-9, 1923, p. 27-9). No terceiro número de *Terra roxa e outras terras* (n. 3, 1926, p. 4), há uma nota chamada 'A Conversão de Freund' [sic], um comentário sobre a revista de psicanálise *Psyche*, de Londres, que trata da adesão de Freud à telepatia. Além disso, em todos os números da revista, está transcrito o romance *Naturezas mortas*, de Sérgio Milliet, impregnado de referências à psicanálise e a Freud.

Entre os psiquiatras, o também músico e crítico de arte Osório Cesar transitava tanto no campo da arte quanto da medicina. A formação eclética de Cesar não era usual entre grande parte dos psiquiatras brasileiros (FERRAZ, 1998). Este percebeu na psicanálise, a partir de suas leituras de Freud, uma ferramenta metodológica que permitia o estudo dos trabalhos artísticos de pacientes psiquiátricos. Dessa forma, passou a colecionar os trabalhos e a observar a produção dos internos do Hospital do Juqueri a partir de 1923, quando neste ingressou como estudante interno, então sob a direção do Dr. Antonio Carlos Pacheco e Silva.³⁶ Encontrou dificuldade para desenvolver um estudo sistematizado, como podemos conferir em suas próprias palavras:

no começo encontrámos uma serie enorme de dificuldades: litteratura escassa entre nós, falta de Museu artístico no Hospital e principalmente carencia de sólido conhecimento da matéria que iamos estudar (CESAR, 1929, p. xxi).³⁷

Aprofundou seus estudos em obras de psiquiatras europeus, como *Bildneri der Geisteskranken*, de Prinzhorn; *L'art et la folie*, do francês J. Vinchon; *Ein Geisteskranker als Künstler*, de Morgenthaler, e as obras de Freud, com o intuito de ampliar seu conhecimento sobre a arte do louco. Seguindo uma tendência que se encontrava nos psiquiatras Cesare Lombroso e Hans Prinzhorn, bem como nos investigadores do desenho infantil Georges Rouma e Henri Luquet, Osório Cesar teceu comparações entre a produção de loucos, povos primitivos e crianças.

³⁶ Antonio Carlos Pacheco e Silva foi diretor do Hospital do Juqueri de 1923 a 1930.

³⁷ Osório Cesar comenta que, para a realização do estudo, mandou vir do exterior, principalmente da Alemanha, grande número de publicações; contudo, realizou grande parte da sua pesquisa, antes da importação da bibliografia, na biblioteca pessoal do Dr. Alarico Silveira, onde pôde consultar boa parte das fontes citadas (ANDRIOLO, 2003).

Cesar dedicou-se à observação e também ao estímulo de ações expressivas, desenvolvendo e orientando atividades artísticas com os internos do Hospital do Juqueri e também com as crianças internadas no manicômio. No dizer de Ferraz (1998, p. 56), as

crianças ficavam em um pavilhão de ‘menores anormais’ e somente em 1929 é criado o Pavilhão-Escola, mais tarde ‘Escola Pacheco e Silva’, onde os ‘educáveis’ aprendiam noções de ordem ‘mental, moral e manual’ por meio de exercícios, jogos educativos e ‘ginástica’.

Realizou uma série de análises sistemáticas, com publicações pioneiras divulgando os resultados de seus estudos³⁸. O que os seus contemporâneos viram como “rabisco de maluco”, Osório Cesar concebeu como trabalhos de grande valor plástico pela sua expressividade. Começou a se preocupar em montar um acervo para estudo, conforme relata na apresentação do livro citado:

depois de pacientemente organizado o Museu, com as peças e os trabalhos mais interessantes dos doentes do Juquery fomos procurar nas revistas medicas nacionais e estrangeiras e nos catalogos de livrarias obras referentes ao nosso assumpto (CESAR, 1929, xxi).

Este seu trabalho resultou em interessantes discussões sobre o assunto, como livros, estudos de caso e dois artigos, publicados em 1927, um em parceria com J. Penido Monteiro³⁹ e Durval Marcondes⁴⁰, em 1925 o livro *A arte primitiva nos*

³⁸ Segundo Andriolo (2003), Ulisses Pernambucano foi o primeiro psiquiatra a se interessar pelas manifestações artísticas produzidas pelos doentes mentais, ao realizar alguns estudos baseados em material advindo do Hospital da Tamarineira em Pernambuco, no início da década de 1920; entretanto, seu trabalho não foi publicado. Já em 1923, inspirado pelo trabalho de Ulisses Pernambucano, tem-se a tese de conclusão de curso do jovem médico Sílvio Moura, apresentado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, intitulada *Manifestações Artísticas nos Alienados*. Embora seja a primeira sobre o tema, sua circulação foi restrita.

³⁹ Em parceria escreveram *Contribuição ao estudo do simbolismo mystico nos alienados: um caso de demência precoce paranóide num antigo escultor*, e, ao que parece, a publicação foi traduzida para o francês e o alemão.

⁴⁰ Artigo intitulado *Sobre dois casos de estereotipia gráfica com simbolismo sexual*, ilustrados com seis desenhos de internos do Hospital do Juqueri visualizados a partir das teorias de Freud e Jung.

alienados, além, é claro do livro *A expressão artística nos alienados: contribuição para o estudo dos symbolos na arte*, em 1929.⁴¹ Este último, chegou às mãos dos

leitores brasileiros ao mesmo tempo que publicações semelhantes eram divulgadas na Europa, e foi uma obra de referência obrigatória não só para aqueles que se dedicavam à psiquiatria, mas também para a intelectualidade de nosso país. Cientistas e escritores comentaram com vivo interesse o novo teor desse trabalho (FERRAZ, 1998, p. 46).

A respeito desses primeiros trabalhos, confirmando a expansão de áreas que atingiam, nos apoiamos nos comentários de Ferraz (1998, p. 46):

embora [...] fossem editados em revistas médicas, de circulação restrita, o teor dessas reflexões provavelmente atingiu outras áreas, atentas para as novas publicações. Na época, em nosso país não existia um campo editorial satisfatório que pudesse atender à demanda de novas investigações ou estudos (a maioria das obras eram importadas e no idioma original).

Através de suas discussões, Osório Cesar introduziu no meio cultural e científico brasileiro as primeiras noções sobre a manifestação artística nos alienados, afirmando ser possível um olhar diferenciado para os doentes asilados, evidenciando as potencialidades e riquezas do seu imaginário. Ao abordar a produção plástica do alienado, ele tece comparações com os desenhos de crianças, tanto normais quanto anormais. É significativa a sua citação, no livro *A expressão artística nos alienados*, do texto de Porciúncula Moraes em *O 'canon' universal das crianças e a sua tendencia futurista*, publicado em *O Jornal*, em maio de 1928:

aceitando que cada artista vê o mundo a seu modo, procurando, portanto, formas estranhas, formas originaes para expressar novas sensações, é levado assim a nos dar o novo verdadeiro, o novo legitimo, o novo actualissimo, que é o pessoal. Donde se conclue que a arte das crianças (podemos tambem acrescentar – dos primitivos e dos alienados) é nova, novíssima (MORAES apud CESAR, 1929, p. 13).

⁴¹ Logo no início de seu livro, Osório Cesar menciona estar a par dos livros de Prinzhorn e Vinchon, além de Morgenthaler, com seu livro *Ein geisteskranker als künstler*, publicado em 1921 na Alemanha. Menciona também estudos de outros psiquiatras, desde 1876 até 1929, como: Simon, que em 1876 publicou *L'Imagination dans la folie: étude aur lês dessins, plans, description et costumes alienées*; Lombroso, em 1889, com *Sull'arte nei pazzi*; Morseli, em 1894, com *Manuale di semiótica delle malattie mentale*; Julio Dantas, em 1900, com *Pintores e poetas de rilhafolles*; Rogues de Fursac, em 1905, com *Les écrits et les dessins dans les maladies nerveuses et mentales*; e novamente Prinzhorn, com *Das bildnerische schafften der geisteskranken*, em 1919, e *Bildneri der gefangenen*, de 1926.

Ao se apropriar das palavras de Moraes, Osório Cesar focaliza o valor da espontaneidade e do frescor das produções não contaminadas pela tradição desgastada da arte acadêmica.

Ainda na década de 1920, temos Durval Marcondes trocando correspondências com Freud, mantendo-o informado a respeito do andamento da psicanálise no Brasil. Assim, em 1926, Durval Marcondes publicava *O simbolismo estético na literatura: Ensaio de uma orientação para a crítica literária baseada nos conhecimentos fornecidos pela psicanálise*, com carta-prefácio de Franco da Rocha. Dois anos mais tarde lançava a primeira e única Revista Brasileira de Psicanálise, órgão da Sociedade Brasileira de Psicanálise, e nela publicava *Um 'sonho de exame': considerações sobre a casa de pensão de Aluísio de Azevedo*.

Nesta mesma época, no Rio de Janeiro, o Dr. Neves Manta se dedicava à *A arte e a neurose de João do Rio*; entretanto, segundo Antelo (1984, p. 269), em ares cariocas o movimento se fez mais lento do que em São Paulo, e “no fim dos anos 40 poucas são as tentativas sérias de estudos estéticos com base analítica”.

No ano de 1933, de maio a outubro foi realizada a Conferência Nacional de Proteção à Infância, no Rio de Janeiro, abordando questões referentes à medicina, ao meio científico, à proteção da criança e à educação.

E, neste mesmo ano, em entrevista à *Folha da Noite*, de 9 de setembro, Durval Marcondes fala de uma possível realização de um Congresso Sul-Americano de Psicanálise, organizado pela Liga Brasileira de Higiene Mental na então capital do país, Rio de Janeiro. Durante a entrevista Durval Marcondes diz ser essa uma antiga aspiração dos psicanalistas brasileiros e alega que o congresso não atrairia somente a eles, mas também aos estudiosos de outras profissões.

Assim, tem-se no Brasil das décadas de 1920 e 1930 um momento no qual os trabalhos plásticos de pacientes psiquiátricos, sob o enfoque das teorias freudianas, passam a ser divulgados em alguns ambientes como forma de expressão espontânea, detentores de desejos e tendências inconscientes, que transparecem através da forma plástica, merecedores de reflexões aprofundadas. Assim sendo, temos em Osório Cesar a introdução de um novo conceito para a sociedade da época.

4.2 Arte e psicologia se encontram

A partir dos anos 1920 instaura-se uma conexão entre arte e psicologia com o sistema cultural, pedagógico e científico: crescia o interesse pelo domínio do psíquico por parte de artistas, literatos, críticos de arte e educadores, que “procuram ampliar seus conhecimentos nesse campo” (FERRAZ, 1998, p. 38).

Tarsila do Amaral, Ismael Nery e Flávio de Carvalho podem ser citados como “os artistas plásticos que sintetizam visualmente essa estética psicológica. Imagens fantásticas povoam o tempo desses modernistas que as concretizam em suas pinturas” (FERRAZ, 1998, p. 40). Em 1929, Tarsila do Amaral visitou as dependências do Hospital do Juqueri, para conhecer de perto o trabalho de Osório Cesar.

Segundo Toledo (1994), durante sua vida acadêmica na *Durham University*, Inglaterra (1918-1922), Flávio de Rezende Carvalho passou a se interessar por autores como os filósofos Descartes e Spinoza, ou autores de temas “científicos bizarros”, como Freud, Malinowsky e Frazer. Chegou a incorporá-los em sua pequena biblioteca, formada pelas economias advindas da mesada paterna. Freud e a psicanálise também foram marcantes tanto em sua vida quanto em sua obra: ele próprio diz que Freud foi um dos autores que mais o influenciou intelectualmente. Com sua *Experiência N. 2*,⁴² Flávio de Carvalho pôde, entre outros, articular suas idéias com suas leituras de Freud, particularmente da obra *A psicologia de grupo e a análise do ego*, de 1921, percorrendo sobre o comportamento das multidões. Mesmo na obra de 1936, intitulada *Ossos do Mundo*, também é possível mostrar trechos de evidente caráter psicanalítico. Acerca dessas relações comenta Toledo (1994, p. 87) que Flávio de Carvalho

mantinha-se irrequieto e imaginativo, pensando em colocar em prática uma miríade de experiências psicológicas que o mantivessem permanentemente ligado ao tema ‘freudiano’ que sempre lhe interessara.

Nessa época, Flávio de Carvalho chegou a fazer visitas semanais ao Hospital do Juqueri, em Franco da Rocha, para estudar as reações dos internos,

⁴² Em princípios de abril de 1931, durante uma procissão de Corpus Christi, Flávio de Carvalho caminhou na contramão do fluxo de fiéis com um boné de veludo verde – o que, para a época, era acintoso. Quase foi linchado pela multidão enfurecida, que o advertiu para que tirasse o chapéu, sendo salvo pela polícia. Este acontecimento é hoje visto como uma das primeiras performances realizadas no Brasil. Para saber mais ver: CARVALHO, Flávio de. *Experiência n. 2: uma possível teoria e uma experiência*. São Paulo: Irmãos Ferraz, 1931.

submetendo-os a algumas experiências, confrontando os seus desenhos e esculturas com os de crianças de Grupo Escolar, de 7 a 10 anos de idade, chegando a algumas conclusões, sendo uma delas, a que considera o retorno mental do louco à infância, tal a semelhança entre a arte de ambos (TOLEDO, 1983, p. 70).

Sabe-se que Flávio de Carvalho reuniu desenhos de crianças e, como testemunho, nos deteremos em suas palavras:

o material que eu colhi no Abrigo de Menores de Trânsito, No Grupo Escolar 'Rodrigues Alves', na Escola da Vida e no Hospital de Alienados do Juqueri⁴³ (com auxílio valioso da professora Sebastiana de Carvalho), e outro material colhido em outros lugares, destacando o que me foi fornecido pelo sr. Lívio Abramo, me permitiu tirar certas conclusões [...] (TOLEDO, 1983, p. 188).^{44*}

Flávio de Carvalho continua dizendo que lhe foi permitido

formar uma sequência capaz de representar as diversas etapas no desenvolvimento da percepção da criança em dois períodos: O Período Infantil, que vai de 0 a 8 de idade, e o Período Mitológico, que vai de 8 a 13 anos (TOLEDO, 1983, p. 188).

O estudo ao qual se refere o artista foi apresentado “diante de numerosa e seleta assistência, da qual figuravam personalidades de realce da colônia britânica e da sociedade paulistana, pintores, escritores e jornalistas” (TOLEDO, 1983, p. 188) na palestra intitulada *A Percepção da Criança*, no fim de 1941, na exposição de pintura e desenhos de escolares da Grã-Bretanha, na Galeria Prestes Maia, em São Paulo.

Flávio de Carvalho também colecionou sistematicamente os trabalhos dos alienados, sobretudo as pinturas e as esculturas – que compunham a gama de objetos exóticos que decoraram a sua casa (TOLEDO, 1994). Podemos observar uma delas na imagem no livro de Toledo (1994, s/n), que retrata o artista junto de cerâmicas dos internos do Juqueri. Entre elas, aparece a escultura *Santo Antonio da Rocha*, produção intensamente comentada por Osório Cesar em suas publicações (1927, 1929, 1934), por seu caráter primitivo, totêmico, que também se assemelha

⁴³ Por meio de seu relato podemos supor que Flávio de Carvalho também colecionou desenhos das crianças do pavilhão de “menores anormais” do Hospital do Juqueri, atendentes do Pavilhão-Escola.

⁴⁴ * TOLEDO, Maria Conceição Arruda. Flávio de Carvalho: o grande contestador. Campinas, 1983. Manuscrito não publicado concedido à pesquisadora pela própria autora.

às obras cubistas. Um jornalista registra, em 1958, a passagem da resposta afiada de Flávio de Carvalho quando indagado se os trabalhos expostos na parede do seu apartamento seriam seus:

Não. Isto foi feito pelos loucos do Juqueri... Mais adiante, um quadro a óleo, onde predominava o roxo, berrante, tal como exigem os preceitos da escola abstrata. Logo adiante, outro. – São dos loucos? – Não. São meus... (FERNANDES, 1958, s/n).



Fig 1 – Flávio de Carvalho em 1967. Fonte: TOLEDO, 1994.

Essas linhas documentam o apreço de Flávio de Carvalho pelas produções do Juqueri e comprovam que ele havia adquirido peças no decorrer de sua carreira.

Como também é sabido, Flávio de Carvalho convidou o médico psiquiatra Osório Cesar para organizar “minuciosas pesquisas” a respeito das obras de Prinzhorn (TOLEDO, 1994).

Precisamente nesse novo campo de experimentação e descobertas surge a necessidade de um diálogo maior e mais incisivo no Brasil, que ganha corpo pelo “Mês das Crianças e dos Loucos”, evento ocorrido em São Paulo, inaugurado em 28 de agosto de 1933 – organizado por Flávio de Carvalho e Osório Cesar no Clube dos Artistas Modernos (CAM).

4.3 Sobre o Clube de Artistas Modernos

Com o fim da revolução de 1932, Flávio de Carvalho se empenhou na realização de uma associação cultural de modernos na cidade de São Paulo:

um centro de divulgação de pesquisas, um local animado por ateliês [...]. A idéia foi muito bem recebida mas, àquela altura, o agrupamento moderno estava visivelmente cindido. De um lado a ala mais próxima da assim chamada aristocracia paulistana, cujo representante mais célebre era o próprio Mário de Andrade. De outro, o grupo mais aberto à participação dos artistas de extração popular, liderado pelo aristocrático Flávio de Carvalho. E foram fundadas duas associações, de existências paralelas e, até certo ponto, complementares (LEITE, 1994, p. 34).

É Almeida (1976) quem apresenta os antecedentes da fundação, ao relatar que a iniciativa da instituição de uma associação de artistas surgiu a partir de uma conversa no salão de chá do antigo Mappin Stores, à Praça do Patriarca. Encontravam-se presentes Arnaldo Barbosa, Vitorio Gobbi, Paulo Mendes de Almeida e Flávio de Carvalho. Outros inúmeros encontros advieram para falar-se sobre o assunto com outras pessoas e as divergências também foram muitas. Porém, Flávio de Carvalho, de espírito inquieto, achou melhor fundar logo o Clube dos Artistas Modernos,

[...] já que lhe pareciam morosas *démarches* em curso para a criação da SPAM, e principalmente porque suspeitava de que esta acabasse por revestir um caráter um tanto ou quanto grã-fino – o que não era de todo impropriedade (ALMEIDA, 1976, p. 76).

Assim, surgiu a Sociedade Pró-Arte Moderna (SPAM), tendo em Lasar Segall seu grande animador, notabilizando-se por seus bailes, exposições de artes e programação musical; e também o Clube dos Artistas Modernos (CAM), que nasceu de uma dissidência da SPAM, e acabou cobrindo áreas negligenciadas por esta última. Pelas próprias palavras de Flávio de Carvalho, escritas na Revista *Anual do Salão de Maio*⁴⁵:

[...] em 24 de novembro de 1932, com o intuito de preencher uma necessidade e por motivos de conveniências, fundámos o Clue [sic] dos Artistas Modernos, primeiro andar dêsse prédio, com as seguintes finalidades: reunião, modelo coletivo, assinaturas de revistas sobre arte, manutenção de um bar, conferências, exposições, formação de um biblioteca sobre arte, e defesa dos interesses da classe (CARVALHO, 1939, s/n).

O prédio, na Rua Pedro Lessa número 2, já abrigava os ateliês de Flávio de Carvalho⁴⁶, Di Cavalcanti, Antônio Gomide e Carlos Prado; assim, Flávio de Carvalho decidiu alugar o restante do prédio, que se encontrava vazio, e fez dele a sede do CAM, segundo Toledo (1994). Por conseguinte, foram necessárias algumas mudanças: o ateliê coletivo passou para o segundo andar e o primeiro andar ficou vago para montagem de exposições, realização das conferências, concertos, bailes, salão de leitura, uma pequena biblioteca e o bar. A biblioteca fazia muito sucesso por seus títulos estrangeiros, como revistas inglesas e francesas assinadas pelo próprio Flávio de Carvalho, somadas a doações de coleções completas de publicações de arte da Rússia, Alemanha, Espanha, Cuba e Portugal, feitas pelo médico e ensaísta Bruno Álvares da Silva Lobo, muito amigo do artista naquela época.

O Clube era constituído das seguintes comissões: administrativa (secretário: Flávio de Carvalho; tesoureiro: Carlos Prado; vogal: Di Cavalcanti); pintura (Tarsila do Amaral, Noêmia Mourão, Anita Malfatti); escultura (Antonio Gomide, John Graz, Yvone Maia); arquitetura (Carlos Prado, Flávio de Carvalho, Nelson Rezende); teatro (Procópio Ferreira, Paulo Torres, Elza Gomes); literatura (Affonso Schmidt, Paulo Prado, Sérgio Milliet); imprensa (Nabor Cayres de Brito, Jayme Adour da Câmara); estudos gerais (prof. André Dreyfus, Fausto Guerner, Caio Prado Jr.); festas (Yolanda Prado do Amaral, Baby Prado, Beatriz Gomide); música (José Kliass, C. Paraventi, Paulo Magalhães); diretor da sede (Joaquim Yokanaam Alves). Porém,

⁴⁵ Conservamos na forma mais fiel possível o discurso dos agentes com a grafia usual da época.

⁴⁶ Flávio de Carvalho já morava no prédio antes da criação do CAM.

como anota Leite (1994, p. 40), nunca ficou muito claro “o mecanismo de funcionamento das comissões, algumas não chegaram a se constituir enquanto tal, já que não conseguiram programar nenhuma atividade da área para o Clube [...]”.

Como bem coloca Leite (1994, p. 37), para compreender o papel desempenhado pelo CAM é preciso relembrar a cidade de São Paulo na década de 1930: “uma cidade provinciana, com poucos lugares de reunião além das redações de jornais, cafés e restaurantes.” O lugar escolhido para sediar o Clube dos Artistas Modernos era o centro de convergência da vida noturna da cidade, situado abaixo do Viaduto Santa Efigênia,

em pleno vale Anhangabaú, tinha pelos fundos a Guarda-Civil, e como acesso o aspecto napolitano na rua Anhangabaú, entre frutas, imprecações sérias, fileiras de salames, casas suspeitas, molecada suja, pelotões de guardas que entravam e saíam e as sombras dos taboleiros e treliças do viaduto, que tornavam o ambiente acolhedor e irresponsável (CARVALHO, 1939, s/n).

Ao contrário da SPAM, “que aglutinara a nata da burguesia pensante de São Paulo” o CAM era aberto a todos, sem discriminação: seus associados eram, na maioria, “artistas, jornalistas, escritores, livres pensadores... grupos boêmios de bem dotados ou simplesmente intelectuais ‘progressistas’ [...]” (TOLEDO, 1994, p. 159), que, algumas vezes, não dispunham de quaisquer condições para pagar a modesta mensalidade. Mesmo com poucos recursos, o Clube “[...] logo progrediu, espalhou-se tornando-se conhecido, faltava apenas iniciar publicamente a atividade” (CARVALHO, 1939, s/n). Assim, com idéias bem definidas e o Clube já organizado, uma circular foi distribuída com o intuito de aliciar novos sócios – assinada por Gomide, Di Cavalcanti, Carlos Prado e Flávio de Carvalho –, que dizia:

um grupo de artistas modernos resolveu fundar um pequeno clube para os seguintes fins: reunião, modelo coletivo, assinatura de revistas sobre arte, manutenção de um pequeno bar, conferências e exposições, formação de uma biblioteca sobre arte, defesa dos interesses da classe. o clube alugara um salão que ocupa um andar inteiro e é suficiente para 120 pessoas. o nosso orçamento mostra que poderemos iniciar as atividades alugando imediatamente a sede com 45 sócios; e esperamos o seu apoio. queira devolver o talão em baixo devidamente assinado para: clube dos artistas modernos, rua pedro lessa nº 2 – são paulo. envie um exemplar a um amigo modernista. gomide – di cavalcanti – carlos prado – flávio de carvalho (apud TOLEDO, 1994, p. 131).

O Clube desenvolveu uma série de atividades notáveis e inéditas na modorrenta paisagem cultural paulistana, sendo iniciadas já no mês de janeiro de 1933.⁴⁷ Seu organizador, Flávio de Carvalho, declarava: “iremos a fundo em todos os problemas da arte moderna, infundindo aqui as novas noções. Lutaremos e aí de quem se opuser ao nosso esforço” (CARVALHO apud LEITE, 1994, p. 38). Dessa forma, o CAM acabou por intensificar sua imagem libertária e descontraída, tornando-se o reduto de grandes experimentações e acontecimentos artísticos, culturais, sociais e boêmios da cidade, como pontua Toledo (1994).

O Clube dos Artistas Modernos tinha por objetivo promover o intercâmbio entre as diversas artes, estimular debates, divulgar novas criações e defender os interesses da classe artística. Sabe-se que, do conjunto de suas realizações, “depreendem-se um forte engajamento político e social, simpatias em relação à experiência soviética e a crítica cerrada ao Estado e à Igreja brasileiros. Mas tudo isso regado a festas e diversão” (Enciclopédia Itaú Cultural: Artes Visuais, Marcos da Arte Brasileira, 2005).⁴⁸ O Clube atraiu

cientistas, intelectuais e artistas que abordaram temas novos para o meio, como a arte proletária (Tarsila do Amaral), marxismo e arte (Mário Pedrosa), o desenho infantil e seu valor pedagógico (Pedro de Alcântara), a arte dos loucos e as vanguardas (Osório Cesar). Caio Prado Júnior fez ali relato de sua viagem à União Soviética. Entre outros conferencistas do CAM estavam o anarquista italiano Oreste Ristori, ativo em São Paulo, depois expulso do País, que defendeu idéias contra Deus e a Igreja Católica; o escritor Oswald de Andrade, que leu trechos da peça *O Homem e o Cavalo*; e o pintor Siqueiros, que trouxe do México sua mensagem de arte social (ZANINI, 1991, p. 38).

⁴⁷ Ver Toledo (1994), p. 138-149 e p. 160-172.

⁴⁸ Também Osório Cesar, um dos organizadores do “Mês das Crianças e dos Loucos” apresentava um engajamento político marcante na época: era marxista convicto e atuante, participou de movimentos grevistas e organizações como o Comitê Anti-Guerreiro, em 1933. Neste mesmo ano publicou *Onde o proletariado dirige*, com ilustrações de Tarsila do Amaral, após sua viagem à União Soviética. Osório Cesar foi preso, mais de uma vez, pela polícia política em São Paulo. Um ano antes, também havia sido preso no Rio de Janeiro por um mês quando regressava de uma viagem à Rússia e Turquia, em companhia de Tarsila do Amaral (FERRAZ, 2002).



Fig 2 – A sra. Tarsila do Amaral quando pronunciava a sua conferencia. Fonte: *Diário de São Paulo*. 30 set. 1933.

Como também anota Almeida (1976, p. 77), o CAM

realizou exposições, a de Käethe Kollwitz, a de cartazes russos, a de desenhos de crianças e loucos; concertos de música moderna, de Camargo Guarnieri, Frank Smith, Lavinia Viotti, Ofélia Nascimento e o do quarteto alemão Klein; recitais de cantos populares, com a grande Elsie Houston e com o já quase esquecido Marcelo Tupinambá; conferências, a de Nelson Tabajara de Oliveira, sobre a China; a de Tarsila, sobre Arte Proletária; a de Jaime Adour da Camara, sobre Raul Bopp, com Maria Paula dizendo os versos do poeta; a de Nelson Rezende; a de Mario Pedrosa, 'Teoria marxista sobre a evolução da Arte'; a de Caio Prado Junior, recém-chegado da União Soviética [...]; a de Jorge Amado, sobre a vida numa fazenda de cacau; a de Galeão Coutinho, 'Elogio à usura'; a do fantasioso sertanista Halembeck e a do Coronel Regalo Braga, sobre os índios Xavantes [...]. E ainda a palestra do pintor mexicano David Alfaro Siqueiros, de extraordinário interesse e larga repercussão.

Os associados do CAM também se preocupavam com a educação. O periódico *Folha da Noite*, a 24 de outubro de 1933, noticiou a realização de um curso pelo "grande educador" Fernando de Azevedo, dividido em módulos ligados diretamente ao tema. Vejamos:

problemas particulares da educação; o acesso das diferentes classes sociaes aos estudos; a escola secundaria em face do movimento da renovação educacional; o ensaio sociologico sobre a classe de magisterio primario; funcção do livro no trabalho escolar: a literatura infantil; A escola:

evolução, crise e transformação; a origem e evolução da escola; a crise da escola tradicional; a transformação da escola (FOLHA DA NOITE, 24 out. 1933, p. 5).

São Paulo agitou-se com as promoções variadas organizadas pelo Clube, como frente inovadora que levava a sociedade paulistana em seus rastros, e nada melhor do que saber através das palavras do próprio Flávio de Carvalho:

houve música dos mestres da música moderna, por Frank Smit e Camargo Guarnieri, Lavínia Viotti e Ofélia Nascimento. Depois de uma série de conferências, Nelson Tabajara fala sobre a China, Tarsila sobre arte proletária (houve violentas e interessantes discussões sobre este assunto), Jaime Adour fala de Bopp; Amadeu Amaral Júnior, Nelson Rezende, Mário Pedroza, Caio Prado Júnior (recentemente chegado da Rússia, na sua famosa conferência onde a assistência se prolongava a mais de 150 metros pela rua), o recital de Maria Paula com a poesia de Bopp, várias exposições como a de Kathe Kollowitz, uma exposição de cartazes russos contendo vida, novidade e interesse (CARVALHO, 1939, s/n).

Entretanto, a atmosfera do Clube se transformaria ao que parecia ser o fim de sua vida:

as dissertações eram franqueadas ao público e logo começaram a aparecer elementos provocadores que se aproveitavam da boa-fé de todos, habilmente deturpando com palavras de ordem política, as reuniões até então das mais agradáveis. Os homens prostituíam à política o cérebro e suas idéas. Era o início da decadência do Clube dos Artistas Modernos; as conferências se tornavam mesquinamente turbulentas, ora perturbadas pela solenidade de elementos da direita, ora pela exuberância partidária de elementos da esquerda. Havia desaparecido tudo aquilo quanto pôde ser chamado belo na ação pelo raciocínio, isto é, a capacidade que tem o homem de submeter as suas emoções às conclusões frias e duras do raciocínio, independente das suas idéas do passado (CARVALHO, 1939, s/n).

O CAM fechou em definitivo suas portas por conta da tremenda crise financeira somada à brutal intervenção e censura da polícia. Ao final de um ano era evidente que o clube não conseguia se manter:

se a mais amparada SPAM enfrentou problemas para pagar suas contas, o CAM, que se jactava de não possuir 'sócios patrocinadores', deles também não escapou. Determinada por objetivos de vanguarda e instigando a discussão aberta de problemas culturais e sociais, a agremiação preocupava a mentalidade conservadora predominante. O espírito liberal e crítico de Flávio de Carvalho deixou testemunhos das refregas políticas travadas en-

tre ortodoxos partidários da direita e da esquerda no 'ambiente acolhedor e irresponsável' do Clube (ZANINI, 1991, p. 39).

Vemos que o CAM parece ter desempenhado papel de destaque no meio artístico e intelectual de São Paulo, funcionando também como ponto obrigatório para aqueles ligados às manifestações artísticas de intelectuais, advindos da própria capital ou não. Tanto a SPAM quanto o CAM, as duas agremiações artísticas formadas na cidade de São Paulo, expressaram o

êxito do associativismo como estratégia de atuação dos artistas na vida cultural do país ao longo da década de 1930. E sinalizam uma atitude de independência em relação às instituições existentes no período, por exemplo, a Escola Nacional de Belas Artes – ENBA (Enciclopédia Itaú Cultural: Artes Visuais, Marcos da Arte Brasileira, 2005).

Além disso, “propiciaram a discussão de temas atuais, tendo em vista a formação do público, sempre carente de maior informação sobre a arte e sua modernidade” (ZANINI, 1991, p. 38).

Inserido em tamanha atmosfera, para melhor entendermos a realização do evento, não podemos nos esquecer de mencionar a própria natureza do Clube que abrigou o evento. O CAM, naquela época, como observamos nas palavras de um de seus fundadores, era

[...] infiltrado de elementos de extrema esquerda política, alguns que nada tinham a ver com arte, apresentava um aspecto variado eminentemente pitoresco. Debatia-se em torno de tudo, mesmo as coisas que mais apelavam para a concordância, era absolutamente impossível de fazer uma afirmação que ficasse em pé, por mais positiva, inocente e simples que fosse, toda e qualquer idéia era esfaqueada e destruída ou pelos elementos cépticos ou pelos elementos cuja índole ou forma política exigia essa exibição de sadismo. A direção do Clube, imbuída de liberalismo, acatava a polêmica arriscando com frequência desacato (CARVALHO, 1939, s/n).

Muito provavelmente, a idéia da organização de tal evento se funda, justamente, em questões de caráter heterogêneo, porém convergentes e complementares, como: a atmosfera do período, a cidade de São Paulo, o Clube que sediou o “Mês das Crianças e dos Loucos” e também a personalidade e o pensamento vanguardista de cada um de seus organizadores.

5 “Mês das Crianças e dos Loucos”: objetivos, preparativos e realização

Como pudemos perceber, o dinamismo e o interesse dos organizadores do “Mês das Crianças e dos Loucos” por essa “outra” expressão artística feita pela criança e pelo doente mental, era algo bastante notório. Vivia-se exatamente o momento em que toda uma sensibilidade, advinda de escritores, artistas, críticos de arte e psicanalistas, estava voltada para “estudos e considerações sobre a relação do mundo psicológico e artístico” (FERRAZ, 1998, p. 45). Dessa maneira, o evento organizado por Osório Cesar e Flávio de Carvalho no Clube dos Artistas Modernos corresponde aos interesses e questionamentos da época.

Em entrevista ao jornal *Correio de São Paulo*, no dia 7 de setembro de 1933, Flávio de Carvalho comentava:

a exposição de desenhos de alienados e crianças no Clube dos Artistas Modernos é mais importante do que parece a primeira vista porque traz aos olhos do público uma série de problemas que ele não está acostumado a encarar.

E, mais adiante, acrescentava que nos equivocamos ao pensar que os desenhos infantis são meras manifestações fantasiosas e que, por isso, devem ser corrigidas pelos professores. Explicava que, na realidade, os desenhos de crianças nos ensinam muitas coisas e que muitos artistas gostariam de assinar os trabalhos produzidos por elas, pois estes “contêm uma inventividade, que na maioria dos casos um grande artista não pode imitar porque o grande artista já está embrutecido pela pedagogia da civilização” (CORREIO DE SÃO PAULO, 7 set. 1933, p. 6). Flávio de Carvalho fez duras críticas ao professor e à escola de Belas Artes, dizendo que seu papel era somente de

abafar ou de matar qualquer surto de originalidade que aparece na fantasia da criança. indivíduos quase sempre medíocres estes professores gostam de impor à criança a sua personalidade gasta e empoeirada (CORREIO DE SÃO PAULO, 7 set. 1933, p. 6).

Certamente, para organizar um evento com as propostas que foram divulgadas, era imprescindível romper com velhos paradigmas e dogmas de arte aca-

dêmicos, algo que vimos acontecer a partir do Romantismo e que se moldava como uma necessidade intensa e inadiável: a busca, a divulgação e mesmo o acolhimento de propostas realizadas espontaneamente. Nos dizeres de Flávio de Carvalho (RUMO, ago. 1933, p. 16), era preciso passar a lidar com propostas feitas pura e simplesmente

[...] com o intuito de brincar, de se divertir [...] sem preparação anterior, sem preocupação de copiar um modelo, sem cogitação de beleza são documentos de como a criança vê o mundo, daquillo que para ella é essencial e daquillo que ella considera accesorio.

Em consonância com artistas plásticos europeus que também buscaram no desenho da criança uma linguagem mais fresca (FINEBERG, 1997), distante das imposições da pintura acadêmica, o objetivo era ajudar o artista a ver o mundo com outros olhos, sem regras ou proibições, sem castrações e ansiedades... Ver o mundo com olhos inocentes, olhos de crianças...

Ao responder aos questionamentos do público com relação ao evento, Flávio de Carvalho ressaltava a importância da reunião de tais trabalhos, o motivo pelo qual deveriam ser apresentados ao público em geral, e também a sua real natureza expressiva. Ele explicava que

os desenhos das crianças, quando não são estupidamente controlados pelos professores, têm uma importância que ainda não apreendemos bem. [...] esses desenhos têm antes de tudo profunda importancia psychologica, porque elles são uma fórmula de associação livre de idéias, trazendo á tona a sequencia de fatos ancestrais as formas de uma evolução longinqua, alguns delles realizando uma coisa como um panorama das espécies. Parece que a criança, impulsionando livremente o lapis, desdobra toda a tragedia da vida e do mundo, todos os cataclismas da alma e do pensamento. Ella vê a dolorosa caricatura de tudo e dramatiza numa simplicidade de fórmulas e de cores que faz inveja aos grandes artistas (RUMO, set/out. 1933, p. 29).

Flávio de Carvalho acrescentava ainda, na mesma reportagem, que os “verdadeiramente grandes artistas se parecem com as crianças em suas invenções, possuem uma espontaneidade inconsciente em cor e fórmula, sem a preocupação dos ‘trucs’ dos prestiguidadores [sic] das escolas de bellas artes” (RUMO, set/out. 1933, p. 29).

E, sobre a arte dos doentes mentais, Flávio de Carvalho comentava:

[...] ha uma arte interessantissima, curiosissima, uma arte capaz de produzir fundas impressões a quem a admire, uma arte desvairada, mas por isso mesmo atraente, uma arte que nos prega surpresas a cada momento. essa arte os senhores a desconhecem por completo. é a arte dos loucos. é preciso que os senhores travem relações com ella, quando mais não seja para perder a convicção errada de que a loucura é uma grande noite sem estrellas. venham vêr quanta belleza se desprende das mãos dos pensionistas dos juquerys e se espalha sobre o papel branco. venham abandonar essa presumpção inabalavel de homens normaes e procurem convencer-se de que a normalidade commum – porque a absoluta não existe – é o que se chama, em bom latim, de ‘áurea mediocritas’... (RUMO, ago. 1933, p. 16).

A revista carioca *Rumo*, ao falar sobre a programação do CAM como sendo “um laboratório de experiências para a arte moderna” – título do artigo de agosto de 1933 – sintetiza o porquê desse interesse por parte dos artistas modernos nessa produção artística tão instigante e resume, de maneira criativa e com palavras diretas, as produções e os produtores dos trabalhos expostos no evento ocorrido em São Paulo:

desenhos da turma do hospicio do juquery e da garotada de todos os lugares. a arte solta, a imaginação allucinante, sem freio na boca, sem algemas, sem ferraduras. desabalada. nas crianças e nos loucos, o mesmo desejo de conseguir todas as coisas sem respeitar convenções ignoradas ou esquecidas. desprezadas (RUMO, ago. 1933, p. 16).

O jornal *Folha da Noite*, de 8 de setembro de 1933, com relação às atividades já iniciadas pelo Clube, ressaltava a importância dos trabalhos plásticos executados pelos internos do Hospital do Juqueri e presentes na mostra: “A collecção do Juquery exposta é bastante importante, porque ajuda o publico a compreender as ligações existentes entre a arte dos alienados, a arte dos vanguardistas e a arte das crianças” (FOLHA DA NOITE, 8 set. 1933, p. 4).

Como observa a revista carioca *Base* (set. 1933, p. 48):

este programa da c.a.m. revela-nos as ótimas condições de espirito dos seus sócios artistas em relação ao publico, com quem deseja estar em permanente contáto, facilitando-lhe o direito de crítica imediata, mantendo acesa a atenção dos ouvintes, que é a melhor forma de instruí-los facilitando-lhes o cultivo da dialética. se esse publico não se compuzer exclusivamente de diletantes blasés, sem duvida a c.a.m. terá atingido um elevado sucesso pedagógico na espera de suas desposições, levantando o nível cultural do povo, a quem sempre faltaram todos os recursos de instrução.

No *Correio de São Paulo*, em artigo de 26 de setembro, intitulado “Prossuem as conferencias sobre os desenhos de alienados”, fala-se sobre a intenção do evento, sendo esta: “despertar o interesse do publico para esses assumptos e promover debates em torno das ligações existentes entre a arte moderna e a arte e a dos alienados e desenhos das crianças” (CORREIO DE SÃO PAULO, 26 set. 1933, p. 4).

Já em 1939, em artigo intitulado *Recordações do Clube dos Artistas Modernos*, presente na *Revista Anual do Salão de Maio*, Flávio de Carvalho recordava os objetivos do “Mês das Crianças e dos Loucos”:

o certamen visava focalizar a importância psicológica e filosófica da arte do louco e das creanças, e mostrar o erro cometido por professores, imbuídos de rotina e ritual, quando corrigem os desenhos de creanças e os adaptam às suas rotinas (CARVALHO, 1939, s/n).

É também nas palavras da imprensa da época, bem como nas conferências proferidas e na atmosfera cultural do período, que se torna claro o intuito, e mesmo a necessidade da realização de tal acontecimento: o estabelecimento de um diálogo franco e direto com os trabalhos plásticos – espontâneos e desinteressados pelas normas acadêmicas – expostos durante o evento e suas relações com o artista e a arte moderna, decorrentes de um caminho iniciado há tempos em outros países, por artistas e intelectuais, que também deu passos no Brasil.

Nas reportagens, transparece o compromisso dos organizadores com relação à educação do público paulistano, tanto no sentido de erguer o nível cultural para uma sociedade vista como pessoas “a quem sempre faltaram todos os recursos de instrução” (BASE, set. 1933, p. 48) como na preocupação em divulgar metodologias de ensino de arte para crianças que respeitassem a sua imaginação criadora.

5.1 Realização e Programa do Mês

O “Mês das Crianças e dos Loucos” – organizado por Flávio de Carvalho e Osório Cesar, e inaugurado em 28 de agosto de 1933, na sede do CAM – como relembra Flávio de Carvalho, compreendeu dois pólos igualmente importantes e complementares: a exposição de trabalhos plásticos e uma série de conferências.

A exposição incluiu “desenhos, pintura e escultura de alienados do Hospital do Juqueri, de creanças das escolas públicas de São Paulo e de particula-

res” (CARVALHO, 1939, s/n).⁴⁹ As conferências foram proferidas por médicos e intelectuais, relacionadas ao assunto (convidados pelos próprios organizadores do evento), finalizadas por debates acalorados, mobilizando a imprensa da época – e tomaram parte “no salão do Club dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa n. 2” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 19 set. 1933, p. 6). As reportagens sugerem que o evento foi um sucesso:

como sempre, a séde do C.A.M., foi pequena para conter a numerosa assistência que evidencia dessa maneira, o pleno exito das noiteadas educativas, auspiciosamente levantadas pela novel associação (FOLHA DA MANHÃ, 20 set. 1933, p. 14).

O lançamento do evento aconteceu no final de agosto, tendo duração de mais de um mês. A mostra abria para o público das 17 horas à 1 hora da madrugada. Nas palavras do jornal *Diário da Noite*, de 30 de agosto de 1933, tratou-se de

acontecimento novo, este, no mundo artistico brasileiro. Corresponde ao programa cultural avançado do clube, laboratorio de experiencias que já tem prestado grande beneficio ao desenvolvimento cultural de S. Paulo. A novidade da iniciativa é tal que deve levar á sede do Spam,⁵⁰ á rua Pedro Lessa, 2, muita gente, principalmente dos nossos circulos intellectuaes e artisticos a qual não poderá perder a oportunidade de assistir um certame raro como o que se inicia, com a collaboração de illustres especialistas não só de S. Paulo como do Rio (DIÁRIO DA NOITE, 30 ago. 1933, p. 2).

Por serem diversas as fontes que relataram o acontecimento, em contato com o material documental recolhido percebemos que grandes são as divergências quanto ao título do evento, dos conferencistas e de suas conferências,⁵¹ bem como as datas e horários que seriam proferidas. Conforme veremos adiante, nem todas as conferências foram realizadas. Algumas participações foram intencionadas, entretanto não houve confirmação de que tenham ocorrido.

⁴⁹ Os trabalhos plásticos dos internos do Hospital do Juqueri foram selecionados e organizados pelo Dr. Osório Cesar.

⁵⁰ Lê-se CAM – provavelmente uma confusão do jornalista!

⁵¹ Em alguns casos, é evidente que as incompatibilidades quanto ao nome do palestrante e de sua conferência são decorrentes de erros de digitação.

No total foram 10 as conferências planejadas para o “Mês das Crianças e dos Loucos”:⁵²

- *Estudo comparativo entre a arte de vanguarda e a arte dos alienados*, pelo Dr. Osório Cesar – dia 30 de agosto de 1933;
- *Interpretação de desenhos de crianças*, pelo Dr. Pedro de Alcântara Machado – dia 10, 12 ou 13 de setembro de 1933;
- *Psychanalises dos desenhos dos psychopatas*, ministrada pelo Dr. Durval Marcondes – dia 5 ou 19 de setembro de 1933;
- *O louco sob o ponto de vista da psicologia geral*, ministrada pelo Dr. Fausto Guerner – dia 6 ou 26 de setembro ou 10 de outubro de 1933;
- *A arte e a psiquiatria através dos tempos*, desenvolvida pelo Dr. Pacheco e Silva – dia 19, 25 ou 26 de setembro de 1933;
- *Marcel Proust literariamente e psicanaliticamente*, com o Dr. Neves Manta – dia 3 de outubro de 1933;
- *O valor negativo da psychopatologia na critica de arte*, pelo Dr. Plínio Balmaceda Cardoso – dia 17 de outubro de 1933;
- *A musica nos alienados*, pelo Sr. José Kliass – dia 17 de outubro de 1933;
- Dr. Raul Malta, com apresentação sobre assunto ligado ao evento – não foi citada em nenhuma das fontes a data em que seria proferida;
- *A noite dos poetas loucos*, com poemas sendo recitados por Maria Paula – também não foi citada em nenhuma das fontes a data da realização da récita.

O jornal *Diário da Noite* (31 ago. 1933, s/n) avisou que haveria ainda outras palestras – “havia ainda a expectativa de serem anunciadas palestras com nomes importantes como Matheus Santamaría, Otávio Monteiro de Camargo, Raul Malta, Flávio Dias e André Dreyfus” (TOLEDO, 1994, p. 164) –, que, no entanto, não se concretizaram.

⁵² Optamos por apresentar somente uma das muitas nomenclaturas dedicadas às conferências pelos periódicos consultados, para melhor compreensão do conteúdo abordado; entretanto, com relação às datas, estas surgem nas variedades apresentadas pela imprensa da época.

Todas as conferências que envolviam projeções de imagens⁵³ tiveram o apoio da Casa Lutz Ferrando, segundo as palavras de Toledo (1994, p. 165) e de vários jornais da época.

Para uma visão geral do acontecimento das conferências e também das incongruências em relação às datas, presentes nas diferentes fontes pesquisadas, desenhamos a seguinte tabela:

Tabela 1: Visão geral das conferências a partir dos diferentes periódicos

Visão Geral das Conferências													
Periódicos	Agosto		Setembro								Outubro		
	29	30	5	6	10	12	13	19	25	26	3	10	17
A Civilização													
A Gazeta								D.M			N.M		
A Platéia		O.C					P.A.M			P.S			P.B.C
Base	O.C		D.M		P.A.M			P.S		F.G	N.M		
Brazil Novo													
Correio de São Paulo							P.A.M			P.S			
Diário da Noite		O.C D.M				P.A.M	P.A.M	D.M		F.G P.S	N.M	F.G	P.B.C
Diário de São Paulo		O.C	D.M	F.G		P.A.M	P.A.M	D.M		P.S	N.M		
Diário do Povo													
Diário Popular		O.C	D.M				P.A.M	D.M		P.S	N.M	F.G	
Fanfulla													
Folha da Manhã		O.C	D.M			P.A.M	P.A.M			D.M P.S F.G	N.M		
Folha da Noite						P.A.M	P.A.M	D.M	P.S	P.S	N.M		P.B.C
Jornal do Estado		O.C					P.A.M	D.M					
O Dia													
O Estado de São Paulo		O.C					P.A.M	D.M		P.S	N.M		P.B.C
Rumo							P.A.M	D.M		P.S	N.M	F.G	J.K
J. Toledo		O.C					P.A.M	D.M		F.G P.S	N.M	F.G	P.B.C

Sendo: **O.C** – Osório Cesar; **P.A.M** – Pedro de Alcântara Machado; **D.M** – Durval Marcondes; **F.G** – Fausto Guerner; **P.S** – Pacheco e Silva; **N.M** – Neves Manta; **P.B.C** – Plínio Balmaceda Cardoso; **J.K** – José Kliass; **R.M** – Raul Malta; **M.P** – Maria Paula.

⁵³ Durante a pesquisa, não obtivemos informações a respeito do tipo de projeção utilizada (epidiascópio, slides ou diapositivos).

Destaca-se a intenção de publicar as conferências proferidas (*Rumo set/* out. 1933, p. 29): “essas conferencias serão depois editadas pelo Club dos Artistas Modernos, que fará uma bonita edição ilustrada com desenhos de loucos e de crianças”. E, segundo o *Diário da Noite* (31 ago. 1933, s/n), a edição ilustrada seria colocada à venda. Entretanto, tal objetivo nunca foi atingido por seus organizadores; foram publicadas apenas três das conferências proferidas, por iniciativa pessoal de cada autor, a saber: a do Dr. Osório Cesar, a do Dr. Durval Marcondes e a do Dr. A. C. Pacheco e Silva.

Entre as pessoas que assistiram às conferências e visitaram a exposição, constatou-se a presença de artistas, médicos e intelectuais interessados nesta temática.⁵⁴

Em seguida, cabe observar que as indicações noticiadas sobre personalidades que fizeram parte do público são bastante imprecisas. Algumas fotos mostram o salão repleto, e é possível contar mais de sessenta cabeças assistindo as conferências. É realçada pelos repórteres a presença dos médicos (provavelmente psiquiatras, dada a temática do evento). Por exemplo, o jornal *A Gazeta* (12 jul. 1933, s/n) relata: “[...] tomarão parte nos debates o dr. Octavio Monteiro de Camargo e outros especialistas, que opportunamente serão convidados pela direcção do Clube”. Já o jornal *A Platéia* (1 ago. 1933, p. 3), nota a presença dos “drs. Matheus Santamaria, Octavio Monteiro de Camargo, André Dreyfus e outros tomarão parte”, além do Dr. Monteiro de Camargo. Outros jornais citam sempre essas mesmas personalidades.⁵⁵

Alguns poucos registros fotográficos auxiliam na visualização do espaço físico onde as conferências se realizaram, juntamente com a exposição. Também são retratados alguns conferencistas, em imagem fotográfica e em caricatura. Não

⁵⁴ Durante a pesquisa não encontramos qualquer listagem ou livro de assinaturas a respeito do público que visitou a exposição. Também foram poucos os periódicos que se preocuparam em assinalar os personagens presentes nos debates após as conferências. Apenas podemos informar que personalidades como Oswald de Andrade, Jayme Adour da Câmara, Oreste Ristori e o Dr. Ribeiro do Valle estiveram presentes. Pode-se ter uma noção do ambiente e de alguns de seus participantes nos seguintes periódicos: *Base: Revista de arte, técnica e pensamento*, n. 2, p. 48, set. 1933. *Correio de São Paulo*, p. 4, 2 ago. 1933. *Correio de São Paulo*, p. 6, 12 set. 1933. *Diário da Noite*, 31 ago. 1933. *Diário da Noite*, 29 set. 1933. *Diário da Noite*, 4 out. 1933. *Diário da Noite*, 17 out. 1933. *Folha da Manhã*, p. 14, 20 set. 1933. *Folha da Manhã*, p. 4, 27 set. 1933. *Folha da Noite*, p. 4, 29 ago. 1933. *Folha da Noite*, p. 4, 10 out. 1933. *Jornal do Estado*, 1 ago. 1933. *Jornal do Estado*, 12 set. 1933. *Jornal do Estado*, 14 set. 1933. *Jornal do Estado*, 20 set. 1933.

⁵⁵ A saber: *Brazil Novo*, 17 jul.; *Correio de São Paulo*, 2 ago.; *Diário da Noite*, 12 jul. e 2 ago.; *Folha da Manhã*, 13 jul. e 1 ago.; *Folha da Noite*, 12 jul.; *Jornal do Estado*, 1 ago.; *O Dia*, 3 jul.; e *Base*, ago. 1933.

há nenhuma imagem panorâmica de boa qualidade da exposição, mas é possível identificar algumas das obras expostas. Inferências baseadas em algumas fotografias presentes em reportagens permitem realizar uma descrição sintética do espaço do salão onde se realizaram as conferências e a exposição (ver página 107).

5.2 Conferências proferidas e programadas

Faz-se necessário olhar mais detalhadamente cada uma das conferências para podermos reconstituir a atmosfera do evento, os temas desenvolvidos, bem como as repercussões. Vejamos agora, em seus pormenores, cada uma das conferências programadas para o “Mês das Crianças e dos Loucos”.⁵⁶

1. “Estudo comparativo entre a arte de vanguarda e a arte dos alienados” – Dr. Osório Cesar

A conferência “Estudo comparativo entre a arte de vanguarda e a arte dos alienados”, ministrada pelo Dr. Osório Cesar,⁵⁷ “conhecido especialista no assumpto tendo sobre o mesmo publicado diversos trabalhos” (A PLATÉA, 30 ago. 1933, p. 3) aconteceu no dia 30 de agosto, quarta-feira, às 22 horas, auxiliada por projeções luminosas.⁵⁸ Foi a primeira conferência da série dos loucos e das crianças oferecida à assistência. A conferência destinou-se “não somente ao publico em geral como também aos estudiosos” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 30 ago. 1933, p. 6).

Em sua conferência, Dr. Osório Cesar procurou mostrar, sob o ponto de vista



Fig 3 – Dr. Osorio Cesar. Fonte: A Civilização. 2 set. 1933.

⁵⁶ A partir deste ponto, para melhor visualização, optamos por estabelecer uma data fixa para cada uma das conferências, de acordo com a sua maior incidência nos periódicos consultados, podendo, assim, estabelecermos um possível cronograma de seus acontecimentos.

⁵⁷ Na época era médico assistente do Hospital do Juqueri.

⁵⁸ Segundo o jornal *Diário de São Paulo* (30 ago. 1933, p. 7), a conferência do Dr. Osório Cesar também seria proferida na SPAM, também às 22 horas. Entretanto, em edições posteriores, não encontramos qualquer evidência a respeito de sua ocorrência neste estabelecimento.

psicanalítico, a presença de uma semelhança notável entre essas duas manifestações reconhecidamente artísticas. Iniciou sua fala definindo a evolução histórica da arte, que,

do simbolismo gótico e catedralesco, passou às novas manifestações objetivas do Belo, criando por fim as tendencias vanguardistas curiosas pela sua estrutura artistica e cuja interpretação comporta á aplicação integral da doutrina de Freud (JORNAL DO ESTADO, 31 ago. 1933, s/n).



Fig 4 – O dr. Osório Cesar pronuncia a sua palestra no C.A.M. Fonte: Jornal do Estado. 31 ago. 1933.

O conferencista se mostrou profundo conhecedor da teoria de Freud, exibindo aos presentes, por meio de “projeções luminosas”, reproduções das obras principais e mais interessantes de Boccioni e outros vanguardistas, analisando-as e caracterizando-as. Em seguida, passou ao estudo da arte dos alienados, considerando-a a partir dos complexos freudianos. Argumentou sobre a arte dos artistas

modernos, procurando alçar pontos em comum com a arte dos alienados. “Aos olhos da assintencia surgem, numa tela de reduzidas proporções, extranhas produções artísticas dos loucos do juqueri” (JORNAL DO ESTADO, 31 ago. 1933, s/n).

Sobre os artistas modernos, comentou: “nas suas criações mais arrojadas de pintura e escultura, apresenta certas aberrações de fôrma. É uma arte essencialmente cerebral” (JORNAL DO ESTADO, 31 ago. 1933, s/n). Sobre a arte dos loucos, também apontou a existência de certas “monstruosidades”, “aberrações e fantasias á primeira vista inexplicáveis”, mas ressaltou que,

na concepção moderna de estética de vanguarda, os desenhos e as esculturas de loucos constituem um verdadeiro livro aberto que revela semelhanças psicologicamente notáveis com certas obras de simbolismo artístico (JORNAL DO ESTADO, 31 ago. 1933, s/n).

Ou seja, tanto na arte de um, quanto na de outro, os impulsos descritos por Freud se manifestam “inconfessáveis sob apparencias permittidas, que são mascarados com exaggeros de proporções e deformações grotescas” (A CIVILIZAÇÃO, 2 set. 1933, s/n), se apresentando com as mais variadas aparências. Com relação à arte do louco, o psiquiatra percebeu e apontou que trazem em seu

grotesco representativo os principais fatos passados na vida do enfermo, recalques eloquentes no seu sub-consciente. Os complex [sic] de Edipo, de Narciso e outros estão perfeitamente autenticados nessas produções artísticas dos psicopatas (JORNAL DO ESTADO, 31 ago. 1933, s/n).

O conferencista defendeu também que este tema ainda era pouco estudado naquela época, mesmo notando que “uma grande parte dos alienados dos hospitais se entregam espontaneamente a cogitações artísticas de toda a especie: pintura, escultura, poesia e musica”, e que em seus trabalhos “saltam aos olhos os simbolos freudianos que são de grande valor para o psiquiatra”, entretanto raros são os indivíduos interessam em analisá-los (JORNAL DO ESTADO, 31 ago. 1933, s/n). Observou, logo em seguida, o quanto o “Mês” era de grande importância para que o tema fosse apresentado e discutido por “outros especialistas dessas questões” (FOLHA DA NOITE, 31 ago. 1933, p. 1).

Em seguida, o Dr. Osório Cesar analisou algumas das produções dos alienados do Juqueri:

traço por traço, detalhe por detalhe de conformidade com os precedentes da vida dos enfermos, vemos estereotipados prodigiosos esforços de representar o que a sua anulação do autocritica parece esforçar-se por definir pela pressão sobre o sub-consciente (JORNAL DO ESTADO, 31 ago. 1933, s/n).

Explicou que existem detalhes nos desenhos e esculturas de loucos que são de uma eloquência notável: “si o alienado for um doente sexual, por exemplo, nos seus traçados mais grotescos percebemos claramente essa reminiscencia patologica” (JORNAL DO ESTADO, 31 ago. 1933, s/n).

O conferencista finalizou sua palestra, exibindo aos presentes “alguns desenhos coloridos artisticamente confeccionados pelos loucos e uma estatueta curiosissima que tem algo de fetichismo freudiano” (JORNAL DO ESTADO, 31 ago. 1933, s/n).

A conferência do Dr. Osório Cesar foi publicada em 1934 com o titulo *A arte nos loucos e vanguardistas*.⁵⁹

2. “Interpretação de desenhos de crianças” – Dr. Pedro de Alcântara Machado

Uma das conferências de maior repercussão na mídia da época foi, sem dúvida, a do Dr. Pedro de Alcântara Machado,⁶⁰ intitulada: “Interpretação de desenhos de crianças”, proferida no dia 13 de setembro de 1933, quarta-feira, às 22 horas.

Esta conferência gerou reportagens detalhadas difundidas pelos periódicos da época – *O Jornal do Estado* (12 set. 1933, s/n) foi um dos que amplamente divulgou a sua apresentação. A conferência⁶¹ baseou-se num estudo realizado pelo pediatra por mais de 10 anos, com o intuito de solucionar o problema da metodologia

⁵⁹ A microfilmagem desta publicação (executada pelo Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil) foi adquirida pela pesquisadora por meio da reserva técnica concedida pela FAPESP. A digitalização do documento foi executada pela própria pesquisadora no Arquivo Edgard Leuenroth, do Centro de Pesquisa e Documentação Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

⁶⁰ Em 1933 o Dr. Pedro de Alcântara Machado atuou como pediatra do Instituto de Higiene de São Paulo lecionando a cadeira de *Higiene da Primeira Infância* para educadoras sanitárias. Em 1946, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, concorrendo à *Cátedra de Clínica Pediátrica e Higiene da Primeira Infância*, apresentando a tese *Contribuição para o estudo da proteção da criança contra os agravos psíquicos*. Seu trabalho foi considerado pioneiro para o entendimento do desenvolvimento emocional da criança. Dedicou-se, em sua trajetória, a estudos sobre a situação socio-econômica da população, destacando aqueles referentes à mortalidade infantil. Além da medicina, dedicou sua atenção à pintura e às artes. Foi membro do Conselho Administrativo do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo e fez conferências e palestras em eventos ligados à arte.

⁶¹ Durante a conferência foram projetadas imagens dos desenhos das crianças.

utilizada para o ensino do desenho às crianças nas escolas primárias da época, propondo um novo modelo, inspirado pela análise do material que reuniu “das paredes das ruas de S. Paulo. Manancial inesgotável de matéria prima preciosa para tais estudos” (FOLHA DA NOITE, 13 set. 1933, p. 5).

O conferencista valorizava os desenhos feitos nas paredes das ruas da cidade porque entendia que estes não sofriam influências perturbadoras do ambiente, diferentemente dos desenhos produzidos na escola. Colecionou por meio de fotografia essa produção efêmera, que apresentava o “máximo de espontaneidade, de naturalidade, de ingenuidade mesmo” (FOLHA DA NOITE, 14 set. 1933, p. 1). A palestra abordou diversos aspectos:

o desenho-expressão de um estado de consciência [...]; Um pouco de história do ensino do desenho [...] A análise dos desenhos infantis [...]; A evolução do desenho da criança [...]; A linguagem desenhada e a linguagem falada – um método natural de ensino (FOLHA DA NOITE, 14 set. 1933, p. 1).

Apesar da sua postura favorável à liberdade, percebe-se no decorrer de suas afirmações diversas contradições, já que ele valorizava a liberdade de expressão, mas também propunha um ensino dirigido a partir de modelos. Por exemplo, tratou o desenho como linguagem, entendido como um recurso universal de expressão de nossa consciência e defendeu que o desenho deveria ser ensinado nas escolas em pé de igualdade com a linguagem escrita. Observou que o ensino do desenho nas escolas profissionais, primárias e secundárias se diferenciava: na primeira era ensinado o desenho técnico; enquanto que, no primário e no secundário, o desenho artístico. Explicou que “por mais louvável que seja o propósito de fazer, de crianças, artistas, essa orientação tem fracassado, pois toda gente aprende desenho e ninguém fica sabendo desenhar” (FOLHA DA NOITE, 14 set. 1933, p. 1). Segundo o Dr. Pedro de Alcântara Machado, isto acontece porque o desenho necessita de um “substrato técnico”, da trabalhosa educação da vista e da mão, sem a qual não existe desenho, muito menos o artístico. Na sua opinião, as escolas deveriam ensinar apenas o “substrato”, isto é, “o desenho como recurso de expres-

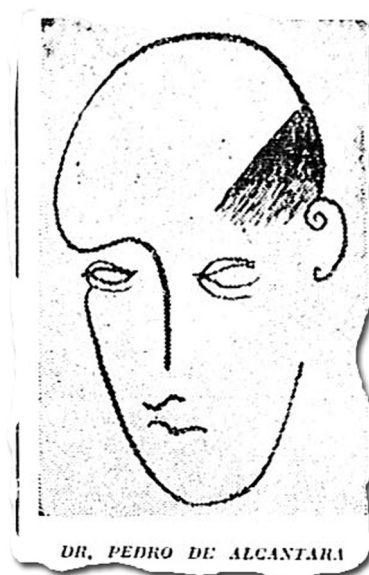


Fig 5 – Dr. Pedro de Alcântara.
Fonte: Folha da Noite. 13 e 14 set. 1933.

são auxiliar da linguagem falada e escripta, [...] desenho para as necessidades da vida diária, enfim”; enquanto que o “desenho artistico ficaria para os bem dotados, como fica a linguagem artística, isto é, a literatura e a poesia” (FOLHA DA NOITE, 14 set. 1933, p. 1).



Fig 6 – O dr. Pedro de Alcântara pronuncia, no Clube dos Artistas Modernos, a sua palestra sobre desenhos infantis. Fonte: *Jornal do Estado*. 14 set. 1933.

Já na segunda parte de sua palestra, examinou algumas das causas do fracasso de tantos métodos clássicos de ensino, como o francês:

Quenioux e Ravaisson propuzeram métodos partindo do complexo para o simples; outros, como Guillaume, métodos partindo do simples para o complexo, das linhas geométricas para a figura humana (FOLHA DA NOITE, 14 set. 1933, p. 1).

Porém, sob seu ponto de vista, “todos eles fracassaram, por isso que só obedeciam a uma das pontas do dilemma, e era preciso obedecer a ambos”. E uti-

lizou-se de informações presentes no livro de Marcel Braunschvig, que “tentou uma conciliação, dando modelos reais que se aproximassem da regularidade geométrica, hastes de trepadeiras, folhas de árvores, laranjas, peras” (FOLHA DA NOITE, 14 set. 1933, p. 1).

Na sequência de sua palestra, Alcântara fez uma análise dos desenhos das crianças, para melhor ilustrar o seu pensamento. Tais desenhos revelaram a predominância da figura humana e, segundo sua própria análise, a

porcentagem de figuras incompletas é grande, possível consequência de uma incapacidade de retenção do modelo na memória, ou de análise do modelo retido. Os desenhos mais rudimentares caracterizam-se pela pobreza de traços pela imperfeição destes e pelas desproporções das partes da figura; e nestas três direções se processa a evolução: o enriquecimento do desenho em traços, o aperfeiçoamento destes e a correção das proporções anatômicas (FOLHA DA NOITE, 14 set. 1933, p. 1).

Assim, partindo das representações mais “rudimentares” feitas por crianças, observou que a evolução do desenho nem sempre se dá de maneira harmoniosa; nota-se, entretanto, o aumento do número de detalhes. Outra questão assinalada foi com relação à representação em perfil e frontal:

a criança logo abandona os modelos de perfil para traçar os de frente, o que permite um quase desdobramento da figura; nessa transição a criança esbarra com três obstáculos que vence como pôde: o nariz, a simetria, e os pés que ela põe sempre de perfil (FOLHA DA NOITE, 14 set. 1933, p. 1).⁶²

Destaca o fato de a criança solucionar o dilema do modelo, “ao mesmo tempo complexo e simples: complexo na significação e simples na realização – verdadeiro ovo de Colombo” (FOLHA DA NOITE, 14 set. 1933, p. 1). Complexo, por tratar da figura humana, que simboliza “todos os episódios mais importantes da vida da criança, os castigos, os prazeres, os agrados, as recompensas, as ameaças, as alegrias, as surras, a vida enfim”; enquanto que a simplicidade é representada “pela realização simples dessa figura tão complexa, e progressivamente tanto menos simples quanto mais sua capacidade técnica for se desenvolvendo” (FOLHA DA NOITE, 14 set. 1933, p. 1).

⁶² O conferencista destacou de sua coleção os desenhos mais representativos desses três modos de evolução, estabelecendo uma série do pior ao melhor, representando uma fase da evolução da capacidade técnica da criança (RUMO, set/out. 1933, p. 30).

A partir da análise da sua coleção de desenhos, apreendeu aspectos que poderiam permitir uma orientação pedagógica de seu ensino, para deixarem de ser vítimas de uma grande dificuldade de ordem didática. Assim, constatou um “método natural de ensino” do desenho, responsável por

fornecer á criança modelos complexos, de assumptos ricos em carga efectiva, homens, animaes, casas, navios, automoveis e realizados de modo elementarissimo; a seguir, os mesmos modelos realizados um pouco melhor, a seguir, os mesmo modelos mais perfeitamente realizados, e assim por diante, em tantas phases quantas o for permittindo o desenvolvimento technico da criança (FOLHA DA NOITE, 14 set. 1933, p. 4).

Acrescentou que, à medida que fosse evoluindo e se interessando por assuntos menos complexos, “novas séries de modelos poderiam ser fornecidas, constituídos por utensílios e instrumentos de realização technica mais difficil por causa da regularidade geometrica de sua linhas” (FOLHA DA NOITE, 14 set. 1933, p. 4). E, com isso, continuou o conferencista, “se conseguiria, progressivamente, uma capacidade de expressão pelo desenho que seria um auxiliar precioso dos recursos geraes de expressão. O desenho-arte ficaria para os eleitos” (FOLHA DA NOITE, 14 set. 1933, p. 4). Enfatizou, ao final, que o método, embora inspirado em “material objectivo”, não havia sido verificado experimentalmente, constituindo-se apenas de uma “hypothese de trabalho para ser explorada, aprofundada e ajuizada por quem tenha tempo, vocação e recursos” (FOLHA DA NOITE, 14 set. 1933, p. 4).

No ponto de vista de Toledo (1994, p. 163)

embora analisando o problema sob um rigoroso aspecto educacional, essa palestra possui o mérito pioneiro de ter debatido, já naquela época, a arte do *grafite*, tão em voga nos anos 80 e 90.

A despeito das idéias do Dr. Pedro de Alcântara Machado, de defender uma postura contra o ensino de desenho nas escolas, a conferência nos surpreende por seus pensamentos: acredita que a criança deve ser estimulada por meio de modelos simples, para que esteja ao alcance de sua capacidade técnica, incipiente ou nula; mas que, ao mesmo tempo, precisam ser complexos o suficiente, para que a criança possa se interessar por eles. Sob nosso ponto de vista, elas não condizem com os propósitos do “Mês das Crianças e dos Loucos”, entretanto, não o maculam, pois ilustram os diversos exemplos que despontaram na paisagem paulistana.

3. “Psychanalises dos desenhos dos psychopatas” – Dr. Durval Marcondes

“Psychanalises dos desenhos dos psychopatas” foi a conferência ministrada pelo Dr. Durval Marcondes,⁶³ no dia 19 de setembro, terça-feira, às 22 horas. *A Folha da Noite* (19 set. 1933, p. 8) iniciava a reportagem a respeito da palestra da seguinte maneira:

o dr. Durval Marcondes, um dos mais conhecidos psychanalistas brasileiros, fará hoje, às 22 horas, no Clube dos Artistas Modernos, uma conferência que promete ser curiosíssima, em proseguimento do ‘Mez dos loucos e das crianças’ promovido por aquelle clube. O thema a que será subordinada essa palestra, que será illustrada com projecções de desenhos de loucos é este: ‘A psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes’.

Inúmeros foram os jornais que trataram da conferência – que estava sendo muito esperada – do Dr. Durval Marcondes. Mesmo “despertando grande curiosidade nos meios artísticos e intellectuaes [...]” (FOLHA DA NOITE, 19 set. 1933, p. 8), o Dr. Durval Marcondes pontuou que as considerações que faria em torno do assunto interessariam não somente aos psiquiatras, mas também aos artistas e aos estudiosos em geral; e que pelo curto espaço de tempo, não teria condições de realizar uma análise demorada sobre os materiais tão interessantes que trouxera, pois o assunto exigiria não apenas uma conferência, mas um curso inteiro. Limitou-se, assim, a focalizar os aspectos principais.

As informações presentes nos diversos documentos consultados mostram que Flávio de Carvalho abriu a conferência, dizen-

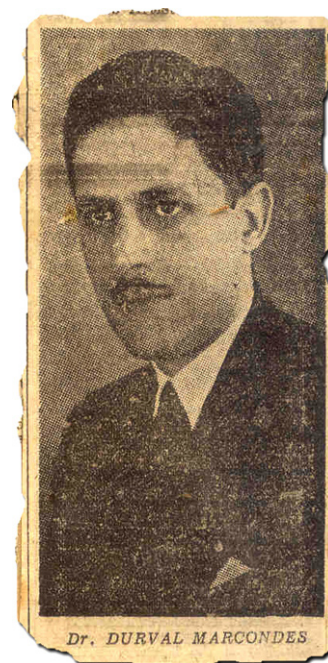


Fig 7 – Dr. Durval Marcondes. Fonte: *Diário da Noite*. 19 set. 1933.

⁶³ Durval Marcondes atuou de maneira marcante no desenvolvimento da psicologia e na implantação da psicanálise no Brasil. Na década de 1920 trocou correspondências com Freud, mantendo-o informado sobre o desenvolvimento da psicanálise no Brasil. Em 1927 fundou a primeira sociedade psicanalítica da América Latina. Criou a *Revista Brasileira de Psicanálise*. Participou ativamente na criação da Seção de Higiene Mental do Serviço de Saúde Escolar do Estado de São Paulo, em 1938 – onde se criaram as primeiras clínicas de atendimento psicológico e orientação infantil, além das primeiras classes especiais de ensino para deficientes mentais.

do breves palavras a propósito do “objectivo do movimento iniciado pelo C.A.M. e accentuou, ao referir-se do dr. Durval Marcondes, que o seu nome dispensava apresentação”, cedendo-lhe então a palavra (DIÁRIO DE SÃO PAULO, 20 set. 1933, p. 5).

O “conhecido psychanalista” (A GAZETA, 19 set. 1933, p. 3), iniciou a sua fala por meio de uma “exposição abreviada das idéas de Freud explicando as origens e a razão de ser da psychanalyse e a origem sexual das psychoneuroses” (CORREIO DE SÃO PAULO, 19 set. 1933, p. 2), “para depois entrar na interpretação dos desenhos dos psychopatas” (DIÁRIO DE SÃO PAULO, 17 set. 1933, p. 2), “aprofundando-se nas raízes psychopatologicas dessas representações” (DIÁRIO DE SÃO PAULO, 19 set. 1933, p. 6). Naquela época, declarava-se que a “explicação de certos phenomenos, á luz freudiana, constitue um dos pontos mais debatidos e de maior attracção da psychologia moderna” (DIÁRIO DE SÃO PAULO, 17 set. 1933, p. 2).

Assim, “deante de numerozo auditório o conferencista iniciou sua palestra, fazendo um intelligente resumo da theoria de Freud [...]” (A GAZETA, 20 set. 1933, p. 3), e examinou os fenômenos decorrentes do desequilíbrio mental. Detendo-se em sua apreciação enumerou os “os phenomenos que constituem os symptomas mentaes, manifestados nas seguintes phases principaes: 1º, satisfação substitutiva; 2º, autismo; 3º, archaismos psychicos” (A GAZETA, 20 set. 1933, p. 3). Sendo o segundo, aqueles que se processam pela imaginação, e o terceiro, aqueles que envolvem todas as maneiras de funcionamento primitivo (FOLHA DA MANHÃ, 20 set. 1933, p. 14).



O DR. DURVAL BELLEGARDE MARCONDES E A ASSISTENCIA A' SUA PALESTRA NA SPAM

Fig 8 – O dr. Durval Bellegrade Marcondes e a assistencia á sua palestra na SPAM. Fonte: Diário de São Paulo. 20 set. 1933.

Logo após, detendo-se em comentários e citações a respeito dos nomes “mais abalizados no assunto” (FOLHA DA MANHÃ, 20 set. 1933, p. 14), passou a referir-se à linguagem do subconsciente, os símbolos, “meios de expressão por excellencia do sub-consciente”, através dos quais “se representam e se caracterizam os impulsos recalcados que determinam a neurose” (A GAZETA, 20 set. 1933, p. 3). Após se referir aos vários símbolos utilizados pelos psicopatas, o conferencista estudou pormenorizadamente o símbolo “casa”, afirmando ser o mais comumente usado⁶⁴. Salientou as múltiplas afinidades que o termo possui com as funções sexuais. Marcondes ilustrou a conferência com

varias projecções de desenhos de gravuras extrahidas de obras que tratam do assumpto illustram esta ultima parte da conferencia offerecendo o orador observações elucidativas (FOLHA DA MANHÃ, 20 set. 1933, p. 14).

Confirmou que os “desenhos do psychopaths não são destituídos de sentido, como não o são suas creações delirantes mas reflectem uma actividade psychica perfeitamente systematizada”, acrescentando que os exemplos que mostrou indicariam que o

homem traz consigo restos de uma vida psychica primitiva que a molestia mental faz reviver e da qual os desenhos dos enfermos constituem uma expressão digna de estudo (DIÁRIO DA NOITE, 19 set. 1933, s/n).

O conferencista finalizou a sua dissertação com a análise dos exemplos ilustrativos, enfatizando que tais trabalhos são dignos de grandes e intensos estudos.

O *Jornal do Estado* (20 set. 1933, s/n), também trouxe a conferência do Dr. Durval Marcondes, e foi o único a apresentar uma postura relativamente crítica em torno da atuação do palestrante. Para que possamos evidenciar mais fielmente o fato, vejamos nas próprias palavras do periódico:

o conhecido psicanalista pareceu-nos, no inicio da sua palestra, um pouco confuso, exprimindo-se com dificuldade e repetindo a ternaologia [sic] repisada dos livros, catalogando-se entre os apenas cultos, diversamente dos eruditos, ou sejam os que ao dizerem, extratificam a materia nos achinos

⁶⁴ Na publicação de sua conferência, que veremos mais adiante, poderemos observar as ilustrações que o conferencista utilizou para a análise do símbolo “casa”.

[sic] da pre-conciencia, capazes, depois, de dissertar sobre a mesma com personalidade, e destarte conseguindo interessar os ouvintes.

E, logo adiante:

o conferencista esqueceu-se de que não se achava numa sociedade científica, mas sim artistica, repetindo, de memoria, e auxiliado por pequenas notas, citações de sabor geometrico, comuns aos tratados e inteiramente em choque com o caracter e a finalidade de semelhantes reuniões, proprias á divulgação entre leigos e curiosos. Não nos pareceu uma palestra de um observador constante das teorias freudianas, pelo uso da linguagem livresca, rebarbativa aos não iniciados no sexualismo, propriedade de ninguém, e que, por isso, exigia uma explicação ao alcance geral, tornando a feição do orador, individualizando-se, por assim dizer para melhor ser ouvida e compreendida.

Com relação à fala do conferencista a respeito dos símbolos, o jornal continuou em tom ferrenho, dizendo que

o dr. Durval Marcondes pouco conseguiu dar uma idéa real do fenomeno, a não ser, muito por alto, quanto á parte pratica cinematografica, de exemplos, assim mesmo muito superficialmente. Reconhecemos que o freudismo é uma cousa complexissima, tornada inda mais difficil atravez a palavra dos maus professores, que se põem a pregar a nova ciencia, sem antes dela se aprofundarem.

Não obstante, apesar das críticas mordazes, o mesmo periódico consentiu que

o Clube dos Artistas Modernos mostrou uma grande boa vontade no sentido de prosseguir na sua nobre finalidade, e o dr. Durval Marcondes deve ter verificado que para se por em contato com platéas bisonhas faz-se mister um dom especial e um perfeito conhecimento, tomada a palavra no seu alto sentido (JORNAL DO ESTADO, 20 set. 1933, s/n).

Independentemente da presença de alguns apontamentos maledicentes a respeito do conferencista, a palestra conseguiu prender “extraordinariamente a atenção do auditorio, quer pela natureza do assumpto, quer pela maneira clara e interessante por que o tratou o orador” (A GAZETA, 20 set. 1933, p. 3). Como vimos nas páginas anteriores, “as idéas de Freud têm assustado o mundo scientifico nestes ultimos 20 annos e provocado uma verdadeira revolução em todos os ramos do pensamento” (DIÁRIO POPULAR, 19 set. 1933, p. 3), e Freud

é hoje aceito como um grande revolucionário, uma figura de grande relevo no campo de progresso do século e o dr. Durval Marcondes é um dos maiores estudiosos da ciência do mestre de Vienna que existem nesta Capital (A GAZETA, 19 set. 1933, p. 3).

A conferência do Dr. Durval Marcondes foi publicada em 1933, na *Revista da Associação Paulista de Medicina*, com o título *A psicanálise dos desenhos dos psicopatas*.⁶⁵

4. “O louco sob o ponto de vista da psychologia geral” – Dr. Fausto Guerner

Temos também o conferencista Dr. Fausto Guerner,⁶⁶ responsável pela exposição da seguinte palestra: “O louco sob o ponto de vista da psychologia geral”, ministrada no dia 10 de outubro, terça-feira, no mesmo horário.

Os equívocos quanto à data de realização da palestra, conforme pudemos observar nas distintas fontes, são muitos. É Toledo (1994) quem afirma que o Dr. Antônio Carlos Pacheco e Silva e o Dr. Fausto Guerner fizeram suas conferências no mesmo dia, a 26 de setembro, sendo que o Dr. Fausto Guerner repetiria a palestra no dia 10 de outubro. Já a reportagem da *Folha da Manhã* (27 set. 1933, p. 4) indica que a conferência do Dr. Fausto Guerner não aconteceu em setembro, mas sim no próximo mês, em 10 de outubro, pois não menciona nada a respeito da palestra do Dr. Fausto Guerner. Vejamos as palavras da reportagem:

Flavio de Carvalho abre a sessão. Displicentemente, lê a acta da reunião anterior e annuncia o que vae acontecer em outubro. Varias conferencias. Falará o dr. Fausto Guerner. Falará Edgard Braga. ‘Maternidade consciente’ e outros assumptos (FOLHA DA MANHÃ, 27 set. 1933, p. 4)

Ferraz (1998) e Toledo (1994, p. 164) confirmam a ocorrência da conferência no dia 10 de outubro:

segundo as lembranças de Flávio, essa noite teria sido um tanto convulsionada pela ingerência da platéia sobre as propostas hiperbólicas de Guerner, que procurou exorcizar idéias até lá consideradas tabu.

⁶⁵ O periódico acima referido foi adquirido pela pesquisadora por meio da reserva técnica concedida pela FAPESP.

⁶⁶ Membro da diretoria da Liga Paulista de Higiene Mental.

Em entrevista cedida à *Folha da Noite*, de 10 de outubro, horas antes da palestra acontecer, constam informações mais amplas a respeito do conteúdo que seria ministrado pelo Dr. Fausto Guerner. Vejamos:

na 'Semana dos loucos e das Crianças', organizada brilhantemente pelo Clube dos Artistas Modernos, varios illustres psychiatras, em bellas conferencias, já esplanaram themas interessantissimos. Pouco nos resta dizer sobre o assumpto. Assim, faremos apenas uma simples palestra sobre o papel da psychologia na critica de arte, accentuando primeiramente que aquella sciencia contribue relevantemente para o estudo das producções artisticas, porém não é por si só capaz de, pelo menos por ora, de fornecer á critica todos os dados de que ella necessita (FOLHA DA NOITE, 10 out. 1933, p. 4).

E, circunscrevendo o âmbito real de sua ação, o conferencista prosseguiu:

passaremos ao estudo summario dos varios typos mentaes normaes e pathologicos que podem interessar ao critico como termos de comparação para o perfil psychologico do artista, revelado através da sua obra, na qual se manifestam integralmente ou em esboço, mais ou menos inconscientemente, as suas varias tendencias affectivas e intellectuaes. Seguiremos as directrizes traçadas por mestres eminentes – Dupré, Kretschmer, A. Delmás, Kraepelin e tantos outros – no estudo das contribuições mentaes. Procuraremos illustrar quanto possivel a descrição com a apresentação de trechos literarios de alienados, caricaturas involuntarias que são da prosa e do verso dos escriptores mais felizes, caricaturas essas que apresentam naturalmente accentuadas as características reveladores dos traços temperamenciaes mais discretamente perceptíveis nos individuos normaes (FOLHA DA NOITE, 10 out. 1933, p. 4).

Finalizando, mencionou que elaboraria um despretensioso esboço “em linguagem simples e quase leiga”, daquilo que “nos parece ser o contingente da psychologia na critica artistica” (FOLHA DA NOITE, 10 out. 1933, p. 4).

O Diário da Noite, de 7 de outubro de 1933, informava que a conferência “interessa não sómente ao psychologo como tambem ao artista e ao scientista. E certamente a séde do Clube como sempre estará repleta”. A mesma seria ilustrada com “projecções feitas por aparelhos cedidos pela Casa Lutz Ferrando” (DIÁRIO POPULAR, 10 out. 1933, p. 10).

5. “A arte e a psiquiatria através dos tempos” – Dr. Pacheco e Silva

Desenvolvida pelo Dr. Pacheco e Silva, diretor do Hospital do Juqueri,⁶⁷ tem-se a conferência intitulada “A arte e a psiquiatria através dos tempos”, proferida em 26 de setembro, às 23 horas, no Clube dos Artistas Modernos. Esta palestra também foi bastante divulgada pela imprensa da época, seja em chamadas para o acontecimento, dias antes, ou mesmo sobre o conteúdo da palestra, dias depois de sua realização.

Para que possamos elucidá-la, faz-se necessária a reprodução de alguns trechos obtidos nos diferentes periódicos consultados. Vejamos alguns deles.

Na *Folha da Noite* (22 set. 1933, p. 4), com matéria intitulada “Clube dos Artistas Modernos”, e subtítulo “A arte e a psiquiatria através os tempos”, temos a seguinte chamada:

terça-feira próxima, às 23 horas, o dr. Pacheco e Silva, director do Hospital do Juquery, realizará a sua conferencia sobre o thema ‘A arte e a psychiatria através dos tempos’, no Clube dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa, 2. o conferencista fará um retrospecto historico do assumpto mostrando o valor psychologico da arte em diversas épocas da humanidade e discorrerá tambem sobre o valor da expressão facial nos diversos tipos de alienados, espondendo á assistencia um estudo seu sobre o assumpto. Durante a conferencia haverá grande numero de projecções [...].



Fig 9 – Ao alto, a assistência, e, a lado, o conferencista ao ler o seu trabalho. Fonte: *Folha da Manhã*. 27 set. 1933.

⁶⁷ O Dr. Pacheco e Silva assumiu a direção do Hospital do Juqueri em 1923, entretanto, ele já trabalhava na Instituição cuidando do Laboratório de Biologia Clínica e Anatomia Patológica desde 1920.

A conferência, segundo o Dr. Pacheco e Silva, foi ilustrada com “interessantíssimas projecções tiradas de uma colleção que há longos annos venho ajuntando. Serão mostradas, tambem, uma colleção de expressões faciaes dos differentes typos de alienados” (CORREIO DE SÃO PAULO, 26 set. 1933, p. 4).

De início, observou que sua formação era clássica, uma “profissão de fé passadista” (FOLHA DA MANHÃ, 27 set. 1933, p. 4), e que isto não o faria negar o valor presente na arte moderna. Em seguida, comentou que faria algumas considerações sobre a arte moderna e a dos alienados, procurando demonstrar que

as manifestações artisticas dos alienados sempre mereceram cuidadosa attenção dos psychiatras. Ellas encerram muitas vezes o thema delirante que assalta certos insanos reticentes, dissimuladores, que não exteriorizam as suas idéas pela palavra falada ou escripta, nem deixam transparecer na psysionomia o que se lhes passa no intimo (DIÁRIO DA NOITE, 26 set. 1933, s/n).

Evidenciou, dessa maneira, que a arte é um dos poucos meios de manifestação sem censura. Além disso, acrescentou que

a arte dos alienados nos interessa muito porque, por intermédio das suas manifestações observamos as afinidades e as ligações com a arte moderna e com a arte da creança, e não é o interesse puramente pittoresco, mas sim científico. Estes estudos poderão nos levar a conclusões bem interessantes e de importancia para o progresso do pensamento, como tambem para o progresso therapeutico (CORREIO DE SÃO PAULO, 26 set. 1933, p. 4).

Em seguida, informou que se proporia a realizar paralelos entre a arte moderna e a dos alienados, confrontando as duas produções; demonstrou que, tanto numa quanto na outra,

o artista tem a coragem de renunciar aos preconceitos da sua época, do seu meio, da sua propria pessoa, luctando assim com a censura externa e a censura interna, para deixar que se manifestem em toda a sua pureza as imagens que lhe assomam ao espirito (DIÁRIO DA NOITE, 26 set. 1933, s/n).

E, por fim, realizou considerações em torno da arte como forma de manifestação instintiva. Assinalou, na seqüência, o quanto a psiquiatria deve à arte, e o quanto esta última pode auxiliar a psiquiatria, ao recordar que foram

os poetas, os pintores e os esculptores da antiguidade que nos transmitiram, através da arte, as lendas, as superstições do passado, que nos facultam hoje o estudo das formas clinicas observadas nos tempos primitivos, dos processos therapeuticos em uso ainda na era pré-scientifica (DIÁRIO DA NOITE, 26 set. 1933, s/n).

Através de uma breve dissertação histórica, lembrou alguns exemplos curiosos, que foram projetados para a audiência, com o intuito de ilustrar a sua fala acima mencionada.

Segundo reportagem da *Folha da Manhã*, publicada na manhã seguinte, “a conferencia produziu optima impressão. Encerradas suas palavras, Flavio de Carvalho indaga quem é que deseja fazer perguntas ou pedir esclarecimentos” (FOLHA DA MANHÃ, 27 set. 1933, p. 4) – nas palavras do jornalista:

o sr. Oswaldo de Andrade não concorda em que a natureza não dá saltos... O sr. Jayme Adour da Camara quer saber que relação ha entre as gravuras antigas e a alienação. Fala um jornalista italiano. Trocam-se apartes e chovem perguntas. O dr. A. P. Pacheco e Silva, calmamente, vae dando explicações, rebatendo os apartes, até que o presidente do ‘C.A.M.’, volta, com a mesma naturalidade, a falar do clube de futebol, annunciando, de novo, o baile do dia 7 e o theatro ‘Experiencia’, do rez-do-chão, no clube que, na sua opinião, é com laboratorio de arte moderna.

A conferência proferida pelo Dr. A. C. Pacheco e Silva foi publicada posteriormente, no ano de 1936, no periódico *Problemas de higiene mental*.⁶⁸



A reunião de hontem no Clube dos Artistas Modernos — À esquerda, o sr. Pacheco e Silva; à direita, parte da assistência

Fig 10 – A reunião de hontem no Clube dos Artistas Modernos. À esquerda, o dr. Pacheco e Silva, á direita, parte da assistencia. Fonte: Diário de São Paulo. 27 set. 1933.

⁶⁸ O periódico acima referido foi adquirido pela pesquisadora por meio da reserva técnica concedida pela FA-PESP.

6. “Marcel Proust literariamente e psicanaliticamente” – Dr. Neves Manta

Teria-se com o Dr. Neves Manta,⁶⁹ um dos mais conhecidos psiquiatras do Rio de Janeiro (A GAZETA, 12 jul. 1933, p. 5), a conferência de nome: “Marcel Proust literariamente e psicanaliticamente”, que ocorreria, ao que parece, no dia 3 de outubro de 1933, terça-feira, às 22 horas. Com relação a esta conferência, foi dito pela *Folha da Noite* (12 jul. 1933, p. 3), que

virá a S. Paulo, especialmente para realizar conferencias e tomar parte nos debates o dr. Neves Manta, conhecido psiquiatra do Rio de Janeiro o assistente do professor Roxo.

Porém, a palestra não aconteceu, e, nas palavras do *Diário da Noite* (4 out. 1933, s/n), temos algumas poucas explicações:

conforme foi anunciado, deveria realizar-se, hontem, no Clube dos Artistas Modernos, uma conferencia do dr. Neves Manta, professor assistente da Universidade do Rio de Janeiro, sobre Marcel Proust, literaria e psicanaliticamente. Motivos não previstos impediram a vinda do conferencista inscripto a esta capital, afim de realizar a sua palestra.

Toledo (1994, p. 164) também menciona a não realização da conferência, ao explicar que o Dr. Neves Manta encontrava-se impedido por “misteriosas razões pessoais”. Acrescenta ainda que, na verdade, a noite estava reservada para a conferência do Dr. Henrique de Brito Belford Roxo, “eminente catedrático de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro”, que, impossibilitado, escalou o seu assistente direto, o Dr. Neves Manta, que, por sua vez, também não apareceu. O fato também se confirma nas palavras de Antelo (1984, p. 192), que diz: “Neves Manta confirmou que a anunciada conferência sobre Proust, no salão do CAM, não se realizou [...]”. Já no livro de memórias documentais de Flávio de Carvalho, o qual consultamos, ao lado da reportagem do *Diário da Noite* de 29 de setembro, que mencionava a conferência do Dr. Neves Manta para o dia 3 de outubro, está escrito, a lápis, a seguinte sentença: “não houve”. Imaginamos tenha

⁶⁹ O ilustre psiquiatra Inaldo de Lira Neves-Manta desenvolveu carreira no Rio de Janeiro e foi autor de férteis obras e artigos baseados na psicanálise. Embora tenha sido considerado como um dos precursores da psicanálise, não se interessou em fazer formação psicanalítica.

sido escrita pelo próprio organizador, ou então por seu biógrafo, J. Toledo, dono do material em questão.

É novamente o *Diário da Noite*, do dia seguinte da conferência, que explica o que de fato ocorreu:

à hora marcada, muita gente enchia a séde do clube, á espera de ouvir o que o dr. Neves Manta iria dizer sobre a personalidade do escriptor francez. O sr. Flavio de Carvalho, depois da leitura do expediente comentou a ausencia inesperada do dr. Neves Manta, declarando em seguida que, para que se não perdesse um auditorio tão selecto, concedia a palavra a quem quizesse fazer uso para versar sobre o assumpto annunciado (DIÁRIO DA NOITE, 4 out. 1933, s/n).

Foi assim que o Sr. Jayme Adour da Câmara, “num impressionante improvisado sobre o mesmo tema, alcançou grande sucesso” (TOLEDO, 1994, p. 164),

ocupou então o logar reservado ao conferencista e improvisou uma brilhante palestra sobre Marcel Proust e sua obra, mostrando a significação literaria do discutido romancista francez (DIÁRIO DA NOITE, 4 out. 1933, s/n).

O jornal ainda acrescentava que

depois de reconhecer o alto valor artistico do escriptor solitario [O Dr. Neves Manta] demonstrou o pouco interesse que sua obra offerece á geração actual, preocupada directamente com os phenomenos economicos e sociaes deste momento de transição que estamos passando. O orador disse mais que Marcel Proust é um escriptor de grande expressão, mas que interessa apenas um numero reduzido de ‘snobs’ e requintados. Terminou o sr. Adour da Camara, dizendo que Marcel Proust é um inscriptor de decadencia, cuja obra está inteiramente divorciada da nossa época, em que já vae existindo uma literatura de verdadeira expressão proletaria. Em seguida falou o dr. Robeiro do Valle, que fez interessantissimas considerações em torno da personalidade morbida do escriptor em apreço. Travaram-se então vivos debates sobre o thema. O Clube dos Artistas Modernos realizou assim mais uma encantadora noitada de arte e de cultura (DIÁRIO DA NOITE, 4 out. 1933, s/n).

Inúmeros jornais⁷⁰ anunciaram apenas que a palestra iria ser ministrada pelo Dr. Neves Manta, sem maiores explicações ou aprofundamentos; não questionaram a sua não efetivação dias após a sua suposta ocorrência. Fato que nos faz pensar sobre um possível imprevisto, ocorrido momentos antes da conferência ser apresentada ao público. Vejamos alguns exemplos: o jornal *O Estado de São Paulo* (28 set. 1933, p. 6), com reportagem de título “‘Marcel Proust, psychanalytica e literariamente’, pelo dr. Neves Manta, dia 3, no salão do Club dos Artistas Modernos”, possui a seguinte chamada:

na próxima terça-feira, às 22 horas, no Club dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa n. 2, o dr. Neves Manta, que para isso virá especialmente do Rio, fará uma conferencia sobre o thema: ‘Marcel Proust, psychanalytica e literariamente’.

O mesmo se percebe na *Folha da Manhã* (27 ago. 1933, p. 1), dizendo que o conferencista virá do Rio de Janeiro, especialmente para realizar esta palestra. Na publicação de 3 de outubro assinala que:

o dr. Neves Manta, assistente do professor Roxo, realizará hoje sua conferencia no Clube dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa, 2, sobre o thema: ‘Marcel Proust literariamente e psychanalyticamente’ (FOLHA DA MANHÃ, 3 out. 1933, p. 11).

Tanto a revista *Base* quanto a revista *Rumo* listaram a conferência do Dr. Neves Manta para o dia 3 de outubro, na programação do “Mês das Crianças e dos Loucos”.

Com base nos documentos consultados, nenhum se deteve em explicar o imprevisto e a mudança do orador, com exceção do *Diário da Noite*, como vimos anteriormente.

⁷⁰ Como *A Platéia* (1 ago. 1933, p. 3), *Brazil Novo* (17 jul. 1933, s/n), *Correio de São Paulo* (2 ago. 1933, p. 4), *Diário da Noite* (12 jul. 1933, s/n; 2 ago. 1933, s/n; 26 ago. 1933, s/n; 31 ago. 1933, s/n), *Diário de São Paulo* (27 ago. 1933, p. 4), *Diário Popular* (28 set. 1933, p. 2; 2 out. 1933, p. 2), *Folha da Manhã* (27 ago. 1933, p. 1; 3 out. 1933, p. 11; 13 jul. 1933, p. 3; 1 ago. 1933, p. 14), *Folha da Noite* (12 jul. 1933, p. 3), *A Gazeta* (12 jul. 1933, p. 5), *Jornal do Estado* (1 ago. 1933, s/n), *O Dia* (13 jul. 1933, p. 3) e *O Estado de São Paulo* (28 set. 1933, p. 6; 3 out. 1933, p. 5).

7. “O valor negativo da psychopatologia na critica de arte” – Dr. Plínio Balmaceda Cardoso

A conferência intitulada “O valor negativo da psychopatologia na critica de arte”, proferida pelo Dr. Plínio Balmaceda Cardoso, foi realizada no dia 17 de outubro de 1933, terça-feira, às 21 horas.⁷¹ Percebemos que a conferência passou a ser mencionada por alguns dos periódicos da época somente no decorrer do evento. A *Folha da Noite* (17 out. 1933, p. 4) e o *Diário da Noite* (17 out. 1933, s/n) foram os periódicos que mais a destacaram, trazendo, inclusive, o retrato do palestrante, como mencionamos anteriormente. É brevemente citada pelos jornais *A Platéia* (14 out. 1933, p. 3) e *O Estado de São Paulo* (14 out. 1933, p. 7; 17 out. 1933, p. 6), como podemos ver:



Fig 11 – Dr. Balmaceda Cardoso.
Fonte: *Diário da Noite*. 17 out. 1933.

na próxima terça-feira às 21 horas o dr. Plínio Balmaceda Cardoso realiza no Clube dos Aristas Modernos, á rua Pedro Lessa n. 2, uma interessante conferencia sobre o ‘Valor negativo da psychopatologia na interpretação da obra de arte’. O assumpto é de palpitante interesse, sobretudo depois das deducções do dr. Fausto Guerner na ultima conferencia do Clube (A PLATÉA, 14 out. 1933, p. 3).

Em entrevista ao *Diário da Noite* (17 out. 1933, s/n), adiantando sobre a palestra que proferiria naquela noite, já começava com uma advertência:

a epigraphe da palestra, que a convite cordeal de seus distinctos directores, pretendemos realizar no Clube dos Artistas Modernos, poderia afigurar-se paradoxal aos cultores da pathologia mental. Quasi estamos, mesmo, a ouvir severa objecção daquelles que se especializaram na complexa sciencia dos Freud, dos Babinsky, dos Janet, dos Morel, dos Maudsley, dos Grasset... Como seria possivel, dirão elles, que se logre analysar uma obra de arte, mormente aquella que tende a fixar typos clínicos, caracteres humanos morbidos, prescindindo-se dos ensinamentos ministrados pela psycho-analyse, a neurologia, a psychiatria? Todavia, bem focalizado o as-

⁷¹ Segundo Antelo (1984, p. 192), a conferência do Dr. Plínio Balmaceda teria sido realizada no dia 18 de outubro.

sumpto, pondo em destaque contornos e diferenciações, pensamos que logo constatarão a inexistência do absurdo por ventura concretizado na these acima formulada.

O conferencista coloca, logo em seguida, que tudo depende do ponto de vista do observador. Consente que, “effectivamente, a arte e a sciencia movimentaram-se em âmbitos diversos. A finalidade de uma contrasta com a da outra, de maneira flagrante, facilmente perceptível” (DIÁRIO DA NOITE, 17 out. 1933, s/n). Afirma que um fenómeno pode impressionar de maneiras diferentes, exemplificando com a seguinte sentença:

o espectáculo homérico de uma tempestade provoca estados psychicos perfeitamente dispares ao poeta e ao naturalista; enquanto exalta a imaginação do primeiro, inspirando-lhe poemas; ao segundo, antes, convida á meditação (DIÁRIO DA NOITE, 17 out. 1933, s/n).

Afirma, logo após, que, o que realmente “interessa á visão propriamente esthetica escapa á analyse do espirito scientifico” (DIÁRIO DA NOITE, 17 out. 1933, s/n). E continua seu discurso pontuando as disparidades entre o artístico e o científico, como vemos a seguir:

a obra de arte provoca variedade de apreciação. Quem é dotado de temperamento artistico nella busca motivo essencialmente emotivo, tocando de perto a sensibilidade; interpreta, por assim dizer, estheticamente as grandes manifestações da alma humana. O scientista, ao revés, perscruta o mesmo objecto de modo todo intelectual. Um, admirando intensamente, vibra, exalta-se, emociona-se, no deleite ineffavel que produz [sic] a gamma da sentimentalidade. O outro, compreendendo, analisa, fria, ponderadamente, observa, compara, classifica, saca illações de utilidade pratica. O artista, concebendo e creando cousas bellas, não visa provar nada, nem fornecer utilidade alguma. Na arte, contempla-se com fervor, extasia-se, transporta-se a um mundo alado previsto pela phantasia. O scientista, de escapelo em punho, na preocupação de estudar, mata na obra prima o que esta possui de artistico e irreal (DIÁRIO DA NOITE, 17 out. 1933, s/n).

E prossegue a sua fala com exemplos:

o util e o bello repellem-se. Do mesmo modo que a ética não póde servir de criterio para ajuizar do valor esthetico de uma criação. Tomae de um livro que o genio de Flaubert burilou. Apreciado á luz dos canones da moral convencional, poderia parecer hediondo. Admirado que seja com criterio esthetico, deslembra, empolga, sensibiliza. Mais um exemplo para illustrar a verdade do principio que collimamos sustentar. Poucos escrip-

tres enriqueceram a literatura universal com exemplares tão prodigiosos, como Shakespeare ou Cervantes. Obras primas como, por exemplo, 'Rei Lehar', 'Hamlet', 'Don Quixote' proporcionam funda emoção esthetica. A alma vibra estranhamente ao contacto com a realidade creada por aquellos espiritos geniaes. Aprecial-os, estheticamente, é sentir sob todas as modalidades, desde a ternura tranqüilizadora, despertada pelas scenas mais sedutoras, ás paixões convulsionantes, provocadas pelas scenas mais patheticas. Entretanto, não é assim que a sciencia aprecia o que taes creações encerram. a psychologia vae alli haurir a verdade, impulsionada por curiosidade especifica. O alienista interessa-se pelos caracteres humanos doentios que naquellas producções magistraes se agitam em profusão. Estuda, com paciencia benedictina, esses typos do mais alto valor psychologico; organiza quadros eschematicos, onde são classificadas as varias manifestações da loucura, sob uma nomenclatura especial, desde as formas mais brandas e pacificas ás mais alarmantes e violentas (DIÁRIO DA NOITE, 17 out. 1933, s/n).

Através de suas palavras, percebemos que o conferencista tratou da influencia exercida pela psicologia na compreensão da obra de arte; defendeu que a arte e a ciência apresentam domínios próprios, fins opostos e modos de apreciação e investigação diversas. Acrescentou: “não diremos que a arte deva subordinar-se á sciencia; seu dominio é essencialmente emotivo e a emotividade precede á lógica”, mas que acabaremos por perceber que, ao encararmos “a materia objectivamente, chegar-se-á forçosamente á conclusão de que a arte e a sciencia se separam, por suas cogitações dispares, de maneira nítida e facilmente perceptivel” (FOLHA DA NOITE, 17 out. 1933, p. 4). É nesta parte, ao final de sua palestra, que apresenta os exemplos de escritores acima destacados, evidenciando que são capazes de provocar interpretações distintas para o crítico de arte e o cientista. O crítico de arte, como vimos,

aprecia a obra em seu conjunto, como em suas partes, sob um prisma visceralmente esthetico. É um motivo de estimulo e excitação dos sentidos. A imaginação empolga-se. A Alma vibra. A sentimentalidade é provocada intensa e profundamente. E os estados psychicos, assim despertados, não se intellectualizam, sob pena de perderem sua virtude de encarar e extasiar (FOLHA DA NOITE, 17 out. 1933, p. 4).

Enquanto que o cientista

experimenta reacções diferentes, deante desse mesmo conjunto que seu olhar percebe. A intelligencia entra a trabalhar. O espirito do pesquisador anima-se no desejo de tudo conhecer e explicar (FOLHA DA NOITE, 17 out. 1933, p. 4).

8. “A musica nos alienados” – Sr. José Kliass

Pouco se sabe a respeito da conferência “A musica nos alienados” que seria proferida pelo Sr. José Kliass no dia 17 de outubro de 1933, terça-feira. A revista *Rumo* (set/out. 1933, p. 29) e outros dois jornais mencionam-na brevemente, quais sejam, o *Correio de São Paulo* (7 set. 1933, p. 6) e o *Diário da Noite* (31 ago. 1933, s/n), como podemos observar: “as conferencias sobre o ‘mez dos alienados e das crianças’ versarão sobre os seguintes themas e na ordem que segue: 17 de outubro: ‘A musica nos alienados’, pelo sr. José Kliass” (DIÁRIO DA NOITE, 31 ago. 1933, s/n).

Note-se que nenhuma notícia da imprensa informou a respeito da qualidade da apresentação: seria uma conferência sobre o efeito da música no tratamento psiquiátrico, seria um sarau, ou mesmo uma apresentação de músicas compostas pelos próprios doentes mentais?

Ferraz (1998) informa que a palestra realmente não aconteceu. Já Antelo (1984, p. 192) assinala: “Da. Lídia Kliass, viúva do maestro Kliass, contou-me que, embora tendo realizado várias visitas ao hospital, com vistas à exposição no CAM, ela também não se efetivou”.

9. “Apresentação sobre assunto ligado ao evento” – Dr. Raul Malta

Com relação à conferência do Dr. Raul Malta com apresentação sobre assunto ligado ao evento, não observamos qualquer menção nas fontes consultadas sobre a data, o título da apresentação ou mesmo a sua efetiva realização. O que localizamos foram apenas breves citações em diferentes periódicos, como o *Diário de São Paulo* (27 ago. 1933, p. 4), ao falar sobre a programação do Mês, com a frase que se segue: “Dr. Raul Malta – Em data a ser marcada o dr. Raul Malta realizará uma conferencia sobre assumpto ligado ao mez dos loucos”. Na *Folha da Manhã* (27 ago. 1933, p. 1), em reportagem sobre o evento, pontuando as conferências que aconteceriam, observamos a referência à palestra, escrita exatamente com as mesmas palavras do periódico citado.

Ao que parece, a data nunca foi marcada, e a apresentação não foi concretizada, pois, nas recordações de Flávio de Carvalho sobre o Clube dos Artistas Modernos (CARVALHO, 1939, s/n), não notamos qualquer menção à realização da conferência do Dr. Raul Malta; os periódicos consultados tampouco trazem qualquer referência posterior ao que teria sido a tal apresentação.

10. “A noite dos poetas loucos” – Maria Paula

Por fim, o recital intitulado “A noite dos poetas loucos” ou “A noite dos poetas alienados”:

o Clube fará realizar, em data que será oportunamente anunciada pela imprensa, uma ‘noite de poesia’ de poetas alienados. Os poemas serão declamados pela famosa declamadora Maria Paula Adami, que São Paulo já teve ocasião de apreciar quando recitou trechos da obra de Raul Bopp, no C.A.M. (DIÁRIO DA NOITE, 31 ago. 1933, s/n).

No *Diário de São Paulo* (27 ago. 1933, p. 4), constava o seguinte comentário sobre o recital:

a noite dos poetas loucos – Em data a ser marcada será realizado um recital de poesias de loucos. Este recital tem uma grande importância para o estudo da poesia em geral. Não será declinada a identidade dos poetas loucos.

Já na *Folha da Manhã* (27 ago. 1933, p. 1), temos praticamente a mesma descrição: “A noite dos poetas loucos – Em data a ser marcada será realizado um recital de poesias de loucos. Não será declinada a identidade dos poetas loucos”.

Com base na pesquisa efetuada nos periódicos colecionados, não obtivemos qualquer informação que validasse o acontecimento ou mesmo a data precisa em que o recital seria realizado. Sabe-se que a declamadora Maria Paula Adami recitou poesias de Raul Bopp, no dia 18 de agosto, depois da palestra proferida pelo sr. Jayme Adour da Camara, sobre o sentido antropofágico da poesia do poeta (A PLATÉA, 1 ago. 1933, p. 3), em evento que não possui ligações com o “Mês das Crianças e dos Loucos”.

5.3 Debates após as conferências

Entrando em contato com os artigos publicados, torna-se evidente o grande interesse e inquietação do público presente nas conferências. Ademais, podemos observar pela forma de noticiar o evento que as conferências parecem ter despertado maior interesse do público do que os trabalhos plásticos presentes na mostra.

O êxito do evento muito deve ao fato do CAM, “[...] depois que Flavio de Carvalho traçou novas directrizes para a sua existencia”, proporcionar “[...] reuni-

ões interessantes e de grande importancia para os seus associados” (FOLHA DA NOITE, 10 out. 1933, p. 4). Assim, o CAM era visto como um laboratório de variadas experiências e centro de divulgação cultural e artística. O evento parece ter sido considerado pelos jornais da época como sucesso absoluto: “todo esse movimento é algo de novo, de original e de brilhante em nossa terra quieta e morna, em nossa vida mansa de intelectuais de província” (JORNAL DO ESTADO, 12 set. 1933, s/n). Podemos dizer que tamanho sucesso é decorrente também da atmosfera do período: a população paulistana ansiava por novidades, já que “exposições desta natureza são um tanto raras entre nós” (FOLHA DA NOITE, 29 ago. 1933, p. 4), desse modo, coube ao CAM perceber a relevância do tema e colocá-lo em pauta no instante certo, como observamos adiante:

este programa da c.a.m. revela-nos as ótimas condições de espírito dos seus sócios artistas em relação ao publico, com quem deseja estar em permanente contáto, facilitando-lhe o direito de crítica imediata, mantendo acessa a atenção dos ouvintes, que é a melhor forma de instruí-los facilitando-lhes o cultivo da dialética (FOLHA DA NOITE, 29 ago. 1933, p. 4).

As conferências “[...] se faziam sem grandes formalismos, de maneira bastante simples, em tom de conversa [...]” (ALMEIDA, 1976, p. 78), mas, às vezes, “costumavam resultar em agitação e até tumulto, pois Flávio de Carvalho fazia questão de que fossem sempre seguidas de debate” (SANGIRARDI, 1985, p. 39), alguns deles memoráveis, animados, e, por vezes, violentos (CARVALHO, 1939). Assim observamos que as conferências eram sempre muito animadas e a assistência sempre tomava parte em calorosas discussões.

“À hora marcada, muita gente enchia a sede do clube [...]” (DIÁRIO DA NOITE, 4 out. 1933, s/n), à espera de ouvir aos conferencistas. As conferências transformaram o CAM num “centro de debates” (DIÁRIO DA NOITE, 17 out. 1933, s/n), cada vez mais procurado pelos intelectuais paulistas. Sendo assim, como sempre, a assistência era enorme e “a sede do C.A.M., foi pequena para conter a numerosa assistencia que evidencia dessa maneira, o pleno exito das noites educativas, auspiciosamente levantadas pela novel associação” (FOLHA DA MANHÃ, 20 set. 1933, p. 14). Os salões do Clube viviam cheios. O “seleto publico” (JORNAL DO ESTADO, 20 set. 1933, s/n), constituído de estudiosos de São Paulo, especialistas do meio, intelectuais e médicos, os próprios sócios que, durante as conferências, tinham os seus lugares reservados, artistas, além da sociedade em geral (JORNAL

DO ESTADO, 14 set. 1933, s/n), sempre podiam apresentar as objeções ao final das palestras.

O belo exemplo da *Folha da Manhã* (27 set. 1933, p. 4) nos permite visualizar o clima em que as conferências eram realizadas:

o director do Juquery falou, hontem, ás 22 horas no 'Clube dos Artistas Modernos'. A assistencia era enorme. Pouca luz e muitas figuras arroçadas, decorativas, que esticam braços de legua e meia e saracoteiam em sombras amarellas. Flavio de Carvalho abre a sessão. Displicentemente, lê a acta da reunião anterior e annuncia o que vae acontecer em outubro. Varias conferencias. Falará o dr. Fausto Guerner. Falará Edgard Braga. 'Maternidade consciente' e outros assumptos. O 'C.A.M.' está installando o theatro 'Experiencia'. No rez-do-chão. E, para isso, dar áum baile no dia 7 proximo. Quem tiver vocação que se inscreva. E o clube já tem seu 'time' de futebol. Em seguida, apresenta o dr. A. C. Pacheco e Silva, que, por signal, declarou, não precisar de apresentação.

E, ao final da reportagem, lemos que:

a conferencia produziu optima impressão. Encerradas suas palavras, Flavio de Carvalho pergunta quem é que deseja fazer perguntas ou pedir esclarecimentos. O sr. Oswaldo de Andrade não concorda em que a natureza não dá saltos... O sr. Jayme Adour da Camara quer saber que relação ha entre as gravuras antigas e a alienação. Fala um jornalista italiano. Trocam-se apartes e chovem perguntas. O dr. A. P. Pacheco e Silva, calmamente, vae dando explicações, rebatendo os apartes, até que o presidente do 'C.A.M.', volta, com a mesma naturalidade, a falar do clube de futebol, annunciando, de novo, o baile do dia 7 e o theatro 'Experiencia', do rez-do-chão, no clube que, na sua opinião, é com laboratorio de arte moderna.

Documentos como este nos possibilitaram a reconstrução do ambiente em que as conferências eram proferidas, entretanto, muito ganharíamos se a edição do conjunto das palestras, ilustradas com os desenhos da exposição, realmente tivesse sido publicada.

5.4 As obras na exposição e nas conferências

Um de nossos objetivos era o de reconstituir a atmosfera do “Mês das Crianças e dos Loucos”, focalizando os trabalhos, os acervos e seus sujeitos. Para tanto, seria necessária a preservação de documentos capazes de auxiliar-nos nessa construção, ou melhor, reconstrução. É lastimável do ponto de vista histórico a falta da produção de um catálogo e a inexistência de uma documentação fotográfica do

evento, tanto em arquivos mais amplos, quanto naqueles pertencentes propriamente aos seus organizadores. As reportagens mostram algumas poucas imagens que revelam dados sobre as obras da exposição e sobre as reproduções que ilustraram as conferências, algumas das quais constam de publicações anteriores (CESAR, 1929) e posteriores (MARCONDES, 1933) ao evento.



Fig 12 – *Algumas produções artísticas dos alienados.* Fonte: *Jornal do Estado*. 31 ago. 1933.

Nas fontes utilizadas para a reconstrução do evento, observamos algumas raras reproduções do espaço expositivo e das obras apresentadas – estas últimas ainda se fazem, na sua maioria, dos trabalhos dos doentes mentais, e não dos trabalhos feitos pelas crianças. Desenhos de crianças foram apresentados por meio de “projeções luminosas” das conferências, e pertencem, portanto, aos próprios palestrantes; não se tem documentação sobre os trabalhos infantis que figuraram na exposição do evento. As reproduções contidas nos jornais não apresentam qualquer legenda informando o autor, o ano, a coleção a qual pertencem, a procedência, as dimensões, enfim, nenhuma informação que nos possibilite o reconhecimento e/ou identificação das obras expostas. As reportagens que incluíram tais reproduções não mencionam em nenhum momento as imagens que as acompanham, o que sugere certo descaso entre os conteúdos (imagéticos e textuais) por ela abordados.

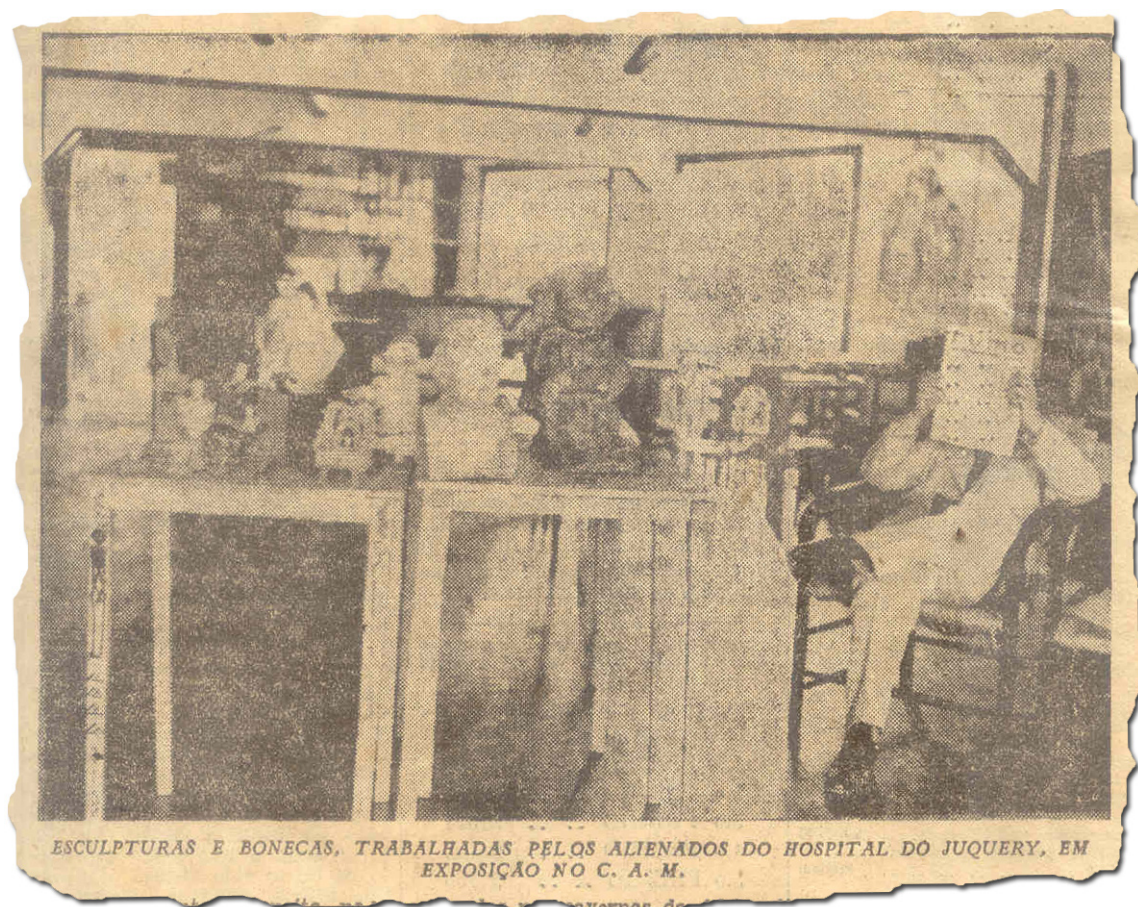


Fig 13 – Esculturas e bonecas, trabalhadas pelos alienados do hospital do juquery, em exposição no C.A.M. Fonte: *Diário da Noite*. 31 ago. 1933.

Foi somente quando tivemos acesso ao arquivo de J. Toledo que encontramos surpreendentes reportagens do *Jornal do Estado* (31 ago. 1933, s/n), que mostravam a disposição da exposição com “algumas produções artísticas dos alienados”. A imagem (figura 13) presente no *Diário da Noite* (31 ago. 1933, s/n) evidencia outro ângulo da exposição: amontoadas umas ao lado das outras sobre duas pequenas mesas de madeira, encontram-se as peças tridimensionais em cerâmica, madeira e tecido – de bustos, de corpos inteiros, duas figuras orientais e bonecas de pano – feitas pelos internos do Hospital do Juqueri. O clima de improviso, a falta de legendas e cuidados com a visualização de cada peça pode ser interpretada como descaso, entretanto a disposição desordenada parece-nos dever-se principalmente ao modo mais espontâneo e despojado de como o evento foi coletivamente organizado, sendo característico da natureza de funcionamento do próprio CAM.

Ao fundo dessa mesma imagem, vê-se o que parece ser o painel no qual se faziam as projeções luminosas das conferências, e que aparece refletido em um

imenso espelho que faz parte do bar do Clube dos Artistas Modernos. Logo à frente do telão, encontram-se cadeiras, delimitando o espaço onde seriam assistidas as palestras. Apesar da má qualidade da imagem, pode-se identificar com certa clareza os elementos constitutivos do espaço em questão (figura 14),⁷² indicando que os organizadores do evento não dividiram em salas ou andares a exposição das conferências – tudo pareceu ter acontecido ao mesmo tempo e espaço. Uma vez mais, a fala de Flávio de Carvalho concentra em si a resposta às nossas suposições quanto ao espaço expositivo disposto ao evento: “espalhados sôbre as pequenas mesas da sala única estava toda a tragédia da vida e do mundo [...]” (CARVALHO, 1939, s/n) – através dela, podemos constatar que, realmente, tanto a exposição dos trabalhos de loucos e crianças, quanto as conferências, aconteceram, sim, no mesmo ambiente físico do CAM.

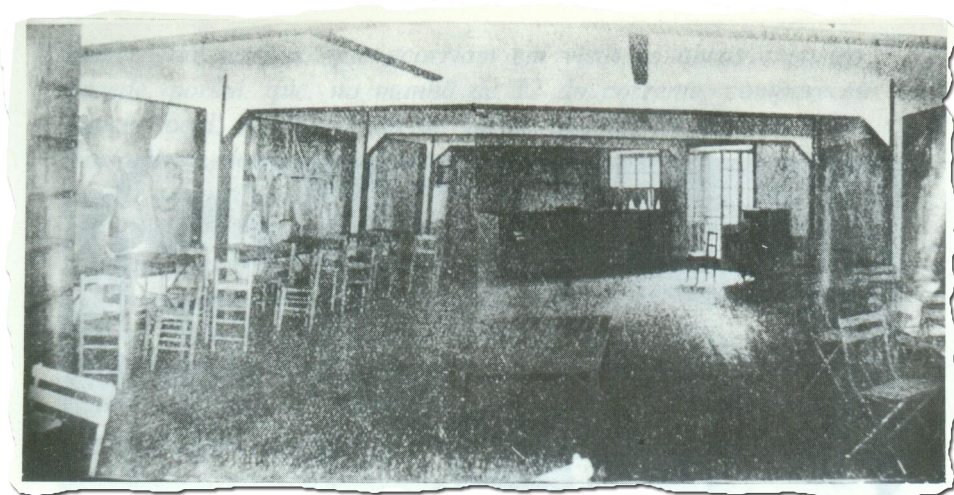


Fig 14 – Salão do Clube dos Artistas Modernos (CAM). São Paulo, 1933. Fonte: Arquivo de J. Toledo (1994).

As fotografias em questão (figuras 12 e 13) não permitem perceber o espaço da exposição dos trabalhos bidimensionais das crianças e dos internos do Juqueri, mas parece que a exposição foi arranjada contra uma das paredes, deixando a área central do grande salão aberta para as cadeiras onde o público se instalou. Os grandes painéis pintados pelos quatro fundadores – Flávio de Carvalho, Di Cavalcanti, Antonio Gomide e Carlos Prado junto de Anita Malfatti e John Graz (ver

⁷² Durante a pesquisa foram encontradas outras referências imagéticas a respeito do interior do Clube dos Artistas Modernos que confirmaram a sua disposição física, que mencionamos no texto.

Leite, 1994) – permaneceram visíveis, compondo, de certa forma, um discurso visual coerente com a justaposição de obra do louco, da criança e do vanguardista, conforme discussões de Prinzhorn em 1922, posteriormente comentadas também por Osório Cesar (1929).

Cabe também observar na figura 13 que o homem sentado (quicá Flávio de Carvalho!) lê um exemplar da revista *Rumo*, um periódico carioca sobre arte e cultura, sugerindo que a própria fotografia compõe um discurso metalinguístico; podemos supor, pelo espírito jocoso dos organizadores, que o número nas mãos do senhor é o n. 4, de agosto de 1933, com a chamada sobre o evento: “Club dos Artistas Modernos: um laboratório de experiências para a arte moderna”.

5.5 Os trabalhos das crianças e dos loucos na exposição

O único periódico que registrou trabalhos plásticos feitos por crianças, apresentados durante as conferências, foi o *Jornal do Estado*, de 12 de setembro e 14 de setembro de 1933.⁷³



Fig 15 – *Desenho típico de criança, reproduzido de um muro de certa rua de bairro. Fonte: Jornal do Estado. 12 set. 1933.*

⁷³ As duas reportagens somente foram encontradas no Acervo documental de J. Toledo sobre Flávio de Carvalho, e, por pertencerem a um livro de memórias do próprio (compilado na década de 1930), não foram reproduzidas com boa resolução; além disso, não aparece a diagramação da página original do jornal, pois o artista recortava as reportagens para caberem em seu livro. É também por este motivo que estas reportagens não possuem o número de página, sendo apresentadas nesta pesquisa com a inscrição “s/n”.

A primeira reportagem é “Desenhos de crianças em paredes”, sobre a palestra do Dr. Pedro de Alcântara Machado, que seria proferida no dia seguinte. A matéria traz o desenho a lápis (figura 15) de uma figura palito com os braços e pernas abertos, junto de um trem, com locomotiva e vagões do lado esquerdo e uma casa do lado direito, e, logo abaixo da perna direita, os dizeres: *Viva 1933!!!*. Abaixo da imagem, vê-se a seguinte legenda: “desenho típico de criança, reproduzido de um muro de certa rua de bairro” (JORNAL DO ESTADO, 12 set. 1933, s/n).

A segunda reportagem, do dia 14 de setembro, refere-se à mesma palestra do Dr. Pedro de Alcântara Machado,

que havia sido proferida no dia anterior. A imagem de um desenho (figura 16) feito também a lápis por uma “menina de 3 anos”, como consta na legenda, constitui-se de 3 personagens, na qual “[...] a gravura de baixo representa, no dizer da pequena artista, uma chinesa [...]” (JORNAL DO ESTADO, 14 set. 1933, s/n). Uma figura está na parte superior da folha, composta de cabeça e pés (ou pescoço?), com vários detalhes: cabelos cacheados, boca, nariz, sobrancelhas, olhos grandes e abertos e uma representação circular para a bochecha. Ao seu lado direito vemos o que parece ser uma outra pessoa, porém

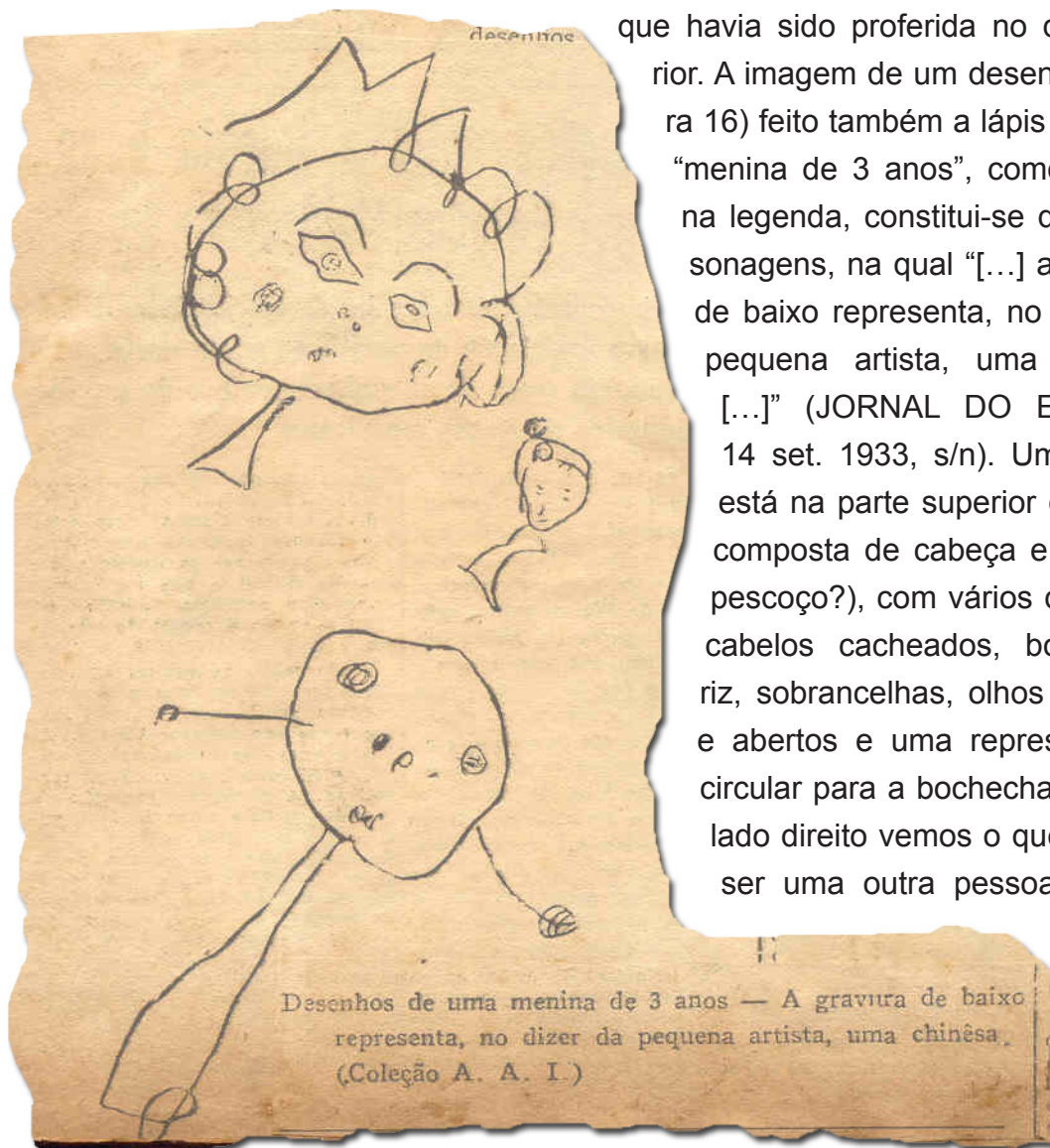


Fig 16 – Desenhos de uma menina de 3 anos. A gravura de baixo representa, no dizer da pequena artista, uma chinesa. Coleção A.A.I. Fonte: Jornal do Estado. 14 set. 1933.

em escala muito menor que a primeira e sem grandes detalhamentos; e, por fim, ao pé da folha, mais uma figura girino, com os pés e mãos saindo da cabeça grande e praticamente redonda, com olhos, narinas e mãos com dedos raiados. Como as figuras girino, a representação do corpo ainda está pouco detalhada, embora o rosto traga mais detalhes do que se espera nos desenhos iniciais de uma criança de três anos. É interessante notar que foi preservada a disposição inclinada do desenho original na reprodução. Ao final da legenda, encontra-se “Coleção A. A. I.”, iniciais que não parecem ser do palestrante e também não indicam de quem seja.

Em nenhuma das duas reportagens contextualiza-se a imagem, e o leitor desconhece se aquele desenho infantil fazia parte da exposição ou se foi projetado na conferência. Estas imagens parecem ter a função de preencher espaço da notícia, apenas. Seria interessante conhecer a coleção do conferencista, as suas escolhas e a constituição de conceitos nos quais baseou sua pesquisa.

Em entrevista concedida ao jornalista do *Diário da Noite* (31 ago. 1933, s/n) daquele ano, Flávio de Carvalho comentou sobre a qualidade dos trabalhos infantis expostos durante o evento. Vejamos:

na exposição de desenhos de crianças – disse-nos elle – o Clube procurou expôr typos de desenhos alguns com recordações sexuaes inconscientes, outros demonstrando grande lirismo na forma e na cor, outros relembrando o primitivismo dos desenhos encontrados nas cavernas da Africa: os primeiros passos do homem na representação das coisas de seu interesse.

Afirmou em seguida que os desenhos espontâneos das crianças que não são controlados pelos professores recordam “toda a animosidade da especie, mais ou menos do mesmo modo como o desenvolvimento uterino do feto recorda todas as phases da evolução das espécies” (DIÁRIO DA NOITE, 31 ago. 1933, s/n).

Já os periódicos que registraram as imagens das obras produzidas pelos internos do Hospital do Juqueri expostas durante o evento foram um pouco mais abundantes. O jornal *Correio de São Paulo* (7 set. 1933, p. 6) traz a reprodução de um trabalho de um alienado do Juqueri, com a seguinte legenda: “cliche dum desenho de louco do juquery, fornecido á exposição pelo dr. Pacheco e Silva”. Trata-se de produção de um “paraphrênico”,⁷⁴ constando como figura 73 de Cesar (1929),

⁷⁴ Segundo Cesar (1929), as “paraphrenias” formam um grupo clínico bem definido, que não apresenta modificações da personalidade, perda da afetividade e da iniciativa.

que, no total, traz quatro desenhos semelhantes do mesmo desenhista, que são as figuras 70 a 73.

No seu terceiro capítulo, na parte que se dedica às discussões relacionadas à *Poesia, literatura e desenhos de dementes precoces*, Cesar (1929) traz a história do doente, bem como descreve as quatro figuras por ele desenvolvidas. Trata-se de P..., um italiano casado de 37 anos, recolhido pelo Hospital do Juqueri em 10 de dezembro de 1920, que se dedicava somente ao desenho, à pintura e à música. O autor observa que é grande a coleção de trabalhos que a instituição possui de P..., e que neles sempre há o mesmo personagem ilustrando as cenas das composições: a figura de negros, que, algumas vezes, encontram-se acompanhadas de aves e animais domésticos. “A sua arte, pois, se resume num só motivo estereotipado, que lhe serve de base para as suas criações” (CESAR, 1929, p. 75). Para ele a técnica de P... é primitiva, sem qualquer noção de perspectiva ou movimento; seu trabalho carece de decorações e ornamentos, e suas figuras assemelham-se bastante, segundo ele, às figuras egípcias, devido à conformação do tórax.

No decorrer de sua obra, comenta cada uma das produções de P..., iniciando pela figura 70 (figura 17), que representa um casal de negros de olhos “expressivos e bem iluminados” (CESAR, 1929, p. 76) e, ao meio, um vaso com uma planta em cima de uma cadeira (na qual o encosto e os pés são notas musicais estilizadas). Na figura 71 (figura 18), os animais dão idéia de “brinquedos de crianças, taes são as atitudes em que estão dispostos” (CESAR, 1929, p. 76). A zoolatria é muito presente nas obras de P...: quando não é o cão que acompanha as suas figuras, é o urubu, “a ave agoureira, que elle pinta com uma certa expressão de realidade” (CESAR, 1929, p. 76). Na figura 72 (figura 19), vê-se a fachada de uma igreja, com um homem na porta central e um urubu no telhado.



Fig 17 – Desenho a lapis de um paraphrenico. Fonte: Osório Cesar, 1929, p. L.

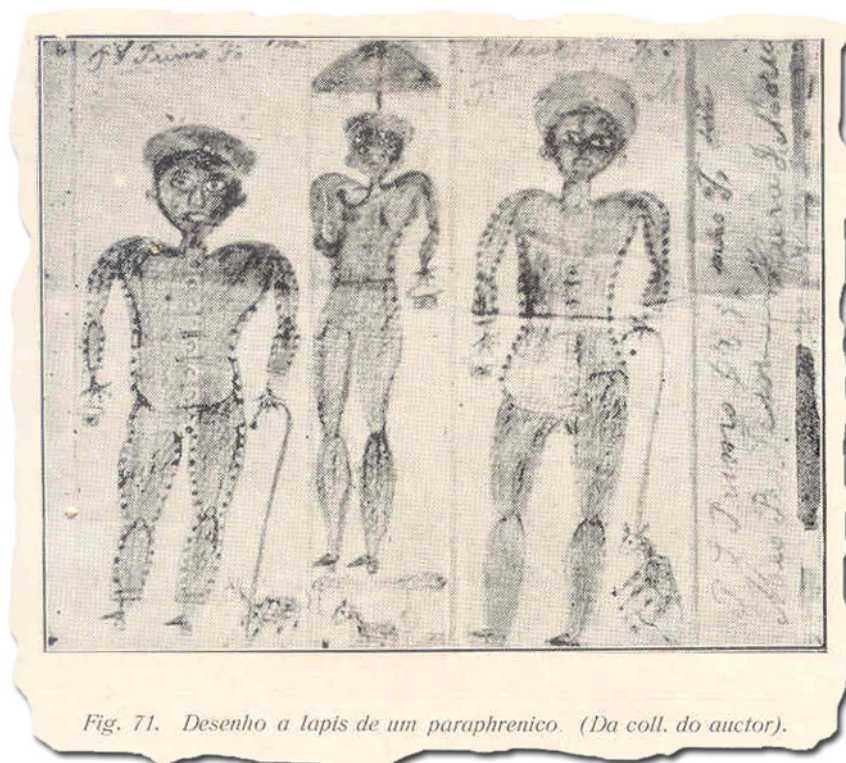


Fig 18 – Desenho a lapis de uma paraphrenico. Fonte: Osório Cesar, 1929, p. LI.

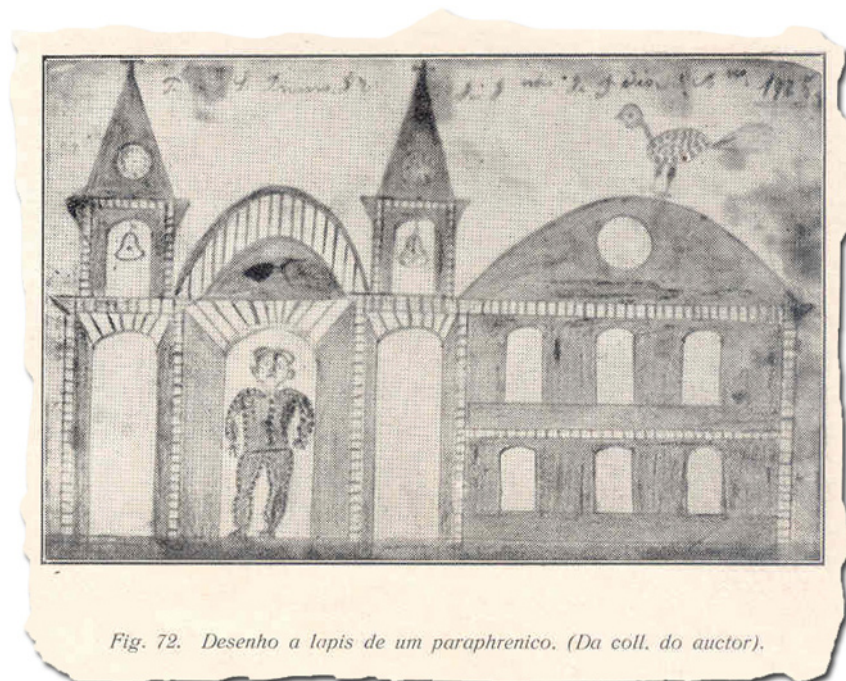


Fig 19 – Desenho a lapis de um paraphrenico. Fonte: Osório Cesar, 1929, p. LII.

A figura 73 (figura 20), reproduzida também no *Correio de São Paulo*,

[...] descreve uma scena de assassinato que P... diz ter presenciado no interior do Estado de São Paulo. Um negro, com os joelhos sobre o solo, aponta uma arma de fogo para outro negro, armado de espingarda e facção, em posição de sentido, mas sem dar a menor atenção ao grave facto (CESAR, 1929, p. 76).

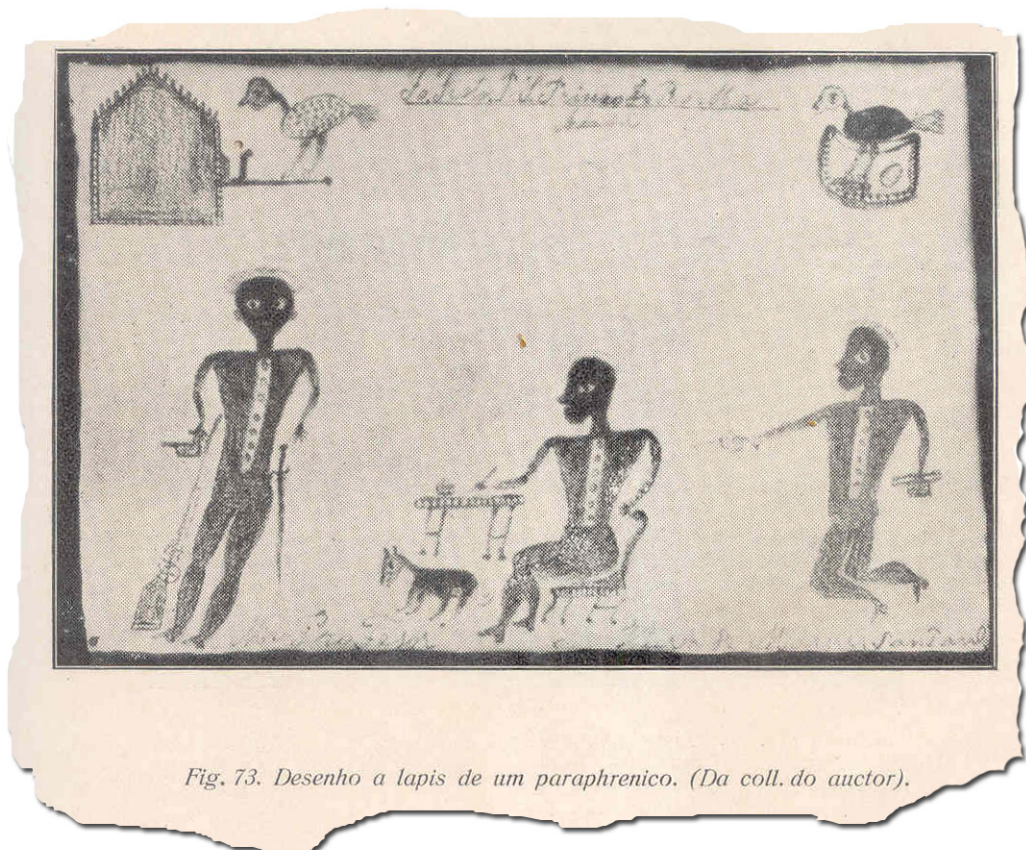


Fig. 73. Desenho a lapis de um paraphrenico. (Da coll. do auctor).

Fig 20 – Desenho a lapis de um paraphrenico. Fonte: Osório Cesar, 1929, p. LIII.

Coadjuvantes na composição, no canto superior esquerdo, há uma gaiola com um urubu; no canto direito, uma cesta com um ovo de uma fêmea de urubu. Em baixo, “perto do negro sentado, um cão em attitude de espanto, olha para o soldado” (CESAR, 1929, p. 76). Nos seus quatro trabalhos parece haver assinaturas e nomes indicativos nas bordas do desenho, os quais não são todos identificáveis – não se sabe se quem escreveu foi o desenhista ou um profissional de saúde que acompanhou o trabalho.

Para Cesar (1929, p. 77), a arte pictórica de P... “[...] é primitiva, grosseira e apresenta vários pontos de contacto com a arte das crianças de grupo escolar. Apesar disso, pode-se admirar nella uma certa e curiosa originalidade”.

Já o periódico *Folha da Noite* (19 set. 1933, p. 8), apresenta a reprodução da *Catedral dos assombros*, sendo este um dos desenhos que ilustrou a conferência do Dr. Durval Marcondes – e que, dessa forma, faz parte de uma das quatro imagens presentes na publicação desta conferência, como veremos a se-

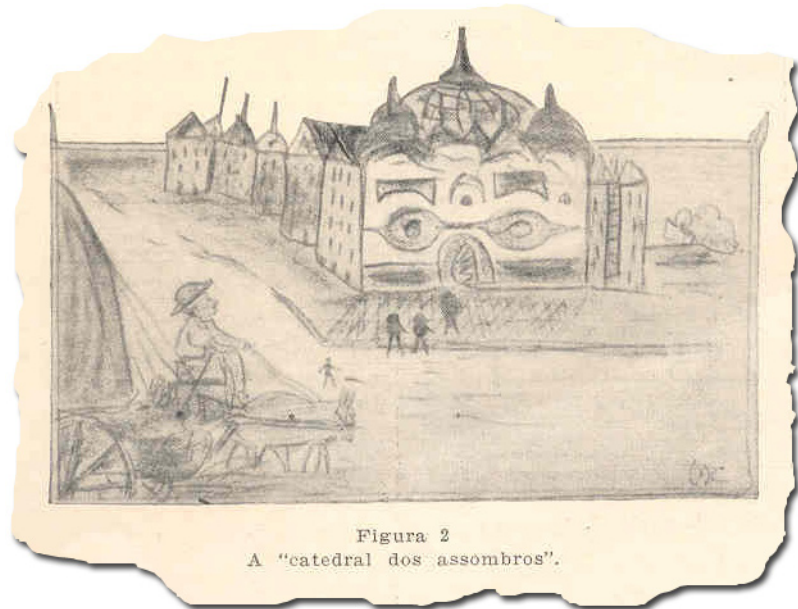


Fig 21 – A “catedral dos assombros”. Fonte: Durval Marcondes, 1933.

guir. A qualidade da imagem presente no jornal dificulta a sua compreensão e o apontamento dos vários elementos que a constitui: não é possível visualizar a assinatura MC, que se vê com clareza no texto da conferência publicada; na reprodução do jornal, centralizado no alto da imagem, encontra-se a inscrição XXX, que não é avistada na publicação. Por esse motivo, nos deteremos nas imagens reproduzidas na publicação do artigo do Dr. Durval Marcondes, presente na *Revista da Associação Paulista de Medicina* (ver Anexo D), de outubro de 1933.

Como vimos anteriormente, na conferência publicada do Dr. Durval Marcondes, encontra-se a impressão de quatro imagens entre as páginas 178 e 179. Duas delas, respectivamente as figuras 21 e 22, são desenhos produzidos por um esquizofrênico de 20 anos, fornecidos pelo prof. E. Vampré (MARCONDES, 1933, p. 180). Observamos que a figura 21 é a imagem reproduzida na *Folha da Noite* de 19 de setembro, com as devidas diferenças de resolução listadas acima.

Segundo as informações presentes no trabalho publicado a que nos referimos, e pelo que se pode ver, esse doente compôs uma “novela ilustrada, cheia de figuras coloridas [...]”. Vê-se nelas uma casa que o doente chamou ‘catedral dos

assombros” (MARCONDES, 1933, p. 180). A figura 22 parece representar um momento anterior da narrativa visual, com uma carroça, carregando feno, mais distante da catedral. A figura 21 apresenta, em segundo plano, a catedral, já mais próxima, ao lado de casas pequenas e altas que sangram a borda do horizonte. Em primeiro plano, vê-se o caminho, a charrete, o burrinho e o condutor. Entre esses dois planos pode-se observar a presença de pessoas,

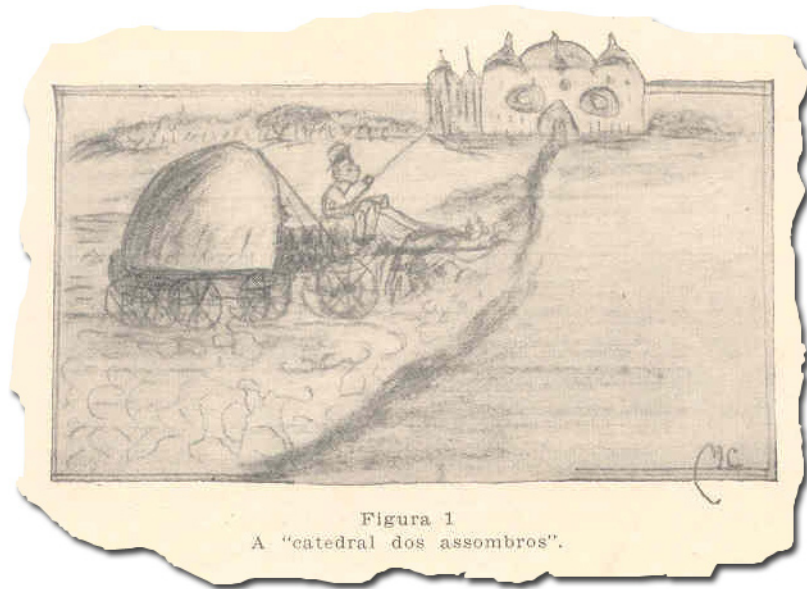


Fig 22 – A “catedral dos assombros”. Fonte: Durval Marcondes, 1933.

as, em escala muito menor que os outros elementos. Na base à direita, observa-se a assinatura MC, que também sangra a moldura determinada para o desenho.

Novamente pautados nas observações de Marcondes (1933, p. 180), nota-se “[...] em ambos os desenhos, que êsse edifício tem o aspecto de uma figura humana. Ora, a experiência psicanalítica nos ensina que a casa é um símbolo do corpo humano. [...] a casa é mais particularmente um símbolo da mulher”. Já a figura 23, legendada como *Desenho de um doente de E. Weiss*, é a ilustração do sonho de um paciente do psicanalista E. Weiss, no qual aquele se achava perto de uma casa rústica, semelhante às que avistou durante a guerra na Rússia. E, por fim, a figura 24, de nome *Requiem*, aparece como sendo o quadro de uma paciente de Pfister,⁷⁵ um rapaz de 18 anos cujo trabalho retrata uma igreja ao centro da obra, com árvores ao seu lado e, no plano de fundo, uma cadeia de montanhas.

⁷⁵ Pfister (1873-1956) foi o primeiro psicanalista a incluir atividades artísticas em sessões terapêuticas e a publicar o livro *Expressionism in Art: its psychological and biological basis*, juntamente com um artista francês, no qual apresentou desenhos de livres associações feitos pelo paciente José, durante as sessões de análise.

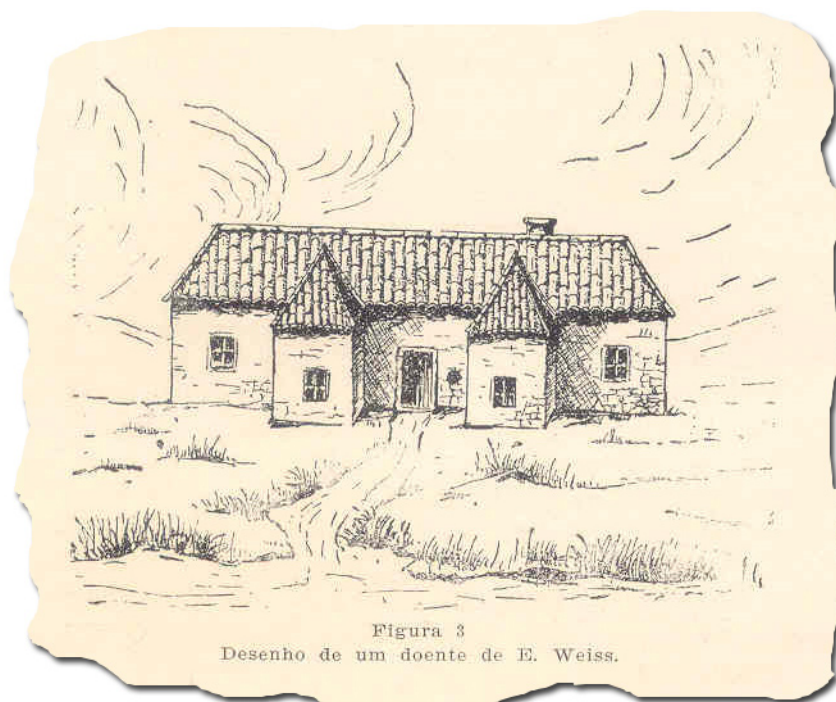


Fig 23 – Desenho de um doente de E. Weiss. Fonte: Durval Marcondes, 1933.

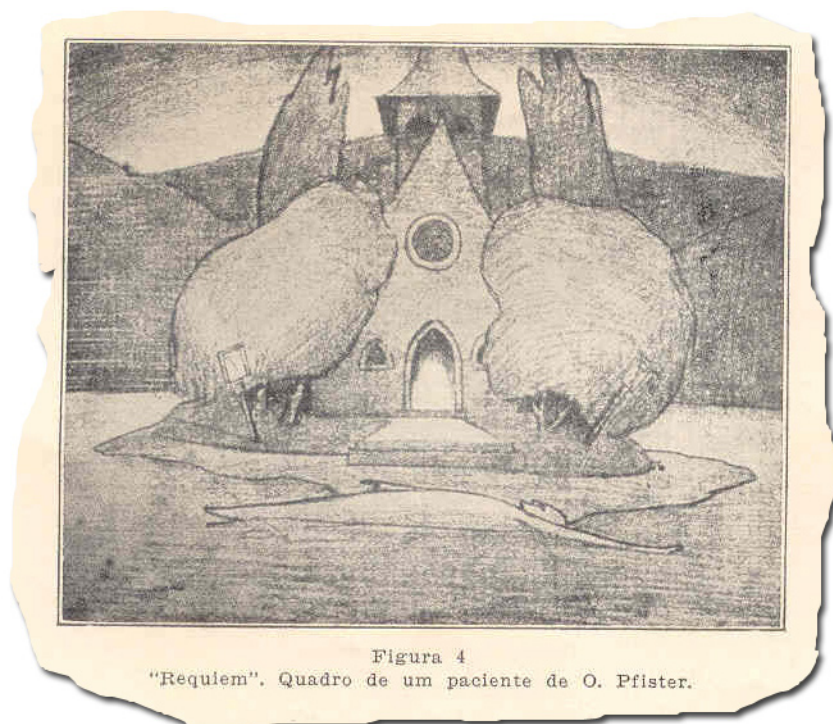


Fig 24 – "Requiem". Quadro de um paciente de O. Pfister. Fonte: Durval Marcondes, 1933.



Fig 25 – *Escultura de um louco do Juquery*.
Fonte: *Rumo*, ago. 1933.

A revista *Rumo*, em seu artigo *Crianças-artistas, doidos-artistas*, de setembro e outubro daquele ano, traz a reprodução de uma “escultura de um louco do Juquery” (figura 25) em meio à reportagem. Peça que também aparece reproduzida no *Diário da Noite* (31 ago. 1933, s/n) (figura 13) e nos livros de Osório Cesar, tanto de 1929 (na qual foi analisada em minúcias), quanto em *A arte nos loucos e vanguardistas*, de 1934 (publicação da conferência realizada no evento). Além destes, a peça aparece na imagem do livro de Toledo (1994) ao lado de Flávio de Carvalho. Trata-se da obra de um “escultor muito original, cubista”, o qual nunca teve “noção de arte e cuja educação intelectual sempre foi medíocre” (CESAR, 1934, p. 40). O doente T..., 32 anos, negro e soldado da polícia, entrou no Juqueri em 2 de julho de 1919, removido da cadeia pública onde estava preso por assassinar sua mulher à machadadas. A escultura é denominada, pelo próprio T..., de *Santo Antonio da Rocha*, e chama a atenção a

deformação gritante de seus membros. Uma cabeça muito grande, face muito lisa, physionomia de máscara; o nariz grande, quasi grego; boca aberta, grande; labios grossos; olhos grostecamente deformados; as mãos, porém artisticamente estilizadas (CESAR, 1934, p. 45).

A escultura tem aproximadamente 35 cm de altura e é da coleção do Hospital do Juqueri⁷⁶, conforme consta nos dizeres da imprensa da época sobre “os desenhos e escultura de alienados”, que “foram amavelmente cedidos pelo dr. Pacheco e Silva e pertencem á collecção do museu do Juquery” (DIÁRIO DA NOITE, 21 set. 1933, s/n).

⁷⁶ Apesar da pesquisadora ter visitado o acervo do Complexo Hospitalar Juqueri, a escultura citada não foi localizada.

Ainda com relação à publicação da conferência do Dr. Osório Cesar de 1934, salientamos a impressão de três imagens: a primeira delas refere-se à representação imagética da “loucura”, desenhada por um psicótico, que apresenta, segundo Cesar (1934, s/n), “recalques sexuais. Complexo de Édipo e Anal”. A terceira reprodução concerne à escultura que tratamos anteriormente, *Santo Antonio da Rocha*, produzida por T..., que também é autor da segunda figura apresentada no livro. *São Jacintho* é o nome que ele gravou aos pés da estatueta, e consiste em uma das suas primeiras produções. Segundo T..., a figura “[...] foi construída com o ouro mais puro da mina que encontrei no terreiro e ella possui a virtude de espalhar a felicidade entre os homens” (CESAR, 1934, p. 42). A cabeça da escultura está coberta por um boné e no alto possui uma cruz; na face nota-se os

olhos empapuçados, o nariz desageitado e chato, cahindo em diagonal sobre a bocca semi-aberta. Uma barba longa cobre todo o queixo, terminando no abdômem dilatado. Não se vêem os braços nem as mãos. As pernas, pequenas e desengonçadas, emprestam a esse monstro uma attitude singular. Na perna direita nota-se uma atrophie accentuée nos musculos da coxa (CESAR, 1934, p. 42-43).

Não encontramos outras referências imagéticas a respeito dos trabalhos bidimensionais – desenhos e pinturas – além das esculturas, produzidos tanto pelos internos do Juqueri, quanto pelas crianças das escolas públicas de São Paulo e de particulares, em nenhuma outra fonte consultada, a ponto de podermos realizar uma listagem das obras expostas.

Apoiando-nos também nas palavras de Osório Cesar, inscritas em seu livro *Aspectos da vida social entre os loucos*, publicado em 1946, temos uma boa amostra da arte produzida pelos internos do Hospital do Juqueri, acreditamos ser plausível estarem presentes trabalhos dessa mesma qualidade no evento organizado em 1933. Eis o seu comentário:

se os poetas cantam as suas mágoas, os seus desejos e os seus amores, os artistas plásticos, pintores e escultores, também exprimem as suas emoções desenhando, pintando e esculpindo nos pavilhões dos manicômios. Nesses artistas encontramos todas as tendências, desde a mecânica cópia do natural até a expressão mais original de sua livre criação (CESAR, 1946, p. 22).

Certamente, para o “Mês das Crianças e dos Loucos”, Osório Cesar selecionou as obras dos doentes mentais que pudessem chamar a atenção do público

pela característica inusitada de suas formas, assim como os trabalhos das crianças, que foram escolhidos por sua espontaneidade, diferentemente daqueles executadas na escola (FERRAZ, 2002).

Devemos observar que as exposições realizadas por Osório Cesar, segundo Ferraz (1998), faziam parte de seu projeto psicossocial e estético, pois acreditava ser de grande importância esses intercâmbios; assim, durante anos, procurou apresentar para diversos públicos os trabalhos executados pelos internos do Hospital do Juqueri. Os objetivos das exposições realizadas por Osório Cesar em solo tupiniquim e estrangeiro restringiam-se à divulgação das obras e discussão dos aspectos científicos e estéticos.

Sabe-se que foram várias as exposições por ele organizadas, mas nenhuma delas foi devidamente documentada, o que resultou numa inestimável perda de sua memória. Além desse fator, podemos identificar parte da perda de referências sobre o “Mês das Crianças e dos Loucos”, em especial às obras expostas dos doentes mentais, pelo fato de que, em exposições posteriores, muitas obras do acervo passaram a ser vendidas, já que, segundo Ferraz (2002, p. 17-18), “para poder dar continuidade ao seu projeto cultural e social, ele necessitava de um retorno pecuniário, o que era possibilitado com a venda das obras expostas”. Apesar de não ter sido divulgado nas reportagens a possibilidade de compra das obras expostas, a exposição pode ter evidenciado a Osório Cesar um interesse do público em adquirir peças da mostra, já que nas exposições posteriores de 1948, 1951 e nas décadas de 1950 e 1960, Cesar inicia um apelo ao público para ajudar na manutenção da produção por meio da compra de trabalhos realizados no Juqueri (FERRAZ, 1998; 2002).

5.6 A Divulgação do “Mês das Crianças e dos Loucos”

Inúmeros foram os periódicos que noticiaram os eventos desenvolvidos pelo CAM em geral e sobre o Mês, especificamente,⁷⁷ os quais permitem compreender a montagem do evento, isto é, como se deu a sua organização e também como a imprensa da época o recebeu e o noticiou.

⁷⁷ Para saber mais, ver os seguintes anexos: *A Gazeta* (12 jul.; 5 out. 1933); *A Platéia* (20 jul.; 01 ago. 1933); *Base* (ago.; set. 1933); *Brazil Novo* (17 jul. 1933); *Correio de São Paulo* (2 ago.; 7 set. 1933); *Diário da Noite* (12 jul.; 2 ago.; 26 ago.; 31 ago.; 21 set. 1933); *Diário de São Paulo* (27 ago. 1933); *Diário do Povo* (21 jul. 1933); *Diário Popular* (28 ago. 1933); *Fanfulla* (15 jul.; 01 ago. 1933); *Folha da Manhã* (13 jul.; 01 ago.; 27 ago. 1933); *Folha da Noite* (12 jul. 1933); *Jornal do Estado* (01 ago. 1933); *O Dia* (03 jul. 1933); *RASM* (1939); *Rumo* (ago.; set/out. 1933).

A divulgação do “Mês das Crianças e dos Loucos” aconteceu tanto na imprensa de São Paulo como na do Rio de Janeiro.⁷⁸ Praticamente todos os jornais da cidade de São Paulo noticiaram o evento, seja em grandes reportagens sobre o CAM, seja em notas sobre o evento em questão e as suas ramificações. Em reportagem do jornal *O Alicerce*, de 1975, na qual comentava sobre os inúmeros feitos de Flávio de Carvalho, algumas palavras foram dedicadas à imprensa paulistana:

todas as suas chamadas ‘extravagâncias’ tiveram a mais ampla acolhida da imprensa paulistana. Todo jornal que se prezasse fazia questão de publicar suas declarações, divulgar suas inovações vanguardistas (O ALICERCE apud TOLEDO, 1983a, p. 41-42).

Já no Rio de Janeiro, a difusão do evento se deu por dois periódicos: as revistas *Base* e *Rumo*. Durante a análise dos documentos e bibliografias a respeito do CAM, constatamos que a idéia foi sempre muito bem recebida pela imprensa e pela sociedade da época; não encontramos reportagens críticas, que polemizassem o tema. Com exceção de sutis diferenças quanto ao uso das palavras e expressões utilizadas em cada um deles, os textos nos diferentes jornais muito se parecem.

A ACTIVIDADE DO CLUB DOS RATISTÁS MODERNOS

Inaugurou-se hontem á rua Pedro Lessa, 2, uma exposição de Cartazes Russos, verdadeira curiosidade para São Paulo pois que mostra como um povo faz a sua propaganda ideologica, e como o cartaz adquiriu um valor psychologico formidavel na vida moderna.

INDIOS NA AMAZONIA
No dia 17 ás 22 horas, o sr. Pedro Faber Halemberg falará sobre os Inhay da Amazonia. O sr. Halembeck durante 20 annos passou longos periodos em contacto com os indios de diversas tribus e é um conhecedor amoroso dos sertões.

A VONTADE DE UM POVO
No dia 23, ás 22 horas, o sr. Jayme Adour da Camara palestrará sobre a sua viagem na Russia, discorrendo sobre o thema "vontade de um povo" com referencia a exposiçào de cartazes.

TARCILA DO AMARAL
No dia 29 a pintora patricia Tarcila do Amaral discorrerá sobre o thema "Arte proietaria".

MEZ DOS LOUCOS E DAS CRIANCAS
Em principios de agosto será inaugurado o mez dos loucos e das crianças, com uma exposiçào de desenhos de loucos e de crianças, e uma série de interessantes conferencias culminando em uma semana de debates sobre o assumpto.

O psychiatra dr. Osorio Cesar, que está tomando parte na organisação deste momento certo fará varias conferencias sobre o assumpto. Virá a São Paulo especialmente para realizar conferencias e tomar parte nos debates o dr. Neves Manta um dos mais conhecidos psychiattras do Rio de Janeiro e assistente do professo-ox Roxo. Tambem tomarão parte nos debates o dr. Octavio Monteiro de Camargo e outros especialistas que opportunamente serão convidados pela direcção do Clube.

Fig 26 – A ACTIVIDADE do club dos artistas modernos. Fonte: *O Dia*, p. 3. jul. 1933.

⁷⁸ Para saber mais a respeito do noticiário da época, ver Anexos.

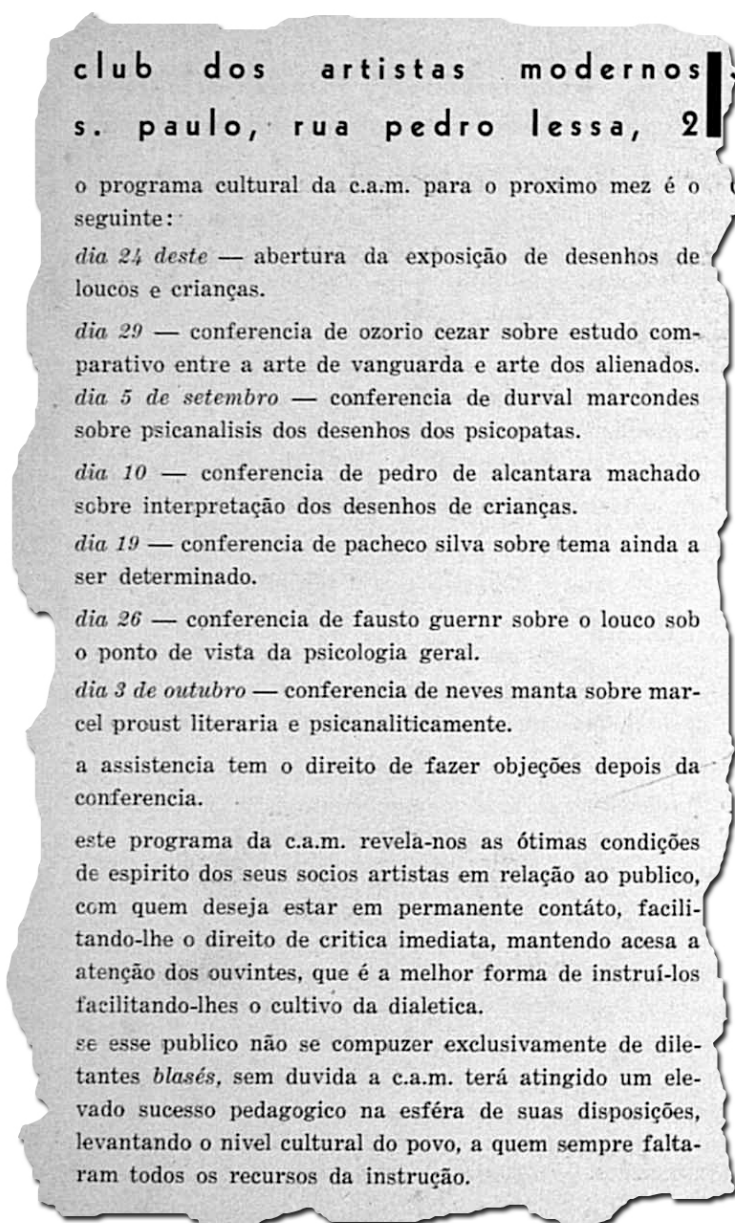


Fig 27 – CLUB dos artistas modernos. Fonte: Base Revista de arte, técnica e pensamento. Set. 1933.

O evento foi uma oportunidade também para focalizar as atividades do Clube e seus projetos, que passou a ser visto como um grande

laboratório de experiências. [...] o clube é laboratório mesmo e esperam que de lá saia qualquer coisa de importante. [...] Ha, indiscutivelmente, em tudo quanto os 'artistas modernos' fazem e projectam, uma pontinha ferina destinada a machucar a epiderme do indígena, sensibilizada por precon-

ceitos e convenções. Ha, inegavelmente, a vontade gostosa de fazer os outros boquiabrirem-se diante de attentados estheticos que elles são os primeiros a renegar. [...] ha tambem iniciativas felizes, idéas excellentes, realizações esplendidas. São exemplo disso as conferencias e concertos já levados a effeito, a exposição de gravuras de Kaethe Kollwitz, verdadeira delicia para os olhos e para o espirito e, agora, a mostra de cartazes russos, esses cartazes que revolucionam o genero. A iniciativa mais interessante, porém, que o clube já teve é a da 'Semana dos loucos e das creanças'. Na denominação dada á 'semana' já se revela o espirito moleque dos rapazes modernistas. (A PLATÉA, 20 jul. 1933, p. 3).

Pelos cariocas, o CAM também era visto como um laboratório de experiências para a arte moderna e

um grande reservatorio de energia. Verifica-se a grande atividade deste club pelo movimento que êle desenvolve promovendo exposições, concertos e conferencias onde não são abordados apenas os assuntos de arte, mas todos os tēmas culturais da atualidade (BASE, ago. 1933, p. 24).

A realização do evento também chamou a atenção de uma cidade próxima de São Paulo, sendo divulgada, em primeira página, pelo jornal *Diário do Povo* em Campinas:

fundado há poucos mezes, o Clube dos Artistas Modernos, já tem prestado valiosos serviços aos meios culturaes de S. Paulo. Exposições de pintura, conferencias sobre diversos assumptos e récitas de musica (DIÁRIO DO POVO, 21 jul. 1933, p. 1).

Um desses “valiosos serviços” prestados à comunidade paulistana pelo CAM foi, sem dúvida,

‘O mez dos loucos e das crianças’ [...] a maior realização do Clube dos Artistas Modernos, pois é importantissima a ligação notada entre os desenhos de creanças, desenhos de loucos e a arte moderna... (A GAZETA, 12 jul. 1933, p. 5).

O evento foi noticiado por vários jornais da época durante todo o seu andamento. É possível encontrar inúmeras chamadas a respeito do “Mês das Crianças e dos Loucos”, informando que ainda

continua aberta ao publico a exposição de desenhos e de escultura de alienados e de creanças, na séde do Clube dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa, 2. Essa mostra mantem-se franqueada das cinco da tarde á uma da manhã (A GAZETA, 5 out. 1933, p. 7).

Mesmo com muita divulgação, muitos equívocos de informação a respeito do evento foram avistados, como, por exemplo, os nomes dos conferencistas, o de suas conferências, bem como as datas que seriam realizadas (como anotamos anteriormente), gerando incongruências entre os diversos periódicos; além disso, falava-se que as conferências e debates durariam somente uma semana – o que de fato não aconteceu, pois as conferências programadas para o “Mês das Crianças e dos Loucos”, na realidade, iniciaram-se ao final de agosto e estenderam-se até o mês de outubro. Tanto nas palavras de Ferraz (1998), que já mencionamos nas páginas anteriores, quanto nas lembranças do próprio Flávio de Carvalho na *Revista Anual do Salão de Maio*, vemos que o “Mês das Crianças e dos Loucos [...] expôs durante um mês inteiro [...]” (CARVALHO, 1939, s/n); o que nos faz concluir que a exposição dos trabalhos plásticos durou um mês, e as conferências, dois meses, entre grandes intervalos de tempo. É importante ressaltar que algumas conferências receberam mais atenção que outras, sendo apresentadas ao leitor em todos os seus pormenores. O mesmo aconteceu com os palestrantes, alguns concederam entrevistas (antes ou após as conferências), outros não.

6 Repercussão e desdobramentos do “Mês das Crianças e dos Loucos”

6.1 Repercussões do “Mês das Crianças e dos Loucos”

Alicerçando-nos em fatos já expostos podemos concluir que o “Mês das Crianças e dos Loucos” alcançou o seu objetivo de estabelecer as ligações entre a arte dos doentes mentais, a arte das crianças e a dos artistas modernos. Além disso, mobilizou reações do público, sendo visto como um evento audacioso por suas palestras e exposição, fato evidenciado no artigo *Crianças-artistas, doidos-artistas* na revista *Rumo* (set/out. 1933, p. 29), que segue: “Alli apareceram os desenhos das crianças e dos loucos com uma espontaneidade absoluta, e um completo desinteresse pelas fórmulas rígidas da arte acadêmica”.

Apoiamo-nos, novamente, na publicação de Ferraz (1998, p. 43), que avalia que: “a reunião de trabalhos de crianças e loucos em uma única exposição provocou tanto a curiosidade como a reação do público que passou a questionar os organizadores do evento”.

No comentário de Flávio de Carvalho (1939, s/n), exposto na revista *RASM*, a respeito de suas recordações sobre o evento, o Clube dos Artistas Modernos

[...] expôs durante um mês inteiro um verdadeiro panorama dramatizado das espécies, espalhados sobre as pequenas mesas da sala única estava toda a tragédia da vida e do mundo, todos os cataclismos da alma e do pensamento, a dolorosa caricatura de tudo e o drama simples de formas e de cores que tanto faz inveja aos grandes artistas. Era um verdadeiro grito de revolta contra as paredes opressoras e asfixiantes das Escolas de Belas-Artes que corrigindo e polindo procuram sempre impor aos alunos a personalidade frequentemente mofada e gasta dos professores. A importância da arte do louco e da criança foi definitivamente focalizada, colocando em evidência os fenômenos de associação livre de idéias, a sequência de fatos ancestrais e as formas de uma evolução longínqua.

Já nas considerações de Toledo (1994, p. 160-161), o “Mês das Crianças e dos Loucos”

veio colocar o CAM no seu justo lugar de *laboratório* durante o que se chamou de ‘Mês dos Loucos e das Crianças’. A casta da psiquiatria e da incipiente psicanálise brasileira ali se desfilou, entusiasmada com a inicia-

tiva, dando total apoio às idéias de Flávio, que via naquele evento uma das mais formidáveis promoções do Clube, em particular às manifestações infantis [...].

Vários críticos, historiadores e profissionais da arte reconhecem a iniciativa de Flávio de Carvalho e Osório Cesar como sendo um marco que lançou uma série de idéias que encontrarão eco posteriormente à medida que se consolidava o pensamento sobre arte e psicologia.

Por exemplo, Rui Moreira Leite (1994, p. 44) considera a mostra como a mais ambiciosa de todas já propostas pelo clube (ainda mais pelo fato de se desdobrar em uma programação bastante intensa de conferências), tratando-se, sem dúvida, “de uma aproximação pioneira ao tema no país”.

Annateresa Fabris (1981), no catálogo da XVI Bienal de São Paulo, visualiza os organizadores do evento como pioneiros nos estudos sobre a expressão artística nos alienados. Para a autora, os organizadores lançam “uma série de idéias que reencontramos nos escritos sobre a arte bruta” (p. 19), antecipando o movimento engendrado por Dubuffet a partir de 1945 em prol da arte que foge da tradição. Ela adverte que o Brasil não foi o pioneiro no reconhecimento do valor plástico da produção “criada fora de toda influência de artes tradicionais” (p. 19), mas, de alguma forma, o evento aproxima o Brasil às manifestações que estão acontecendo no cenário artístico europeu.

Outro personagem a reconhecer o evento como marco histórico foi J. Vilanova Artigas (1951, p. 22):

a verdade é que, já em 1932/33 o Clube dos Artistas Modernos, com Flávio de Carvalho à frente, abria suas humildes portas de vanguardeiros das novas teorias artísticas da burguesia para um ‘famoso Mês das Crianças e dos Loucos’.

A menção consta de um texto crítico na revista *Fundamentos* em que fala sobre *A Arte dos Loucos* referindo-se à exposição no Museu de Arte Moderna de São Paulo, que “abriu seus salões mais uma vez, no mês de junho findo para exibir ao público uma exposição de pintura e escultura de alienados do Hospital do Juqueri”. Artigas (1951, p. 22) ridiculariza

a tentativa de erigir a arte dos loucos em manifestação artística à parte, com valor em si, como se fôsse uma escola nova de criação, tem um

passado já longo, muito palmilhado por teóricos, psiquiatras e críticos de arte, que, de mãos dadas, chafurdam nas misérias humanas que a burguesia incapaz de extinguir, mantém, e das quais no final, se aproveita para levantar o edifício de suas teses decadentes.

Não encontramos nas reportagens da época discursos polêmicos como o texto de Artigas (1951), nem tampouco rejeição aberta às produções plásticas de crianças, pacientes psiquiátricos e vanguardistas como a que Monteiro Lobato escreveu por ocasião da exposição de Anita Malfatti em 1917.

Na maior parte dos jornais, as reportagens revelam curiosidade, e não rejeição. O tom é primordialmente positivo, em praticamente todas as notícias impressas pode ser visualizado no jornal *Diário de São Paulo* (20 set. 1933, p. 5), o qual noticiava que:

o Clube dos Artistas Modernos iniciou no mês passado um movimento cultural que vem despertando interesse nos meios científicos e artísticos desta capital. Através a [sic] palavra de conferencistas escolhidos entre os nomes de evidencia na arte, na sciencia, têm sido postos em fóco varios problemas de actualidade e cujos aspectos principaes vêm sendo analysados de modo a suscitar o interesse com que se vem acompanhando a iniciativa do C.A.M.

Já o jornal *Folha da Noite* (12 jul. 1933, p. 3), ao apresentar as atividades do Clube dos Artistas Modernos para o mês de julho e agosto, finalizava a reportagem com os seguintes dizeres sobre o evento que seria inaugurado em fins de agosto:

o mez dos loucos e das crianças é sem duvida alguma a maior realização do Clube dos Artistas Modernos, pois é importantissima a ligação que parece haver entre os desenhos de crianças, desenhos de loucos e a arte moderna.

Um jornalista rasgava elogios sobre a iniciativa de estudar “as coisas mais interessantes, mais dignas de divulgação”, mostrando o valor científico do evento, para além da sua importância cultural. Vejamos:

em S. Paulo dá-se isso: há muita gente estudando em silencio as coisas mais interessantes, mais dignas de divulgação. Ninguém sabe disso. O paulista estuda para si, estuda calado, não diz nada a ninguém. É preciso que se descubra o especialista, que, se vá buscá-lo no classico ‘recesso do seu lar’ e que se o traga, meio á força, para a luz da publicidade. O Clu-

be dos Artistas Modernos está fazendo isso. Está revelando os estudiosos de S. Paulo, os espiritos curiosos dessa terra, a gente que estuda pelo amor ao estudo e não por cabotinismo. E estão surgindo os psicólogos, os psiquiatras, os entnografos e mais uma turbamulta que vivia ignorada (JORNAL DO ESTADO, 12 set. 1933, s/n).

Na revista *Rumo* de novembro de 1933, percebemos claramente o envolvimento do público, principalmente carioca, sobre o evento paulista, pois em reportagem dedicada ao “Mês das Crianças e dos Loucos” a revista diz ter recebido pedidos de informação sobre bibliografia referente aos assuntos tratados durante as conferências. Vejamos a resposta dada aos leitores, a qual, sem dúvida, representou uma oportunidade de divulgação da publicação de Cesar:

sobre a arte dos loucos já existe, publicado recentemente um livro do dr. Osório César, que estudou profundamente o assumpto. Sobre o de crianças não existe, segundo parece, nenhuma obra completa em portuguez. Esperemos pela publicação das conferencias technicas do assumpto, a serem editadas pelo Club dos Artistas Modernos de S. Paulo (RUMO, nov. 1933, s/n).

No *Diário de São Paulo*, de 24 de setembro de 1936, Flávio de Carvalho publicou o seguinte artigo: *A única arte que presta é a arte anormal*. Nele, falou sobre o século XX, o homem e suas artes, e como seu espírito não podia deixar

de lado a unica arte que contem valores artisticos profundos: a ARTE ANORMAL, ou bem a arte sub-normal, as unicas que prestam porque contém o que o homem possui de demoniaco, morbido e sublime, contém o que ha de raro, burlesco, chistoso e philosophico no pensamento, alguma cousa da essencia da vida (CARVALHO, 1936, p. 5).

Logo adiante falou sobre a arte das crianças, sendo esta de grande superioridade artística quando não invadida por seus professores e pela opinião dos adultos, com os seus preconceitos mundanos aniquilando a singeleza, a espontaneidade e a força da arte infantil. O artista defendia que é a forma anárquica de arte, a “arte sem mestre”, que maior valor pictórico possui.

6.2 Desdobramentos: consolidação do campo de arte e psicologia

O “Mês das Crianças e dos Loucos” foi a primeira entre várias iniciativas paulistanas posteriores em que se buscou promover espaços de criação e de expo-

sição de trabalhos de crianças e também de pacientes psiquiátricos. De todo modo, o evento promoveu ampla oportunidade de discussão do tema em São Paulo, dissipando, para alguns, o estranhamento provocado quando se chamava de arte as inquietantes imagens produzidas fora dos ambientes consagrados da arte.

Os participantes do evento deram continuidade às suas pesquisas e atividades relacionadas ao campo da psicologia e arte. Vários artistas visitaram o Juqueri para conhecer os trabalhos ali desenvolvidos com os internos. Outros organizaram encontros de discussão em que artistas e profissionais de psiquiatria pudessem trocar idéias.

Por exemplo, no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1944), Osório Cesar liderou o Grupo de Cultura Musical, reunindo artistas e intelectuais para ouvir e discutir música, além de temas políticos e sociais. Quando o grupo passou a se reunir na casa do organizador, a condução das sessões musicais mudou: Osório Cesar propunha aos artistas que ouvissem a música para logo após expressarem-se plasticamente. No comentário de Ferraz (1998, p. 49),

através das sessões musicais, Osório pretendia encontrar o caminho de criação de arte. Preocupava-se em explicar o processo criador do artista moderno e verificar se neste a criação artística seria semelhante à dos psicóticos e das crianças, idéias que já estavam disseminadas no meio crítico e artístico modernos.

No ano de 1942, Osório Cesar volta a cogitar a possibilidade de contracenar produções de crianças e produções de pacientes psiquiátricos – selecionados pelo psiquiatra dentre as peças de sua coleção particular e de outros médicos de São Paulo e do Rio de Janeiro. Entretanto, Heloisa Ferraz acredita que os salões não foram realizados. Segundo a autora (1998, p. 57),

no meio intelectual paulista, o reconhecimento das produções artísticas dos loucos ganha novo impulso, a ponto de se cogitar um *Salão de Arte dos Alienados*. O salão [...] teria como curador Osório Cesar. [...] A mostra acompanharia outra de mesmo porte – um *Salão de Arte Infantil*.

Flávio de Carvalho, por sua vez, continuou interessado nas temáticas focalizadas no mês. Visitou o Juqueri em 1937 buscando determinar a visão de mundo dos alienados, que lhe serviria, mais tarde, para a sua comunicação no primeiro Salão de Maio (LEITE, 2008, p. 142). Na a mesma época, ocorreram dois

Salões de Maio; Flávio de Carvalho participou com uma palestra no primeiro, em 1937, com o assunto *O aspecto mórbido e psicológico da arte moderna*, e Vera Vicente de Azevedo apresentou uma fala sobre *Interpretação da arte pela psicologia moderna* (ALMEIDA, 1976). Segundo Leite (1987), esta conferência de Flávio de Carvalho foi comentada pela imprensa carioca e apresentada pelo artista no *II Congrès d'Esthétique et Science de l'Art*, em Paris, 1937. No segundo Salão de Maio, em 1938, ocorreu a conferência do Dr. Durval Marcondes.

Já Lasar Segall, certamente a convite de Osório Cesar, visitou o Hospital do Juqueri em 1942, e como resultado de seu encontro, produziu uma série de desenhos bico-de-pena, nos quais retratava a dramaticidade dos doentes nos ambulatórios do manicômio (ARAÚJO et al, 2000).

Ainda na década de 1940, precisamente em 1941, temos a Exposição de desenhos escolares da Grã-Bretanha, realizada em São Paulo.⁷⁹ O Sr. Nicanor Miranda, chefe da Divisão de Parques Infantis, proferiu o discurso de abertura da cerimônia, reproduzido na íntegra no jornal *O Estado de São Paulo*, de 2 de dezembro de 1941. A exposição se desenvolveu na Galeria Prestes Maia, com conferências de “conhecidos pintores e educadores paulistas [...] sobre assuntos sugeridos pelos desenhos infantis” (CORREIO PAULISTANO, 2 dez. 1941, p. 3). A primeira conferência foi proferida por Flávio de Carvalho, no dia 4 de dezembro de 1941, com o nome *A percepção da criança*. Sobre os trabalhos expostos na mostra fala-nos o jornal acima citado:

estão expostos duzentos trabalhos, todos feitos por crianças de 3 a 17 anos. há verdadeiras obras de arte, que fariam o renome de qualquer artista adulto e revelam, ao contrario do que se poderia pensar, uma acentuada e serena maturidade, um dominio perfeito, uma compreensão requintada dos segredos mais sutis das artes plásticas (CORREIO PAULISTANO, 2 dez. 1941, p. 3).

A exposição parece ter sido apresentada também no Rio de Janeiro, meses antes, em 11 de outubro no Museu Nacional de Belas Artes, sendo vista e debatida por artistas e educadores como Augusto Rodrigues e Lúcia Valentim, sendo apresentada por Herbert Read (MORAIS, 1995). Segundo este autor o evento foi

⁷⁹ Sob os auspícios do Departamento Municipal de Cultura e com o patrocínio do Departamento de Educação, Conselho de Orientação Artística, Sindicato dos Artistas Plásticos, Família Artística Paulista, Associação Paulista de Imprensa, Salão de Maio e Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa.

um dos estímulos que levaram à criação da Escolinha de Belas Artes do Brasil, já em 1948.

O “Mês das Crianças e dos Loucos” foi o responsável pela abertura de novas frentes ligadas à divulgação dos trabalhos com/de doentes mentais, que passaram a compor a paisagem brasileira, ganhando repercussão também no cenário internacional. Como vimos, tem-se uma intensa e constante perpetuação de divulgação e discussão tanto dos trabalhos dos loucos quanto das crianças, seja por iniciativas do próprio Flávio de Carvalho; no papel de Osório Cesar, que no ano de 1951, levou parte da coleção do Hospital do Juqueri para o exterior, para compor a Exposição de Arte Psicopatológica do I Congresso Internacional de Psiquiatria de Paris; seja no trabalho de outras personalidades, como Nise da Silveira, no Rio de Janeiro, já no fim dos anos 1940.

Considerações finais

Confesso que demorei a encontrar o meu objeto de estudo... Pensei em muitas possibilidades, muitos temas, conversei bastante com outros pesquisadores que exerceram papéis singulares na minha decisão, pois me ajudaram a desvendar o “personagem” para a elaboração de uma pesquisa significativa e prazerosa. Restava-me então, percebê-lo.

Aliado a tudo isso, mas antes de tudo isso acontecer, logo que finalizei a graduação, optei por continuar meus estudos; sendo assim, atendi às aulas da minha atual orientadora no primeiro semestre de 2005, na qual abordamos assuntos ligados a arte e psicologia.⁸⁰ Neste decurso, o interesse sobre as questões, as leituras e as discussões estabelecidas durante as aulas foi ganhando um espaço cada vez maior dentro de mim, incitando o meu desejo por novas descobertas. Passei então a adensar meus estudos sobre o tema, desse modo, deparei-me com trabalhos que o abordavam das mais diversas maneiras. Por conseguinte, pude conhecer novas idéias a respeito, que me motivaram a buscar meu próprio objeto de pesquisa.

Foi nesta ocasião que tive meu primeiro contato com o que seria objeto de meu estudo: o “Mês das Crianças e dos Loucos”, a partir da leitura do livro de Heloisa Ferraz, *Arte e loucura: limites do imprevisível*. A partir do seu texto, foi possível vislumbrar a relevância do evento para a época, instigando-me a buscar informações que permitissem visualizar como ocorrera o Mês. No livro, a autora dedicava generosas linhas a respeito deste acontecimento, que funcionaram como alicerces preciosos para esta pesquisa, auxiliando na construção de uma primeira narrativa, impelindo-me a buscar novas fontes que tratassem dele.

Destarte, influenciada por muitas expectativas, de dimensões consideráveis, demos início à pesquisa. No começo, pensei que iria encontrar uma exposição amplamente estruturada, dividida em salas que acolheriam os muitos trabalhos justapostos: crianças de um lado, loucos do outro. Imaginei também que fosse possível encontrar documentos que permitissem visualizar uma listagem dos trabalhos expostos, bem como dos visitantes que nela transitaram... E que assim, quiçá, pudesse

⁸⁰ A disciplina cursada designava-se AT 313 Análise Crítica e Histórica das Artes: Artes visuais, doença mental e deficiência, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Lucia Helena Reily.

reconstruí-la virtualmente. Entrementes, nos últimos meses da pesquisa de campo, quando esmorecia e percebia minhas esperanças se esvaindo por não encontrar o que almejava, localizei nos arquivos de J. Toledo sobre Flávio de Carvalho algumas poucas reproduções em jornais que evidenciavam parte dos trabalhos expostos, e o modo pelo qual se encontravam dispostos em duas mesas de madeira. Não importava que as reproduções fossem de baixa resolução. Finalmente era possível dimensionar o espaço da exposição. As imagens permitiram perceber o quanto eu, envolvida na pesquisa, alimentada pela importância sedimentada no evento por autores estudados no decorrer do processo, criara uma grande expectativa sobre a montagem da exposição. A disparidade entre a idealização de uma exposição muito bem organizada, com cuidadosa justaposição de imagens de crianças e de loucos com o registro da realidade, onde divisei uma exposição sem cuidados curatoriais aparentes gerou, mais do que desapontamento, importantes reflexões.

Após um período de digestão, no qual tive que abrandar o idealismo construído em torno das expectativas criadas com relação ao evento, pude refletir com mais propriedade. Percebemos, eu e minha orientadora, que o fato de tudo ser encenado no mesmo espaço físico – num grande salão (ao lado do bar, da pequena biblioteca, do salão de leitura...), propiciava um lugar muito rico de interlocução cultural. Os painéis pintados pelos fundadores Di Cavalcanti, Flávio de Carvalho, Antonio Gomide, Carlos Prado com a participação de Anita Malfatti e John Graz formaram um pano de fundo que poderia promover uma vista triangular a respeito da produção plástica da criança, do louco e do artista brasileiro moderno. A disposição aparentemente aleatória das peças dos loucos sobre as mesas em meio às cadeiras enfileiradas para as conferências da noite, seguidas de calorosas discussões que terminavam de madrugada – tudo isso constituía o próprio espírito do CAM, coerente com seu projeto libertário e vanguardista.

Dos debates e “bate-bocas” que perduravam até a uma hora da madrugada, da sala apinhada de espectadores, desejosos de esclarecimentos, discordâncias, ou mesmo altercações... Como será que essas pessoas voltavam para suas casas? O que mudara nelas?

Foi também nos últimos meses de pesquisa que conseguimos encontrar e adquirir os três exemplares das palestras publicadas, que de grande préstimo foram para a compreensão do pensamento de seus autores, seja na teoria, seja nos comentários sobre as obras. Entretanto, devemos observar que, por terem sido

obtidos somente ao término desta pesquisa, uma análise pormenorizada não foi engendrada por não haver tempo hábil para tal. Embora algumas questões tenham sido encerradas durante a pesquisa, outras foram geradas, que poderiam funcionar como assunto de pesquisas e investigações vindouras. Por exemplo, caberia um estudo e discussão mais profundo desses três textos, analisados historicamente, à luz das concepções de psicologia e arte que vigoravam no período, adensando o pensamento de cada autor em relação com seus contemporâneos.

Não obstante a existência de alguns percalços (comuns no processo de uma pesquisa documental) conseguimos averiguar a existência de muito mais material do que se pensava, e as menções nas diferentes fontes não são tão discrepantes assim, pois permitiram de fato a reconstituição do evento. Obviamente lamentamos a precariedade das questões históricas, como, por exemplo, a falta de um catálogo, como intencionado num primeiro momento; ou mesmo a carência de uma documentação fotográfica do evento. É lastimável o fato de não existirem evidências documentais a respeito dos trabalhos que figuraram no “Mês das Crianças e dos Loucos”. Teriam sido selecionados a partir de quais critérios? Estes seriam aplicados tanto para a produção infantil quanto para a dos pacientes do Juqueri? Queixamo-nos do anonimato da criança e do louco, justamente eles foram os esquecidos. A imprensa pareceu mais atenta às conferências e discussões do que propriamente aos trabalhos plásticos da mostra – ainda que, em sua maioria, mas ainda de maneira tímida, eram os trabalhos dos doentes mentais que mais apareciam nas lentes da imprensa. De grande valia seria possuir informações mais precisas sobre os acervos utilizados pela mostra e seus autores, permitindo-nos um olhar mais apurado sobre as escolhas (de que maneira os trabalhos expostos foram adquiridos, como dialogavam entre si...).

Ao longo da pesquisa documental, como pudemos perceber em algumas instituições públicas, a informatização e a organização criteriosa de documentos históricos e registros da imprensa nacional facilitou com que encontrássemos os dados que buscávamos. Todavia, ainda há um lastimável descaso com a história material e descompromisso do aparelho público com o tempo do pesquisador que recebe informações desconstruídas sobre o horário de funcionamento, bem como reproduções de baixa qualidade. É necessária a constituição de políticas de preservação de documentos, para que o patrimônio cultural brasileiro seja acessível ao pesquisador que, por sua vez, tem o compromisso de socializar os resultados de sua investigação.

O “Mês das Crianças e dos Loucos” teve uma grande relevância para o início da década de 1930 no cenário cultural de São Paulo ao consolidar a interlocução entre os campos da arte e psicologia nas figuras de Flávio de Carvalho e Osório Cesar. O evento pode ser reputado como um dos importantes ecos brasileiros do movimento internacional de um crescente interesse pela expressão espontânea e original da alteridade, pela tentativa de retorno ao princípio, engendrada, principalmente, por alguns artistas mobilizados pelas rupturas plásticas. Vimos que, por uma questão de busca de nova plasticidade, o artista sentiu necessidade de voltar aonde tudo começou, de romper com as tradições vigentes e reinventar o mundo das imagens. Vários artistas importantes da Europa passaram a recuperar os desenhos produzidos durante suas infâncias, ou mesmo a produção de seus filhos, de desenhos de filhos de amigos ou de alunos aos quais davam aula de arte e também de escolares. O mesmo interesse aconteceu com relação aos trabalhos plásticos dos loucos: estudos foram realizados e coleções foram organizadas tanto por pesquisadores quanto por artistas. Vimos ainda a grande repercussão alcançada por estes trabalhos e também por seus autores, a partir da publicação de Prinzhorn, em 1922, que direta e indiretamente chegou também ao Brasil.

Dessa forma, alicerçando-nos nas reportagens consultadas e na pesquisa bibliográfica realizada, podemos concluir que o “Mês das Crianças e dos Loucos” alcançou o seu objetivo: conseguiu estabelecer ligações entre a arte dos doentes mentais, a arte das crianças e a dos artistas modernos; também mobilizou reações do público e da imprensa, sendo visto como um evento audacioso por suas palestras e exposição. Idéias rebatidas nas conferências promoveram novos pensares também sobre o ensino de arte, numa época de grande efervescência e mudança social e política.

Não há dúvida de que o evento gerou polêmicas. Os vários documentos da imprensa e das conferências impressas posteriormente revelam as posturas contraditórias dos discursos de alguns conferencistas, como vimos nas idéias apresentadas pelo Dr. Pedro da Alcântara Machado sobre princípios de ensino de arte na infância. Importa que os organizadores do evento e os participantes viveram intensamente as ambivalências de sua época, ao desempenharem papéis das mais diferentes naturezas, inerentes a qualquer movimento de renovação.

O evento foi um marco, um acontecimento importante e constituinte da paisagem brasileira nas primeiras décadas do século XX; funcionou como catalisador entre escritores, artistas, educadores, críticos de arte e psicanalistas que dele

participaram, por sua atitude de valorização e incentivo às produções plásticas de crianças e de loucos.

Como vimos, as exposições, tanto de desenhos de crianças quanto de trabalhos de pacientes psiquiátricos, exerceram papel singular no cenário internacional nas primeiras décadas do século XX, pois mobilizaram a atenção do público, sendo capazes de incitar discussões e até de incentivar a organização de novas coleções. É partindo desse ponto de vista que também analisamos o “Mês das Crianças e dos Loucos”, pelo fato de também ter sido uma exposição, e de funcionar como um evento que contemplou distintas mobilizações. Dessa maneira, sem dúvida o evento possui grande mérito, pois, ao aproximar os trabalhos plásticos de crianças e de loucos de uma “espontaneidade absoluta” e totalmente desinteressados pelas regras da academia de Belas Artes, focalizou a sua importância e questionou algumas posturas comuns à época. As discussões e questionamentos gerados pelo evento colocaram em pauta as implicações pedagógicas do ensino de arte na escola, e da promoção da arte entre os loucos, apresentando uma visão de ensino de arte que não tolhesse a criatividade e a imaginação. O “Mês das Crianças e dos Loucos” focalizou a importância dos trabalhos expostos.

Cabe notar o papel de duas figuras marcantes, Flávio de Carvalho e Osório Cesar, na organização do evento, os quais materializaram a conexão estabelecida entre a arte e a psicologia com o sistema cultural, pedagógico e também científico. Como vimos, ambos os organizadores souberam atuar de maneiras particulares em áreas afins, alinhavando o trânsito entre elas: Flávio de Carvalho (assim como outros artistas) visitou as dependências do Hospital do Juqueri para conhecer de perto o trabalho, ligado à prática artística, que Osório Cesar realizava com os internos, bem como as produções plásticas por eles desenvolvidas. Osório Cesar trilhou os caminhos da arte em seus estudos e práticas, desenvolvidos a partir de leituras de obras estrangeiras, principalmente alemãs e francesas. Assim, por intermédio das experiências e de suas ações, tiveram condições para embasar e estruturar o evento (auxiliados pela presença dos maiores vultos da época, que proferiram as conferências), que, de fato, repercutiu olhares dirigidos à criança e ao louco.

O evento certamente abriu novos espaços de atuação, de divulgação e mesmo de debate – ampliando o diálogo no Brasil – tanto para os trabalhos de/com doentes mentais, quanto àqueles voltados às reformas educacionais. Esse pensamento pode ser confirmado ao observamos uma continuidade nos trabalhos de Flávio de Carvalho e Osório Cesar, que permaneceram pesquisando e publicando

na intersecção arte e psicologia. Outras personalidades se agregaram aos esforços de conhecer o pensamento plástico da criança, como Mário de Andrade, que colecionou desenhos infantis e as imagens do inconsciente do louco, como Nise da Silveira, no Rio de Janeiro, vários anos mais tarde.

Ligados ao movimento modernista e intelectual paulista, Osório Cesar e Flávio de Carvalho foram capazes de promover, por meio do “Mês das Crianças e dos Loucos”, articulações no campo da arte e da psicologia, que fomentaram uma atmosfera de grandes transições, que permitiu emergirem idéias contraditórias e muita especulação de novas possibilidades.

Referências Bibliográficas

A ACTIVIDADE do club dos artistas modernos. *Brazil Novo*, São Paulo, 17 jul. 1933.

A ACTIVIDADE do club dos artistas modernos. *O Dia*, São Paulo, p. 3, 13 jul. 1933.

A ACTIVIDADE do clube dos artistas modernos. *Folha da Noite*, São Paulo, 12 jul. 1933. Primeira Edição, p. 3.

A ARTE de vanguarda e a arte dos alienados. *A Platéia*, São Paulo, 30 ago. 1933. Conferencias, p. 3.

A ARTE dos loucos e a arte de vanguarda, pelo dr. Osorio Cesar, hoje, no Club dos Artistas Modernos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 ago. 1933. Conferencias, p. 6.

A ARTE dos loucos e vanguardistas. *Jornal do Estado*, São Paulo, 31 ago. 1933.

A ARTE e a psiquiatria através dos tempos. *Diário da Noite*, São Paulo, 26 set. 1933.

A ARTE e a psiquiatria através dos tempos. *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 4, 27 set. 1933.

A ARTE nos loucos e vanguardistas. *A Civilização*, São Paulo, 2 set. 1933.

A CURIOSA exposição de trabalhos artisticos de loucos e crianças no clube dos artistas modernos. *Correio de São Paulo*, São Paulo, p. 6, 7 set. 1933.

A EXPOSIÇÃO de desenhos de alienados e de crianças no clube dos artistas modernos. *Diário da Noite*, São Paulo, 21 set. 1933.

A INTERPRETAÇÃO de desenhos de crianças e seu valor pedagógico. *Folha da Noite*, São Paulo, 8 set. 1933. Segunda Edição, p. 4.

A PSICANALISE dos desenhos de doentes mentais. *Jornal do Estado*, São Paulo, 20 set. 1933.

A PSYCHANALYSE dos desenhos dos doentes mentaes. *Folha da Noite*, São Paulo, 19 set. 1933. 1ª Folha da Noite, p. 8.

A PSYCHANALYSE dos desenhos dos doentes mentaes. *Diário da Noite*, São Paulo, 19 set. 1933.

ALMEIDA, Paulo Mendes de. *De Anita ao museu*. Perspectiva: São Paulo, 1976.

AMARAL, Aracy. *Arte para quê? A preocupação social na arte brasileira 1930-1970*. São Paulo: Editora Nobel, 1984.

ANDRIOLO, Arley (2003). A psicologia da arte no olhar de Osório Cesar: leituras e escritos. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/pcp/v23n4/v23n4a11.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2009.

ANTELO, Raúl. *Literatura em revista*. São Paulo: Atica, 1984.

ANTUNES, David. A face trágica da arte. 3 ed. Limeira: Letras da Província, 1966.

ARAÚJO, Tavares de; MORETSONH, Maria Ângela Gomes; NOSEK, Leopold (curadores), *Brasil, Psicanálise e Modernismo*: catalogo. São Paulo: MASP, 2000.

ARNHEIM, Rudolf (1977). The art of psychotics. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/2027.42/23024>>. Acesso em: 17 jun. 2009.

_____, Rudolf. Beginning with the Child. In: FINEBERG, Jonathan (Ed). *When we were young: new perspectives on the art of the child*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 2006. p. 19-30.

ARTE ed Artisti: l'attività del club degli artisti moderni. *Fanfulla*, São Paulo, Arte ed Artisti, 15 jul. 1933.

ARTIGAS, J. Vilanova. A arte dos loucos. *Fundamentos*, São Paulo, ano IV, n. 20, p. 22-24, jul. 1951.

AS ACTIVIDADES do clube dos artistas modernos. *Folha da Noite*, São Paulo, 24 out. 1933. Primeira Edição, p. 5.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *Arte-educação no Brasil*: das origens ao modernismo. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____, Ana Mae. *Arte-educação*: conflitos/acertos. 2. ed. São Paulo: Max Limonad, 1985.

_____, Ana Mãe (2003). Arte Educação no Brasil: do Modernismo ao Pós-Modernismo. Disponível em: <<http://www.revista.art.br>>. Acesso em: 14 dez. 2007.

BELVER, Manuel Hernández (2002). Introducción: el arte y la Mirada del ni o. Dos siglos de arte infantil. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/bba/11315598/articulos/ARIS0202110009A.PDF>>. Acesso em: 29 out. 2008.

BEVERIDGE, Allan (2001). A disquieting feeling of strangeness? The art of the mentally ill. Disponível em: <<http://jrsm.rsmjournals.com/cgi/reprint/94/11/595>>. Acesso em: 17 jun. 2009.

BONAFoux, Pascal. *Van Gogh*. New York: Konecky & Konecky, 1990.

BRAND-CLAUSSEN, Bettina. The collection of works of art in the psychiatric clinic, Heidelberg: from the beginnings until 1945. In: BRAND-CLAUSSEN, Bettina; DOUGLAS, Caroline; J DI, Inge. *Beyond reason, art and psychosis*: works from the Prinzhorn collection: catálogo. London: Hayward Gallery, 1996. Catálogo da exposição Beyond reason, art and psychosis: works from the Prinzhorn collection.

CARVALHO, Flávio de. *Experiência n. 2: uma possível teoria e uma experiência*. São Paulo: Irmãos Ferraz, 1931.

_____, Flávio de. Recordação do clube dos artistas modernos. In: *RASM: Revista Anual do Salão de Maio*. São Paulo, 1939. s/n.

CARVALHO, Flávio de. A unica arte que presta é a arte anormal. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 24 set. 1936. Noticiário, p. 5.

CARVALHO, Rosa Maria Cristina. *Escola Livre de Artes Plásticas do Juqueri: atuação do artista plástico no ambiente psiquiátrico*. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

CESAR, Osório. *A expressão artística nos alienados: contribuição para o estudo dos symbols na arte*. São Paulo: Oficinas Gráficas do Hospital do Juqueri, 1929.

_____, Osório. *A arte nos loucos e vanguardistas*. Rio de Janeiro: Flores & Mano, 1934.

_____, Osório. A inspiração artística entre os normais e os alienados. Folha da Noite, São Paulo, 25 jan. 1948. In: ZANINI, Walter (curador Geral), *Arte incomum*, XVI Bial de São Paulo, Fundação Bial São Paulo, Catálogo Outubro/Dezembro, Volume III. São Paulo: Funarte, 1981. p. 44-46.

_____, Osório. *Aspectos da vida social entre os loucos*. Separata da Revista do Arquivo, n. cv, São Paulo, 1946.

CESAR, Osório; MARCONDES, D. Sobre dois casos de estereotipia gráfica com simbolismo sexual. In: *Memórias do Hospício de Juquery*, v. III-IV, n. 3-4, 1927. p. 161-165.

CLUB dos artistas modernos. *Base: Revista de arte, técnica e pensamento*, Rio de Janeiro, set. 1933. n. 2, p. 48.

CLUB dos Artistas Modernos. *Diário Popular*, São Paulo, 28 ago. 1933. Associações, p. 2.

CLUB dos Artistas Modernos. *Base: Revista de arte, técnica e pensamento*, Rio de Janeiro, ago. 1933. n. 1, p. 24.

CLUB dos artistas modernos: um laboratório de experiências para a arte moderna. *Rumo*, Rio de Janeiro, ago. 1933. n. 4, p. 16.

CLUBE dos Artistas Modernos. *A Gazeta*, São Paulo, 12 jul. 1933. Notas de Arte, p. 5.

CLUBE dos Artistas Modernos. *Correio de São Paulo*, São Paulo, 12 set. 1933. Conferencias, p. 6.

CLUBE dos Artistas Modernos. *Diário da Noite*, São Paulo, 4 out. 1933.

CLUBE dos Artistas Modernos. *Jornal do Estado*, São Paulo, Vida Artística, 1 ago. 1933.

CLUBE dos Artistas Modernos. *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 3, 13 jul. 1933.

CLUBE dos artistas modernos. *Diário de São Paulo*, São Paulo, Noticiário, Conferências, 12 set. 1933, p. 6.

CLUBE dos artistas modernos. *Diário de São Paulo*, São Paulo, Noticiário, Conferências, 17 set. 1933, p. 2.

CLUBE dos artistas modernos. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 19 set. 1933. Conferências, p. 6.

CLUBE dos artistas modernos. *Folha da Noite*, São Paulo, 22 set. 1933. Primeira Edição, p. 4.

CLUBE dos Artistas Modernos. *Diário do Povo*, Campinas, p. 1, 21 jul. 1933.

CONFERÊNCIA na spam. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 30 ago. 1933. Noticiário, p. 7.

CONFERÊNCIAS. *Diário Popular*, São Paulo, p. 3, 19 set. 1933.

CONFERÊNCIAS. *Diário Popular*, São Paulo, p. 10, 10 out. 1933.

CONFERÊNCIAS. *Diário Popular*, São Paulo, p. 2, 28 set. 1933.

CONFERÊNCIAS. *Diário Popular*, São Paulo, p. 2, 2 out. 1933.

CONFERÊNCIAS no clube dos artistas modernos. *Diário da Noite*, São Paulo, 2 ago. 1933.

COUTINHO, Rejane Galvão. *A coleção de desenhos infantis do acervo Mário de Andrade*. 2002. 144p. Tese (Doutorado em Artes) – Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

CRIANÇAS-ARTISTAS, doidos-artistas. *Rumo*, Rio de Janeiro, set/out. 1933. n. 5 e 6, p. 29.

DESENHO. *Rumo*, Rio de Janeiro, nov. 1933. n. 7, p. 9.

DESENHOS de crianças em paredes. *Jornal do Estado*, São Paulo, 12 set. 1933.

DESENHOS de loucos e crianças. *A Platéia*, São Paulo, 20 jul. 1933. Notícias e Comentários, p. 3.

DOUGLAS, Caroline. Precious and Splendid Fossils. In: BRAND-CLAUSSEN, Bettina; DOUGLAS, Caroline; JÁDI, Inge. *Beyond reason, art and psychosis: works from the Prinzhorn collection*. London: Hayward Gallery, 1996, p. 35-47.

ELIEL, Carol. Moral influence and expressive intent: a model of the relationship between insider and outsider. In: ELIEL, Carol S.; TUCHMAN, Maurice. (Orgs.).

Parallel visions: modern artists and outsider art. Los Angeles County Museum of Art: Princeton University Press, 1992. p. 16-19.

ELIEL, Carol S.; TUCHMAN, Maurice. (Orgs.). *Parallel visions: modern artists and outsider art*. Los Angeles County Museum of Art: Princeton University Press, 1992.

Enciclopédia Itaú Cultural: Artes Visuais. Marcos da Arte Brasileira. (2005) Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=marcos_texto&cd_verbete=3754>. Acesso em: 4 mai. 2009.

ENSAIO de psicologia e de pedagogia do desenho infantil. *Rumo*, Rio de Janeiro, set/out. 1933. n. 5 e 6, p. 30.

ESTÁ aberta a exposição de desenhos de crianças e de alienados, no C.A.M. *Diário da Noite*, São Paulo, p.2, 30 ago. 1933.

ESTUDO comparativo entre a arte de vanguarda e a arte dos alienados. *Folha da Noite*, São Paulo, 29 ago. 1933. Segunda Edição, p. 4.

EXPOSIÇÃO de desenho de crenças e alienados. *A Gazeta*, São Paulo, 5 out. 1933. Notas de Arte, p. 7.

EXPOSIÇÃO de desenhos de loucos e de crianças, no clube dos artistas modernos. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 27 ago. 1933. Noticiário, p. 4.

FABRIS, Annateresa. Cosmogonias outras. In: ZANINI, Walter (curador Geral), *Arte incomum*, XVI Bienal de São Paulo, Fundação Bienal São Paulo, Catálogo Outubro/Dezembro, Volume III. São Paulo: Funarte, 1981. p. 19-25.

FACCHINETTI, Cristiana (2003). *Psicanálise Modernista no Brasil: um recorte histórico*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v13n1/a06v13n1.pdf>>. Acesso em: 5 mai. 2009.

FACHIN, Odília. *Fundamentos de metodologia*. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FERNANDES, Alexandre. Flávio de Carvalho sem experiências. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, jan. 1958. Seção Artes Plásticas, s/p.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo. *Arte e loucura: limites do imprevisível*. São Paulo: Lemos Editorial, 1998.

_____, Maria Heloísa C. de Toledo. O Pioneirismo de Osório Cesar. In: *Arte e Inconsciente: Três Visões sobre o Juquery*. Fotos de Alice Brill, desenhos de Lasar Segall e obras de pacientes internados. Catálogo de Exposição, Instituto Moreira Salles, São Paulo, 2002.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T; FUSARI, Maria F. de Rezende e. *Arte na Educação Escolar*. São Paulo: Cortez, 1992.

_____, Maria Heloísa C. de T; FUSARI, Maria F. de Rezende e. *Metodologia do ensino de arte*. São Paulo: Cortez, 1993.

FINEBERG, Jonathan. *The innocent eye: children's art and the modern artist*. Princeton: Princeton University Press, 1997.

_____, Jonathan (Ed). *Discovering child art: essays on childhood, primitivism and modernism*. New Jersey: Princeton University Press, 1998.

_____, Jonathan (Ed). *When we were young: new perspectives on the art of the child*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 2006.

GILMAN, Sander, L. *Seeing the insane*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 1996.

GOBBI, Maria Aparecida. *Desenhos de outrora, desenhos de agora: o desenho das crianças pequenas no acervo Mário de Andrade*. 2004. 226p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

GONÇALVES, Tatiana Fecchio da Cunha. *A legitimação de trabalhos plásticos de pacientes psiquiátricos: eixo Rio – São Paulo*. 2004. 143p. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

HELLER, Reinhold. Expressionism's ancients. In: ELIEL, Carol S.; TUCHMAN, Maurice. (Orgs.). *Parallel visions: modern artists and outsider art*. Los Angeles County Museum of Art: Princeton University Press, 1992. p. 78-93.

INAUGURADA a exposição de desenhos de escolares da grã-bretanha. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 3, 2 dez. 1941.

INCÊNDIO atinge prédio do hospital psiquiátrico do juquery. (2005) Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u116386.shtml>. Acesso em: 20 jun. 2009.

INTENSA actividade no clube dos artistas modernos. *Diário da Noite*, São Paulo, 12 jul. 1933.

INTERPRETAÇÃO de Ddesenhos de crianças. *Jornal do Estado*, São Paulo, 14 set. 1933.

INTERPRETAÇÃO dos desenhos das crianças e seu valor pedagógico. *Folha da Noite*, São Paulo, 14 set. 1933. 2ª Folha da Noite/ Segunda Edição, p. 1 e 4.

INTERPRETAÇÃO dos desenhos infantis. *Folha da Noite*, São Paulo, 13 set. 1933. Primeira Edição, p. 5.

IVASHKEVICH, Olga. Drawing in Children's lives. In: FINEBERG, Jonathan (Ed). *When we were young: new perspectives on the art of the child*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 2006. p.45-60.

KANDINSKY, Wassily. *Do espiritual na arte e na pintura em particular*. Trad. Álvaro Cabral. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KORZENIK, Diana. The changing concept of artistic giftedness. In: C. Golomb (Ed.). *The development of artistically gifted children: selected case studies*. Lawrence Erlbaum Associates: Hillsdale, NJ, 1995. p. 01-29.

L'ATTIVITA del club degli artisti moderni. *Fanfulla*, São Paulo, Arte ed Artisti, 1 ago. 1933.

LEEDS, Jo Alice (1989). The History of Attitudes Toward Children's Art. Disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=0039-3541%28198924%2930%3A2%3C93%3ATHOATC%3E2.0.CO%3B2-O>>. Acesso em: 29 out. 2008.

LEITE, Flávia Cassoli. *Do outro lado da mesa: nos espaços da loucura e da arte*. 2004. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

LEITE, Rui Moreira. *Experiência sem número: uma década marcada pela atuação de Flávio de Carvalho*. 1987. 189p. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

_____, Rui Moreira. *Flávio de Carvalho (1899-1973) entre a experiência e a experimentação*. 1994. 2 v. Tese (Doutorado em História da Arte) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1994.

_____, Rui Moreira. *Flávio de Carvalho: o artista total*. São Paulo: Senac, 2008.

LOMBROSO, Cesare. *The man of genius*. London: Walter Scott, 1891.

LORENZINO, Ariana de Abreu. *A poética de Gentileza: um caso de legitimação em processo*. 2009. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

MACGREGOR, John, M. *The Discovery of the art of the insane*. New Jersey, Princeton University Press, 1989.

MACLAGAN, David. Has 'psychotic art' become extinct? In: KILLICK, Katherine; SCHAUVERIEN, Joy. (Orgs.). *Art, psychotherapy and psychosis*. London: Routledge, 1997. p. 131-143.

MARCEL Proust psychanalytica e literariamente, pelo dr. Neves Manta: hoje, no club dos artistas modernos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 3 out. 1933. Conferencias, p. 5.

MARCEL Proust psychanalyticamente e literariamente. *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 11, 3 out. 1933.

MARCEL Proust, psychanalytica e literariamente, pelo dr. Neves Manta, dia 3, no salão do club dos artistas modernos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 28 set. 1933. Conferencias, p. 6.

MARCONDES, Durval. A psicanálise dos desenhos dos psicopatas. *Revista da Associação Paulista de Medicina*. São Paulo, v. 3, n. 4, out. 1933. p. 175-182.

MATISSE, Henri. É preciso olhar a vida inteira com olhos de criança. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. n. 132, p. 737, out/dez 1973.

MÈREDIEU, Florence. *O Desenho infantil*. São Paulo: Cultrix, 1974.

MEZ dos loucos e das crianças no clube dos artistas modernos. *Diário da Noite*, São Paulo, 26 ago. 1933.

MOLOK, Yuri. Children's drawings in early futurism. In: FINEBERG, Jonathan. *Discovering child art: essays on childhood, primitivism and modernism*. New Jersey: Princeton University Press, 1998. p. 55-67.

MORAIS, Frederico. *Cronologia das artes plásticas no Rio de Janeiro: da missão artística francesa à geração 90*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

MOVIMENTO cultural no clube dos artistas modernos. *Correio de São Paulo*, São Paulo, p. 4, 2 ago. 1933.

NO CLUB dos artistas modernos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14 out. 1933. Conferencias, p. 7.

NO CLUBE dos Artistas Modernos. *Diário da Noite*, São Paulo, 29 set. 1933.

NO CLUBE dos artistas modernos. *Folha da Manhã*, São Paulo, 27 ago. 1933. Tres Secções, p. 1.

O C.A.M. vae entrar numa phase de grande actividade. *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 14, 1 ago. 1933.

O CONTINGENTE psychologico na critica da arte. *Folha da Noite*, São Paulo, 10 out. 1933. 2ª Edição, p. 4.

O CONTINGENTE psychologico na critica da arte. *Folha da Noite*, São Paulo, 10 out. 1933. 2ª Edição, p. 4.

O GRANDE movimento do clube dos artistas modernos. *A Platéia*, São Paulo, 1 ago. 1933. Noticias e Commentarios, p. 3.

O MEZ dos alienados e das creanças no C.A.M. *Diário da Noite*, São Paulo, 31 ago. 1933.

O VALOR negativo da psychopatologia na critica da arte. *Folha da Noite*, São Paulo, 17 out. 1933. Segunda Edição, p. 4.

O VALOR negativo psychopatologia na critica de arte. Pelo dr. Balmaceda Cardoso, no club dos artistas modernos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17 out. 1933. Conferencias, p. 6.

Os desenhos dos loucos. *Folha da Noite*, São Paulo, 2ª Folha da Noite, p. 1, 31 ago.1933.

PATTO, Maria Helena Souza (2004). Ciência e política na primeira república: origens da psicologia escolar. Disponível em: <<http://www.cliopsyche.cjb.net/mnemo/index.php/mnemo/article/viewFile/239/227>>. Acesso em: 18 jun. 2009.

POMPEU E SILVA, J.O. *A psiquiatria e o artista*: Nise da Silveira e Almir Mavignier encontram as imagens do inconsciente. 2006. 125p. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

PRINZHORN, Hans. *Artistry of the mentally ill*. Alemanha: Springer-Uerlag Wien, 1995.

PROSSEGUEM as conferencias sobre os desenhos de alienados. *Correio de São Paulo*, São Paulo, p. 4, 26 set. 1933.

PSYCHANALISE dos desenhos dos doentes mentaes. *Diário de São Paulo*, São Paulo, p. 5, 20 set. 1933.

PSYCHANALYSE dos desenhos dos doentes mentaes. Pelo dr. Durval Mamede, hoje, no club dos artistas modernos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 set. 1933. Conferencias, p. 6.

PSYCHANALYSE dos desenhos dos doentes mentaes. *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 14, 20 set. 1933.

PSYCHANALYSE dos desenhos dos doentes mentaes. *A Gazeta*, São Paulo, p. 3, 19 set. 1933.

PSYCHANALYSE dos desenhos dos doentes mentaes. *A Gazeta*, São Paulo, p. 3, 20 set. 1933.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Émile ou de l'éducation*. Paris: Garnier-Flammarion, 1966.

SAGAWA, Roberto Yutaka. *Durval Marcondes*. Rio de Janeiro: Imago Editora; Brasília, DF: CFP, 2002.

SANGIRARDI, Junior. *Flávio de Carvalho*: o revolucionário romântico. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1985.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

_____, Nicolau (1993). Transformações da linguagem e advento da cultura modernista no Brasil. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/asp/dsp_edicao.asp?cd_edi=25>. Acesso em: 24 abr. 2009.

_____, Nicolau. *Pindorama revisitada: cultura e sociedade em tempos de virada*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

SCHICKEL, Richard. *The world of Goya: 1746-1828*. New York: Time-Life Books, 1971.

SELZ, Peter Howard. *The work of Jean Dubuffet*. New York: Arno Press, 1981.

SILVA, A. C. Pacheco. A arte e a psiquiatria através dos tempos. In: *Problemas de Higiene Mental*. São Paulo: Oficinas Gráficas do Hospital do Juquerí, 1936. p. 127-138.

SILVA, Sílvia Maria Cintra da. *A constituição social do desenho da criança*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

TOLEDO, J. *Flávio de Carvalho: o comedor de emoções*. São Paulo: Brasiliense; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

TOLEDO, Maria Conceição Arruda. Flávio de Carvalho: homenagem ao 10º aniversário de sua morte. Campinas: Academia Campinense de Letras, 1983a.

VAE reunir-se no Rio um congresso sul-americano de psychanalyse. *Folha da Noite*, São Paulo, 9 set. 1933. 1ª Folha da Noite, p. 8.

VALOR negativo da psycho-patologia na interpretação da obra de arte. *Diário da Noite*, São Paulo, 17 out. 1933.

VALOR negativo da psychopatologia na interpretação da obra de arte. *A Platéia*, São Paulo, 14 out. 1933. Conferencias, p. 3.

VELLOSO, Mônica Pimenta (1993). A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/asp/dsp_edicao.asp?cd_edi=25>. Acesso em: 24 abr. 2009.

WILSON, Brent. Child art after modernism: visual culture and new narratives. In: DAY, Michael D.; EISNER, Elliot W (Eds). *Handbook of research and policy in art education*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2004.

WÖRWAG, Barbara. There is an Unconscious, Vast Power in the Child. In: FINEBERG, Jonathan. *Discovering child art: essays on childhood, primitivism and modernism*. New Jersey: Princeton University Press, 1998. p. 68-94.

ZANINI, Walter. *A arte no Brasil nas décadas de 1930-40: o grupo Santa Helena*. São Paulo: Nobel, Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

Bibliografia Complementar

A ARTE dos loucos e a arte de vanguarda. *Diário da Noite*, São Paulo, 30 ago. 1933.

A ARTE e a psiquiatria através dos tempos. *Diário da Noite*, São Paulo, 21 set. 1933.

A ARTE e a psiquiatria através dos tempos. *A Platéia*, São Paulo, 22 set. 1933. Conferencias, p. 5.

A ARTE e a psiquiatria através dos tempos. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 27 set. 1933. Noticiário, p. 4.

A ARTE e a psiquiatria através dos tempos. *Folha da Manhã*, São Paulo, 22 set. 1933. Uma Secção, p. 14.

A ARTE e a psiquiatria através dos tempos, pelo dr. Pacheco e Silva, dia 26, no club dos artistas modernos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 set. 1933. Conferencias, p. 5.

A ARTE e a psiquiatria através dos tempos, pelo professor pacheco e silva, hoje, no club dos artistas modernos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 set. 1933. Conferencias, p. 6.

ALVES, Márcia; DALTÉRIO, Rosely Aparecida. Imagem fotográfica da cidade: a memória iconográfica em perspectiva. In: *Revista do Arquivo Municipal/Departamento do Patrimônio Histórico*. V. 204. p. 1-192. 2006.

ALVES, Rubens. *A alegria de ensinar*. São Paulo: Ars Poética, 1994.

ANDRADE, Mário de. Da criança-prodígio I. In: *Diário Nacional*. São Paulo, 26 jun. 1929.

ANTUNES, Eleonora Haddad; BARBOSA, Lúcia Helena Siqueira; PEREIRA, Lygia Maria de França (orgs.). *Psiquiatria Loucura e Arte*: Fragmentos da História Brasileira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

ARIÈS, Philippe. *A História Social da Criança e da Família*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

ARQUIVO NACIONAL. *Recomendações para construção de arquivos*. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>>. Acesso em: 27 maio 2009.

ARTISTAS Modernos. *Diário Popular*, São Paulo, 31 out. 1933. Associações, p. 2.

BARBOSA, Ana Mãe Tavares Bastos. *Teoria e prática da educação artística*. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

_____, Ana Mãe Tavares Bastos. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998.

BASTIDE, Roger; CESAR, Osório. Pintura, loucura e cultura. *Arquivos do Departamento de Assistência a Psicopatas*, São Paulo, v. 22, n. único, p. 51-70, 1956.

BAUDELAIRE, Charles. *Escritos sobre arte*. Organização e tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

BORAS, Angela, C (2007). Attitudes toward children's drawing. Disponível em: <<http://www.iactforchildrensdrawing.com/THESISbyAngelaBoras.doc>>. Acesso em: 4 jul. 2007.

BREDARIOLLI, Rita Luciana. *Das lembranças de Suzana Rodrigues, tópicos modernos de arte e educação*. 2004. 248p. Dissertação (Mestrado em Arte Educação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2004.

BROWN, Bridget. Wölfli, Alöise, Müller. Trad. Aldo Bocchini Neto. Another world: Wölfli, Alöise, Müller (1978). In: ZANINI, Walter (curador Geral), *Arte incomum*, XVI Bienal de São Paulo, Fundação Bienal São Paulo, Catálogo Outubro/Dezembro, Volume III. São Paulo: Funarte, 1981. p. 49-51.

C.A.M. *Diário da Noite*, São Paulo, 6 out. 1933.

C.A.M. *Diário da Noite*, São Paulo, 26 out. 1933.

CADEIRA 10: Pedro de Alcântara Marcondes Machado (1901-1979). In: Sociedade Brasileira de Pediatria. *Academia Brasileira de Pediatria*. Disponível em: <http://www.sbp.com.br/show_item.cfm?id_categoria=74&id_detalhe=1282&tipo=D>. Acesso em: 28 abr. 2009.

CARVALHO, Flávio de. *Experiência n. 2: uma possível teoria e uma experiência*. São Paulo: Irmãos Ferraz, 1931.

CAVALCANTI, Pedro. DELION, Luciano. *São Paulo: a juventude do centro*. São Paulo: Grifo Projetos Históricos e Editoriais, 2004.

CESAR, Osório. *A arte primitiva nos alienados: manifestação escultórica com caracter symbolico feiticista num caso de syndroma paranóide*. Memórias do Hospital de Juquery, São Paulo, ano 2, n. 2, p. 111-125, 1925.

_____, Osório. *Aspectos da vida social entre os loucos*. Separata da Revista do Arquivo N. CV. Departamento de Cultura. São Paulo, 1946.

_____, Osório. A inspiração artística entre os normais e os alienados. Folha da Noite, São Paulo, 25 jan. 1948. In: ZANINI, Walter (curador Geral), *Arte incomum*,

XVI Bienal de São Paulo, Fundação Bienal São Paulo, Catálogo Outubro/Dezembro, Volume III. São Paulo: Funarte, 1981. p. 44-46.

_____, Osório. O simbolismo místico nos alienados. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, São Paulo, CXXIV, p. 47-72, 1949.

_____, Osório. Contribution à l'étude de l'art chez les alienes. *Arquivos do Departamento de Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo*, São Paulo, v. 16, n. único, p. 51-64, jan. a dez. 1951.

_____, Osório. A arte dos loucos. *A Gazeta*, São Paulo, 5 set. 1951. In: ZANINI, Walter (curador Geral), *Arte incomum*, XVI Bienal de São Paulo, Fundação Bienal São Paulo, Catálogo Outubro/Dezembro, Volume III. São Paulo: Funarte, 1981. p. 47.

_____, Osório. Os místicos dos hospícios. *Arquivos do Departamento de Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo*, São Paulo, v. 17, n. único, p. 91-114, jan. a dez. 1952.

_____, Osório. L'art chez les alienés dans l'hôpital de juquerí. *Arquivos do Departamento de Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo*, São Paulo, v. 18, n. único, p. 137-138, jan. a dez. 1953.

CLUBE dos Artistas Modernos. *Correio de São Paulo*, São Paulo, 22 set. 1933. Conferencias, p. 3.

CLUBE dos artistas modernos. *Diário de São Paulo*, São Paulo, p. 8, 22 set. 1933.

CLUBE dos artistas modernos. *Diário de São Paulo*, São Paulo, Noticiario, 3 out. 1933. Conferencias, p. 5.

CLUBE dos artistas modernos. *Folha da Noite*, São Paulo, 25 set. 1933. Primeira Edição, p. 4.

CONFERENCIAS. *Diário Popular*, São Paulo, p. 2, 30 ago. 1933.

CONFERENCIAS. *Diário Popular*, São Paulo, p. 2, 13 set. 1933.

CONFERENCIAS. *Diário Popular*, São Paulo, p. 3, 22 set. 1933.

CONFERENCIAS. *Diário Popular*, São Paulo, p. 12, 26 set. 1933.

CONFERENCIAS. *Diário Popular*, São Paulo, p. 10, 5 out. 1933.

COUTINHO, Rejane Galvão (1996). O Desenho da Criança: Reflexões sobre os primeiros estudos. Disponível em: <<http://www.arte.unb.br/anpap/coutinho.htm>>. Acesso em: 3 jul. 2007.

_____, Rejane Galvão. *Sylvio Rabello e o desenho infantil*. 1997. 159p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DAHER, Luiz Carlos. *Flávio de Carvalho: arquitetura e expressionismo*. São Paulo: Ed. Projeto, 1982.

_____, Luiz Carlos. *Flávio de Carvalho e a volúpia da forma*. São Paulo: MWM, 1984.

DALGALARRONDO, P. *et al.* Osório Cesar e Roger Bastide: as relações entre arte, religião e psicopatologia. In: Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, órgão oficial da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. v. 10, n. 1, São Paulo: Editora Escuta, março de 2007. p. 101-117.

DESENHOS de crianças e o seu valor no ensino. *A Platéia*, São Paulo, 13 set. 1933. Conferencias, p. 2.

DEUTCH, Miriam; FLAM, Jack (eds.). *Primitivism and twentieth century art: a documentary history*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 2003.

DIAS, Paula Barros. *Arte, loucura e ciência no Brasil: as origens do museu de imagens do inconsciente*. 2003. 172p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2003.

DIXON, Sylvia (2007). *Fauvism and Expressionism*. Disponível em: <<http://arts.unitec.ac.nz/resource-exchange/resources/FauvismExpressionismweb2.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2009.

DREIKURS, Rudolf (1965). Why And How People Become Artists: The nature of learning and achievement. Disponível em: <<http://www.creativelifetherapy.com/WHPBA.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2007.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar Edições, 2001.

EFLAND, Arthur D. *A history of art education: intellectual and social currents in teaching the visual arts*. New York: Teachers College Press, 1990.

ELIEL, Carol S; TUCHMAN, Maurice. *Parallel Visions: Modern Artists and Outsider Art*. Los Angeles County Museum of Art: Princeton University Press. 1992.

ESTUDO comparativo entre a arte de vanguarda e a arte dos alienados. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 31 ago. 1933. Noticiário, p. 4.

EXPOSIÇÃO de desenhos de crianças britânicas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 8, 5 dez. 1941.

EXPOSIÇÃO de desenhos escolares da Grã-Bretanha. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 3, 2 dez. 1941.

F. M. A. A figura do bobão grande. *O homem livre*. São Paulo, 14 ago. 1933. Ano 1, n. 11, p. 3.

FABRIS, Annateresa (curadora da Exposição Nacional de Arte Incomum). A escola livre de artes plásticas do Jukeuri. In: ZANINI, Walter (curador Geral), *Arte incomum*, XVI Bienal de São Paulo, Fundação Bienal São Paulo, Catálogo Outubro/Dezembro, Volume III. São Paulo: Funarte, 1981. p. 41-43.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de (1999). A contribuição dos parques infantis de Mário de Andrade para a construção de uma pedagogia da educação infantil. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301999000400004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 mai. 2009.

FRALETTI, Paulo. Considerações sobre a arte dos alienados e dos artistas modernos. *Arquivos do Departamento de Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo*, São Paulo, v. 19, n. 1-4, p. 139-173, jul. a dez. 1954.

FRAYZE-PEREIRA, João Augusto. *O que é loucura*. São Paulo: Abril Cultural, Brasiliense, 1985.

_____, João Augusto. *Olho D'água: Arte e Loucura em Exposição*. São Paulo: Escuta, 1995.

FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.). *História Social da Infância no Brasil*. Cortez/USF-IFAN: São Paulo, 1997.

FREITAS, Marcos Cezar de; JUNIOR, Moysés Kuhlmann. (Orgs.). *Os Intelectuais na História da Infância*. São Paulo, Cortez, 2002.

GOMBRICH, E. H. *The preference for the primitive: episodes in the history of western taste and art*. London: Phaidon, 2002.

HARRISON, Charles; WOOD, Paul (eds.). *Art in theory, 1900-2000: an anthology of changing ideas*. 2 ed. Malden: Blackwell Publishing, 2003.

INTERPRETAÇÃO de desenhos de crianças e o seu valor no ensino. *Correio de São Paulo*, São Paulo, p. 2, 13 set. 1933.

INTERPRETAÇÃO de desenhos de crianças e o seu valor no ensino, pelo dr. Pedro de Alcântara, no club dos artistas modernos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 13 set. 1933. Conferencias, p. 6.

INTERPRETAÇÃO de desenhos de crianças e o seu valor pedagogico. *Diário da Noite*, São Paulo, 11 set. 1933.

INTERPRETAÇÃO de desenhos de crianças e o seu valor pedagogico. *Diário da Noite*, São Paulo, 13 set. 1933.

INTERPRETAÇÃO de desenhos de crianças e o seu valor pedagógico. *Diário de São Paulo*, São Paulo, p. 8, 14 set. 1933.

INTERPRETAÇÃO de desenhos de crianças e o seu valor pedagógico. *Folha da Manhã*, São Paulo, 12 set. 1933. Uma Secção, p. 14.

INTERPRETAÇÃO dos desenhos das crianças e seu valor pedagógico. *Folha da Noite*, São Paulo, 12 set. 1933. Primeira Edição, p. 5.

INTERPRETAÇÃO dos desenhos de crianças e o seu valor pedagógico. *A Platéia*, São Paulo, 11 set. 1933. Conferencias, p. 3.

KELLOGG, Rhoda; O'DELL, Scott. *The psychology of children's art*. CRM-Random House Publication, 1967.

KELLOGG, Rhoda. *Analyzing Children's Art*. Mayfield Publishing Company, 1970.

KILLICK, Katherine; SCHAUVERIEN, Joy (Orgs.). *Art, psychotherapy and psychosis*. London: Routledge, 1997.

KRIS, Ernst. KURZ, Otto. *Lenda, mito e magia: na imagem do artista. Uma experiência histórica*. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

LEME, Paschoal (2005). *O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e suas repercussões na realidade educacional brasileira*. Disponível em: <<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/81/83>>. Acesso em: 5 jun. 2009.

LOURENÇO, Maria Cecília França. *Operários da modernidade*. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1995.

MARCEL Proust literariamente e psicanaliticamente. *Folha da Noite*, São Paulo, 3 out. 1933. Primeira Edição, p. 5.

MÊS dos loucos e das crianças. *O homem Livre*. São Paulo, set., 1933. n. 18, p. 2.

MEZ dos loucos e das crianças. *A Gazeta*, São Paulo, 29 ago. 1933. Notas de Arte, p. 5.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. *O Espaço do Desenho: a Educação do Educador*. São Paulo: Loyola, 1997.

MOTTA, Liandra. *Antônio Parreiras: a trajetória de um pintor através da crítica de sua época*. 2006. 415p. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

MUSGRAVE, Victor (curador internacional). Prefácio. In: ZANINI, Walter (curador Geral), *Arte incomum*, XVI Bienal de São Paulo, Fundação Bienal São Paulo, Catálogo Outubro/Dezembro, Volume III. São Paulo: Funarte, 1981. p. 11-14.

NATIONAL ARCHIVES AND RECORDS ADMINISTRATION – NARA. *Eletronic Records Archives* – ERA. Nara Glossary. Disponível em: <www.archives.gov/era/about/glossary.doc>. Acesso em: 27 maio 2009.

NEGREIROS, LEANDRO RIBEIRO; DIAS, EDUARDO JOSÉ WENSE. A prática arquivística: os métodos da disciplina e os documentos tradicionais e contemporâneos. *Perspect. ciênc. inf.*, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362008000300002&lng=en&rm=iso>. Acesso em: 27 maio 2009.

O CONTINGENTE psicologico na critica de arte. *Diário da Noite*, São Paulo, 7 out. 1933.

O QUE foram os trabalhos da conferência nacional de protecção á infância. *Folha da Noite*, São Paulo, 3 out. 1933. Primeira Edição, p. 5.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Org. *Arte, educação e cultura*. Santa Maria: ED. da USFM, 2007.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e Processos de Criação*. Petrópolis: Vozes, 1987.

PARECEM trabalhos de artistas adultos os desenhos infantis das crianças inglesas. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 2 dez. 1941. Noticiário, p. 5.

PEIXOTO, Silveira. *Falam os escritores*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1971.

PELLEGRINO, Hélio. Abençoada esquizofrenia. In: *Arte Hoje*. N. 30, dez 1979.

PERCEPÇÃO da criança. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 5, 5 dez. 1941.

PERNOUD, Emmanuel (2005). From children's art to puerile art. The childhood of art : myth and demystification. Disponível em: <http://centre-histoire.sciences-po.fr/centre/groupes/arts_et_societes_page_electronique/a/a-pernoud.html>. Acesso em: 3 jul. 2007.

PSYCHANALYSE dos desenhos dos doentes mentaes. *Correio de São Paulo*, São Paulo, p. 2, 19 set. 1933.

PSYCHANALYSE dos desenhos dos doentes mentaes. *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 6, 19 set. 1933.

PSYCHANALYSE dos desenhos dos doentes mentaes, Pelo dr. Durval Marcondes, no club dos artistas modernos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16 set. 1933. Conferencias, p. 6.

PSYCHANALYSE: uma conferencia do dr. Neves Manta no Clube dos Artistas Modernos. *A Gazeta*, São Paulo, p. 7, 2 out. 1933.

RODRIGUES, Dalila D'Alte. *A Infância da Arte, a Arte da Infância*. Porto, Lisboa, Portugal: Asa, 2002.

SAINT-JACQUES, Camille (2005). *Remarks of a painter on children's drawing*. Disponível em: <http://centre-histoire.sciences-po.fr/centre/groupes/arts_et_societes_page_electronique/a/a-saintjacques.html>. Acesso em: 3 jul. 2007.

SCOVINO, FELIPE. *Antecedentes de uma massa enfurecida*: Flávio de Carvalho e a ironia do absurdo. Disponível em: <<http://www.eba.ufrj.br/ppgartesvisuais/anaisEncontros/xiv/Comunicacoes/SCOVINO.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2009.

SEGALL, Lasar. Arte infantil e compreensão da arte: considerações em torno de arte infantil inglesa. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 3, 2 dez. 1941.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2002.

SIRCILLI, Fabíola (2005). Psicanálise e educação escolar no Brasil nos anos de 1930: Arthur Ramos e Anísio Teixeira. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/28/inicio.htm>>. Acesso em 02 abr. 2009.

YAHN, Mario. Exposição de arte psicopatológica no I congresso internacional de psiquiatria de Paris. *Arquivos do Departamento de Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo*, São Paulo, v. 16, n. único, p. 23-32, jan. a dez. 1951.

ZANINI, W.; LEITE, R.M. *Flávio de Carvalho*: catálogo. São Paulo: IBM do Brasil; Fundação Bienal de São Paulo, 1983. Catálogo da XVII Bienal de São Paulo.

ZANINI, Walter (curador Geral), *Arte incomum*, XVI Bienal de São Paulo, Fundação Bienal São Paulo, Catálogo Outubro/Dezembro, Volume III. São Paulo: Funarte, 1981.

ZANINI, Walter (org.). *História geral da arte no Brasil*. São Paulo, Coordenação Editorial Instituto Walter Moreira Salles, Fundação Djalma Guimarães, 1983, 2 volumes.

ZANINI, Walter; WILDER, Gabriela Suzana. *17ª Bienal de São Paulo*: Catálogo Geral. 14 de outubro a 18 de dezembro de 1983.

Anexo A – Listagem dos artigos encontrados

1. A Civilização

- **1933 – Setembro**

A ARTE nos loucos e vanguardistas. *A Civilização*, São Paulo, 2 set. 1933.

2. A Gazeta

- **1933 – Julho**

CLUBE dos Artistas Modernos. *A Gazeta*, São Paulo, 12 jul. 1933.
Notas de Arte, p. 5.

- **1933 – Agosto**

MEZ dos loucos e das crianças. *A Gazeta*, São Paulo, 29 ago. 1933.
Notas de Arte, p. 5.

- **1933 – Setembro**

PSYCHANALYSE dos desenhos dos doentes mentaes. *A Gazeta*, São Paulo, p. 3, 19 set. 1933.

PSYCHANALYSE dos desenhos dos doentes mentaes. *A Gazeta*, São Paulo, p. 3, 20 set. 1933.

- **1933 – Outubro**

PSYCHANALYSE: uma conferencia do dr. Neves Manta no Clube dos Artistas Modernos. *A Gazeta*, São Paulo, p. 7, 2 out. 1933.

EXPOSIÇÃO de desenho de crenças e alienados. *A Gazeta*, São Paulo, 5 out. 1933. Notas de Arte, p. 7.

3. A Platéia

- **1933 – Julho**

DESENHOS de loucos e creanças. *A Platéia*, São Paulo, 20 jul. 1933.
Noticias e Commentarios, p. 3.

- **1933 – Agosto**

O GRANDE movimento do clube dos artistas modernos. *A Platéia*, São Paulo, 1 ago. 1933. Noticias e Commentarios, p. 3.

AARTE de vanguarda e a arte dos alienados. *A Platéia*, São Paulo, 30 ago. 1933. Conferencias, p. 3.

- **1933 – Setembro**

INTERPRETAÇÃO dos desenhos de crianças e o seu valor pedagógico. *A Platéia*, São Paulo, 11 set. 1933. Conferencias, p. 3.

DESENHOS de crianças e o seu valor no ensino. *A Platéia*, São Paulo, 13 set. 1933. Conferencias, p. 2.

AARTE e a psiquiatria através dos tempos. *A Platéia*, São Paulo, 22 set. 1933. Conferencias, p. 5.

- **1933 – Outubro**

VALOR negativo da psychopatologia na interpretação da obra de arte. *A Platéia*, São Paulo, 14 out. 1933. Conferencias, p. 3.

4. Base: Revista de arte, técnica e Pensamento

- **1933 – Agosto**

CLUB dos Artistas Modernos. *Base*: Revista de arte, técnica e pensamento, Rio de Janeiro, ago. 1933. n. 1, p. 24.

- **1933 – Setembro**

CLUB dos artistas modernos. *Base*: Revista de arte, técnica e pensamento, Rio de Janeiro, set. 1933. n. 2, p. 48.

5. Brazil Novo

- **1933 – Julho**

A ACTIVIDADE do club dos artistas modernos. *Brazil Novo*, São Paulo, 17 jul. 1933.

6. Correio de São Paulo

- **1933 – Agosto**

MOVIMENTO cultural no clube dos artistas modernos. *Correio de São Paulo*, São Paulo, p. 4, 2 ago. 1933.

- **1933 – Setembro**

A CURIOSA exposição de trabalhos artisticos de loucos e crianças no clube dos artistas modernos. *Correio de São Paulo*, São Paulo, p. 6, 7 set. 1933.

CLUBE dos Artistas Modernos. *Correio de São Paulo*, São Paulo, 12 set. 1933. Conferencias, p. 6.

INTERPRETAÇÃO de desenhos de crianças e o seu valor no ensino. *Correio de São Paulo*, São Paulo, p. 2, 13 set. 1933.

PSYCHANALYSE dos desenhos dos doentes mentaes. *Correio de São Paulo*, São Paulo, p. 2, 19 set. 1933.

CLUBE dos Artistas Modernos. *Correio de São Paulo*, São Paulo, 22 set. 1933. Conferencias, p. 3.

PROSSEGUEM as conferencias sobre os desenhos de alienados. *Correio de São Paulo*, São Paulo, p. 4, 26 set. 1933.

- **1993 – Outubro**

O CONTINGENTE psychologico na critica de arte. *Correio de São Paulo*, São Paulo, 10 out. 1933.

7. Diário da Noite

- **1933 – Julho**

INTENSA actividade no clube dos artistas modernos. *Diário da Noite*, São Paulo, 12 jul. 1933.

- **1933 – Agosto**

CONFERENCIAS no clube dos artistas modernos. *Diário da Noite*, São Paulo, 2 ago. 1933.

MEZ dos loucos e das crianças no clube dos artistas modernos. *Diário da Noite*, São Paulo, 26 ago. 1933.

ESTÁ aberta a exposição de desenhos de crianças e de alienados, no C.A.M. *Diário da Noite*, São Paulo, p.2, 30 ago. 1933.

O MEZ dos alienados e das creanças no C.A.M. *Diário da Noite*, São Paulo, 31 ago. 1933.

AARTE dos loucos e a arte de vanguarda. *Diário da Noite*, São Paulo, 30 ago. 1933.

- **1933 – Setembro**

INTERPRETAÇÃO de desenhos de crianças e o seu valor pedagogico. *Diário da Noite*, São Paulo, 11 set. 1933.

INTERPRETAÇÃO de desenhos de crianças e o seu valor pedagogico. *Diário da Noite*, São Paulo, 13 set. 1933.

A PSYCHANALYSE dos desenhos dos doentes mentaes. *Diário da Noite*, São Paulo, 19 set. 1933.

A EXPOSIÇÃO de desenhos de alienados e de crianças no clube dos artistas modernos. *Diário da Noite*, São Paulo, 21 set. 1933.

A ARTE e a psiquiatria atraves dos tempos. *Diário da Noite*, São Paulo, 21 set. 1933.

A ARTE e a psiquiatria através dos tempos. *Diário da Noite*, São Paulo, 26 set. 1933.

- **1933 – Outubro**

CLUBE dos Artistas Modernos. *Diário da Noite*, São Paulo, 4 out. 1933.

C.A.M. *Diário da Noite*, São Paulo, 6 out. 1933.

O CONTINGENTE psychological na critica de arte. *Diário da Noite*, São Paulo, 7 out. 1933.

VALOR negativo da psycho-patologia na interpretação da obra de arte. *Diário da Noite*, São Paulo, 17 out. 1933.

8. Diário de São Paulo

- **1933 – Agosto**

EXPOSIÇÃO de desenhos de loucos e de crianças, no clube dos artistas modernos. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 27 ago. 1933. Noticiário, p. 4.

CONFERÊNCIA na spam. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 30 ago. 1933. Noticiário, p. 7.

ESTUDO comparativo entre a arte de vanguarda e a arte dos alienados. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 31 ago. 1933. Noticiário, p. 4.

- **1933 – Setembro**

CLUBE dos artistas modernos. *Diário de São Paulo*, São Paulo, Noticiario, Conferencias, 12 set. 1933, p. 6.

INTERPRETAÇÃO de desenhos de crianças e o seu valor pedagogico. *Diário de São Paulo*, São Paulo, p. 8, 14 set. 1933.

CLUBE dos artistas modernos. *Diário de São Paulo*, São Paulo, Noticiário, Conferencias, 17 set. 1933, p. 2.

CLUBE dos artistas modernos. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 19 set. 1933. Conferencias, p. 6.

PSYCHANALISE dos desenhos dos doentes mentaes. *Diário de São Paulo*, São Paulo, p. 5, 20 set. 1933.

CLUBE dos artistas modernos. *Diário de São Paulo*, São Paulo, p. 8, 22 set. 1933.

AARTE e a psiquiatria através dos tempos. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 27 set. 1933. Noticiário, p. 4.

- **1933 – Outubro**

CLUBE dos artistas modernos. *Diário de São Paulo*, São Paulo, Noticiário, 3 out. 1933. Conferencias, p. 5.

9. Diário Popular

- **1933 – Agosto**

CLUB dos Artistas Modernos. *Diário Popular*, São Paulo, 28 ago. 1933. Associações, p. 2.

CONFERENCIAS. *Diário Popular*, São Paulo, p. 2, 30 ago. 1933.

- **1933 – Setembro**

CONFERENCIAS. *Diário Popular*, São Paulo, p. 2, 13 set. 1933.

CONFERENCIAS. *Diário Popular*, São Paulo, p. 3, 19 set. 1933.

CONFERENCIAS. *Diário Popular*, São Paulo, p. 3, 22 set. 1933.

CONFERENCIAS. *Diário Popular*, São Paulo, p. 12, 26 set. 1933.

CONFERENCIAS. *Diário Popular*, São Paulo, p. 2, 28 set. 1933.

- **1933 – Outubro**

CONFERENCIAS. *Diário Popular*, São Paulo, p. 2, 2 out. 1933.

CONFERENCIAS. *Diário Popular*, São Paulo, p. 10, 5 out. 1933.

CONFERENCIAS. *Diário Popular*, São Paulo, p. 10, 10 out. 1933.

ARTISTAS Modernos. *Diário Popular*, São Paulo, 31 out. 1933. Associações, p. 2.

10. Diário do Povo

- **1933 – Julho**

CLUBE dos Artistas Modernos. *Diário do Povo*, Campinas, p. 1, 21 jul. 1933.

11. Fanfulla

- **1933 – Julho**

ARTE ed Artisti: l'attività del club degli artisti moderni. *Fanfulla*, São Paulo, Arte ed Artisti, 15 jul. 1933.

- **1933 – Agosto**

L'ATTIVITA del club degli artisti moderni. *Fanfulla*, São Paulo, Arte ed Artisti, 1 ago. 1933.

12. Folha da Manhã

- **1933 – Julho**

CLUBE dos Artistas Modernos. *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 3, 13 jul. 1933.

- **1933 – Agosto**

O C.A.M. vae entrar numa phase de grande actividade. *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 14, 1 ago. 1933.

NO CLUBE dos artistas modernos. *Folha da Manhã*, São Paulo, 27 ago. 1933. Tres Secções, p. 1.

- **1933 – Setembro**

INTERPRETAÇÃO de desenhos de crianças e o seu valor pedagogico. *Folha da Manhã*, São Paulo, 12 set. 1933. Uma Secção, p. 14.

PSYCHANALYSE dos desenhos dos doentes mentaes. *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 6, 19 set. 1933.

PSYCHANALYSE dos desenhos dos doentes mentaes. *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 14, 20 set. 1933.

AARTE e a psiquiatria através dos tempos. *Folha da Manhã*, São Paulo, 22 set. 1933. Uma Secção, p. 14.

AARTE e a psiquiatria através dos tempos. *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 4, 27 set. 1933.

- **1933 – Outubro**

MARCEL Proust psicanalyticamente e literariamente. *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 11, 3 out. 1933.

13. Folha da Noite

- **1933 – Julho**

A ACTIVIDADE do clube dos artistas modernos. *Folha da Noite*, São Paulo, 12 jul. 1933. Primeira Edição, p. 3.

- **1933 – Agosto**

ESTUDO comparativo entre a arte de vanguarda e a arte dos alienados. *Folha da Noite*, São Paulo, 29 ago. 1933. Segunda Edição, p. 4.

OS DESENHOS dos loucos. *Folha da Noite*, São Paulo, 2ª Folha da Noite, p. 1, 31 ago. 1933.

- **1933 – Setembro**

A INTERPRETAÇÃO de desenhos de crianças e seu valor pedagógico. *Folha da Noite*, São Paulo, 8 set. 1933. Segunda Edição, p. 4.

INTERPRETAÇÃO dos desenhos das crianças e seu valor pedagógico. *Folha da Noite*, São Paulo, 12 set. 1933. Primeira Edição, p. 5.

INTERPRETAÇÃO dos desenhos infantis. *Folha da Noite*, São Paulo, 13 set. 1933. Primeira Edição, p. 5.

INTERPRETAÇÃO dos desenhos das crianças e seu valor pedagógico. *Folha da Noite*, São Paulo, 14 set. 1933. 2ª Folha da Noite/ Segunda Edição, p. 1 e 4.

A PSYCHANALYSE dos desenhos dos doentes mentais. *Folha da Noite*, São Paulo, 19 set. 1933. 1ª Folha da Noite, p. 8.

CLUBE dos artistas modernos. *Folha da Noite*, São Paulo, 22 set. 1933. Primeira Edição, p. 4.

CLUBE dos artistas modernos. *Folha da Noite*, São Paulo, 25 set. 1933. Primeira Edição, p. 4.

- **1933 – Outubro**

MARCEL Proust literariamente e psicanaliticamente. *Folha da Noite*, São Paulo, 3 out. 1933. Primeira Edição, p. 5.

O CONTINGENTE psychologico na critica da arte. *Folha da Noite*, São Paulo, 10 out. 1933. 2ª Edição, p. 4.

O VALOR negativo da psychopatologia na critica da arte. *Folha da Noite*, São Paulo, 17 out. 1933. Segunda Edição, p. 4.

AS ACTIVIDADES do clube dos artistas modernos. *Folha da Noite*, São Paulo, 24 out. 1933. Primeira Edição, p. 5.

14. Fundamentos

- **1951 – Julho**

ARTIGAS, J. Vilanova. A arte dos loucos. *Fundamentos*, São Paulo, ano IV, n. 20, p. 22-24, jul. 1951.

15. Jornal do Estado

- **1933 – Agosto**

CLUBE dos Artistas Modernos. *Jornal do Estado*, São Paulo, Vida Artistica, 1 ago. 1933.

A ARTE dos loucos e vanguardistas. *Jornal do Estado*, São Paulo, 31 ago. 1933.

- **1933 – Setembro**

DESENHOS de crianças em paredes. *Jornal do Estado*, São Paulo, 12 set. 1933.

INTERPRETAÇÃO de Ddesenhos de crianças. *Jornal do Estado*, São Paulo, 14 set. 1933.

A PSICANALISE dos desenhos de doentes mentais. *Jornal do Estado*, São Paulo, 20 set. 1933.

16. O Dia

- **1933 – Julho**

A ACTIVIDADE do club dos artistas modernos. *O Dia*, São Paulo, p. 3, 13 jul. 1933.

17. O Estado de São Paulo

- **1933 – Agosto**

AARTE dos loucos e a arte de vanguarda, pelo dr. Osorio Cesar, hoje, no Club dos Artistas Modernos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 ago. 1933. Conferencias, p. 6.

- **1933 – Setembro**

INTERPRETAÇÃO de desenhos de crianças e o seu valor no ensino, pelo dr. Pedro de Alcântara, no club dos artistas modernos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 13 set. 1933. Conferencias, p. 6.

PSYCHANALYSE dos desenhos dos doentes mentaes, Pelo dr. Durval Marcondes, no club dos artistas modernos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16 set. 1933. Conferencias, p. 6.

PSYCHANALYSE dos desenhos dos doentes mentaes. Pelo dr. Durval Mamede, hoje, no club dos artistas modernos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 set. 1933. Conferencias, p. 6.

AARTE e a psiquiatria através dos tempos, pelo dr. Pacheco e Silva, dia 26, no club dos artistas modernos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 set. 1933. Conferencias, p. 5.

A ARTE e a psiquiatria através dos tempos, pelo professor pacheco e silva, hoje, no club dos artistas modernos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 set. 1933. Conferencias, p. 6.

MARCEL Proust, psychanalytica e literariamente, pelo dr. Neves Manta, dia 3, no salão do club dos artistas modernos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 28 set. 1933. Conferencias, p. 6.

- **1933 – Outubro**

MARCEL Preyoust psychanalytica e literariamente, pelo dr. Neves Manta: hoje, no club dos artistas modernos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 3 out. 1933. Conferencias, p. 5.

NO CLUB dos artistas modernos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14 out. 1933. Conferencias, p. 7.

O VALOR negativo psychopatologia na critica de arte. Pelo dr. Balmaceda Cardoso, no club dos artistas modernos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17 out. 1933. Conferencias, p. 6.

18. O homem livre

- **1933 – Agosto**

F. M. A. A figura do bobão grande. O homem livre. São Paulo, 14 ago. 1933. Ano 1, n. 11, p. 3

- **1933 – Setembro**

MÊS dos loucos e das crianças. O homem Livre. São Paulo, set., 1933. n. 18, p. 2

19. Revista Anual do Salão de Maio (RASM)

- **1939**

CARVALHO, Flávio de. Recordação do clube dos artistas modernos. In: *Revista Anual do Salão de Maio*. São Paulo, 1939. s/n.

20. Rumo

- **1933 – Agosto**

- CLUB dos artistas modernos: um laboratório de experiências para a arte moderna. *Rumo*, Rio de Janeiro, ago. 1933. n. 4, p. 16.

- **1933 – Setembro/ Outubro**

CRIANÇAS-ARTISTAS, doidos-artistas. *Rumo*, Rio de Janeiro, set/out. 1933. n. 5 e 6, p. 29.

ENSAIO de psychologia e de pedagogia do desenho infantil. *Rumo*, Rio de Janeiro, set/out. 1933. n. 5 e 6, p. 30.

- **1933 – Novembro**

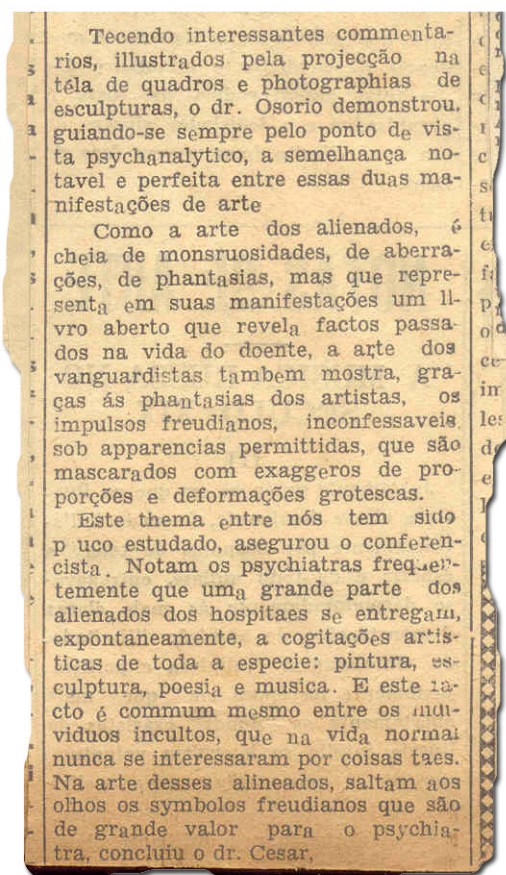
DESENHO. *Rumo*, Rio de Janeiro, nov. 1933. n. 7, p. 9.

Anexo B – Reprodução de periódicos

1. A Civilização



Fig 28 – A ARTE nos loucos e vanguardistas. Fonte: A Civilização. 2 set. 1933.



2. A Gazeta

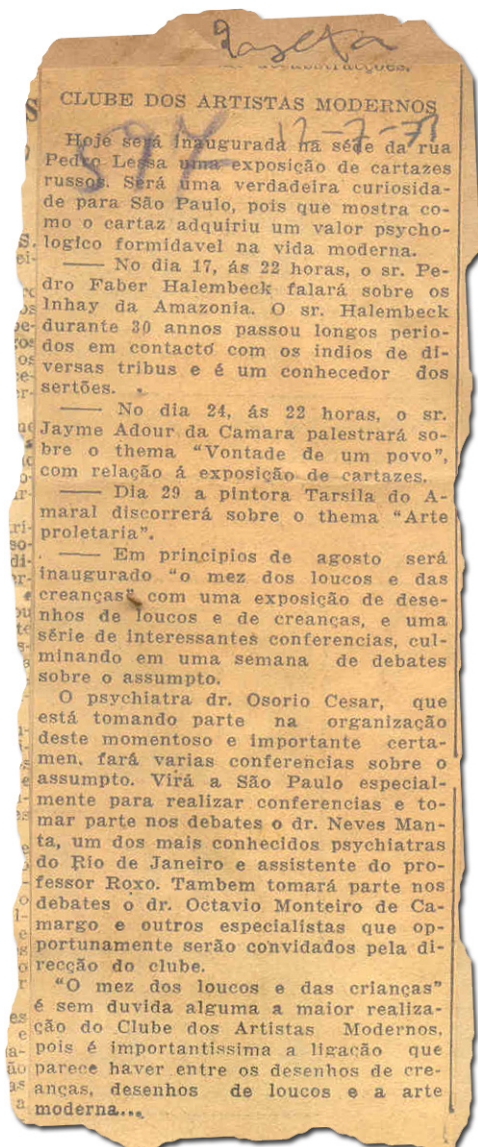


Fig 29 – Clube dos Artistas Modernos.
Fonte: A Gazeta. 12 jul. 1933.

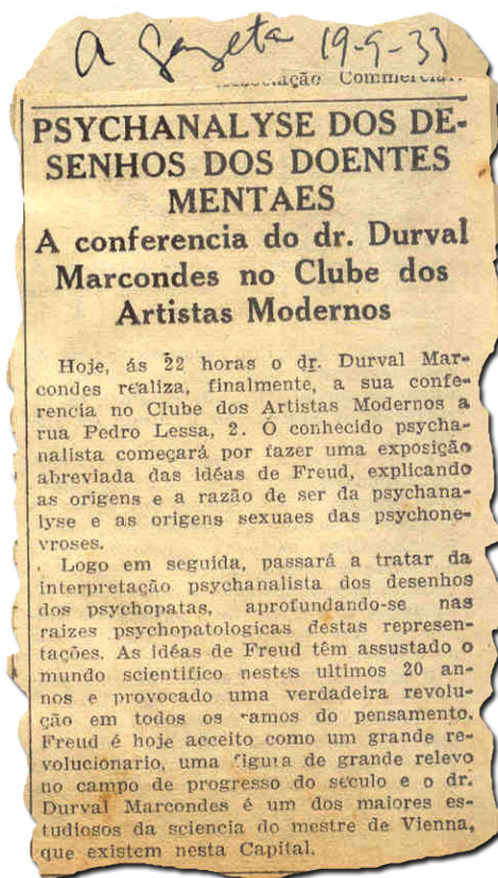


Fig 30 – Psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes.
Fonte: A Gazeta. 19 set. 1933.

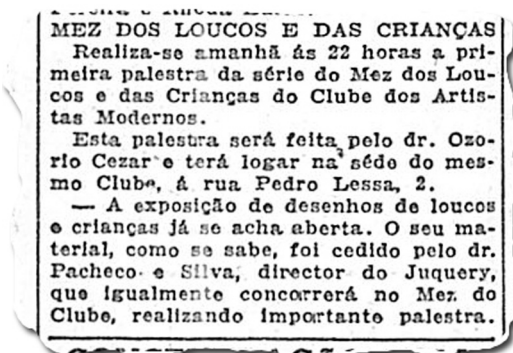


Fig 31 – Mez dos loucos e das crianças.
Fonte: A Gazeta. 29 ago. 1933.

PSYCHANALYSE DOS DESENHOS DOS DOENTES MENTAES

O dr. Durval Marcondes realizou hontem sua annunciada conferencia

Como estava annunciado, o dr. Durval Marcondes, um dos valores mais nitidos da clinica psychiatrica em São Paulo, realizou hontem sua annunciada conferencia no Clube dos Artistas Modernos. Deante de numerozo auditorio, o conferencista iniciou sua palestra, fazendo um intelligente resumo da theoria de Freud e estudando, a seguir, os phenomenos que constituem os symptomas mentaes, manifestados nas seguintes phases principaes: 1.º, satisfação substitutiva; 2.º, autismo; 3.º, archaismos psychicos.

Passa depois a referir-se á linguagem do subconsciente que é o "symbolo" na qual se representam e se caracterizam os impulsos recalcados que determinaram a neurose.

Detendo-se em interessantes comentarios, o dr. Durval Marcondes estuda varias especies de "symbolos", interpretando-lhes os sentidos e mostrando a predominancia do recalcaimento de origem sexual em todos elles. Tal, por exemplo, o que se dá com o "symbolo" casa, um dos mais usados pelos psychopaths.

Illustrando a conferencia, foram expostos varios desenhos de doentes mentaes. A palestra prendeu extraordinariamente a attenção do auditorio, quer pela natureza do assumpto, quer pela maneira clara e interessante por que o tratou o orador.

PSYCHANALYSE

Uma conferencia do dr. Neves Manta no Clube dos Artistas Modernos

O dr. Neves Manta assistente do professor Roxo virá especialmente a S. Paulo para realizar amanhã a sua conferencia no Clube dos Artistas Modernos á rua Pedro Lessa, 2, sobre o thema: "Marcel Proust literariamente e psychanalyticamente".

A conferencia realizar-se-á ás 22 horas.

Fig 33 – *Psychanalyse: uma conferencia do dr. Neves Manta no Clube dos Artistas Modernos. Fonte: A Gazeta. 2 out. 1933.*

EXPOSIÇÃO DE DESENHOS DE CRENÇAS E ALIENADOS

Continua aberta ao publico a exposição de desenhos e de escultura de alienados e de creanças, na sede do Clube dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa, 2. Essa mostra mantem-se franquada das cinco da tarde á uma da manhã.

Fig 34 – *Exposição de desenho de crenças e alienados. Fonte: A Gazeta. 5 out. 1933.*

Fig 32 – *Psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes. Fonte: A Gazeta. 20 set. 1933.*

3. A Platéia

O GRANDE MOVIMENTO DO CLUBE DOS ARTIS- TAS MODERNOS

Depois de amanhã o eng. Nelson de Rezende fará uma palestra sobre a theoria e pratica da arte collectiva na sede do Clube, á rua Pedro Lessa, 2, ás 22 horas. Nelson de Rezende explicará a technica moderna de fazer cartazes na U. R. S. S. tomando como exemplo os cartazes ora em exposição na sede do clube e gentilmente cedidos pela pintora patricia Tarcila do Amaral.

— No dia 6 de agosto, ás 22 horas, Amadeu Amaral Junior fará uma conferencia sobre "folk-lore" brasileiro. O conferencista recentemente empreendeu longa viagem de estudos pelo norte do Brasil onde collecionou dados valiosissimos.

— No dia 18 de agosto, ás 22 horas, Jayme Adour da Camara fará uma palestra sobre o sentido antropophagico da poesia do grande poeta patricio Raul Bopp e Maria Paula Adamí declamará trechos da obra daquelle poeta.

Jayme Adour que está escrevendo um livro sobre Raul Bopp tem ultimamente collecionado dados interessantissimos sobre a vida do poeta.

— No dia 19 de agosto o clube espera poder inaugurar a já muito esperada exposição de desenhos de loucos e de crianças. Este certame tem despertado nos meios estudiosos de S. Paulo o mais vivo interesse. Os grandes especialistas do nosso meio tomarão parte no certame. Serão realizadas diversas conferencias e debates; o dr. Durval Marcondes exporá um estudo sobre "interpretação symbolica dos desenhos dos alienados sob o ponto de vista freudiano"; o dr. Fausto Guerner apresentará um estudo versando em torno do assumpto "O louco sob o ponto de vista da psychologia geral"; o dr. Ozo-rio Cezar apresentará um "estudo comparativo entre a arte dos primitivos, das crianças, dos loucos e dos artistas de vanguarda"; o dr. Neves Mantia assistente do prof. Roxo virá do Rio especialmente para realizar uma palestra sobre "Marcel Proust literaria e psicanalytica-mente"; o dr. Pedro de Alcanta-ara Machado falará sobre interpretação psicanalytica dos desenhos de crianças". Serão realizados debates em torno do assumpto e os dres. Matheus Santamarina, Oclavio Montei-ro de Camargo, André Dreyfus e outros tomarão parte.

Fig 35 — O grande movimento do clube dos artistas modernos. Fonte: A Platéia. 1 ago. 1933.

A ARTE E A PSYCHIATRIA ATRAVE'S OS TEMPOS

Terça-feira proxima, às 22 horas o dr. Pacheco e Silva, director do Juquery, realizará a sua conferencia sobre o thema "A arte e a psychiatria através os tempos", no Clube dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa, 2. O dr. Pacheco e Silva fará um retrospecto historico do assumpto mostrando o valor psychologico da arte em diversas épocas da humanidade. O dr. Pacheco e Silva discorrerá também sobre o valor da expressão facial nos diversos typos de alienados expondo á assistencia um estudo seu sobre este assumpto. Durante a conferencia haverá grande numero de projecções.

Fig 36 – A arte e a psychiatria através dos tempos. Fonte: A Platéia. 22 set. 1933.

CONFÉRENCIAS

INTERPRETAÇÃO DOS DESENHOS DE CRIANÇAS E O SEU VALOR PEDAGÓGICO

Depois de amanhã, às 22 horas o dr. Pedro de Alcântara realizará a sua conferencia sobre a interpretação de desenhos de crianças na sede do Clube dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa, 2.

A conferencia do dr. Pedro de Alcântara tem um interesse invulgar porque vae mostrar ao publico um novo modo de encarar os desenhos de crianças, e vae sobretudo mostrar como nós andamos completamente errados no assumpto e o valor que têm essas manifestações sob o ponto de vista pedagogico. O dr. Pedro de Alcântara vem ha muitos annos colleccionando desenhos de parede pois o illustre medico acha que é na parede onde o artista juvenil se mostra mais a vontade e em maior liberdade para mostrar os seus desejos mais intimos.

Fig 37 – Interpretação dos desenhos de crianças e o seu valor pedagógico. Fonte: A Platéia. 11 set. 1933.

CONFÉRENCIAS

VALOR NEGATIVO DA PSY- COPATHOLOGIA NA INTER- PRETAÇÃO DA OBRA DE ARTE

Na proxima terça-feira ás 21 horas o dr. Plinio Balmaceda Cardoso realisa no Clube dos Artistas Modernos á rua Pedro Lessa n. 2, uma interessante conferencia sobre o "valor negativo da psychopathologia na interpretação da obra de arte". O assumpto é de palpitante interesse, sobretudo depois das deducções do dr. Fausto Guerner na ultima conferencia do Clube.

Fig 38 – Valor negativo da psychopathologia na interpretação da obra de arte. Fonte: A Platéia. 14 out. 1933.



Fig 39 – A arte de vanguarda e a arte dos alienados. Fonte: A Plátée. 30 ago. 1933.

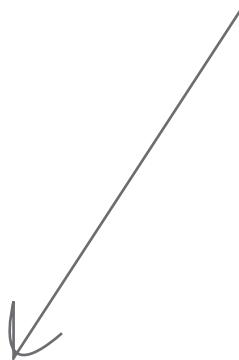


Fig 40 – Desenhos de loucos e creanças. Fonte: A Plátée. 20 jul. 1933.

DESENHOS DE LOUCOS

E CREAÇAS

O Clube dos Artistas Modernos intitula-se um laboratório de experiencias.

Ha muita gente que considera isso pretensão demasiada e não leva a sério os moços da rua Pedro Lessa. Para essa especie de pessoas o clube é tão sómente um agrupamento de “blagueurs” e gozadores, em fim de rapazes que se entretêm com o saudavel esporte de “épater le bourgeois”.

Outros concordam com o titulo do gremio e se interessam vivamente por elle e suas realizações. Aham que o clube é laboratório mesmo e esperam que de lá saia qualquer coisa de importante.

E’ provavel que a razão esteja, como a virtude, no meio. Ha, indiscutivelmente, em tudo quanto os “artistas modernos” fazem e projectam, uma pontinha ferina destinada a machucar a epiderme do indigena, sensibilizada por preconceitos e convenções. Ha, inegavelmente, a vontade gostosa de fazer os outros boquiabrirem-se deante de attentados estheticos que elles são os primeiros a renegar.

Mas, ha tambem iniciativas felizes, idéas excellentes, realizações esplendidas. São exemplo disso as conferencias e concertos já levados a effeito, a exposição de gravuras de Kuehle Kollwitz, verdadeira delicia para os olhos e para o espirito e, agora, a mostra de cartazes russos, esses cartazes que revolucionam o genero.

A inteliativa mais interessante, porém, que o clube já teve é a da “Semana dos loucos e das creanças”. Na denominação dada á “semana” já se revela o espirito moleque dos rapazes modernistas. Tivessem elles envergado uma casaca preta e dito com toda a seriedade possivel:

“Respeitavel publico! Ha uma arte interessantissima, curiosa,

CONFERENCIAS

DESENHOS DE CRIANÇAS E O SEU VALOR NO ENSINO

Hoje, ás 22 horas, o dr. Pedro de Alcantara, realizará uma conferencia no Clube dos Artistas Modernos á rua Pedro Lessa.

O illustre medico vae destruir os antigos methodos de ensino de desenhos para crianças e vae propôr um novo systema computado por elle.

O dr. Pedro de Alcantara vem ha longos annos estudando desenhos de crianças executados nas paredes, pois acha que os desenhos de parede são os unicos onde a criança se manifesta com toda liberdade e portanto estão mais aptos para sugerir alguma cousa de constructivo na formação de uma nova mentalidade e nos methodos de guiar a criança através á vida.

Fig 41 – Desenhos de crianças e o seu valor no ensino. Fonte: A Platéia. 13 set. 1933.

4. Base: Revista de arte, técnica e Pensamento



base
revista de arte, técnica e pensamento

o nosso programa:
arquitetura
pintura e escultura
literatura
música
teatro
foto- e cinematografia
dança
reclame e tipografia
educação e higiene
urbanismo e tráfego

club dos artistas modernos
s. paulo, rua pedro lessa 2

o club é "um laboratório de experiencias para a arte moderna" e um grande reservatório de energia. verifica-se a grande atividade deste club pelo movimento que ele desenvolve promovendo exposições, concertos e conferencias onde não são abordados apenas os assuntos de arte, mas todos os temas culturais de atualidade.

no mez de julho:

o club realizou um concerto de piano de musica moderna, executada por lavinia vioti guarnieri; uma de cartazes russos acompanhado de uma conferencia pelo dr. jaime adour da camara; conferencia de tarcila do amaral sobre "arte proletaria" com audição de discos da u.r.s.s.

no mez de agosto:

o club apresentará uma exposição de desenhos de crianças e de loucos. durante esta exposição haverá diversas conferencias por especialistas sobre o assunto. serão realizadas conferencias pelo dr. ozorio cezar, pelo dr. neves manta (assistente do prof. roxo), pelo dr. fausto guerner e outros. durante a exposição será realizada uma quinzena de debates sobre o assunto na qual tomará parte entre outros o dr. octavio monteiro de camargo, especialista em spicotestes.

a redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.
redator: alexandre altberg, rua paul redfern 36, rio de janeiro

Fig 42 – Club dos Artistas Modernos. Fonte: Base: Revista de arte, técnica e pensamento. Ago. 1933. n. 1.



club dos artistas modernos s. paulo, rua pedro lessa, 2

o programa cultural da c.a.m. para o proximo mez é o seguinte:

dia 24 deste — abertura da exposição de desenhos de loucos e crianças.

dia 29 — conferencia de ozorio cezar sobre estudo comparativo entre a arte de vanguarda e arte dos alienados.

dia 5 de setembro — conferencia de durval marcondes sobre psicanalisis dos desenhos dos psicopatas.

dia 10 — conferencia de pedro de alcantara machado sobre interpretação dos desenhos de crianças.

dia 19 — conferencia de pacheco silva sobre tema ainda a ser determinado.

dia 26 — conferencia de fausto guernr sobre o louco sob o ponto de vista da psicologia geral.

dia 3 de outubro — conferencia de neves manta sobre marcel proust literaria e psicanaliticamente.

a assistencia tem o direito de fazer objeções depois da conferencia.

este programa da c.a.m. revela-nos as ótimas condições de espirito dos seus socios artistas em relação ao publico, com quem deseja estar em permanente contáto, facilitando-lhe o direito de critica imediata, mantendo acesa a atenção dos ouvintes, que é a melhor forma de instruí-los facilitando-lhes o cultivo da dialetica.

se esse publico não se compuzer exclusivamente de diletantes *blasés*, sem duvida a c.a.m. terá atingido um elevado sucesso pedagogico na esfera de suas disposições, levantando o nivel cultural do povo, a quem sempre faltaram todos os recursos da instrução.

Fig 43 – CLUB dos artistas modernos. Fonte: Base: Revista de arte, técnica e pensamento. Set. 1933. n. 2.

5. Brazil Novo

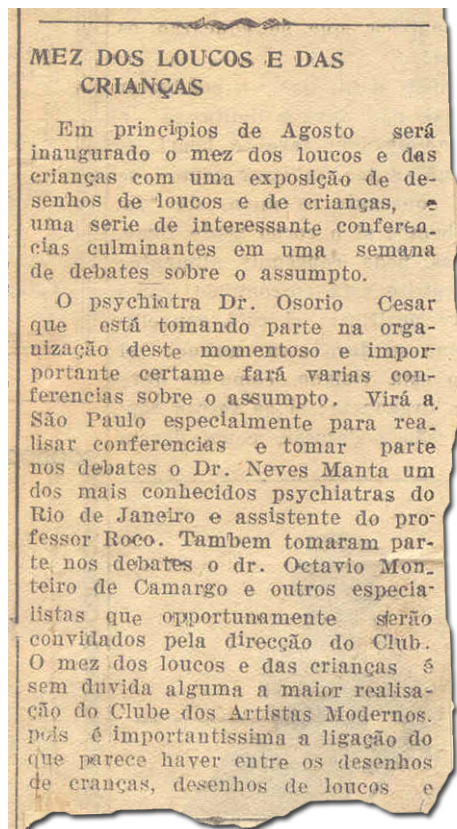
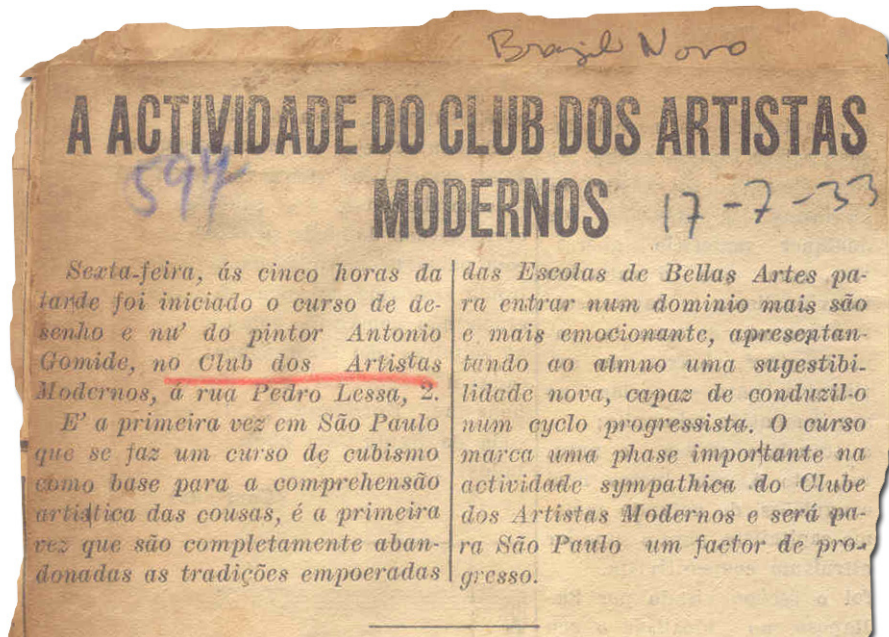


Fig 44 – A actividade do club dos artistas modernos. Fonte: Brazil Novo. 17 jul. 1933.

6. Correio de São Paulo



Fig 45 – O contingente psychologico na critica de arte. Fonte: Correio de São Paulo, 10 out. 1933.

Proseguem as conferencias sobre os desenhos de alienados

Hoje á noite, o dr. Pacheco e Silva falará no Clube dos Artistas Modernos — A reportagem do "Correio de S. Paulo" entrevistou, hontem, o illustre scientista

O Clube dos Artistas Modernos vem realizando ultimamente o mez dos alienados com uma exposiçõ de desenhos e esculpturas que está aberta ao publico todos os dias na sede do clube, e com uma serie de conferencias pelos nossos melhores psycanalistas e psychiatras, tendo já realizado conferencias sobre o assumpto os drs. Osorio Cezar, Pedro de Alcantara e Durval Marcondes.

A intenção do Clube é despertar e interesse do publico para esses assumptos e promover debates em torro das ligações existentes entre a arte moderna e a dos alienados e desenhos das crianças. As conferencias têm sido muito animadas, sempre a assistencia tomando parte em calorosas discussões.

Hoje o dr. Pacheco e Silva, director do Juquery, vae falar no Clube dos Artistas Modernos. A sua conferencia terá início ás 22 horas.

O thema da conferencia é dos mais ligados á arte e a psychiatria através dos tempos. Procurámos o dr. Pacheco e Silva, que nos adiantou rapidamente algumas das suas idéas.

— "A arte dos alienados nos interessa muito, porque, por intermedio das suas manifestações observamos as afinidades e as ligações com a arte moderna e com a arte da creança, e não é o

interesse puramente pittoresco, mas sim scientifico. Estes estudos poderão nos levar a conclusões nem interessantes e de importancia para o progresso do pensamento, como também para o progresso therapeutico.

Convem notar que, em muitos casos de alienados, a arte é um dos poucos meios de manifestações sem censura.

Em todo caso, não vou adiantar mais nada para melhor excitar a sua imaginação de reporter. A conferencia será illustrada com interessantissimas projecções tiradas de uma colleção que ha longos annos venho ajuntando.

Serão mostradas, também, uma colleção de expressões faciaes dos differentes typos de alienados".

Satisfeitos com as declarações do dr. Pacheco e Silva, a nossa reportagem retirou-se, desejando-lhe os mais fervorosos votos de completo exito.

Fig 46 — Prosseguem as conferencias sobre os desenhos de alienados. Fonte: Correio de São Paulo. 26 set. 1933.

Movimento cultural no Clube dos Artistas *Modernos

Hoje, o eng. Nelson de Rezende, fará uma palestra sobre a theoria e pratica da arte collectiva, na sede do clube, á rua Pedro Lessa, 2, ás 22 horas. Nelson de Rezende explicará a technica moderna de fazer cartazes na U. R. S. S., tomando como exemplo os cartazes ora em exposição na sede do clube e gentilmente cedidos pelo pintor patricia Tarsila do Amaral.

Conferencia sobre folk lore brasileiro por Amadeu Amaral Junior — No dia 8 de agosto, ás 22 horas, o sr. Amadeu Amaral Junior fará uma conferencia sobre folklore brasileiro. O conferencista recentemente empreendeu longa viagem de estudos pelo norte do Brasil, onde colleccionou dados a respeito.

O sentimento antropophagico da poesia de Raul Bopp — No dia 18 de agosto, ás 22 horas, o sr. Jayme Adour da Camara fará uma palestra sobre o sentimento antropophagico da poesia do poeta patricio Raul Bopp, e Maria Paula Adams declamará trechos da obra de Raul Bopp.

Jayme Adour, que está escrevendo um livro sobre Raul Bopp, tem ultimamente colleccionado dados interessantes sobre a vida do poeta e está apto a mostrar aspectos ineditos da psychologia e da sociabilidade de Raul Bopp.

O mes dos loucos e das crianças — No dia 19 de agosto, o clube espera poder inaugurar a exposiçao de desenhos de loucos e de crianças. Este certame tem despertado interesse nos meios estudiosos de S. Paulo. Os especialistas do nosso meio tomarão parte no certamen. Serão realizadas diversas conferencias e debates. O dr. Durval Marcondes exporá um estudo sobre "interpretação symbolica dos desenhos dos alienados sob o ponto de vista freudiano", o dr. Fausto Guerner apresentará um estudo vertendo em torno do assumpto, "O louco sob o ponto de vista da psychologia geral", o dr. Ozorio Cesar apresentará um "estudo comparativo entre a arte dos primitivos, das crianças, dos loucos e dos artistas de vanguarda", o dr. Neca Mantua assistente do prof. Rocco vira do Rio especialmente para realizar uma palestra sobre "Marcel Proust: litteraria e psychanaliticamente", o dr. Pedro de Alcantara Machado fará sobre interpretação psychanaly-

tica dos desenhos de crianças". Serão realizados debates em torno do assumpto e os drs. Matheus Santamaria, Octavio Monteiro de Camargo, André Dreyfus e outros tomarão parte.

Fig 47 — Movimento cultural no clube dos artistas modernos. Fonte: Correio de São Paulo, 2 ago. 1933.



Fig 48 – Interpretação de desenhos de crianças e o seu valor no ensino. Fonte: Correio de São Paulo. 13 set. 1933.



Fig 49 – Clube dos Artistas Modernos. Fonte: Correio de São Paulo. 12 set. 1933.

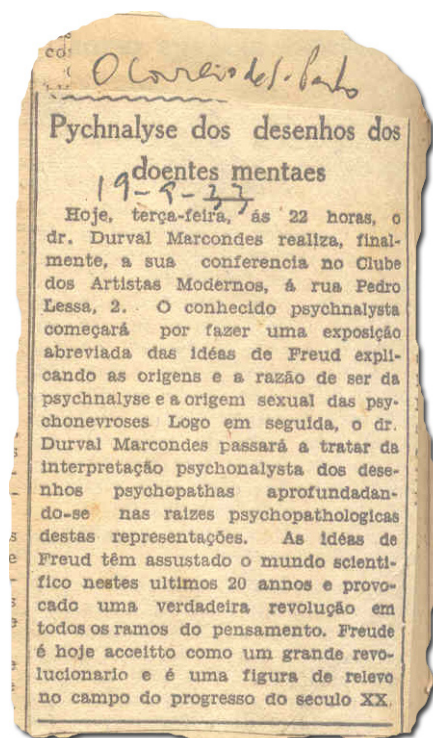


Fig 50 – Psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes. Fonte: Correio de São Paulo. 19 set. 1933.

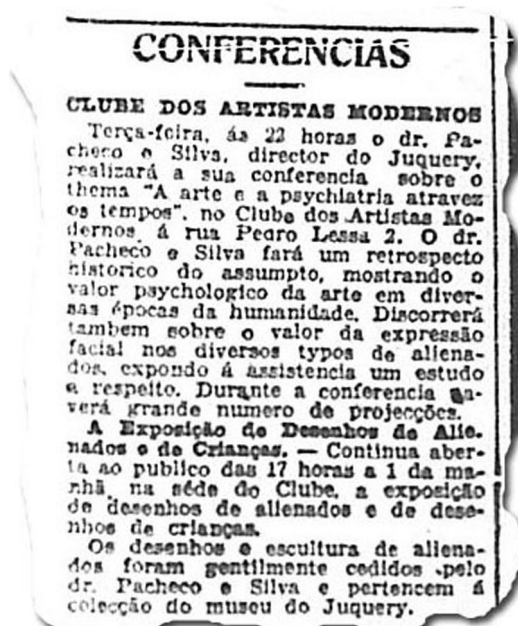


Fig 51 – Clube dos Artistas Modernos. Fonte: Correio de São Paulo. 22 set. 1933.

A curiosa exposição de trabalhos artísticos de loucos e crianças no Clube dos Artistas Modernos

"Parece que a criança livremente impulsionando seu lapis desdobra toda a tragédia da vida e do mundo, todos os cataclismos da alma e do pensamento", falou o sr. Flavio de Carvalho em entrevista ao "Correio de S. Paulo"



"CLICHE" DUM DESENHO DE LOUCO DO JUQUERY, FORNECIDO A EXPOSIÇÃO, PELO DR. PACHECO E SILVA

Como já é do conhecimento público, o Clube dos Artistas Modernos organizou uma série de conferencias a cargo de varios dos mais conhecidos entre os nossos medicos e psychiatras, e versando sobre assumpto ainda não discutido aqui, tal seja o estudo comparativo dos desenhos de alienados, artistas modernos e crianças.

O interesse despertado pelas varias palestras já realizadas naquella agremiação faz prever para as outras ainda maior curiosidade, pois estão ellas a cargo dos dres. Pedro de Alcantara, F. de S. Paulo, Guerner, José Klüss, Durval Marcondes e Pacheco e Silva. E como a proxima está a cargo do dr. Pedro de Alcantara, procuramos-o, mas o distincto facultativo achava-se atarefadissimo, escusou-se gentilmente, indicando-nos para o que queriamos, o "pae da idea". E este não podia ser outro senão Flavio de Carvalho, o dinamico organizador da victoriosa e revolucionaria sociedade. Rumamos para a sede do Clube dos Artistas Modernos, onde sabiamos encontrá-lo.

LA vimos primeiramente a sala

tante do que parece a primeira vista porque traz aos olhos do publico uma serie de problemas que elle não está acostumado a encarar. Temos a tendencia de aceitar os desenhos de crianças como uma manifestação sem importancia que nada encerra além de uma phantasia que deve ser corrigida e polida pelos professores. Erro grosseiro, naturalmente. Os desenhos de crianças nos ensinam muita coisa. Quando fóra da influencia do professor esses desenhos têm antes de tudo uma importancia psychologica, porque elles são uma forma de associação livre de ideas, trazem á tona a sequencia de factos ancestraes, as formas de uma evolução longinqua, alguns delles depictam monstros curiosissimos, e como um panorama das especies. Parece que a criança livremente impulsionando o seu lapis desdobra toda a tragédia da vida e do mundo, todos os cataclismos da alma e do pensamento. Ella vê a

dolorosa caricatura de tudo e dramatiza numa simplicidade de formas e de cores que faz inveja aos grandes artistas. Muito grande artista gostaria de assignar os quadros simplicissimos das crianças pois estes contém uma inventividade, que na maioria dos casos um grande artista não pode imitar porque o grande artista já está embruteado pela pedagogia da civilização. Os verdadeiramente grandes artistas se parecem com as crianças nas suas invenções, possuem uma espontaneidade inconsciente em cor e forma sem a preocupação dos "trucs" dos prestigitadores das escolas de bellas artes.

A função dos professores de desenhos e de escolas de bellas artes têm sido quasi sempre a de abafar ou de matar qualquer surto de originalidade, que apparece na phantasia da criança, individuos quasi sempre mediocres estes professores gostam de impor á criança a sua personalidade gasta e empoeirada."

A SITUAÇÃO EM CURA

Lá vimos primeiramente a sala das conferencias, penosa de descrever-se porque tudo nella é inédito e original. Nos andares de cima, artistas, separados por paredes de madeira estão alojados como abelhas em células. Paulo Rossi lavava as mãos numa pia. Olhamos o cartão do engenheiro e o letrado pregado à porta: "não empresto livros a ninguém". Batemos. Lá de dentro uma voz rouca convidou-nos logo a entrar. Dissemos que queríamos uma entrevista sobre a arte dos loucos. E, por via das duvidas, acrescentámos: — Dr., estamos de juízo perfeito...

Flavio de Carvalho dá idéa de um homem que está longe. Acreditamos que elle falava uma coisa e pensava outra, isto sem prejuizo da sua sinceridade. E' um insatisfeito, um cérebro, em continuas experiencias. E por isso mesmo um heróe.

O seu todo massudo de proletário russo está em antagonismo com a lhanza do traço e com seus meritos intellectuaes.

Attendendo-nos o idealizador da exposição, respondeu nossas perguntas dizendo o seguinte:

OS DESENHOS DAS CRIANÇAS E DOS LOUCOS TEM GRANDE IMPORTANCIA PSYCHOLOGICA

"A exposição de desenhos de alienados e crianças no Clube dos Artistas Modernos é mais impor-

Fig 52 – A curiosa exposição de trabalhos artisticos de loucos e crianças no clube dos artistas modernos. Fonte: Correio de São Paulo. 7 set. 1933.

7. Diário da Noite

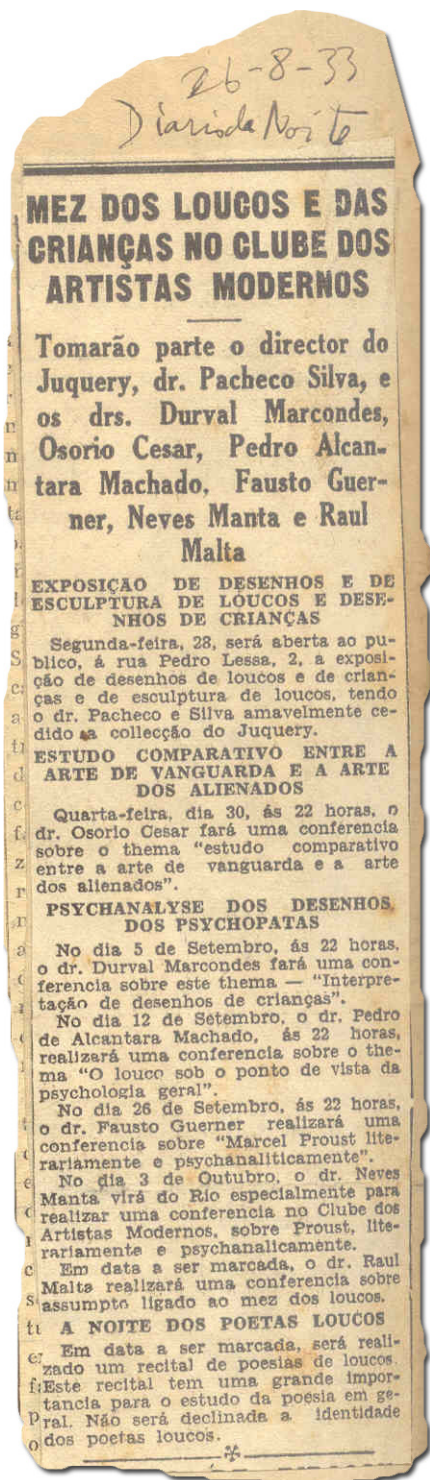


Fig 53 – Mez dos loucos e das crianças no clube dos artistas modernos. Fonte: Diário da Noite. 26 ago. 1933.

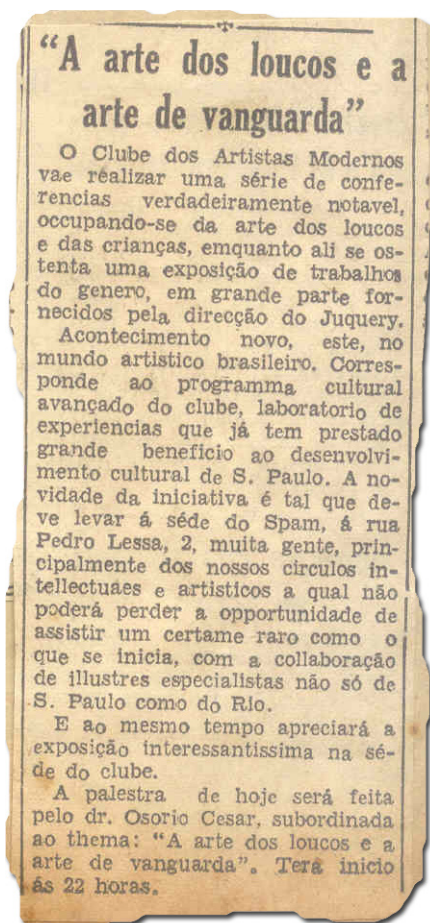


Fig 54 – A arte dos loucos e a arte de vanguarda. Fonte: Diário da Noite. 30 ago. 1933.

INTENSA ACTIVIDADE NO CLUBE DOS ARTISTAS MODERNOS

Indios da Amazonia — Cartazes russos — O mez dos loucos e das crianças — Tarsila do Amaral — Cubismo de Antonio Gomide

No dia 12 de julho será inaugurada, na sede do C. A. M., á rua Pedro Lessa 2, uma exposição de Cartazes Russos. Será uma verdadeira curiosidade para São Paulo, pois que mostra como um povo faz a sua propaganda ideologica, e como o cartaz adquiriu um valor psychologico formidavel na vida moderna — todo São Paulo deverá ver esta exposição muito interessante sob diversos pontos de vista.

INDIOS DA AMAZONIA

No dia 17, ás 22 horas, o sr. Pedro Faber Halembeck falará sobre os Indios da Amazonia. O sr. Halembeck, durante 20 annos, passou longos periodos em contacto com os indios de diversas tribus, e é um profundo conhecedor dos sertões. A sua palestra despertará um interesse sociologico e anthropologico fóra do commun.

A VONTADE DE UM POVO

No dia 24, ás 22 horas, o sr. Jayme Adour da Camara palestrará sobre a sua viagem á Russia, discorrendo sobre o thema "Vontade de um povo", com relação á exposição de cartazes. O autor do "Orôpa, França e Bahia" é muito apreciado como conferencista.

TARSILA DO AMARAL

No dia 29, a famosa pintora patricia Tarsila do Amaral, discorrerá sobre o thema "Arte Proletaria". A direcção do Clube dos Artistas Modernos desejando agitar o suggestivo e pouco debatido assumpto, convidou Tarsila do Amaral, que amavelmente accitou o convite.

MEZ DOS LOUCOS E DAS CRIANÇAS

Em principio de agosto, será inaugurado o mez dos loucos e das crianças, com uma exposição de desenhos de loucos e de crianças, e uma série de interessantes conferencias, culminando em uma semana de debates sobre o assumpto.

O psychiatra, dr. Osorio Cesar, que está tomando parte na organização deste momentoso e importante certame, fará varias conferencias sobre o assumpto. Virá a

São Paulo, especialmente para realizar conferencias, e tomar parte nos debates, o dr. Neves Manta um dos mais conhecidos psychiatras do Rio de Janeiro, e assistente do professor Roxo. Também tomarão parte nos debates o dr. Octavio Monteiro de Camargo e outros especialistas, que opportunamente serão convidados pela direcção do Clube. O mez dos loucos e das crianças é sem duvida alguma a maior realização do Clube dos Artistas Modernos, pois é importantissima a ligação notada entre os desenhos de crianças, desenhos de loucos e a arte moderna.

O CURSO DE PINTURA MODERNA DE GOMIDE NO CLUBE DOS ARTISTAS MODERNOS

Sexta-feira, ás 17 horas, será iniciado o curso de desenho e nã do pintor Antonio Gomide, no Clube dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa, 2.

E' a primeira vez em São Paulo que se faz um curso de cubismo, como base para a comprehensão artistica das cousas, e é a primeira vez que são completamente abandonadas as tradições academistas das Escolas de Bellas Artes, para entrar num dominio mais sã e mais emocionante, apresentando ao alumno suggestões novas, capaz de conduzi-la a um cyclo progressista. O curso de Gomide marca uma phase importante na actividade do Clube dos Artistas Modernos e será para São Paulo um factor do progresso.

Fig 55 — Intensa actividade no clube dos artistas modernos. Fonte: Diário da Noite. 12 jul. 1933.

Diário da Manhã

CONFERENCIAS NO CLUBE DOS ARTISTAS MODERNOS

2-8-33

O ENGENHEIRO NELSON DE REZENDE VAE FALAR SOBRE A THEORIA E PRATICA DA ARTE COLLECTIVA; AMADEU AMARAL JUNIOR, SOBRE O FOLCLORE BRASILEIRO E JAYME ADOUR DA CAMARA, SOBRE O SENTIDO ANTROPOPHAGICO DA POESIA DE RAUL BOPP, COM DECLAMAÇÃO DE MARIA PAULA ADAMI

O mez dos loucos e das crianças

O Clube dos Artistas Modernos, que vem realizando um programma cultural adiantado ao meio social paulistano, graças ao criterio modernista das suas realizações, annuncia coisas interessantes para esta primeira quinzena de Agosto.

Cumpre destacar a conferencia do engenheiro Nelson de Rezende, do Instituto de Engenharia, nome bem conhecido nos circulos intellectuaes paulistanos e engenheiro que se demorou algum tempo nos Estados Unidos, adquirindo uma somma de conhecimentos que tornam a sua palestra das mais interessantes. Falará sobre a theoria e a pratica da arte collectiva, no dia 3 de Agosto, ás 22 horas, na séde do clube, á rua Pedro Lessa, 2.

Nelson de Rezende explicará a technica moderna de fazer cartazes, tomando por exemplo os que ali se encontram presentemente expostos.



Dr. NELSON DE REZENDE

logia e da sociabilidade de Raul Bopp.

O MEZ DOS LOUCOS E DAS

E' um thema novo para os nossos circulos artisticos o dessa conferencia, que deve despertar grande interesse.

SOBRE O FOLKLORE

No dia 8 de Agosto, ás 22 horas, Amadeu Amaral Junior fará uma conferencia sobre folklore brasileiro. O conferencista emprehendeu recentemente longa viagem de estudos pelo norte do Brasil, onde colleccionou dados valiosissimos. A conferencia de Amadeu Amaral Junior tem um interesse raro para nós e é muito importante para a nossa cultura e o nosso futuro, pois o folklore é um panorama magnifico do que foi e é a nossa alma.

O SENTIDO ANTROPOPHAGICO DA POESIA DE RAUL BOPP

No dia 18 de Agosto, ás 22 horas, Jayme Adour da Camara fará uma palestra sobre o sentido antropophagico da poesia de Raul Bopp e Maria Paula Adami declamará trechos da obra desse poeta brasileiro.

Jayme Adour, que está escrevendo um livro sobre Raul Bopp e tem ultimamente colleccionado dados interessantissimos sobre a vida do poeta, está apto a mostrar aspectos ineditos da psycho-

O MEZ DOS LOUCOS E DAS CRIANÇAS

No dia 19 de Agosto o clube espera poder inaugurar a já muito esperada exposição de desenhos de loucos e de crianças. Este certame tem despertado nos meios estudiosos de S. Paulo o mais vivo interesse. Os grandes especialistas daqui tomarão parte no certame. Serão realizadas diversas conferencias e debates; o dr. Durval Marcondes exporá um estudo sobre "Interpretação symbolica dos desenhos dos alienados, sob o ponto de vista freudiano"; o dr. Fausto Guerner apresentará um estudo em torno do assumpto: "O louco sob o ponto de vista da psychologia geral"; o dr. Osorio Cesar apresentará um "Estudo comparativo entre a arte dos primitivos, das crianças, dos loucos e dos artistas de vanguarda"; o dr. Neves Manta, assistente do prof. Roxo, virá do Rio especialmente para realizar uma palestra sobre "Marcel Proust litteraria e psycanaliticamente"; o dr. Pedro de Alcantara Machado falará sobre "Interpretação psycanalitica dos desenhos de crianças".

Serão realizados debates em torno do assumpto e os drs. Mathews Santamaria, Octavio Monteiro de Camargo, André Dreyfus e outros tomarão parte.

Fig 56 – Conferencias no clube dos artistas modernos. Fonte: Diário da Noite. 2 ago. 1933.

INTERPRETAÇÃO DE DESENHOS DE CRIANÇAS E O SEU VALOR PEDAGÓGICO

Adiantando ao "Diário da Noite", a base de sua conferencia de hoje, o dr. Pedro de Alcantara mostra como procurou resolver um problema de ordem didactica

No Clube dos Artistas Modernos, hoje, ás 22 horas, o dr. Pedro de Alcantara realizará a sua conferencia sobre "Interpretação de desenhos de crianças e seu valor pedagogico", abordando aspectos muito interessantes do problema didactico do desenho infantil, e do methodo de seu ensino.



Dr. PEDRO DE ALCANTARA

sentido de resolvê-lo, e crendo ter chegado a um resultado interessante, pretendo expôr esses esforços e esse resultado á assistencia do Clube dos Artistas Modernos. O material de que me servi foi o mais rico, o mais abundante e o mais desprezado: os desenhos das paredes das ruas. Pouca gente, por certo, já notou que as paredes das ruas são habitadas pela familia mais original, mais numerosa e mais tradicional que existe, a familia dos calungas. Essa familia fez-me o favor de explicar como é que se pode fazer um modelo ao mesmo tempo simples e complexo. Aliás, um homem não pode ser pae e filho ao mesmo tempo?"

Esta conferencia faz parte da série de conferencias organizadas com o concurso de illustres psychiatras e especialistas de S. Paulo e do Rio, em desenvolvimento á exposição do mez dos loucos e das crianças, que presentemente se realiza no salão do clube.

Eis o que nos adeantou hoje o dr. Pedro Alcantara, sobre a sua conferencia no Clube dos Artistas Modernos:

— "A palestra que vou realizar hoje, tem um fundo mais pedagogico do que artistico. Pretendo examinar aspectos diversos da psychologia do desenho infantil e da methodologia de seu ensino. Este tem, no decurso dos annos, sido victima de uma difficuldade enorme de ordem didactica. E' que os modelos que se hão de fornecer á criança precisam ser muito simples, para que estejam dentro de sua capacidade technica incipiente ou nulla, mas precisam ser bastante complexos para que a criança por elles se interesse.

Esse dilemma tem sacrificado innumerous methodos de ensino, mesmo os que pretendem conciliar suas duas pontas.

Tendo realizado um esforço no

Fig 57 – Interpretação de desenhos de crianças e o seu valor pedagogico. Fonte: Diário da Noite. 13 set. 1933.

T E R C E

Está aberta a exposição de desenhos de crianças e de alienados, no C. A. M.

As collecções de desenhos de alienados pertencem ao Hospital do Juquery — Hoje o dr. Osório Cesar realizará uma conferencia sobre a arte de vanguarda e a dos alienados

Está aberta na séde do Clube dos Artistas Modernos, a annunciada exposição de desenhos de crianças e de alienados, ali cuidadosamente reunidos, pela direcção do Clube. Os desenhos de alienados pertencem ás collecções do Hospital do Juquery e foram gentilmente cedidos pelo dr. A. C. Pacheco e Silva, director da Assistencia aos Psychopathas.

Essa exposição, que está despertando invulgar interesse, será commentada por varios conferencistas, que estudarão diversos aspectos da exposição.

Iniciando a série de conferencias, o dr. Osório Cesar, conhecido especialista em assumptos dessa natureza, vae realizar, hoje, no Clube dos Artistas Modernos, uma conferencia abordando as relações existentes entre a arte moderna e a dos alienados. A respeito dessa conferencia, disse-nos hoje o dr. Osório Cesar o seguinte, numa rapida entrevista que concedeu ao "Diário da Noite":

— "Com o thema "A arte nos loucos e vanguardistas", procurarei mostrar, sob o ponto de vista psychanalytico, a semelhança notavel entre essas duas manifestações artisticas.

Como a arte dos alienados, que é cheia de monstruosidades, de aberrações, de phantasias, mas que representa em suas manifestações um livro aberto que revela ao psychiatria arguto factos passados na vida do doente, a arte dos vanguardistas tambem nos mostra, graças ás phantasias dos artistas, os impulsos freudianos, in-

confessaveis, sob apparencias permittidas, que elles mascaram com exaggeros de proporções e deformações grotescas.

Este thema entre nós tem sido pouco estudado. Notam os psychiатras frequentemente que uma grande parte dos alienados dos hospitaes se entregam, espontaneamente, a cogitações artisticas de toda a especie: pintura, escultura, poesia e musica. E este facto é commum mesmo entre os individuos incultos, que na vida normal nunca se interessaram por coisas taes. Na arte desses alienados, saltam aos olhos os symbolos freudianos que são de grande valor para o psychiatria."

Fig 58 — Está aberta a exposição de desenhos de crianças e de alienados, no C.A.M. Fonte: Diário da Noite. 30 ago. 1933.

Diário da Noite “O mez dos Alienados e das Creanças” no C. A. M.

31-8-33
O interesse que a exposição de desenhos de psychopatas e crianças
está despertando — Palestrando com Flavio de Carvalho — Uma
série de conferencias sobre o original certame



ESCULPTURAS E BONECAS, TRABALHADAS PELOS ALIENADOS DO HOSPITAL DO JUQUERY, EM
EXPOSIÇÃO NO C. A. M.

Realizou-se hontem á noite, na sede do C.A.M., a annunciada conferencia do dr. Osorio Cesar, "Estudo comparativo entre a Arte de Vanguarda e Arte dos Alienados", primeira de uma interessantissima série que, por iniciativa do clube, servirá como corollario á Exposição de desenhos de Crianças e Alienados, já aberta ao publico desde o inicio desta semana.

Iniciativa unica no seu genero em nosso paiz, pode-se affirmar, servirá, sem duvida, para prestar uma valiosa contribuição aos nossos cientistas e estudiosos do assumpto.

NO "LABORATORIO DE EXPERIENCIAS"

Estivemos com o engenheiro Flavio de Carvalho, um dos idealizadores do certame.

— "Na exposição de desenhos de crianças — disse-nos elle — o Clube procurou expôr typos de desenhos alguns com recordações sexuaes inconscientes, outros demonstrando grande lirismo na forma e na cor, outros relembrando o primitivismo dos desenhos encontrados nas cavernas da Africa: os primeiros passos do homem na representação das coisas de seu interesse.

Existe mesmo uma theoria, da qual o dr. Pacheco e Silva parece ser partidario, que diz que os desenhos espontaneos das crianças recordam toda a animosidade da especie, mais ou menos do mesmo modo como o desenvolvimento uterino do feto recorda todas as phases da evolução das especies, e parece ser o livro de uma historia que não está mais ao nosso alcance.

O QUE SIGNIFICAM OS DESENHOS DAS CRIANÇAS

— "Os desenhos das crianças, quando não são estupidamente controlados pelos professores, têm uma importancia que ainda não apprehendemos bem: Porque, traz para a nossa meditação todo o drama animico dos homens das cavernas, do *epithencatropus erectus* e a magnifica agitação de uma fauna incrível, que mal podemos visualizar e acreditar.

E os desenhos dos alienados indicam o caminho para encontrar a genesis da tortura immensa que sacode a alma do louco..."

UMA SÉRIE DE CONFERENCIAS

Como dissemos, do ponto de vista scientifico, a exposição está despertando um grande interesse.

Os nossos mais competentes psychiatras e psychanalistas, concorrendo com o C. A. M. para uma obra efficiente e duradoura, occupar-se-ão, cada qual em seu ramo, de estudos da actual Exposição de Desenhos.

Assim, o dr. A. C. Pacheco e Silva, director do Instituto do Juquery, vae tomar parte activa no "Mez dos Alienados e das Crianças".

Como, tambem, além do dr. Osorio Cesar que já se manifestou sobre o assumpto em questão, os seguintes especialistas: Durval Marcondes, Pedro de Alcantara, Fausto Guerner, Neves Manta, Raul Malta e Flavio Dias.

(Conclue na ultima pagina)

"A NOITE DOS POETAS ALIENADOS"

Num parentesis, o Clube fará realisar, em data que será opportunamente annunciada pela imprensa, uma "noite de poesia" de poetas alienados. Os poemas serão declamados pela famosa declamadora Maria Paula Adami, que São Paulo já teve occasião de apreciar quando recitou trechos da obra de Raul Bopp, no C. A. M.

A ORDEM DAS CONFERENCIAS

As conferencias sobre o "mez dos alienados e crianças" versarão sobre os seguintes themas e na ordem que segue:

Dia 13 de setembro: "Interpretação dos desenhos de crianças e o seu valor pedagogico" pelo dr. Pedro de Alcantara; 19 de setembro: "Psychanalise dos desenhos dos psychopatas" pelo dr. Durval Marcondes; 26 de setembro: "A arte e a psiquiatria atravez os tempos", pelo director do Instituto do Juquery, dr. A. C. Pacheco e Silva; 3 de outubro: "Marcel Pronst litteraria e psychanaliticamente", pelo dr. Neves Manta; 10 de outubro: "O louco sob o ponto de vista da psicologia geral", pelo dr. Fausto Guerner; e a 17 de outubro: "A

musica nos alienados", pelo sr. José Kliass.

Todas essas conferencias serão acompanhadas de projecções cinematographicas, realizadas com apparelho cedido pela casa Lutz Ferrando.

Seguindo a nova orientação do Clube, a assistencia interessada poderá apresentar objecções no final das conferencias.

UMA EDIÇÃO DAS CONFERENCIAS

Uma vez terminado o "mez dos alienados e das crianças" o C. A. M. fará uma edição illustrada de todas as conferencias, que será posta á venda.

UMA CONFERENCIA SOBRE A U. R. S. S. DE 1933

Uma pessoa que vem da Russia tem muitas coisas interessantes para dizer. Este é o caso do sr. Caio Prado Junior, o qual, tendo ha pouco regressado a São Paulo, de uma longa excursão pela U. R. S. S., fará no proximo dia 6 de setembro uma interessantissima palestra do que viu no paiz da dictadura do proletariado.

— O C. A. M. comunica que a identidade dos alienados que tem trabalhos, na exposição, não será divulgada.

Fig 59 – O mez dos alienados e das creanças no C.A.M. Fonte: Diário da Noite. 31 ago. 1933.

**A PSYCHANALYSE DOS
DESENHOS DOS DOENTES
MENTAES**

Diário da Noite
19-9-33

No Clube dos Artistas Modernos, hoje á noite, o dr. Durval Marcondes falará sobre esse thema

O dr. Durval Marcondes, conhecido psychiatra, realizará hoje, como está annuciado, a sua conferencia, da série organizada para o mez dos loucos e das crianças, no Clube dos Artistas Modernos.



Dr. DURVAL MARCONDES

O illustre psychiatra abordará aspectos geraes da psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes, em sua palestra. A conferencia será realizada ás 22 horas, na séde do C. A. M., á rua Pedro Lessa, n. 2.

O "Diário da Noite" solicitou ao conferencista algumas palavras, que resumissem a sua conferencia. Eis o que elle nos disse:

— "As considerações que vou fazer em torno da "Psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes" interessam, por certo, não sómente os artistas, como também os psychiatras e os estudiosos em geral. E' verdade que, para sua completa exposição, o assumpto exigiria não apenas uma conferencia, mas um curso inteiro.

Por isso limitar-me-ei a focalizar seus aspectos principaes, illustrando-os, ao fim, com a discussão de um exemplo. Ver-se-á, desse modo, que os desenhos dos psicopathas não são destituídos de sentido, como não o são suas creações delirantes, mas reflectem uma actividade psychica perfeitamente systematizada. O exemplo que darei mostrará como o homem traz consigo restos de uma vida psychica primitiva que a molestia mental faz reviver e da qual os desenhos dos enfermos constituem uma expressão digna de estudo."

Fig 60 – A psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes. Fonte: *Diário da Noite*. 19 set. 1933.

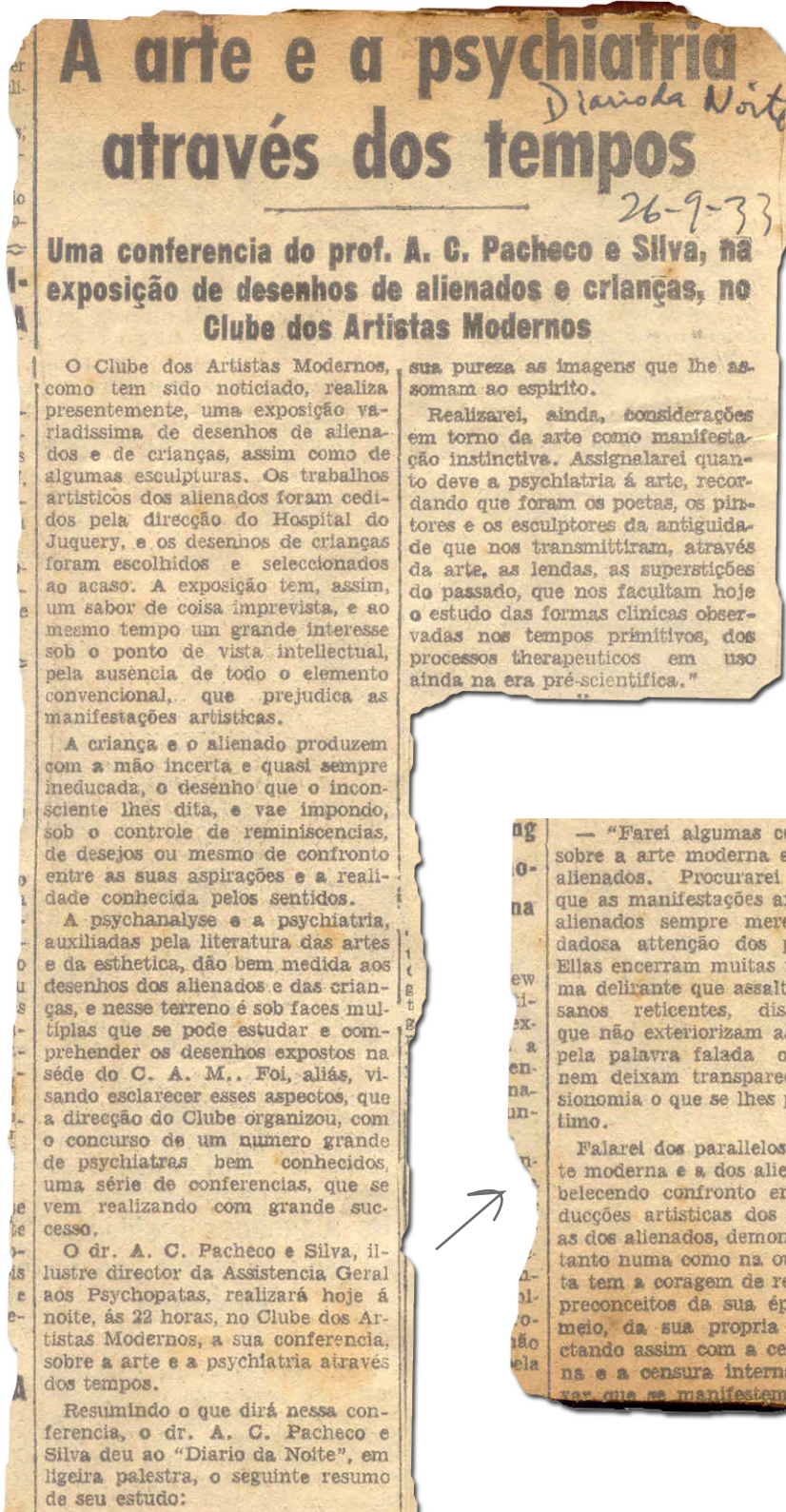


Fig 61 – A arte e a psiquiatria através dos tempos. Fonte: Diário da Noite. 26 set. 1933.

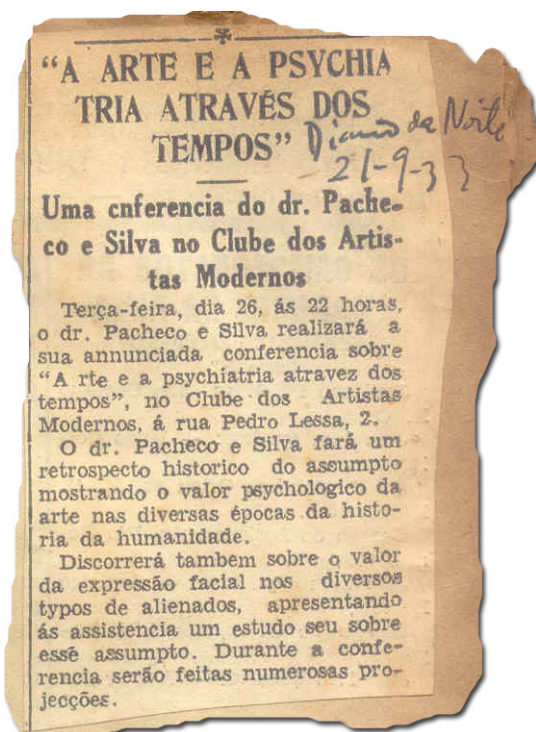


Fig 62 – A arte e a psiquiatria através dos tempos. Fonte: Diário da Noite. 21 set. 1933.



Fig 63 – O contingente psychologico na critica de arte. Fonte: Diário da Noite. 7 out. 1933.



Fig 64 – Interpretação de desenhos de crianças e o seu valor pedagogico. Fonte: Diário da Noite. 11 set. 1933.

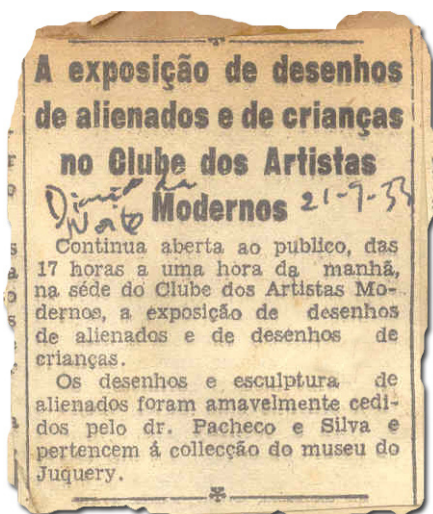


Fig 65 – A exposição de desenhos de alienados e de crianças no clube dos artistas modernos. Fonte: Diário da Noite. 21 set. 1933.

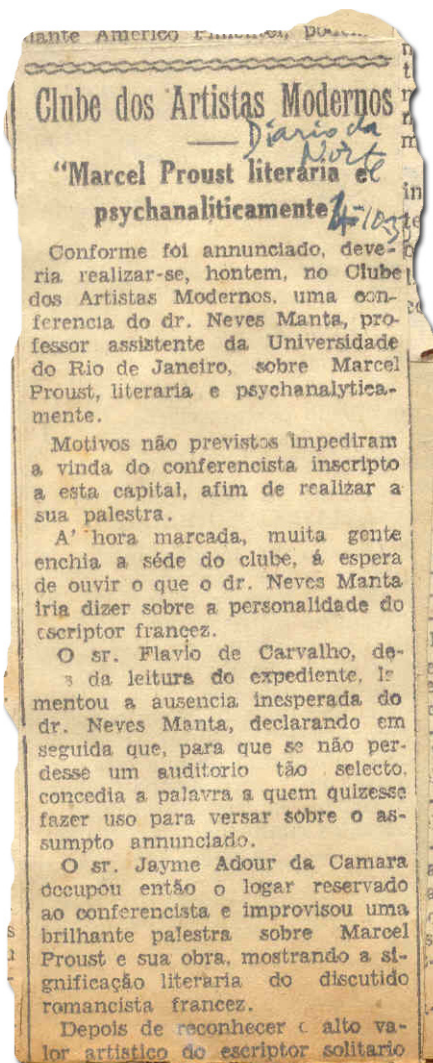


Fig 66 – C.A.M. Fonte: Diário da Noite. 6 out. 1933.

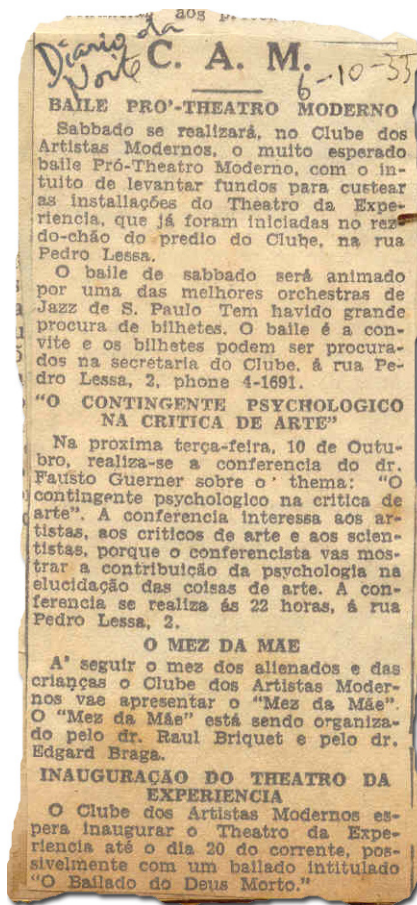


Fig 67 – Clube dos Artistas Modernos. Fonte: Diário da Noite. 4 out. 1933.

"Valor negativo da psycho-pathologia na interpretação da obra de arte"

Diário da Noite

O que o sr. Balmaceda Cardoso nos adianta sobre a sua palestra de hoje

17-10-33

Tivemos hoje oportunidade de ouvir o dr. Balmaceda Cardoso sobre a palestra que vai realizar esta noite no Clube dos Artistas Modernos, centro de debates que está se tornando cada vez mais procurado pelos intellectuaes paulistas:



Dr. BALMACEDA CARDOSO

A obra de arte provoca variedade de apreciação. Quem é dotado de temperamento artistico nella busca motivo essencialmente emotivo, tocando de perto a sensibilidade; interpreta, por assim dizer, estheticamente as grandes manifestações da alma humana.

O cientista, ao revés, perscruta o mesmo objecto de modo todo intellectual.

Um, admirando intensamente, vibra, exalta-se, emociona-se, no deleite ineffavel que produz a gamma da sentimentalidade.

O outro, comprehendendo, analisa, fria, ponderadamente, observa, compara, classifica, saca illações de utilidade pratica.

O artista, concebendo e creando cousas bellas, não visa provar nada, nem fornecer utilidade alguma.

Na arte, contempla-se com fervor, extasia-se, transporta-se a um mundo alado previsto pela phantasia.

— A epigraphe da palestra que, a convite cordeal de seus distintos directores, pretendemos realisar no Clube dos Artistas Modernos, poderia afigurar-se paradoxal aos cultores da pathologia mental.

Quasi estamos, mesmo, a ouvir a severa objecção daquelles que se especializaram na complexa sciencia dos Freud, dos Babinsky, dos Janet, dos Morel, dos Maudsley, dos Grasset...

Como seria possivel, dirão elles, que se logre analysar uma obra de arte, mormente aquella que tende a fixar typos clinicos, caracteres humanos morbidos, prescindindo-se dos ensinamentos ministrados pela psycho-analyse, a neurologia, a psiquiatria?

Todavia, bem focalizado o assumpto, pondo em destaque contornos e differenciações, pensamos que logo constatarão a inexistencia do absurdo por ventura concretizado na these acima formulada.

Tudo depende do ponto de vista em que se colloque o observador.

Effectivamente, a arte e a sciencia movimentam-se em ambitos diversos. A finalidade de uma contrasta com a da outra, de maneira flagrante, facilmente perceptivel.

Ora, um mesmo phenomeno pôde impressionar differentemente.

O espectáculo homérico de uma tempestade provoca estados psychicos perfeitamente dispaes ao poeta e ao naturalista; enquanto exalta a imaginação do primeiro, inspirando-lhe poemas; ao segundo, antes, convida á meditação.

Ha juizos e valores estheticos ao lado de juizos e valores meramente logicos.

O que interessa á visão propriamente esthetica escapa á analyse do espirito scientifico.

O scientista, de escalpelo em punho, na preocupação de estudar, mata na obra prima o que esta possue de artistico e irreal.

O util e o bello repellem-se. Do mesmo modo que a ética não pôde servir de criterio para ajuizar do valor esthetico de uma criação.

Tomae de um livro que o genio de Flaubert burilou. Apreciado á luz dos canones da moral convencional, poderia parecer hediondo. Admirado que seja com um criterio esthetico, deslembra, empolga, sensibiliza.

Mais um exemplo para illustrar a verdade do principio que collimamos sustentar. Poucos escriptores enriqueceram a literatura universal com exemplares tão prodigiosos, como Shakespeare ou Cervantes. Obras primas como, por exemplo, "Rei Lehar", "Hamlet", "Don Quixote" proporcionam funda emoção esthetica.

A alma vibra estranhamente ao contacto com a realidade creada por aquelles espiritos geniaes. Aprecial-os, estheticamente, é sentir sob todas as modalidades, desde a ternura tranquillizadora, despertada pelas scenas mais sedutoras, ás paixões convulsionantes, provocadas pelas scenas mais patheticas.

Entretanto, não é assim que a sciencia aprecia o que taes creações encerram. A psychologia vae alli haurir a verdade, impulsionada por curiosidade especifica. O alienista interessa-se pelos caracteres humanos doentios que naquellas produções magistraes se agitam em profusão. Estuda, com paciencia benedictina, esses typos do mais alto valor psychologico; organiza quadros eschematicos, onde são classificadas as varias manifestações da loucura, sob uma nomenclatura especial, desde as formas mais brandas e pacificas ás mais alarmantes e violentas."

Fig 68 – Valor negativo da psycho-patologia na interpretação da obra de arte. Fonte: *Diário da Noite*. 17 out. 1933.

"A arte e a psiquiatria através dos tempos"

Conferencia do prof. Pacheco e Silva realizada hontem na sede do C. A. M.



A reunião de hontem no Clube dos Artistas Modernos — A' esquerda, o sr. Pacheco e Silva; á direita, parte da assistência

Esteve a cargo do professor A. O. Pacheco e Silva a conferencia realizada hontem no Clube dos Artistas Modernos, em proseguimento da série organizada pelo sr. Flavio de Carvalho, director daquella sociedade de cultura.

O sr. Pacheco e Silva dissertou sobre o thema: "A arte e a psiquiatria através dos tempos".

Iniciando o seu trabalho, o conferencista fez considerações sobre a arte dos alienados, afirmando que as manifestações artisticas dos doentes mentaes merecem sempre cuidadosa attenção dos psychiatras, pois encerram na maioria dos casos o thema delirante que assalta certos dementes dissimuladores, que não exteriorizam as suas idéas pela palavra escripta ou falada e não deixam transparecer por isso mesmo, na sua physionomia, o seu estado intimo.

A ARTE DO ALIENADO E DOS ARTISTAS MODERNOS

Passou a seguir o conferencista a analysar os pontos de contacto entre a arte dos alienados e a dos artistas da vanguarda, dizendo que tanto numa como na outra o artista põe lado os preconceitos da sua época, da sua pessoa, do seu meio, lutando com a censura externa e interna, pa-

ra reproduzir com toda a fideidade as imagens que lhe impressionam o espirito.

A ARTE, AUXILIAR DA PSYCHIATRIA

A proposito, o orador referiu-se á arte como auxiliar da psiquiatria, assignalando terem sido os poetas, os esculptores e os pintores da antiguidade que nos transmitiram através da arte, as lendas, as superstições do passado, que permitem aos psychiatras o estudo das formas clinicas observadas nos tempos primitivos, dos processos therapeuticos em uso ainda na era pré-cientifica".

Fig 69 – A arte e a psiquiatria através dos tempos. Fonte: Diário de São Paulo. 27 set. 1933.

CONFERENCIAS

CLUBE DOS ARTISTAS MODERNOS

Amanhã, às 22 horas, o dr. Pedro de Alcantara realizará uma conferência sobre a interpretação de desenhos de crianças e o seu valor pedagógico, no Clube dos Artistas Modernos, à rua Pedro Lessa, 2.

O dr. Pedro de Alcantara vem há alguns annos colleccionando desenhos de crianças executados na parede, porque julga que é melhor lugar para receber a manifestação livre da criança.

Durante a conferência haverá projecções dos desenhos de crianças comapparelhadas com a casa Lutz Ferrando.

A Rússia de hoje — Sexta-feira, às 22 horas, o dr. Caio Prado Junior repetirá a sua conferência. Os socios terão os seus lugares reservados.

CENTRO CIVICO DE IRRADIAÇÃO MENTAL

Hoje, às 20 horas e meia, na sede do Centro Civico de Irradiação Mental, a praça Ramos de Azevedo, 7 — sobrado, o sr. Eraulio Prego pronunciará uma conferência subordinada ao thema: "A influencia espiritual".

A entrada é franqueada aos interessados.

PROF. OSCAR COPELLO

O illustre cirurgião argentino, dr. Oscar Copello, professor da Faculdade de Sciencias Medicas de Buenos Aires, realizará hoje, às 21 horas, na sede da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo uma conferência sobre: "Cirurgia da glandula thyroide".

A cerimonia pode ser assistida por todas as pessoas interessadas pelo assumpto.

Fig 70 – Clube dos artistas modernos. Fonte: Diário de São Paulo. 12 set. 1933.

Diário de São Paulo
CONFERENCIAS

CLUBE DOS ARTISTAS MODERNOS

Na proxima terça-feira, o dr. Durval Marcondes realizará uma conferencia, às 22 horas, no Clube dos Artistas Modernos, à rua Pedro Lessa, 2, sobre o thema "Psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes". Para melhor esclarecimento do assumpto o dr. Durval Marcondes, na sua conferencia, fará primeiro uma exposição das theorias de Freud para depois entrar na interpretação dos desenhos dos psychopathas. A explicação de certos phenomenos, à luz freudiana, constitue um dos pontos mais debatidos e de maior attracção da psychologia moderna.

Fig 71 – Clube dos artistas modernos. Fonte: Diário de São Paulo. 17 set. 1933.

CONFERENCIAS

CLUBE DOS ARTISTAS MODERNOS

Hoje às 22 horas, o dr. Durval Marcondes realiza finalmente a sua conferencia no Clube dos Artistas Modernos à rua Pedro Lessa, 2. O conferencista começará por fazer uma exposição abreviada das idéas de Freud, explicando as origens e a razão de ser da psychanalyse e a origem sexual das psychonevroses.

Em seguida, o dr. Durval Marcondes passará a tratar da interpretação psychanalista dos desenhos dos psychopatas, aprofundando-se nas theorias psychopathologicas dessas representações.

CENTRO CIVICO DE IRRADIAÇÃO MENTAL

Hoje, às 20 horas e meia, na sede do Centro Civico de Irradiação Mental, à praça Ramos de Azevedo, n.º 7 sobrado, 1.º and. o academico de direito Dr. Edmundo Velletri fará uma conferencia subordinada ao thema "A Personalidade de Alvarez de Azevedo".

A entrada é franca.

Fig 72 – Clube dos artistas modernos. Fonte: Diário de São Paulo. 19 set. 1933.

CONFERENCIAS

CLUBE DOS ARTISTAS MODERNOS

Terça-feira, às 22 horas o dr. Pacheco e Silva, director do Juquery, realizará a sua conferencia sobre o thema "A arte e a psiquiatria através os tempos", no Clube dos Artistas Modernos, à rua Pedro Lessa 2. O dr. Pacheco e Silva fará um retrospecto historico do assumpto, mostrando o valor psychologico da arte em diversas épocas da humanidade. Discorrerá também sobre o valor da expressão facial nos diversos typos de alienados, expondo á assistencia um estudo a respeito. Durante a conferencia haverá grande numero de projecções.

A Exposição de Desenhos de Alienados e de Crianças. — Continua aberta ao publico das 17 horas a 1 da manhã, na sede do Clube, a exposição de desenhos de alienados e de desenhos de crianças.

Os desenhos e escultura de aliena-

Fig 73 – Clube dos artistas modernos. Fonte: Diário de São Paulo. 3 out. 1933.

"Psychanalise dos desenhos dos doentes mentaes"

Conferencia realizada hontem pelo sr. Durval Marcondes

O Clube dos Artistas Modernos* iniciou no mez passado um movimento cultural que vem despertando interesse nos meios scientificos e artis-

rentes do desequilibrio mental, detendo-se na apreciação do mesmo. Faz-se depois a estudar os meios de expressão por excellencia do sub-con-

desenhos dos psychopathas não são destituídos de sentido, como não o são suas creações delirantes, mas reflectem uma actividade psychica per-



O DR. DURVAL BELLEGARDE MARCONDES E A ASSISTENCIA A' SUA PALESTRA NA SPAM

ticos desta capital. Através a palavra de conferencistas escolhidos entre os nomes de evidencia na arte, na sciencia, têm sido postos em fóco varios problemas de actualidade a cujos aspectos principaes vêm sendo analysados de modo a suscitar o interesse com que se vem acompanhando a iniciativa do C. A. M. Hontem, ás 22 horas, realizou-se mais uma dessas reuniões, tendo pronunciado curiosa palestra o dr. Durval Marcondes, que dissertou sobre o thema: "Psychanalise dos doentes mentaes".

O sr. Flavio de Carvalho, presidente do Clube dos Artistas Modernos, antes de se iniciar a conferencia, disse breves palavras a proposito do objectivo do movimento iniciado pelo C. A. M. e accentuou, ao referir-se ao dr. Durval Marcondes, que o seu nome dispensava apresentação. Concedeu o presidente do C. A. M. á assistencia a faculdade de apartear o conferencista.

Em seguida, foi dada a palavra ao dr. Durval Marcondes, que examinou inicialmente os phenomenos decor-

rente — os symbolos — desenvolvendo as suas observações em torno de um exemplo interessante. O conferencista illustrou a sua palestra com o auxilio de projecções luminosas.

O escopo do conferencista foi demonstrar, durante a palestra, que as

leitamente systematizada. O exemplo offerecido pelo conferencista visou demonstrar que o homem traz consigo restos de uma vida psychica primitiva que a molestia mental faz reviver e da qual os desenhos dos enfermos constituem uma expressão digna de estudo.

Fig 74 — Psychanalise dos desenhos dos doentes mentaes. Fonte: Diário de São Paulo. 20 set. 1933.

"Estudo comparativo entre a arte da vanguarda e a arte dos alienados"

CONFERENCIA DO SR. OSORIO CESAR, HONTEM, NO CLUB DOS ARTISTAS MODERNOS

O Clube dos Artistas Modernos iniciou hontem uma série de conferencias, que têm por fim o estudo comparativo entre a arte moderna e as manifestações artisticas nas crianças e nos alienados.

O assumpto é dos mais interessantes, tendo falado hontem ás 22 horas na sede daquelle Clube, o sr. Osorio Cesar, medico do Hospital do Juquery, sobre o seguinte thema: "Estudo comparativo entre a arte da vanguarda e a arte dos alienados".

Aberto a sessão, o sr. Flavio de Carvalho, presidente do Clube, pronunciou algumas palavras relativas á série de palestras posteriores, dizendo a seguir que o orador da noite não necessitava de apresentação, por serem os seus trabalhos, nobelmente conhecidos.

Com a palavra, o sr. Osorio Cesar, deu início ao seu trabalho, discorrendo sobre a arte na Renascença, quando surgiram novos meios de expressão artistica inspirados em motivos nacionaes.

Referindo-se, em seguida ao futuro, o orador fixou a época do seu nascimento, explicando o seu apparecimento como causa de influencias ancestraes. "Dentro de cada um de nós dorme o seu sonho millenar, o primitivo. Assim vemos os nossos primeiros desejos realcados na infancia pelos preconceitos moraes, se deslocarem agora do sub-consciente, para se manifestarem nas produções dos artistas da vanguarda".

Neste ponto da sua dissertação, o orador fez projectar interessantes trabalhos de Marinetti, Braque, Deschamps, Séger e Chagal, "obras essas curiosissimas, dando perfeita idéa, no caso de suas linhas e manchas, dos desenhos de certos dementes precoces em estado demencial e que se acham reproduzidos em quasi todos os tratados de psychiatria". Estendendo-se, o conferencista, em comparações entre os trabalhos de artistas modernos e dos alienados, demonstrando as suas analogias.

A INTERPRETACAO DA CREAÇÃO ARTISTICA SEGUNDO FREUD

Analysou, B. FREUD, o estudo psychologico da Freud para a interpretação da criação artistica, dizendo que as considerações do creador da psychanalyse são admiraveis, pois a cada passo podemos verificar a profunda verdade que ellas encerram, examinando as obras dos artistas da vanguarda.

O conferencista reportou-se, a seguir, ás manifestações artisticas dos alienados, estudando-as detalhadamente e citando curiosissimos factos, passados no Hospital do Juquery.

Terminada a conferencia, o sr. Flavio de Carvalho, declarou aberta a exposição de desenhos de loucos e de crianças.

Interpretação de desenhos de crianças e o seu valor pedagogico

CONFERENCIA DO SR. PEDRO DE ALCANTARA

Hontem, á noite, no Clube dos Artistas Modernos, o dr. Pedro de Alcantara pronunciou uma conferencia subordinada ao thema: "Interpretação de desenhos das crianças e o seu valor pedagogico."

Essa conferencia faz parte da série organizada com o concurso de psiquiatras e especialistas de S. Paulo e do Rio, em desenvolvimento á expocção do mez dos loucos e das crianças, que presentemente se realiza no salão do clube.

A palestra realizada pelo sr. Pedro de Alcantara teve um fundo mais pedagogico do que artistico. Examinou o conferencista da psychologia do desenho infantil e da methodologia do seu ensino.

Fig 76 – Interpretação de desenhos de crianças e o seu valor pedagogico. Fonte: Diário de São Paulo. 14 set. 1933.

CONFERENCIAS

CLUBE DOS ARTISTAS MODERNOS

Terça-feira, ás 22 horas o dr. Pacheco e Silva, director do Juquery, realizará a sua conferencia sobre o thema "A arte e a psychiatria através os tempos", no Clube dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa 2. O dr. Pacheco e Silva fará um retrospecto historico do assumpto, mostrando o valor psychologico da arte em diversas épocas da humanidade. Discorrerá também sobre o valor da expressão facial nos diversos typos de alienados, expondo á assistencia um estudo a respeito. Durante a conferencia haverá grande numero de projecções.

A Exposição de Desenhos de Alienados e de Crianças. — Continua aberta ao publico das 17 horas a 1 da manhã, na sede do Clube, a exposição de desenhos de alienados e de desenhos de crianças.

Os desenhos e escultura de alienados foram gentilmente cedidos pelo dr. Pacheco e Silva e pertencem á collecção do museu do Juquery.

Fig 75 – Estudo comparativo entre a arte de vanguarda e a arte dos alienados. Fonte: Diário de São Paulo, São Paulo. 31 ago. 1933.

Fig 77 – Clube dos artistas modernos. Fonte: Diário de São Paulo. 22 set. 1933.

Conferencia na Spam

O dr. Osorio Cesar fará hoje, ás 22 horas, na Spam, uma conferencia sobre o seguinte thema: "A arte de vanguarda e a arte dos alienados".

Fig 78 – Conferência na spam. Fonte: Diário de São Paulo, São Paulo. 30 ago. 1933.

Exposição de desenhos de loucos e de crianças, no Clube dos Artistas Modernos

Segunda-feira, será aberta ao publico, á rua Pedro Lessa 2, a exposição de desenhos de loucos e de crianças e de esculptura de loucos, tendo o dr. Pacheco e Silva amavelmente cedido a colleção do Juquery.

Estudo comparativo entre a arte de vanguarda e a arte dos alienados — Quarta-feira, dia 30, ás 22 horas, o dr. Osorio Cesar fará uma conferencia sobre o thema: "Estudo comparativo entre a arte de vanguarda e a arte dos alienados".

Psychanalises dos desenhos dos psicopatas — No dia 3 de setembro, ás 22 horas, o dr. Durval Marcondes fará uma conferencia sobre esse thema.

Interpretação de desenhos de crianças — No dia 12 de setembro o dr. Pedro de Alcantara Machado ás 22 horas realizará uma conferencia a respeito.

O louco sob o ponto de vista da psychologia geral — No dia 6 de setembro, ás 22 horas, o dr. Fausto Guerner realizará uma conferencia nesse sentido.

Marcel Fromst literariamente e psychanaliticamente — No dia 3 de outubro, o dr. Neves Manta virá do Rio especialmente para realizar esta conferencia no Clube dos Artistas Modernos.

Dr. Raul Malta — Em data a ser marcada o dr. Raul Malta realizará uma conferencia sobre assumpto ligado ao tema dos loucos.

A noite dos poetas loucos — Em data a ser marcada será realizado um recital de poesias de loucos. Este recital tem uma grande importancia para o estudo da poesia em geral. Não será declinada a identidade dos poetas loucos.

Fig 79 – Exposição de desenhos de loucos e de crianças, no clube dos artistas modernos. Fonte: Diário de São Paulo. 27 ago. 1933.

CONFERENCIAS

Na sede do Instituto de Engenharia, à rua Christovam Colombo n.º 1, o Contra-almirante e engenheiro naval Justino Lomba, fundador e primeiro presidente da Sociedade Brasileira de Cryologia, realizará, no dia 29 do corrente, às 20 1/2 horas, uma conferencia sobre o Condicionamento do Ar e suas perspectivas em relação ao nosso clima, apresentando sobre o assumpto algumas suggestões.

Essa conferencia faz parte da série de tres que o illustre official brasileiro resolveu realizar no Instituto de Engenharia, estando a ultima marcada para o dia 6 de Outubro proximo vindouro.

— Hoje, às 22 horas, o dr. Pacheco e Silva, Director do Juquery, realizará a sua conferencia sobre a Arte e Psychiatria através os tempos, no Club dos Artistas Modernos.

S. s. vae apresentar além das considerações sobre o thema, um estudo seu sobre a phisionomia dos diversos typos de psychopatas.

A conferencia será illustrada com projecções por aparelhos amavelmente cedidos pela Casa Lutz Ferrando.

CONFERENCIAS

Continuando a série de conferencias promovida pelo "Centro de Philosophia D. Miguel Kruse", falará no dia 29, às 20 1/2 horas da noite, no salão da Curia Metropolitana, o sr. prof. dr. Leonardo Van Acker, sobre o importante thema: "A lição da moderna pedagogia russa".

Não só pelo nome do illustre conferencista, como pelo interesse que esse assumpto desperta, é de esperar-se numerosa assistência.

— O prof. dr. Antonio de Campos Oliveira, Inspector-Chefe da Inspectoria de Hygiene e Assistência Dentaria, fará uma conferencia sobre o thema: "Porque sou Dentista de crianças", e considerações sobre: "Hygiene buccal na infancia", na sede da A. P. do Cirurgiões Dentistas, hoje, às 20 1/2 horas.

Trata-se de um professor cujos meritos são desnecessarios realçar, pois que, os altos dotes de cultura e o conceito social de que dispõe, são as provas mais evidentes de um propugnador pelo interesse scientifico.

— Terça-feira, 3 de Outubro, o dr. Neves Manta virá do Rio para realizar uma conferencia no Club dos Artistas Modernos.

A conferencia versará sobre o thema: "Marcel Proust literaria e psicopatologicamente".

— O prof. Pierre Janet realizará uma conferencia, hoje, às 20 e 1/2 horas, na Sociedade de Medicina e Cirurgia, à rua do Carmo.

S. s., que é professor de Psychologia do Collegio de França, membro da Comissão de Redacção dos Annaes Medico-Psychologicos de Paris e director do "Jornal de Psychologia Normal e Pathologica", falará sobre "A historia continuada. O sonho da vida".

Para essa conferencia são convidadas todas as pessoas interessadas pelo assumpto.

Fig 80 – Conferencias. Fonte: Diário Popular. 26 set. 1933.

Fig 81 – Club dos Artistas Modernos. Fonte: Diário Popular. 28 ago. 1933.



Fig 82 – Conferencias. Fonte: Diário Popular. 13 set. 1933.



Fig 84 – Conferencias. Fonte: Diário Popular. 5 out. 1933.

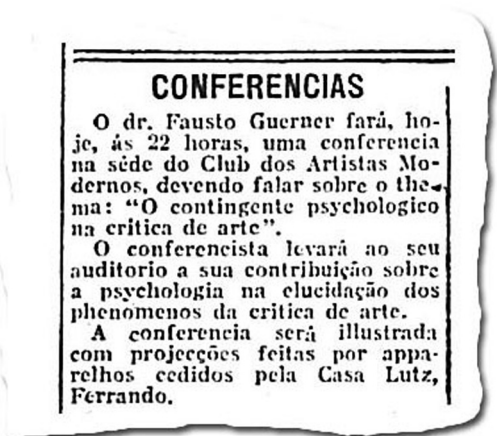


Fig 83 – Conferencias. Fonte: Diário Popular. 10 out. 1933.



Fig 85 – Conferencias. Fonte: Diário Popular. 30 ago. 1933.

Conferencias

Na terça-feira, 26, às 22 horas, o dr. Pacheco e Silva, director do Asylo Juquery, realzará a sua conferencia sobre o thema "A arte e a psiquiatria através os tempos", no Club dos Artistas Modernos.

O dr. Pacheco e Silva fará um retrospecto historico do assumpto mostrando o valor psychologico da arte em diversas épocas da humanidade e discorrerá tambem sobre o valor da expressão facial nos diversos typos de alienados expondo aos ouvintes um estudo seu sobre este assumpto. Durante a conferencia haverá grande numero de projecções.

— O dr. Flaminio Favero, lente da Faculdade de Medicina, realzará, amanha, às 20 1/2 horas, na Igreja Presbyteriana Unida de São Paulo, á rua Helvetia, uma conferencia publica dedicada exclusivamente ao sexo masculino.

O assumpto desta conferencia será: "Males Sociais".

ASSOCIAÇÕES

Associação dos Antigos Alunos do Mackenzie. — Realizou-se sexta-feira, no salão nobre da Escola de Engenharia Mackenzie, uma reunião do conselho director da Associação dos Antigos Alunos do Mackenzie, para eleger a sua primeira directoria, a qual está assim constituída: presidente, dr. Henrique Pegado; vice-presidente, dr. Alvaro de Salles Oliveira; 1.º secretario, dr. Alvaro Vidigal; 2.º secretario, dra. Zilda de Almeida Sampaio; thesourciro, sr. Bráulio Santos.

A sua posse ficou marcada para o dia 2 de Setembro.

Club dos Artistas Modernos. — Foi inaugurada hoje, na sede do Club dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa n.º 2, a exposição de desenhos e esculpturas feitos por insanos e creanças.

Os desenhos e esculpturas feitos por psychopathas foram emprestados ao Club dos Artistas Modernos, para figurarem na exposição pelo dr. Pacheco e Silva, director da Assistencia Geral a Psychopathas.

No dia 30 do corrente, às 22 horas, o dr. Ozorio Cezar fará uma conferencia sobre o thema: "Estudo comparativo entre a arte de vanguarda e a arte dos alienados".

No dia 5 de Setembro, ás mesmas horas, o dr. Durval Marcondes falará na sede do Club sobre o thema: "Interpretação de desenhos de creanças".

Fig 86 – Conferencias. Fonte: Diário Popular. 22 set. 1933.

Fig 87 – Conferencias. Fonte: Diário Popular. 28 set. 1933.

a inaugurada de domingo.

— Artistas Modernos — O conhecido educador Fernando de Azevedo, fará em breve, na sede do Club, uma série de palestras subordinadas ao titulo: "A lucta entre as escolas".

— O "Theatro da Experiencia", será inaugurado por todo o mez de Novembro e com um interessante programma em que tomarão parte bailarinos de nomena da e cantores russos.

Fig 88 – Artistas Modernos. Fonte: Diário Popular. 31 out. 1933.

CONFERENCIAS

A Convite do Centro da Faculdade Paulista de Letras e Filosofia, o dr. Ricardo Severo, distinto engenheiro e escriptor, repetirá, hoje, no amphitheatro do Instituto Pedagogico "Caetano de Campos", á praça da Republica, ás 21 horas, a sua conferencia sobre "Lendas e chimeras da epopela maritima portugueza", realizada nos salões da sra. Olivia Guedes Penteado, por occasião dos festejos commemorativos do IV Centenario de São Vicente.

— Hoje, ás 22 horas, o dr. Durval Marcondes, realizará a sua conferencia no Club dos Artistas Modernos.

S. s. fará uma exposição abreviada das idéas de Freud, explicando as origens e a razão de ser da psychanalyse e as origens sexuaes das psyconeuroses.

Em seguida, tratará da interpretação psydhanalista dos desenhos dos psycopathas se aprofundando nas raizes psychopatologicas destas representações. As idéas de Freud têm assustado o mundo scientifico nestes ultimos 20 annos e provocado uma verdadeira revolução em todos os ramos do pensamento.

CONFERENCIAS

Amanhan o dr. Neves Manta, assistente do prof. dr. Henrique Roxo, chegará a São Paulo para realizar a sua conferencia no Club dos Artistas sobre o thema: "Marcel Proust literariamente e psycanaliticamente".

O assumpto é bastante interessante. A conferencia do dr. Neves Manta promette attrahir a costumaz assistencia do Club. A conferencia realizará-se ás 22 horas.

— Chegou do Rio o dr. Moysés Marx, sub-chefe da Policia Technica do Estado.

O dr. Moysés Marx realizou tres interessantissimas conferencias sobre assumptos da sua especialidade, tendo visitado o Gabinete de Pesquisas Scientificas da Policia Carioca, onde assistiu a alguns trabalhos que alli se effectuavam e examinado as installações existentes.

Visitou tambem o sub-chefe da nossa Policia Technica a Cidade-Light, em companhia dos drs. Taimbamba da Silva e Leveragesse, tendo tido alli carinhosa acolhida por parte de altos funcionarios da Light and Power.

Os srs. Prioli & Toledo foram muito felicitados pelos presentes que lhes auguraram muitas prosperidades, que bem as merecem. Olo esmero com que organisaram os servicos da sua agencia de publicidade.

Fig 89 – Conferencias. Fonte: Diário Popular. 19 set. 1933.

Fig 90 – Conferencias. Fonte: Diário Popular. 2 out. 1933.

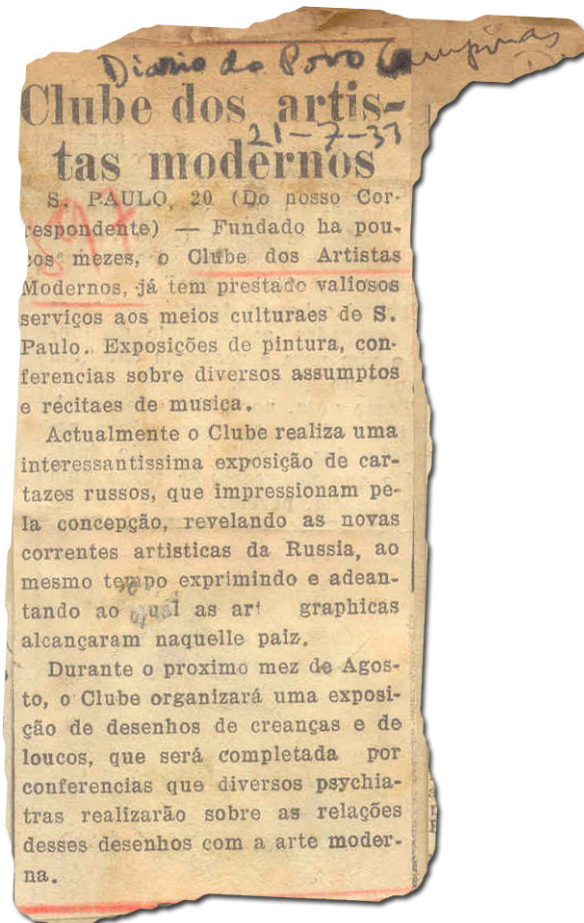


Fig 91 – *Clube dos Artistas Modernos*. Fonte: *Diário do Povo*. 21 jul. 1933.



Fig 92 – L'attività del club degli artisti moderni. Fonte: Fanfulla. 1 ago. 1933.



Fig 93 – Arte ed Artisti: l'attività del club degli artisti moderni. Fonte: Fanfulla. 15 jul. 1933.

"Psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes"

A palestra do dr. Durval Marcondes, hontem, no Clube dos Artistas Modernos

Um interessante estudo sobre a "Psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes" realizou hontem, ás 22 horas, no Clube dos Artistas Modernos, o alienista paulista, dr. Durval Marcondes.

Como sempre, a sede da C. A. M., foi pequena para conter a numerosa assistencia que evidencia dessa maneira, o pleno exito das noitadas educativas, auspiciosamente levantadas pela novel associação.

Descrevendo, preliminarmente, os principios geraes da doutrina freudiana, o orador estuda, a seguir, os phenomenos que constituem os symptomatos mentaes, que se manifestam nas tres seguintes phases principaes: 1.º satisfação substitutiva; 2.º antismo (os que se processam pela imaginação); 3.º archaismo psychico (os que envolvem todas as maneiras de funcionamento primitivo).

Continuando, passa a descrever o meio de expressão por excellencia do subconsciente e que é denominado "symbolo".

Neste ponto, o orador demora-se em commentarios e faz citações dos nomes mais abalçados no assumpto.

Após se referir aos varios symbolos de que se servem os psychopathas, o conferencista estuda pormenorizadamente o symbolo "casa" que é o mais communmente usado.

Entre as muitas observações que se podem fazer quanto a esse symbolismo, o orador salienta as multiphas affinidades que o mesmo tem para com as funções sexuaes.

Varias projecções de desenhos e gravuras extrahidas de obras que tratam do assumpto illustram esta ultima parte da conferencia offerecendo o orador observações elucidativas.

Fig 94 - Psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes. Fonte: Folha da Manhã. 20 set. 1933.

"Psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes"

UMA CONFERENCIA DO DR. DURVAL MARCONDES NO CLUBE DOS ARTISTAS MODERNOS

Na proxima terça-feira, dia 19, o dr. Durval Marcondes realizará uma conferencia, ás 22 horas, no Clube dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa, 2, sobre o thema "Psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes". Para melhor esclarecimento do assumpto, o dr. Durval Marcondes na sua conferencia fará primeiro uma exposição das theorias de Freud para depois entrar na interpretação dos desenhos dos psychopathas.

Fig 95 - Psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes. Fonte: Folha da Manhã. 19 set. 1933.

"A arte e a psiquiatria através os tempos"

UMA CONFERENCIA DO DR. PACHECO E SILVA NO CLUBE DOS ARTISTAS MODERNOS

Terça-feira, 26 do corrente, ás 22 horas, o dr. Pacheco e Silva, director do Hospital do Juquery, realizará a sua conferencia sobre o thema "A arte e a psiquiatria através os tempos", no Clube dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa, 2. O dr. Pacheco e Silva fará um retrospecto historico do assumpto mostrando o valor psychologico da arte em diversas épocas da humanidade e discorrerá tambem sobre o valor da expressão facial nos diversos typos de alienados expondo a assistencia um estudo seu sobre este assumpto. Durante a conferencia, haverá grande numero de projecções.

A EXPOSIÇÃO DE DESENHOS DE ALIENADOS E DE CRIANÇAS

Continua aberta ao publico, das 17 horas á 1 da madrugada, na sede do Clube a exposição de desenhos de alienados e desenhos de crianças.

Os desenhos de escultura de alienados foram amavelmente cedidos pelo dr. Pacheco e Silva e pertencem á collecção do museu do Juquery.

Fig 96 - A arte e a psiquiatria através dos tempos. Fonte: Folha da Manhã. 22 set. 1933.

O C. A. M. vae entrar numa phase de grande actividade

CONFERENCIA DO ENG. NELSON DE REZENDE SOBRE "A THEORIA E PRATICA DA ARTE COLLECTIVA"

No dia 3 do corrente, ás 22 horas, o eng. Nelson de Rezende fará uma palestra sobre "A theoria e pratica da arte collectiva" na sede do Clube dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa, 2. O conferencista explicará a technica moderna de fazer cartazes na U. R. S. S. tomando como exemplo os cartazes ora em exposição na sede do clube e gentilmente cedidos pela pintora patricia Amaral.

UMA CONFERENCIA SOBRE O NOSSO FOLCLORE, POR AMADEU AMARAL JUNIOR

No dia 8 do agosto, ás 22 horas Amadeu Amaral Junior fará uma conferencia sobre o folclore brasileiro. O conferencista recentemente empreendeu longa viagem de estudos pelo norte do Brasil onde colleccionou dados valiosissimos.

O SENTIDO ANTROPOMORFICO DA POESIA DE RAUL BOPP

No dia 18 de agosto, ás 22 horas, Jayme Adour da Camara fará uma palestra sobre o sentido antropomorfico da poesia do grande poeta patricio Raul Bopp e Maria Paula Adamí declamar trechos da obra de Raul Bopp.

O MEZ DOS LOUCOS E DAS CRIANÇAS

No dia 19 do agosto, o clube espera poder inaugurar a exposição de desenhos de loucos e de crianças. Este certame tem despertado nos meios estudiosos de São Paulo vivo interesse. Os grandes especialistas do nosso meio tomarão parte no certame. Serão realizadas diversas conferencias e debates. O dr. Durval Marcondes exporá um estudo sobre a interpretação Symbolica dos Desenhos dos alienados, sob o ponto de vista freudiano; o dr. Fausto Guerrier apresentará um estudo versando em torno do assumpto "o louco sob o ponto de vista da psychologia oral"; o dr. Ozorio Cesar apresentará um "estud comparativo entre a arte dos primitivos, das crianças, os loucos e dos artistas do vanguarda"; o dr. Neves Manta, assistente do prof. Roxo, virá do Rio especialmente para realizar uma palestra sobre "Marcel Proust, litteraria e psychanalyticamente"; o dr. Pedro de Icantara Machado falará sobre interpretação psychanalytica dos desenhos de crianças. Serão realizados debates em torno do assumpto e os rs. Matheus Santamaría, Octavio Monteiro de Camargo, André Dreyer e outros tomarão parte.

Clube dos Artistas Modernos

INAUGUROU-SE A EXPOSIÇÃO DE CARTAZES RUSSOS

Foi inaugurada hontem, na sede do Clube dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa, uma exposição de Cartazes Russos. É uma verdadeira curiosidade para S. Paulo, pois que mostra como um povo faz a sua propaganda ideologica, e como o cartaz adquiriu um valor psychologico formidavel na vida moderna. Todo S. Paulo irá ver esta exposição perfeitamente interessante.

No dia 17 ás 22 horas o sr. Pedro Faber Halembeck falará sobre os Inhay da Amazonia. O sr. Halembeck durante 20 annos passou longos periodos em contacto com os indios de diversas tribus e é um conhecedor e um grande amoroso dos sertões.

No dia 24, ás 22 horas, o sr. Jayme Adour da Camara palestrará sobre a sua viagem na Russia, discorrendo sobre o thema "Vontade de um povo" com relação á exposição de cartazes.

No dia 29 a famosa pintora patricia Tarsila do Amaral discorrerá sobre o thema "Arte Proletaria". A direcção do Clube dos Artistas Modernos desejando agitar o suggestivo, e pouco debatido assumpto convidou Tarsila do Amaral que amavelmente aceitou o convite. Tarsila é a pessoa naturalmente indicada para essa palestra não só pelo seu dom de conferencista como pelo seu conhecimento excepcional do assumpto.

Em principios de agosto será inaugurado o mez dos loucos e das crianças com uma exposição de desenhos de loucos e de crianças, e uma série de interessantes conferencias culminando em uma semana de debates sobre o assumpto.

O psychiatra dr. Osorio Cesar que está tomando parte na organização desse momentoso e importante certame fará varias conferencias sobre o assumpto. Virá a S. Paulo, especialmente para realizar conferencias e tomar parte nos debates o dr. Neves Manta, conhecido psychiatra do Rio de Janeiro e assistente do professor Roxo.

Tambem tomará parte nos debates o dr. Octavio Monteiro de Camargo e outros especialistas que opportunamente serão convidados pela direcção do Clube. O mez dos loucos e das crianças é sem duvida alguma a maior realização do Clube dos Artistas Modernos, pois é importantissima a ligação que parece haver entre os desenhos de crianças, desenhos de loucos e a arte moderna.

Amanhã, ás 17 horas, será iniciado o curso de desenho e nu' do pintor Antonio Gomide no Clube dos Artistas Modernos á rua Pedro Lessa 2.

É a primeira vez em São Paulo que se faz um curso de cubismo como base para a compreensão artistica das cousas. Ha, pois, grande interesse em torno do curso de Antonio Gomide, que marca uma fase importante na actividade do Clube dos Artistas Modernos e será para São Paulo um factor do progresso.

Fig 97 – O C.A.M. vae entrar numa phase de grande actividade. Fonte: Folha da Manhã. 1 ago. 1933.

Fig 98 – Clube dos Artistas Modernos. Fonte: Folha da Manhã. 13 jul. 1933.

No Clube dos Artistas Modernos

MEZ DOS LOUCOS E DAS CRIANÇAS — EXPOSIÇÃO DE DESENHOS E ESCULPTURAS — UMA SÉRIE DE CONFERÊNCIAS

Amanhã será aberta ao público, á rua Pedro Lessa, 2, a exposição de desenhos de loucos e de crianças e de escultura de loucos, tendo o dr. Pacheco Silva amavelmente cedido a collecção do Juquery.

Quarta-feira, dia 30, ás 22 horas, o dr. Ozorio Cesar fará uma conferencia, sobre o thema: "Estudo comparativo entre a arte de vanguarda e a arte dos alienados".

"Psychanalise dos desenhos dos psychopaths" — No dia 5 de setembro, ás 22 horas, o dr. Durval Marcondes fará uma conferencia sobre este thema.

Interpretação de desenhos de crianças. — No dia 12 de setembro, o dr. Pedro de Alcantara Machado, ás 22 horas, falará sobre este thema:

"O louco sob o ponto de vista da psychologia geral" — Este thema será abordado, no dia 26 de setembro, ás 22 horas, pelo dr. Fausto Guerner.

"Marcel Proust literariamente e psychanaliticamente" — No dia 3 de outubro o dr. Neves Manta virá do Rio, especialmente para realizar esta conferencia no Clube dos Artistas Modernos.

Em data a ser marcada, o dr. Raul Malta realizará uma conferencia sobre assumpto ligado ao mez dos loucos.

A noite dos poetas loucos — Em data a ser marcada será realizado um recital de poesias de loucos.

Não será declinada a identidade dos poetas loucos.

"Marcel Proust psychanaliticamente e literariamente"

UMA CONFERENCIA DO DR. NEVES MANTA NO CLUBE DOS ARTISTAS MODERNOS

O dr. Neves Manta, assistente do professor Roxo, realizará hoje sua conferencia no Clube dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa, 2, sobre o thema: "Marcel Proust literariamente e psychanaliticamente".

Fig 100 – Marcel Proust psychanaliticamente e literariamente. Fonte: Folha da Manhã. 3 out. 1933.

Interpretação de desenhos de crianças e o seu valor pedagogico

UMA CONFERENCIA DE PEDRO DE ALCANTARA NO CLUBE DOS ARTISTAS MODERNOS

Amanhã, ás 22 horas, o dr. Pedro de Alcantara realizará uma conferencia sobre este thema, no Clube dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa, 2.

O dr. Pedro de Alcantara vem ha alguns annos coleccionando desenhos de crianças, executados na parede. O conferencista acha que a parede é o melhor lugar para receber a manifestação livre da criança, é o lugar onde ella desenvolve melhor a sua personalidade. A parede está quasi sempre longe da censura dos paes e o rabisco da criança nesse lugar póde talvez ser considerado como a vingança graphica do temperamento juvenil.

Durante a conferencia, haverá projecções dos desenhos de crianças.

Fig 101 – Interpretação de desenhos de crianças e o seu valor pedagogico. Fonte: Folha da Manhã. 12 set. 1933.

Fig 99 – No Clube dos artistas modernos. Fonte: Folha da Manhã. 27 ago. 1933.

A ARTE E A PSYCHIATRIA ATRAVÉS DOS TEMPOS

O dr. A. C. Pacheco e Silva falou hontem, á noite, no Clube dos Artistas Modernos

O director do Juquery falou, hontem, ás 22 horas no "Clube dos Artistas Modernos".

A assistencia era enorme. Pouca luz e muitas figuras arrojadadas, decorativas, que esticam braços de legua e meia e saracoteiam em sombras amarellas.

Flavio de Carvalho abre a sessão. Displícitamente, lê a acta da reunião anterior e anuncia o que vai acontecer em outubro. Varias conferencias. Falará o dr. Fausto Guerner. Falará Edgard Braga. "Maternidade consciente" e outros assumptos.

O "C. A. M." está installando o theatro "Experiencia". No rez-dochão. E, para isso, dar á um baile no dia 7 proximo. Quem tiver vocação que se inscreva. E o clube já tem seu "time" de futebol.

Em seguida, apresenta o dr. A. C. Pacheco e Silva, que, por signal, declarou, não precisar de apresentação.

O director do Juquery, falando sobre "A arte e a psychiatria através dos tempos", fez um trabalho interessante.

De início faz, com elegancia, uma profissão de fé passadista, dizendo que sua formação é classica. Não nega, entretanto, o valor da arte moderna, no seu arrojo e originalidade. Assegura que a natureza não dá salto (alguem lembra os saltos no escuro). Faz uma comparação entre os alienados e os artistas modernos, que só comprehendem a arte como a imaginação a concebe, dizem o que pensam e falam o que desejam.

O prof. Pacheco e Silva faz, a seguir, uma dissertação historica, relembrando varios exemplos curiosos, illustrados, na tela, com estampas antigas.

Faz algumas considerações sobre a arte moderna e a arte dos alienados. Demonstrar que as manifestações artisticas dos alienados sempre mereceram cuidadosa attenção dos psychiátrás. Ellas encerram, muitas vezes, o thema delirante que assalta certos insanos reticentes, dissimuladores que não exteriorizam as suas idéas pela palavra falada ou escripta, nem deixam transparecer na physionomia o que se lhes passa no intimo.

Fala dos parallelos entre a arte moderna e a dos alienados, estabelecendo confronto entre as produções artisticas dos modernos e as dos alienados, demonstrando que tanto numa como na outra o artista tem a coragem de renunciar aos preconceitos da sua



AO ALTO, A ASSISTENCIA, E, AO LADO, O CONFERENCISTA AO LER O SEU TRABALHO

A conferencia produziu optima impressão.

Encerradas suas palavras, Flavio de Carvalho pergunta quem é que deseja fazer perguntas ou pedir esclarecimentos.

O sr. Oswaldo de Andrade não concorda em que a natureza não dá saltos... O sr. Jayme Adour da Camara quer saber que relação ha entre as gravuras antigas e a alienação. Fala um jornalista italiano. Trocam-se apartes e chovem perguntas. O dr. A. C. Pacheco e Silva, calmamente, vai dando explicações, rebatendo os apartes, até que o presidente do "C. A. M.", volta, com a mesma naturalidade, a falar do clube de futebol, annunciando, de novo, o baile do dia 7 e o theatro "Experiencia", do rez-dochão, no clube que, na sua opinião, é com laboratorio de arte moderna.

época, do seu meio, da sua propria pessoa, luctando assim com a censura externa e a censura interna, para deixar que se manifestem em toda a sua pureza as imagens que lhe assomam ao espirito.

Faz, ainda, considerações em torno da arte como manifestação instinctiva, assignalando quarto deve a psychiatria á arte, recordando que foram os poetas, os pintores e os escriptores da antiguidade que nos transmitiram, através da arte, as lendas, as superstições do passado, que nos facultam, hoje, o estudo das formas clinicas observadas nos tempos primitivos, dos processos therapeuticos em uso ainda na era pré-scientifica.

Fig 102 - A arte e a psychiatria através dos tempos. Fonte: Folha da Manhã. 27 set. 1933.

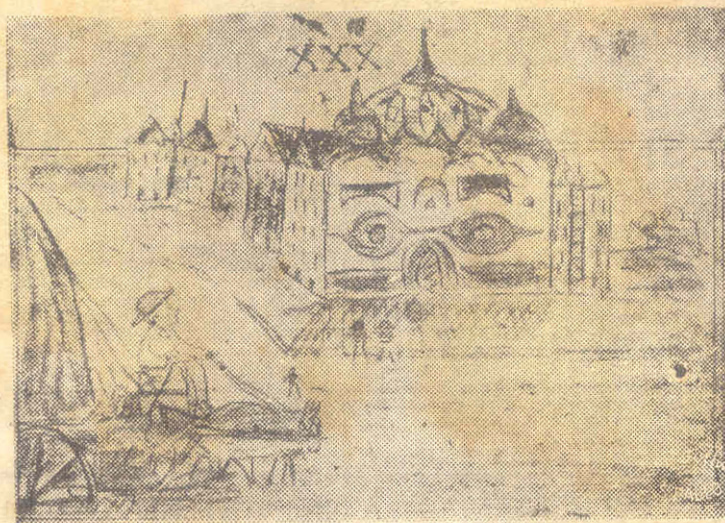
A PSYCHANALYSE DOS DESENHOS DOS DOENTES MENTAES

Folha da Noite 19-9-33

O dr. Durval Marcondes fala á "Folha da Noite" em
torno da sua conferencia desta noite no Clube
dos Artistas Modernos

O dr. Durval Marcondes, um dos mais conhecidos psychanalysts brasileiros, fará hoje, ás 22 horas, no Clube dos Artistas Modernos, uma conferencia que promete ser curiosissima, em proseguimento do "Mez dos loucos e das crianças", promovido por

exigiria o interessante material que tenho á disposição. Por isso cingir-me-ei principalmente a considerações de ordem geral, completando-as, ao fim, com um exemplo illustrativo. Com esse espirito, salientarei, na minha palestra, o conceito unitario que a psychanalyse



A "Cathedral dos assombros", desenho que illustrará a conferencia

aquelle clube. O thema a que está subordinada, essa palestra, que será illustrada com projecções de desenhos de loucos, é este: "A psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes".

A "Folha da Noite" procurou ouvir o dr. Durval Marcondes sobre o que será a sua conferencia, que está despertando grande curiosidade nos meios artisticos e intellectuaes:

— "Os estreitos limites de uma conferencia — disse-nos o dr. Durval Marcondes — não me permitirão uma analyse demorada

le desenhos de psychopaths, como

permittiu formar do conjunto psychico dos individuos normaes e dos psychopaths, e estabelecerei os principaes caracteres communs á actividade artistica e á elaboração dos symptomas mentaes. Estudarei depois o meio de expressão mais typicamente inconsciente, o symbolo, que proporciona uma visão mais profunda de arte pathologica. Mostrarei principalmente seu caracter universal e regressivo, discutindo resumidamente a debatida questão de sua origem. Isso tudo permittirá a boa compreensão do exemplo com que

charei minha dissertação.

Fig 103 - A psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes. Fonte: Folha da Noite. 19 set. 1933.

Folha da Noite
17-10-73

Página 4

Segunda

S E G U

"O VALOR NEGATIVO DA PSYCHOPATHOLOGIA NA CRITICA DA ARTE"

O dr. Balmaceda Cardoso fala á "Folha da Noite" sobre a sua conferencia desta noite no Clube dos Artistas Modernos

Hoje, ás 21 horas, no salão do Clube dos Artistas Modernos, o dr. Plinio Balmaceda Cardoso fará uma conferencia sobre "O valor negativo da Psychopathologia" na critica de arte, palestra que deve interessar aos estudiosos do assumpto.

A proposito ouvimos do dr. Plinio Balmaceda Cardoso o seguinte:

«A palestra que, por amavel ins-

convencer, chega a affirmar "não existe necessario antagonismo entre os productos da imaginação esthetica e os da imaginação scientifica, cujos valores, diferentes por seus methodos, parecem convergentes pelos seus mais altos resultados".

O eminente poligrapho portenho podia avancar tal proposição, elle que dispunha, em gran apreçavel, de real temperamento artistico. Sim, porque da sciencia elle fazia um conceito todo pessoal, subjectivo. Eis suas palavras: "Não diremos que a arte deva subordinar-se á sciencia; seu dominio é essencialmente emotivo e a emotividade precede á logica.

Advertiremos, porém, que quando chega a produzir emoções de belleza concordantes com a verdade scientifica, a obra de arte revela uma condição superior, tanto pelo manancial de experiencia que lhe serve de fundamento, como pelas aptidões imaginativas que o artista applica na sua elaboração". Como se vê, essas noções, longe de ser correntes, resultam de um criterio todo individualista. Em regra, porém, encarando a materia objectivamente, chegar-se-á forçosamente á conclusão de que a arte e a sciencia se separam, por suas cogitações dispares, de maneira nitida e facilmente perceptivel.

Alguns exemplos bastariam para illustrar a verdade de tão evidente principio.

O personagem classico que vive no "Doente imaginario", de Molière, provoca interpretações não iguaes ao critico de arte e ao cientista.

O neurologista estuda o typo psychopathico, creado pelo artista Garez, analisa-o, faz comparações, classificações, para chegar a conclusões de indole meramente experimental.

O critico de arte aprecia a obra em seu conjunto, como em suas partes, sob um prisma visceralmente esthetico.



PLINIO BALMACEADA CARDOSO

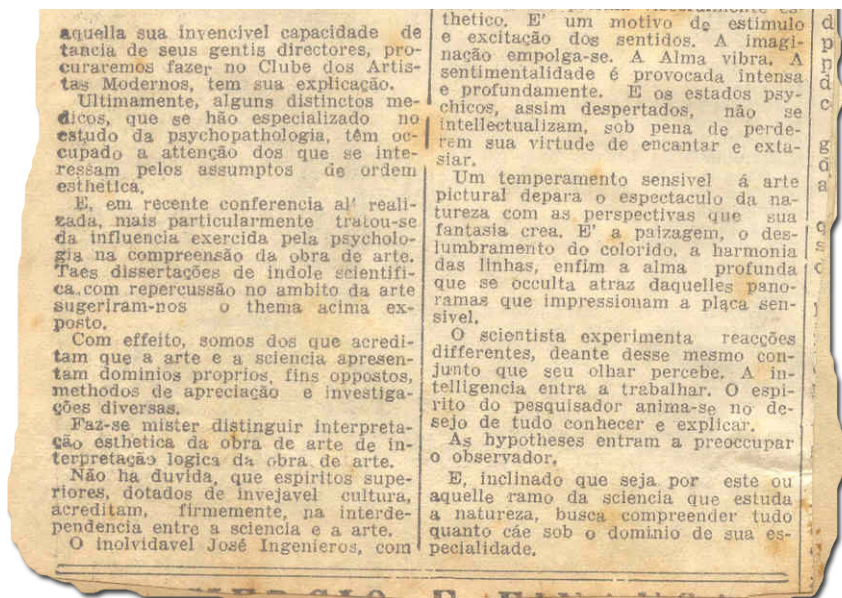


Fig 104 – O valor negativo da psychopatologia na critica da arte. Fonte: Folha da Noite. 17 out. 1933.



Fig 105 – Interpretação dos desenhos das crianças e seu valor pedagógico. Fonte: Folha da Noite. 12 set. 1933.

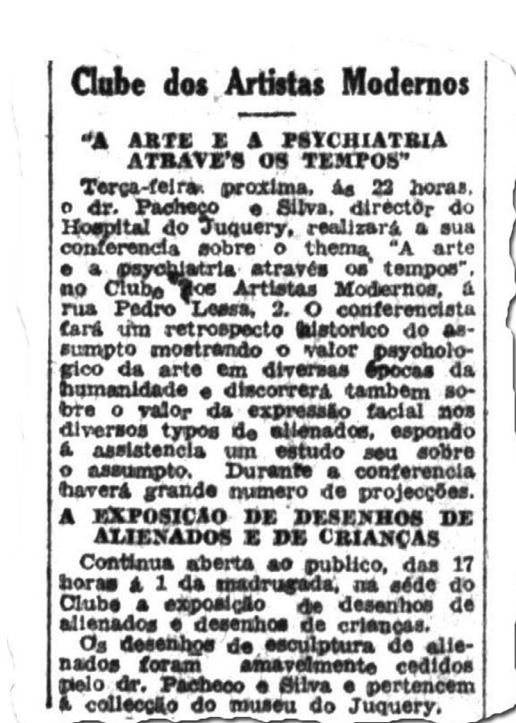


Fig 106 – Clube dos artistas modernos. Fonte: Folha da Noite. 22 set. 1933.

A actividade do Clube dos Artistas Modernos

As conferencias e exposições que estão organizadas para este mez e para agosto

Hoje será inaugurada na sede do Clube dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa, uma exposição de Cartazes Russos. Será uma verdadeira curiosidade para S. Paulo, pois que mostra como um povo faz a sua propaganda ideologica, e como o cartaz adquiriu um valor psychologico for-

midavel na vida moderna — todo S. Paulo irá ver esta exposição perfeitamente interessante.

No dia 17 ás 22 horas o sr. Pedro Faber Halembeck falará sobre os Inhays da Amazonia. O sr. Halembeck durante 20 annos passou longos periodos em contacto com os indios de diversas tribus e é um conhecedor e um grande amoroso dos sertões.

No dia 24, ás 22 horas, o sr. Jayme Adour da Camara palestrará sobre a sua viagem na Russia, discorrendo sobre o thema "Vontade de um povo" com relação á exposição de cartazes.

No dia 29 a famosa pintora patricia Tarsila do Amaral discorrerá sobre o thema "Arte Proletaria". A direcção do Clube dos Artistas Modernos desejando agitar o suggestivo e pouco debatido assumpto convidou Tarsila do Amaral que amavelmente accellou o convite. Tarsila é a pessoa naturalmente indicada para essa palestra não só pelo seu dom de conferencista como pelo seu conhecimento excepcional do assumpto.

Em principios de agosto será inaugurado o mez dos loucos e das crianças com uma exposição de desenhos de loucos e de crianças, e uma série de interessantes conferencias culminando em uma semana de debates sobre o assumpto.

O psychiatra dr. Osorio Cesar que está tomando parte na organização desse momentoso e importante certame fará varias conferencias sobre o assumpto. Virá a S. Paulo, especialmente para realizar conferencias e tomar parte nos debates o dr. Neves Manta, conhecido psychiatra do Rio de Janeiro e assistente do professor Roxo.

Tambem tomará parte nos debates o dr. Octavio Monteiro de Camargo e outros especialistas que opportunamente serão convidados pela direcção do Clube. O mez dos loucos e das crianças é sem duvida alguma a maior realização do Clube dos Artistas Modernos, pois é importantissima a ligação que parece haver entre os desenhos de crianças, desenhos de loucos e a arte moderna.

Estudo comparativo sobre a arte de vanguarda e a arte dos alienados

UMA PALESTRA DO DR. OSORIO CESAR NO CLUBE DOS ARTISTAS MODERNOS

A primeira palestra da série do mez dos loucos e das crianças será a do dr. Osorio Cesar, sobre um estudo da arte de vanguarda e da arte dos alienados e será realizada amanhã, quarta-feira, 30, ás 22 horas, na sede do clube, á rua Pedro Lessa, 2.

Sendo o assumpto de grande importancia para os estudiosos na materia, certamente attrahirá muita gente.

O dr. Osorio Cesar é conhecido especialista no assumpto, tendo sobre este publicado diversos trabalhos.

A EXPOSIÇÃO DE DESENHOS DE LOUCOS E DE CRIANÇAS E DE ESCUPTURA DE LOUCOS

Está aberta ao publico a exposição de desenhos de loucos e de crianças e tem despertado um certo interesse entre os entendidos, pois que exposições desta natureza são um tanto raras entre nós.

O material da exposição foi amavelmente cedido pelo director do Juquery, dr. Pacheco Silva.

O dr. Pacheco Silva tomará parte no mez dos loucos e das crianças, concorrendo com uma palestra sobre assumpto da sua especialidade. O assumpto será divulgado em occasião oportuna.

Fig 107 — Estudo comparativo entre a arte de vanguarda e a arte dos alienados.
Fonte: Folha da Noite. 29 ago. 1933.

Fig 108 — A actividade do clube dos artistas modernos.
Fonte: Folha da Noite. 12 jul. 1933.

caso de Leticia.

Os governos do Perú e da Colombia já communicaram ao Brasil a escolha do Rio de Janeiro para sede das negociações.

Os desenhos dos loucos

O ponto de vista da psychanalyse sobre os trabalhos expostos na exposição do Clube dos Artistas Modernos

Está exposta no "Clube dos Artistas Modernos" uma série de desenhos executados por loucos. A semelhança desses desenhos com os desenhos apparecidos depois da grande guerra, isto é, desenhos que tiveram o rotulo de varias escolas estheticas, impressiona profundamente.

O dr. Osorio Cesar que realizou, hontem, no mesmo Clube, uma interessante conferencia a proposito desses desenhos e procurado pela reportagem da "Folha da Noite", disse o seguinte:

— "Mostrei, na minha conferencia, o ponto de vista psychoanalytico, a semilitude notavel entre essas duas manifestações artisticas. Como a arte das alienados que é chela de monstruosidades, de aberrações de fantasias, mas que são um livro aberto que revela ao psychiatra arguto factos passados na vida do doente, a arte dos vanguardistas também nos mostra, graças ás fantasias dos artistas, os impulsos freudianos inconfessaveis sob apparencias permitidas, que ellas mascaram com exageros de proporções e deformações grotescas. Este thema

do. Notam os psychiatras frequentemente que uma grande parte dos alienados dos hospitais se entregam espontaneamente a cogitações artisticas de toda a especie: pintura, esculptura, poesia e musica. E este facto é mesmo commum entre os individuos que na vida normal nunca se interessaram por essas coisas. Na arte desses alienados saltam aos olhos os symbolos freudianos que são de grande valor para o psychoanalysta! E foi sob o ponto de vista da psychoanalyse que escrevi o meu trabalho. Ainda por esses dias no Clube dos Artistas e a respeito dos mesmos desenhos, falarão outros especialistas dessas questões".

Fig 109 – Os desenhos dos loucos. Fonte: Folha da Noite. 31 ago. 1933.

INTERPRETAÇÃO DOS DESENHOS DAS CRIANÇAS E SEU VALOR PEDAGOGICO

Em sua conferencia, hontem realizada no Clube dos Artistas Modernos, o dr. Pedro de Alcantara reconheceu um methodo natural do desenho

No salão do Clube dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa, 2, o dr. Pedro de Alcantara levou a effeito, hontem á noite, interessante conferencia sobre "Interpretação dos desenhos das crianças e seu valor pedagogico".

O DESENHO-EXPRESSÃO DE UM ESTADO DE CONSCIENCIA

Inicialmente, salientou o illustre conferencista que o desenho póde e deve ser equiparado á linguagem como um recurso, aliás universal, de expressão de nossos estados de consciencia, e como tal devia ser ensinado nas escolas, á semelhança da linguagem escripta.

Na organização escolar do ensino, porém, elle é ensinado como desenho technico nas escolas profissionais e como desenho artistico na totalidade das escolas primarias e secundarias. Por mais louvavel que seja o proposito de fazer, de crianças, artistas, essa orientação tem fracassado, pois toda gente aprende desenho e nin-

retenção do modelo na memoria, ou de analyse do modelo retido.

Os desenhos mais rudimentares caracterizam-se pela pobreza de traços pela imperfeição destes e pelas desproporções das partes da figura; e nestas tres direcções se processa a evolução: o enriquecimento do desenho em traços, o aperfeiçoamento destes e a correcção das proporções anatomicas.

A EVOLUÇÃO DO DESENHO DA CRIANÇA

A evolução nem sempre é harmonia, muitas vezes se fazendo apenas em duas daquellas direcções. A evolução mais notavel é no augmento do numero de traços; para obtel-o, a criança logo abandona os modelos de perfil para traçar os de frente, o que permite um quasi desdobramento da figura; nessa transição a criança esbarra com tres obstaculos que vence como póde: o nariz, a symetria, e os pés que ella põe sempre de perfil.

Colhendo na collecção de seus desenhos os mais representativos

pro
Na
hont
óime
mos
dan
cias

ficam
peiro
is-
l-
o,
NS

si-
cel
La-

ande
pelo
entre
o go-
nula-
s de
rcio.

ia

re-
e
e-
de
l-
om
re-
ui-
do
xo-

do
n"



O DR. PEDRO DE ALCANTARA,
numa caricatura de Flavio de Carvalho

guem fica sabendo desenhar.

Isto se deve a que o desenho requer um substracto tecnico, a educação da vista e da mão, de aquisição longa e difficil, sem o qual não ha desenho e muito menos desenho artistico. Ensinar o desenho-arte ao mesmo tempo que esse substracto é ensinar ao mesmo tempo a vôar e a engatinhar.

Nas escolas dever-se-ia ensinar apenas o substracto, isto é, o desenho como recurso de expressão, auxiliar da linguagem falada e escripta, sobretudo no que esta tem de mais deficiente que é a descrição da forma; desenho para as necessidades da vida diaria, enfim.

O desenho artistico ficaria para os bem dotados, como o fica a linguagem artistica, isto é, a litteratura e a poesia.

desenhos os mais representativos desses tres modos de evolução, estabeleceu uma série de peior ao melhor, e que considera como tendo sido feita por uma unica criança collectiva — cada desenho sendo feito por uma de suas parcelas e representando uma phase da evolução da capacidade technica daquelle criança collectiva.

Tal série lança uma luz brilhante sobre o modo por que a criança resolve o dilemma do modelo, ao mesmo tempo complexo e simples: complexo na significação e simples na realização — verdadeiro ovo de Colombo.

A complexidade é realizada pela figura humana, a mais complexa e interessante de quantas possamos imaginar, pois symboliza todos os episodios mais importantes da vida da criança, os castigos, os prazeres, os agrados, as recompensas, as ameaças, as alegrias, as surras, a vida enfim; a simplicidade é representada pela realização simples dessa figura tão complexa, e progressivamente tanto menos simples

(Conclue na 8.ª pag., 2.ª edição)

50
tic
ath

Re
te e
dos
para
que
zado
orga
para
nas
a pr
via

O pa

O
excel
vae
igua
cidade

Pri
deam
do a
trucçõ
mlu c
uma v
ruas b
edifica
ria, sem
vilhões.
versos
tivos
além d
senlanc
quando

As
tancel
tes s
para
tiu

UM POUCO DE HISTORIA DO ENSINO DO DESENHO

A historia do ensino do desenho mostra o quebra-cabeças que tem sido a elaboração de um methodo que concilie as duas leis segundo as quaes a capacidade technica evolue do simples para o complexo, e o interesse pelas cousas evolue do complexo para o simples, sendo a criança no inicio capaz de se interessar só por modelos complexos e capaz de realizar só modelos simples.

Uns, como Quenieux e Ravaisson propuzeram methodos partindo do complexo para o simples; outros, como Guillaume, methodos partindo do simples para o complexo, das linhas geometricas para a figura humana.

Todos elles fracassaram, por isso que só obedeciam a uma das pontas do dilemma, e era preciso obedecer a ambos. Braunschwing tentou uma conciliação, dando modelos reaes que se approximassem da regularidade geometrica, hastes de trepadeiras, folhas de arvores, arranjas, peras.

Mas real não é synonymo de complexo, e o methodo não deu o rendimento esperado.

A ANALYSE DOS DESENHOS INFANTIS

Cumpria esclarecer o problema com o auxilio da analyse dos desenhos infantis. E elle — o conferencista — evitando os desenhos escolares por causa da deturpação decorrente da influencia do ambiente, preferira utilizar-se dos desenhos das paredes das ruas, que, pela ausencia das influencias perturbadoras, devem apresentar um maximo de espontaneidade, de naturalidade, de ingenuidade mesmo.

Taes desenhos revelaram uma predominancia absoluta da figura humana, nas quaes realizará sua analyse.

A porcentagem de figuras incompletas é grande, possível consequencia de uma incapacidade de

INTERPRETAÇÃO DOS DESENHOS DAS CRIANÇAS E SEU VALOR PEDAGÓGICO

(CONCLUSÃO DA PRIMEIRA PAGINA)

quanto mais sua capacidade técnica fôr se desenvolvendo.

A LINGUAGEM DESENHADA E A LINGUAGEM FALADA — UM METHODO NATURAL DE ENSINO

Este modo de realizar a linguagem desenhada é identico ao modo pelo qual a criança realiza a linguagem falada; a criança fala por "palavras-phrases", isto é, palavras que valem por phrases, pois têm um conteúdo que o adulto desenvolve em uma phrase; o que vale dizer: conceitos complexos na significação exteriorizados de modo simples de accordo com seus recursos de linguagem.

De tudo isso decorre um methodo "natural" de ensino do desenho: fornecer á criança modelos complexos, de assumptos ricos em carga efectiva, homens, animaes, casas, navios, automoveis e realizados de modo elementarissimo; a seguir, os mesmos modelos realizados um pouco melhor, a seguir, os mesmos modelos mais perfeitamente realizados, e assim por

diante, em tantas phases quantas o fôr permittindo o desenvolvimeto tecnico da criança.

A' medida que o espirito fosse evoluindo e sendo capaz de se interessar por assumptos menos complexos, novas séries de modelos poderiam ser fornecidas, constituídos por utensilios e instrumentos, de realização tecnica mais difficil por causa da regularidade geometrica de suas linhas.

Com isso se conseguiria, progressivamente, uma capacidade de expressão pelo desenho que seria um auxiliar precioso dos recursos geraes de expressão. O desenho-arte ficaria para os eleitos.

E frizou o conferencista, esse methodo, embora inspirado em material objectivo, ainda não foi verificado experimentalmente, constituindo apenas uma hypothese de trabalho para ser explorada, aprofundada e ajuizada por quem tenha tempo, vocação e recursos.

— A exposição foi illstrada e documentada com a projecção de numerosos desenhos, colhidos nas paredes das ruas de São Paulo

Fig 110 — Interpretação dos desenhos das crianças e seu valor pedagógico. Fonte: Folha da Noite. 14 set. 1933.

A interpretação de desenhos de crianças e o seu valor pedagógico

SOBRE O ASSUMP'TO, O DR. PEDRO DE ALCANTARA REALIZARÁ UMA CONFERENCIA, NO C. A. M.

Quarta-feira proxima, ás 22 horas o dr. Pedro de Alcantara realizará a sua conferencia sobre "A interpretação de desenhos de crianças e o seu valor pedagogico", na sede do Clube dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa, 2.

A conferencia do dr. Pedro de Alcantara está despertando interesse invulgar, porque nella se vae expôr um novo modo de encarar os desenhos de crianças; mostrará como andamos completamente errados no assumpto e o valor que têm essas manifestações, do ponto de vista pedagogico. O dr. Pedro de Alcantara vem ha muitos annos colleccionando desenhos de parede, pois o illustre medico acha que é na parede onde o artista juvenil se mostra mais a vontade e em maior liberdade, para mostrar os seus desejos intimos.

A Exposição de desenhos de alienados e de crianças — A exposição de desenhos de alienados e de crianças continua aberta na sede do C. A. M., á rua Pedro Lessa, 2, das 5 da tarde á uma da manhã. O dr. Pacheco e Silva director do Juquery cedeu ao Clube dos Artistas Modernos uma parte do museo daquelle estabelecimento. A colleção do Juquery exposta é bastante importante, porque ajuda o publico a compreender as ligações existentes entre a arte dos alienados, a arte dos vanguardistas e a arte das crianças.

Fig 111 – A interpretação de desenhos de crianças e seu valor pedagógico. Fonte: Folha da Noite. 8 set. 1933.

"Marcel Proust literariamente e psychanalyticamente"

O dr. Neves Manta, assistente do professor Roxo, realizará, hoje, no Clube dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa, n. 2, uma conferencia sobre "Marcel Proust literariamente e psychanalyticamente".

Fig 112 – Marcel Proust literariamente e psychanalyticamente. Fonte: Folha da Noite. 3 out. 1933.

As actividades do Clube dos Artistas Modernos

A VIDA DAS CRIANÇAS NAS FAZENDAS DE CACAU

Hoje, Jorge Amado, autor de "Cacau", realizará uma conferencia ás 21 horas no Clube dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa, n. 2, sobre o interessantissimo thema do abandono das crianças na fazenda de cacau na Bahia.

BAILE NO THEATRO DA EXPERIENCIA

Terça-feira, 31 deste mez haverá um baile no Theatro da Experiencia á rua Pedro Lessa, n. 2-A. O baile é a convite e os convites podem ser procurados na secretaria do Clube dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa, n. 2 ou pelo phone 4-1691. Durante o baile tocará um excellente e curiosa orchestra de jazz, possuindo além dos instrumentos normaes do jazz, uma série de instrumentos africanos. A orchestra será dirigida pelo maestro Henricão.

CEIA A PROCOPIO FERREIRA E A JURACY DE CAMARGO

Sabbado 4 de novembro haverá uma ceia a meia noite em homenagem a Procopio Ferreira e a Juracy de Camargo no restaurante do Clube dos Artistas Modernos. Grande numero de pessoas já adheriram a esta significativa homenagem. As adhesões podem ser feitas pela telephone 4-1691 ou na secretaria do Clube, á rua Pedro Lessa, n. 2.

A LUTA ENTRE AS ESCOLAS — UM CURSO DO SR. FERNANDO DE AZEVEDO NO CLUBE DOS ARTISTAS MODERNOS

Brevemente o grande educador Fernando de Azevedo vae realizar um curso que será assim subdividido: 1.a série: problemas particulares da educação; 1.o: o accesso das diferentes classes sociaes aos estudos; 2.o a escola secundaria em face do movimento da renovação educacional; 3.o — ensaio sociologico sobre a classe do magisterio primario; 4.o — funcção do livro no trabalho escolar; a literatura infantil; 2.a série. A escola: evolução, crise e transformação; 1.o, a origem e evolução da escola; 2.o, a crise da escola tradicional; 3.o a transformação da escola.

Fig 113 – As actividades do clube dos artistas modernos. Fonte: Folha da Noite. 24 out. 1933.

"O CONTINGENTE PSYCHOLOGICO NA CRITICA DE ARTE"

O dr. Fausto Guerner adianta á "Folha da Noite" alguns pontos de sua conferencia no Clube dos Artistas Modernos

O C. A. M., depois que Flavio de Carvalho traçou novas directrizes para a sua existencia, vem proporcionando reuniões interessantes e de grande importancia para os seus associados.

Em proseguimento dessa série de palestras é que o dr. Fausto Guerner vae falar hoje, á noite sobre "O contingente psychologico na critica da arte" e, a proposito do que adiantou á "Folha da Noite" o seguinte:

— "Na "Semana dos loucos e crianças", organizada brilhantemente pelo Clube dos Artistas Modernos, varios illustres psychiatras, em bellas conferencias, já esplanaram themas interessantissimos. Pouco nos resta dizer sobre o assumpto. Assim, faremos apenas uma simples palestra sobre o papel da psychologia na critica de arte, accentuando primeiramente que aquella sciencia contribue relevantemente para o estudo das produc-

ções artisticas, porém não é por si só capaz, pelo menos por ora, de fornecer á critica todos os dados de que ella necessita. Circumscripto o seu ambito real de acção, passaremos ao estudo summario dos varios typos mentaes normaes e pathologicos que podem interessar ao critico como termos de comparação para o perfil psychologico do artista, revelado através da sua obra, na qual se manifestam integralmente ou em esboço, mais ou menos inconscientemente, as suas varias tendencias affectivas e intellectuaes. Seguiremos as directrizes traçadas por mestres eminentes — Dupré, Kretschmer, A. Delmás, Kraepelin e tantos outros — no estudo das contribuições mentaes. Procuraremos illustrar quanto possivel a descripção com a apresentação de trechos literarios de alienados, caricaturas involuntarias que são da prosa e do verso dos escriptores mais felizes, caricaturas essas que apresentam naturalmente accentuadas as caracteristicas reveladores dos traços temperamenciaes mais discretamente perceptíveis nos individuos normaes.

Faremos assim um despretençioso esboço em linguagem simples e quasi leiga, daquillo que nos parece ser o contingente da psychologia na critica artistica."

Fig 114 – O contingente psychologico na critica da arte. Fonte: Folha da Noite. 10 out. 1933.

Clube dos Artistas Modernos

"A ARTE E A PSICHIATRIA ATRAVÉS OS TEMPOS"

Hoje, ás 22 horas o dr. Pacheco e Silva, director do Juquery, realizará a sua conferencia sobre "A arte e a psychiatria através os tempos" no clube dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa, 2.

O illustre psychiatra apresentará, então, além das considerações sobre o thema, um estudo seu, sobre a phisionomia dos diversos typos de psychopathas.

A conferencia será illustrada com projecções, por aparelhos cedidos pela Casa Lutz Ferrando.

Fig 115 – Clube dos artistas modernos. Fonte: Folha da Noite. 25 set. 1933.

A INTERPRETAÇÃO DOS DESENHOS INFANTIS

O dr. Pedro de Alcantara vae falar hoje no C. A. M., desenvolvendo os estudos que tem a respeito

O Clube dos Artistas Modernos vae abrir suas portas hoje á noite para a conferencia que o dr. Pedro de Alcantara vae fazer sobre os methodos antigos de ensino de desenho para crianças em comparação com um systema que vae propôr.

A esse proposito ouvimos hoje o estudioso medico:

— "A convite de Flavio de Carvalho, realizo hoje, no Clube dos Artistas Modernos uma palestra em que pretendo expôr um trabalho que ha dez annos dorme o so-



DR. PEDRO DE ALCANTARA

mnio das gavetas e que são agora á luz por lembrança do dr. Fausto Guerner. Esse trabalho consistiu num esforço para a resolução do problema do ensino do desenho ás crianças. Pretendo mostrar que o desenho como expressão artistica está amplamente deslocado nas escolas primarias, onde deve ser ensinado apenas como recurso de expressão equivalente á linguagem escripta.

Quer com um caracter, quer com outro, o inevitavel é a aquisição prévia de um substracto technico que todos aprendem e ninguém fica possuindo. E' principalmente o modo de aquisição desse substracto que constituirá a espinha de minha palestra, na qual examinarei as causas do fracasso de tantos methodos classicos de ensino. Mas como é antipathico destruir sem reconstruir, pretendo expôr um methodo de ensino que supponho natural, e que me foi inspirado pela analyse do material que recolhi das paredes das ruas de S. Paulo. Manancial inesgotavel de materia prima preciosa para taes estudos".

Fig 116 – Interpretação dos desenhos infantis. Fonte: Folha da Noite. 13 set. 1933.



fundamentos

ANO IV • N.º 20 • JULHO 1951

INDICE

Defesa da Cultura	2
Historia do Cinema Brasileiro.	
Alex Viany	3
O cinema nacional e seus problemas de produção	
Carlos Ortiz	5
O Cinema Nacional — enquete	
Fernando Pedreira	6
Discurso de Pudovkin no Congresso de Perugia	10
«Zé Meleiro» — conto	
João Palma Netto	13
Viva Gorki	
Alexei Tolstoi	18
Infraestruturas, superestruturas e luta ideologica	
Jacó Berman	19
A arte dos loucos	
J. Vilanova Artigas	22
Na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo	23
O Mitchurinismo e o prof. Dreyfus	25
A Campanha do Petróleo e a II.ª Convenção Nacional	
Prof. Omar Catunda	27
Na linha de frente da terceira posição	
Rivadavia Mendonça	28
Livros e Revistas	
Notas e Noticias	30

COMISSÃO DE REDAÇÃO: Afonso Schmidt, Artur Neves, Celso Prado Junior, J. E. Fernandes, J. Vilanova Artigas, Rivadavia Mendonça e Rui Barbosa Cardoso.

FUNDAMENTOS não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em trabalhos assinados. Não devolve originais.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Barão de Itapetininga, 275 — 9.º — S. 96 — S. Paulo.

DIRETOR RESPONSÁVEL: Rui Barbosa Cardoso.

EM DEFESA DA CULTURA

Nenhum escritor, artista, cientista ou professor pode dar o melhor rendimento de seu trabalho se o seu esforço intelectual estiver desligado dos problemas que a humanidade enfrenta atualmente, em sentido amplo, no campo internacional ou, em sentido restrito, no campo nacional. A tentativa de alheamento a esses problemas é, para o intelectual, a traição a esterilidade e a morte.

Crescem em todo o mundo as forças da paz que trazem em si o germe da criação fecunda e põem nas mãos do operário ou do poeta as armas do trabalho e da produção, que enriquecem e constroem o mundo novo. Mas na medida em que se avolumam as forças da paz, cresce o desespero dos que vivem da exploração e da discórdia, que alimentam monstros de destruição para lançar a humanidade em novos sofrimentos. São as forças da guerra e da dominação imperialista.

Nosso povo enfrenta, no momento, a ação sinistra desses criadores de monstros. Nosso país está colocado na primeira linha da colonização e da preparação de guerra, porque os homens que detêm o poder no Brasil, com os srs. Getúlio Vargas e João Neves à frente, transacionaram com o sangue, com as riquezas e com a tranquilidade de nosso povo, e, instauraram em nosso país um regime de enriquecimento dos latifundiários e agentes imperialistas que formam o arcabouço do governo e que desejam mergulhar o povo na opressão, no silêncio e na miséria.

A preparação de guerra é o clima necessário para o aumento dos lucros das grandes empresas nacionais e estrangeiras, dos comissários de café, dos negociantes de bolsa, dos açambarcadores; para a entrega do nosso petróleo através do expediente das refinarias com testas de ferro dos trustes; para a liquidação de nosso parque industrial e o retrocesso do país a uma economia agrícola e extrativa de matérias primas.

Como último estágio nessa política nefasta e coroamento do entreguismo geral, temos a Conferência de Washington e as suas resoluções militares no sentido do envio de tropas brasileiras para a Coreia ou outras intervenções militares. Não são mais unicamente as riquezas de nosso povo que são negociadas, mas a riqueza fundamental do país, a sua juventude, que é transacionada no balcão das conveniências do imperialismo em desespero. Para essa política de lesa-pátria, mobiliza o governo todas as forças de que dispõe, tanto homens de negócio como homens de letras tanto Valentim Bouças como Augusto Frederico Schmidt, tanto Horácio Lafer como Samuel Wainer, tanto Ricardo Jafet como Carlos Drummond de Andrade.

Na efetivação camuflada de sua política, procura o governo silenciar os protestos dos patriotas aumentando, a intimidação e o terror, que só aos fracos abate. Enquanto acena demagogicamente com proteção aos intelectuais, mantém presos patriotas como o arquiteto Gastão Rachou, enquanto apregoa medidas contra a exploração dos tubarões, manda dissolver a bala a assembléia dos defensores do petróleo a maior de nossas riquezas minerais.

E agora, num verdadeiro achincalhe à Constituição, manda apreender a edição do último livro de Jorge Amado. É a agressão direta à inteligência e à cultura, com o propósito manifesto de cercear-lhes a livre manifestação. Porque? Porque só assim será possível manter o povo na ignorância, só assim será possível fazê-lo aceitar os fatos consumados de uma política suicida.

Os escritores democráticos brasileiros estão empenhados na preservação de nossa cultura e de nossas liberdades, na confraternização entre os povos, como condição indispensável para o enriquecimento da cultura e a frutificação do trabalho intelectual. É a razão por que apoiam a realização do IV Congresso Brasileiro de Escritores de Porto Alegre onde todos participarão unidos, e unidos, discutirão os seus problemas profissionais e as suas responsabilidades públicas. Os escritores de São Paulo, que acabam de convocar o III Congresso Estadual de Escritores, irão a Porto Alegre com a valiosa contribuição que resultará de seu Congresso Estadual. Esses dois certames constituirão acontecimentos de marcante importância para a defesa da cultura nacional, e serão, por conseguinte, um reforço na luta de nosso povo pela independência e progresso de nossa pátria agora mais do que nunca ameaçada.

A ARTE DOS LOUCÓS

J. VILANOVA ARTIGAS

O Museu de Arte Moderna de São Paulo, abriu seus salões mais uma vez, no mês de junho findo para exibir ao público uma exposição de pintura e escultura de alinçados do Hospital do Juqueri. Mais uma vez, porque, em outubro de 1949, já mostrara de que eram capazes os loucos do Rio de Janeiro — de Engenho de Dentro.

A seção de Pintura e escultura do Juqueri, tem, segundo o catálogo de apresentação da exposição, uma dupla finalidade: primeiramente, visa um meio auxiliar de tratamento das diversas doenças mentais, de cura dos desajustados, e depois, estudar a qualidade de suas manifestações puramente artísticas. Diz o catálogo:

«Os resultados obtidos com a terapêutica, embora de extremo interesse, fogem aos objetivos da exposição. O estudo da obra de arte dos alienados, sob o ponto de vista psicopatológico, é um assunto especializado e, portanto, da alçada dos psiquiatras».

«O Museu de Arte Moderna pretende pois fazer ressaltar, nesta mostra, apenas a expressão artística dos alienados». Os trabalhos... «constituem realização de autênticos artistas, e não simples exemplos de manifestação artística dos doentes mentais». Sua arte... «está rigidamente dentro das leis da estética».

Para o leitor desavisado, pode parecer que a iniciativa não passa de mais uma demonstração de «originalidade» de pesquisadores desocupados, que descobrem um ambiente novo para a arte, como os corredores dos negregados hospitais de insanos.

Muito ao contrário. A tentativa de erigir a arte dos loucos em manifestação artística à parte, com um valor em si, como se fosse uma escola nova de criação, tem um passado já longo, muito palmilhado por teóricos, psiquiatras e críticos de arte, que, de mãos dadas, chafurdam nas misérias humanas que a burguesia incapaz de extinguir, mantém, e das quais no final, se aproveita para levantar o edifício de suas teses decadentes.

Vários outros museus brasileiros compareceram ante o público com exposições deste tipo, ainda recentemente.

O Museu de Arte do jornalista Assis Chateaubriand, por exemplo, reivindica para si a glória de ter sido o primeiro a exibir trabalhos artísticos de aliena-

dos (4 de novembro de 1948); «uma das exposições mais singulares de que há notícia», dizia o catálogo na ocasião. A verdade é que, já em 1932/33 o Clube dos Artistas Modernos, com Flávio de Carvalho à frente, abria suas humildes portas de vanguardeiros das novas teorias artísticas da burguesia para um «famoso Mês das Crianças e dos Loucos». (RASM — revista anual do salão de maio.)

Também a revista paulista «Habitat», para não ficar atrás, e com a riqueza gráfica de que dispõe para esconder uma literatura de quarta classe, reproduz a cores em seu segundo número as composições de um demente em torno de «arquiteturas» (sic.)

O fato notório de encontrarmos entre os organizadores destes, movimentos, pessoas corretamente colocadas no plano político, não invalidará a crítica que pretendemos. «Trata-se de uma contradição própria desta época, sendo claro que a boa orientação política deles, não resultou de sua posição estética», diz Ghioldi. (Fundamentos n. 17.)

— : —

Os primeiros estudos sobre a arte dos alienados, devem-se a Lombroso (1876). Foi ele «o primeiro observador que chamou a atenção para a semelhança da arte de alguns alienados com a arte primitiva e considerou, genialmente, a obra artística desses alienados como uma espécie de atavismo da infância da humanidade». (O Cesar.)

Freud, com sua teoria reacionária, vem cimentar as hipóteses de Lombroso. E daí para a frente, até os nossos dias, são inúmeros os nomes de «pesquisadores» na arte dos débeis mentais.

Entre nós, o introdutor, o estudioso desta arte, foi Osório César. Publicou em 1929 um livro — «A expressão artística dos alienados» — a fim de «estudar a arte nos alienados, comparando-a com a dos primitivos e a das crianças».

Como vimos acima, a arte dos loucos constitui atualmente escola à parte, fora dos manicômios. Os orientadores burgueses já desprezam até as intenções «generosas» que os levaram a fornecer papel e tinta aos loucos para que eles se distraíssem dentro das masmorras em que estão isolados. Suas garatujas alucinadas são trazidas diante dos críticos de arte da burguesia, que, de cenho levantado e sorrisos de delícia, teorizam e discutem em torno delas, se bem que timidamente, com medo de avançar o sinal, com medo de não serem compreendidos pela própria classe dominante como tantas vezes tem acontecido.



Desenho de um alienado do hospital de Engenho de Dentro

Em Paris, entretanto, a timidez já desapareceu. A «Escola» tem até um nome a caracterizá-la. — Arte Bruta — escamoteação típica do processo burguês de esconder atrás de uma cortina de nomes fantásticos, o processo incrivelmente irracional dessas pesquisas teóricas. A Arte Bruta realiza um enorme progresso — confunde loucos e sãos, numa barafunda só acreditável se lermos o senhor Dubuffet — animador parisiense do movimento — quando justifica a mistura que faz, de objetos os mais grotescos possíveis — produção de loucos e sãos:

«devemos considerar estes trabalhos sem preconceitos de nenhuma espécie. A idéia que se tem comumente da saúde do espírito e da loucura, parece-nos estar baseada em distinções geralmente arbitrárias. As razões pelas quais um homem é tido como inepto à vida social são de tal ordem que não devemos entrar em considerações. Podemos portanto apreciar com os mesmos olhos (grifo nosso) e sem traçar categorias especiais, os trabalhos dos artistas reputados sãos ou reputados enfermos».

E os dementes, saem dos manicômios, já agora sem precisarem de cura. Entram no convívio social com as suas produções artísticas, em igualdade de condições com indivíduos sãos, que, a julgar pelas considerações dos animadores da Arte Bruta, ninguém garante que o sejam.

E os Museus brasileiros, numa imitação ridícula do movimento «bem parisiense» («bien parisien»), sentem coragem de abandonar sua timidez e enveredar pelo mesmo caminho.

«O irracionalismo, diz Ghioldi, tem também as suas leis. Entregue-se-lhe um dedo e ele se apossará de todo o braço».

O que pretendem os teóricos burgueses com esta baralhada? Trata-se de uma pesquisa inofensiva como quer fazer crer um certo Michel Seuphor — pilar da Arte Bruta?:

NA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

Numa profissão-de-fé aos compromissos assumidos pelo governo brasileiro na Conferência dos Chanceleres em Washington, a maioria do Conselho Universitário, lançando mão de um expediente primário, sugerido pelo reitor Ernesto Leme, negou o provimento da cadeira de Grandes Composições da Faculdade de Arquitetura pelo notável arquiteto Oscar Niemeyer.

A reunião em que se tomou esta decisão, não faltou nem mesmo um representante do Brasil à Conferência — o Sr. Teotônio Monteiro de Barros — que, como se sabe nos meios universitários, aproveitou a oportunidade para transmitir aos presentes, de viva-voz, o essencial dos compromissos que o governo brasileiro acabava de assumir em Washington, cuja aplicação imediata se impunha. E, sob a inspiração do Departamento de Estado Americano — o feroz policial dos vistos em passaportes — a figura do arquiteto Oscar Niemeyer apareceu-lhes com aspecto aterrador, já um agitador feroz, capaz de abalar a estrutura do edifício da civilização ocidental com um traço do lápis com que projetou a sede das Nações Unidas.

Os estudantes de arquitetura foram à greve. O caso Niemeyer somou ao número enorme de irregularidades que se vinham verificando na administração do udenista Leme — irregularidades que provam muito bem para que serve a anticomunismo larvar dele — para criar um ambiente de terror, um regime de rôlha, atrás do qual possa esconder sua vasta incompetência.

Enquanto o reitor espumava de ódio, esbravejava e maltratava os estudantes que o procuravam para fazê-lo compreender a natureza do plano inclinado em que resvalava toda a universidade, várias medidas foram tomadas pelos interessados — alunos e professores — a fim de forçar uma volta atrás da decisão iníqua. Nem mesmo faltaram as visitas ao governador. Os professores e estudantes que procuraram o Sr. Lucas Garcez queriam ver nele o catedrático da Universidade capaz de, com sua intervenção, trazer o reitor à realidade, restabelecer o prestígio abalado do Instituto Universitário, manter em toda a sua integridade o princípio da liberdade de pensamento.

Mas, o governador não se moveu. Preferiu louvar-se na informação oficial, escrita, que recebia; preferiu acreditar na tese da irregularidade da votação, não obstante declarar aos professores presentes, não ter dúvidas sobre as verdadeiras considerações feitas pela reitoria que levaram o Conselho Universitário à resolução tomada. O governador sabia que o arquiteto Oscar Niemeyer fora discriminado pelo anticomunismo feroz, primário, das recentes decisões de Washington. Transpareceu da entrevista com ele que a posição assumida pela Universidade trazia graves prejuízos para a liberdade de pensamento. A ser assim, não se escolheriam mais professores universitários pelo mérito que tivessem, pelo valor como especialistas, como homens de cultura. O estalão para a medida dos candidatos passaria a ser um estreito atestado de ideologia, passado pelo Departamento de Estado Americano, em razão dos infames compromissos assumidos pelo governo brasileiro em Washington.

Sem liberdade de pensamento não há democracia, nem cultura, nem Universidade, nem nada. Há, isto sim, a senda para o fascismo, o caminho de Hitler, Mussolini e Franco.

Hoje, atiram-se, ferozes, contra o subversivo que en-

contram na arquitetura de Oscar Niemeyer; amanhã, com a mesma bandeira desmoralizada avançarão furiosos contra todos os patriotas, contra o mais tênue protesto.

Do anticomunismo farão uma muralha atrás da qual todas as negociações serão lícitas, todas as misérias, justificadas.

Na Conferência de Washington, o governo de Getúlio Vargas, pelos seus representantes, assumiu vários compromissos. Compromissos de caráter militar econômico e policial. Comprometeu-se a enviar tropas, sangue brasileiro, para as aventuras guerreiras do imperialismo americano, mal escondido com seu tamanho de Frankenstein, atrás da bandeira da ONU. Para aplacar a sede de lucros dos negociatas lanques, açulada pela guerra que os enriquece, lhes permite que introduzam sua gazuza na economia brasileira — já é Truman pessoalmente quem sugere aos tubarões do aço, uma usina no Massachusetts, para o aproveitamento do minério de ferro brasileiro, "as maiores jazidas do mundo", no seu próprio dizer ganancioso. Ameaçam com a guerra e saem com os lucros da rapinagem.

Dos patriotas dos países assaltados, enxovalhados, esperam protestos, é claro. Daí as medidas policiais concertadas em Washington — medidas de Segurança Interna. É preciso esmagar as consciências, calar todos os que não estiverem de acordo com as manobras deles. É preciso uniformizar o pensamento, transformar os que estudam em "robots" conformados, aniquilar a cultura, instaurar o fascismo. Ameaçar com golpes de estado, instituir governos cada vez mais dóceis aos seus desígnios.

Nas medidas policiais, colabora o Reitor Ernesto Leme. Fiel aos patrões lanques, raivoso, em face da greve dos estudantes que hoje protestam contra os seus desmandos de incapaz, e que amanhã protestarão contra o envio de tropas à Coreia, perde a cabeça, clama pela polícia, invade os centros acadêmicos, porque os estudantes, ansiosos pela solidariedade do povo, publicam nos jornais a verdade das suas intenções sinistras. E termina mandando fechar a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo — um Instituto Universitário onde uma centena de jovens aguarda, depois dos maiores sacrifícios, a oportunidade de contribuir com seu talento para o patrimônio de nossa cultura!

Mas Washington não quer protestos. Aos protestos contrapõe-se a violência, a polícia e o fascismo.

Nosso povo, e com ele os estudantes, cada vez mais compreender melhor a origem desses fatos e reagem à altura. São os 7.000 universitários paulistas reunidos que respondem: iremos à greve geral; demita-se Ernesto Leme o representante desta política feroz.

"O fato atinge todos os universitários" diz o presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto, "não se fecha uma faculdade só porque seus estudantes reivindicam um regime."

Realmente, caro jovem; fecham a faculdade para atender aos patrões lanques.

Os estudantes que defendem seu Instituto contra os desmandos do reitor, lutam pela democracia em nossa terra, pelo direito de protestar livremente. Lutam pela liberdade de pensamento, contra o fascismo que serve os imperialistas lanques; contra os compromissos secretos de um governo vendido aos imperialistas; contra o envio de jovens para a Coreia; contra a guerra, e pela paz.

E' má política dizer não a uma pesquisa tão inofensiva. Confiar, ver não economizar esforços. E' evidente que a Arte Bruta não faz mal a ninguém.» (l'Aube — 15-9-48.)

Não. Não se trata de uma pesquisa inofensiva. De dentro desse emaranhado de iniciativas absurdas, de curiosidades descabidas, eles vão tirando conclusões. Aproveitam a oportunidade para, através de afirmações gratuitas,

sem nenhuma base científica, estabelecer premissas para conclusões que justifiquem as posições da classe dominante.

Em primeiro lugar, pretendem que os valores artísticos são absolutos; nada têm que ver com o progresso social. A expressão artística é inteiramente individual. Dentro de cada homem há a história da humanidade inteira.

Dizem eles: os loucos, no seu atraso, criam obras artísticas iguais às obras conhecidas como expressão artística dos povos primitivos; ora os loucos não têm consciência, logo não criam, servem-se do que já existe. Esse raciocínio os leva à negação da criação em arte, e à afirmação de que, a burguesia não é responsável pela decadência da arte, pois que não pode haver decadência de um valor absoluto. Se não é

responsável pela decadência da arte, não é responsável pela decadência da cultura, e afinal, decadência não existe. O mundo sempre foi o que é, esse cortejo de misérias e agonia de todos os dias, é a própria definição da humanidade! A burguesia, que não é responsável pela decadência, não o seria pelo progresso. Tudo o que é, sempre foi assim, e A BURGUESIA É ETERNA...

O conceito de natureza, de realidade — a base dessas teses, aparece nas entrelinhas das afirmações déles:

«A idéia de base é que é preciso deixar a maior parte à natureza, ao acaso — sem a intervenção do artista a não ser com o gesto de colhêr».

dizem Jean Paulhan e Henri Michaux, amigos de Gide, como se apresentam num jornal parisiense para glosar a Arte Bruta.

O gesto de colhêr, só ele é necessário, pois que a arte é um valor absoluto que já existe na natureza «ab ovo». Mas que natureza é esta onde os artistas vão colhêr as suas obras? A natureza, o real, o objetivo, é para eles o ambiente dos dementes e dos atrasados.

Em segundo lugar, e em evidente contradição com as teses anteriores, oferecem a arte dos loucos como um terreno inexplorado, original, cheio de promessas, de formas imprevisíveis. Abrem para os artistas sãos, uma nova porta para «pesquisa» de valores estéticos. Pretendem que a burguesia ainda é fértil, ainda cria. E agridem os artistas. Desafiam-nos a «imitar os loucos, crianças ou ingênuos sem cair em num maneirismo.» Convidam-nos a trilhar o caminho dos manicômios.

Continuam sempre nas conclusões irracionais. Já agora aproveitam a arte dos alienados para provar, por mais absurdo que pareça, a legitimidade das soluções da arte decadente da burguesia — futurismo, abstracionismo e outros «ismos» degenerados.

Lemos em Osório César: (op. cit.)

«A estética futurista apresenta vários pontos de contacto com a dos manicômios. Não desejamos com isso, censurar essa nova manifestação de arte; longe disso. Acha-mo-la até muito interessante assim como a estética dos alienados. Ambas são manifestações de arte e por isso são sentidas por temperamentos diversos e reproduzidas com sinceridade.»

Por outro lado,

«a psicopatologia genética» (Nilse Silveira — catálogo da exposição de loucos do Museu de Arte Moderna de S. Paulo) admite ocorrerem nas psicoses processos, regressivos que reconduzem o indivíduo a fases anteriores do seu próprio desenvolvimento ou mesmo da evolução da humanidade.»

Por isso, a arte dos alienados é a arte dos períodos esquecidos da humanidade. Ora, a arte moderna, o abstracionismo e as várias escolas, apresentam quadros e composições que se assemelham às dos loucos. Logo são expressões legítimas e de profundo valor estético... Se não vejamos o que diz no jornal paulista «A Época», ilustrado crítico:

«Em verdade muitos daqueles que combatem acerrimamente as tendências modernas na arte, rejubilam-se ao defrontar-se com aqueles desenhos e pinturas (dos loucos) alguns tão perto dos trabalhos artísticos que cobrem as paredes das pinacotecas modernas. No entretanto esse fenómeno somente virá corroborar a afirmativa de que a tendência moderna é a mais espontânea e honesta.» (Faria Paiva).

Dai a chamar todos os artistas de loucos, é um passo simples de dar, um passo necessário:

A arte futurista «é positivamente esquizofrênica. Os artistas futuristas não são alienados, mas não deixam contudo de possuir tempera-

mentos esquizofrênicos.» (O. César pag. 74 op. cit.)

—:—

A loucura passa a ser a norma. Nisto não deixam de ter razão se limitado o raciocínio ao âmbito da burguesia.

Há tons cômicos no panorama da putrefação da classe dominante. Todo mundo louco. Seus líderes, já insanos, desandam a gritar de todas as janelas do mundo — guerra! guerra! — e se lançam no espaço de vez em quando como o ministro americano Forrestal.

Mas, os povos querem paz! eis a realidade.

E' preciso lutar contra a realidade. Para isso se organizam, armam-se das teorias mais extravagantes, como a que acabamos de ver. Os museus de São Paulo e do Rio de Janeiro, as revistas e os jornais burgueses, estipiendiados por Rockefeller, ou melhor, pelo imperialismo americano, encarregam-se de gastar as verbas resultantes de seus acordos culturais, na tarefa urgente para eles, de desviar os artistas do caminho justo, de impedir a marcha de nossa libertação, de submeter nosso povo às condições da mais infame subserviência.

A arte é a reprodução estética da realidade. Não a reprodução fotográfica do que existe num instante, mas a reprodução do que está sendo, do que se transforma, do que impulsiona uma marcha para cima, ascensional. A reprodução do que é novo, o desprezo pelo que fenece e morre.

Nosso povo quer progresso, paz, liberdade. Deseja ardentemente livrar-se dos grilhões do colonialismo ianque. Eis a realidade.

Interpretá-la é caminhar na trilha de um povo que se liberta.

Aos artistas incautos que estiverem dispostos a aceitar as consequências necessárias do irracionalismo burguês, restará a submissão à condição de loucos — a morte em vida. Sobre suas ossadas inúteis, caminhará inexoravelmente um povo triunfante.



Fig 117 – ARTIGAS, J. Vilanova. A arte dos loucos. Fundamentos. jul. 1951.

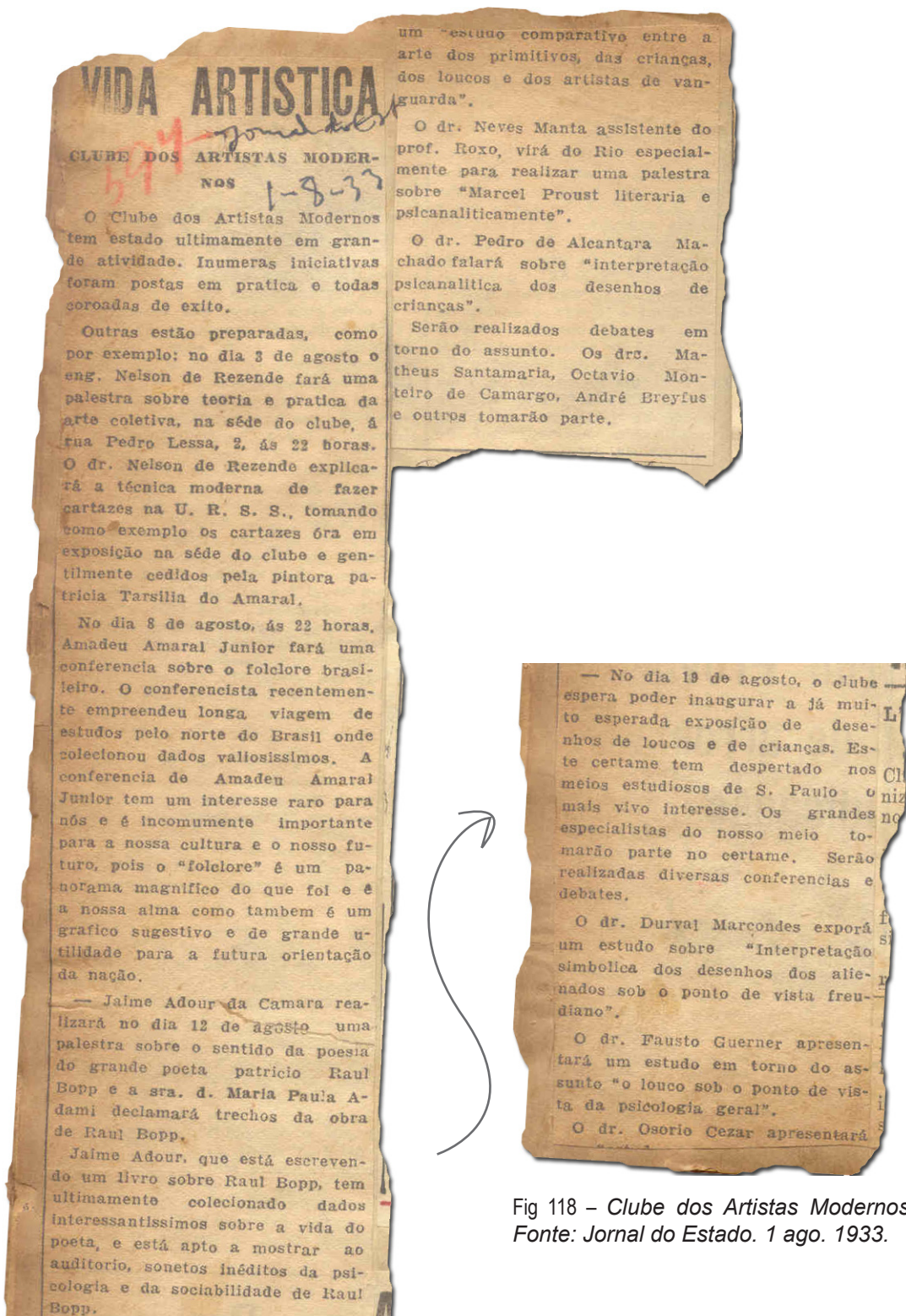


Fig 118 – Clube dos Artistas Modernos.
 Fonte: Jornal do Estado. 1 ago. 1933.

Quinta-feira, 31 de Agosto de 1933

JORNAL DO ESTADO

(Órgão oficial dos poderes do Estado de S. Paulo - B.)

“A arte dos loucos e vanguardistas”

Interessantíssima conferencia do dr. Osorio Cesar no Clube
dos Artistas Modernos



O dr. Osório Cesar pronuncia a sua palestra no C. A. M.

Ontem á noite, o dr. Osorio Cesar, medico assistente do Hospital do Juqueri, realizou no Clube dos Artistas Modernos uma curiosa palestra subordinada ao tema: "A arte dos loucos e vanguardistas".

A tese versou em torno do seguinte: sob o ponto de vista psicanalitico, existe uma semelhança notavel entre essas duas manifestações reconhecidamente artisticas.

O dr. Osorio Cesar começou a sua conferencia definindo a evolução historica da arte que, do simbolismo gótico e catedralesco, passou ás novas manifestações objectivas do Belo, creando por fim as tendencias vanguardistas curiosas pela sua estrutura artistica e cuja interpretação comporta a applicação integral da doutrina de Freud.

A arte vanguardista, nas suas creações mais arrojadas de pintura e escultura, apresenta certas aberrações de fórma. É uma arte essencialmente cerebral. Si estudarmos a arte dos alienados, verificamos nas suas creações monstruosidades, aberrações e fantasias á primeira vista inexplicaveis. Entretanto, como na concepção moderna da estética de vanguarda, os desenhos e as esculturas de loucos constituem um verdadeiro livro aberto que revela semelhanças psicologicamente notaveis com certas obras de simbolismo artistico.

O conferencista, profundo conhecedor da psicologia freudiana, exhibe aos presentes, em projecções luminosas, as reproduções das obras principais e interessantes de Boccioni e outros vanguardistas, determinando-lhes as caracteristicas.

Depois em seguida ao estudo da arte dos alienados, pela consideração inicial dos complexos de Freud, aos olhos da assistencia surgem,

numa tela de reduzidas proporções, estranhas produções artisticas dos loucos do Juqueri'.

O psiquiatra arguto percebe nesse grotesco representativo os principais fatos passados na vida do enfermo, realques eloquentes no seu sub-consciente. Os complexos de

Este tema entre nós tem sido pouco estudado. Notam os psiquiatras frequentemente que uma grande parte dos alienados dos hospitais se entregam espontaneamente a cogitações artisticas de toda a especie: pintura, escultura, poesia e musica. E este facto é comum mesmo entre



Algumas produções artisticas dos alienados

Edipo, de Narciso e outros estão perfeitamente autenticados nessas produções artisticas dos psicopatas.

A fantasia da arte moderna tambem nos mostra esses impulsos freudianos sob as mais variadas aparências. Daí os exageros de proporções e diformações grotescas.

os individuos incultos que na vida normal nunca se interessaram por cousas tais. Na arte desses alienados saltam aos olhos os simbolos freudianos que são de grande valor para o psiquiatra.

O dr. Osorio Cesar passa, a se-

Por, á análise de algumas produções dos alienados do Juqueri. Traço por traço, detalhe por detalhe, de conformidade com os precedentes da vida dos enfermos, vemos estes atipados prodigiosos esforços de representar o que a sua anulação do autocritica parece esforçar-se por definir pela pressão sobre o sub-consciente.

Ha detalhes nos desenhos e esculturas de loucos que são de uma eloquencia notavel. Si o alienado for um doente sexual, por exemplo, nos seus traçados mais grotescos percebemos claramente essa reminiscencia patologica.

Finalizando a sua palestra, o dr. Osorio Cesar exhibe a presentes alguns dos mais coloridos artisticamente confeccionados pelos loucos a uma estatuetta curiosissima que tem algo de feticismo freudiano.

Fig 119 – A arte dos loucos e vanguardistas. Fonte: Jornal do Estado. 31 ago. 1933.

Desenhos de crianças em paredes

Estudando a psicologia infantil na manifestação das suas molecagens — O dr. Pedro de Alcântara fala-nos sobre a sua conferencia de amanhã

Nós fomos dos primeiros a perceber o interesse da iniciativa do "mês dos loucos e das crianças", tomada pelo Clube dos Artistas Modernos.

Quando muita gente supunha aquilo apenas mais uma blague dos modernistas, nós previmos que o referido mês seria o mais interessante de quantos tem vivido o vibrante agrupamento da rua Pedro Lessa. E a nossa expectativa foi confirmada.

As conferencias realizadas, a ex-

classico "recesso do seu lar" e que se o traga, meio á força, para a luz da publicidade. O Clube dos Artistas Modernos está fazendo isso. Está revelando os estudiosos de S. Paulo, os espiritos curiosos desta terra, a gente que estuda pelo amor ao estudo e não por cabotinismo. E estão surgindo os psicólogos, os psiquiatras, os etnógrafos e mais uma turbamulta que vivia ignorada.

Falamos nos etnógrafos revelados pelo Clube. Este assunto dos desenhos de crianças interessa,

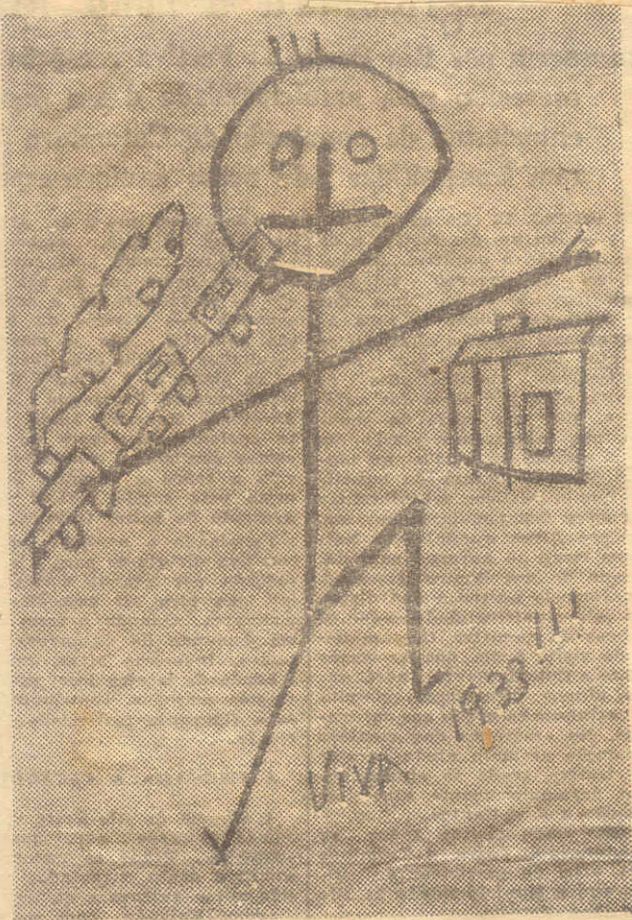
infantis alguns aspectos que permitam uma orientação pedagogica de seu ensino.

O ensino do desenho, entre nós e em toda a parte, aparece viciado pelo proposito erroneo e irrealizavel de se fazer artistas de coeiro. O desenho nas escolas deve visar objetivo muito mais modesto, o de dotar o individuo de mais um recurso de expressão das idéas e dos estados de consciencia na vida comum; isto é, deve ser posto emparelhado com a linguagem escrita. Nunca ninguém cuidou de ensinar literatura nas escolas primarias porque ensinar o desenho artistico?

Esse proposito tem sido o escolhido em que naufragam muitos que poderiam vir a ser possuidores de uma apreciavel técnica, e que pelo aspecto logico e anti-pedagogico dos metodos classicos sofrem uma verdadeira esterilização de seu pendor para o desenho.

Na palestra de amanhã pretendo examinar, entre outros, esse aspecto malefico do ensino do desenho, examinando as causas pelas quais todos nós aprendemos desenho e ninguém fica desenhista.

A palestra se documentará com um material até hoje inexplicavelmente desprezado, constituido pelas desenhos que os garotos pintam nas paredes das ruas".



Desenho tipico de criança, reproduzido de um muro de certa rua de bairro

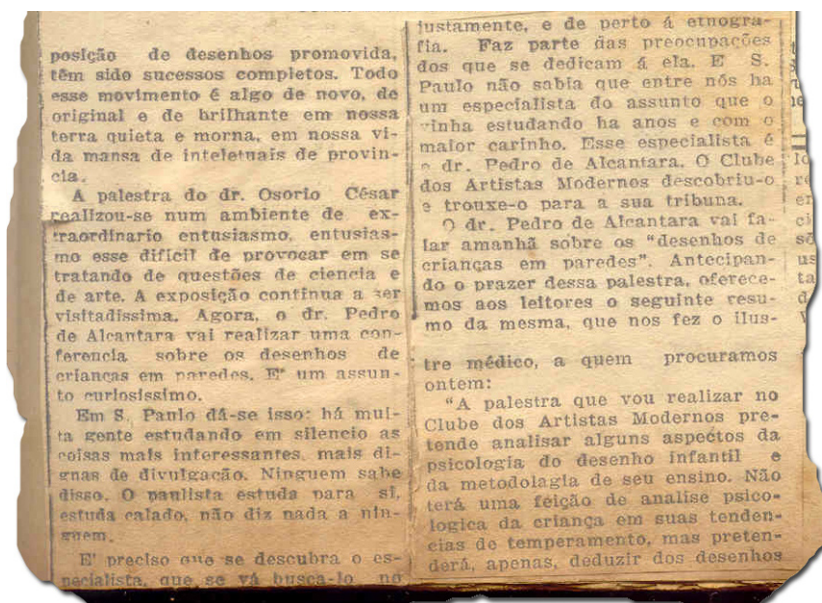


Fig 120 – Desenhos de crianças em paredes. Fonte: Jornal do Estado. São Paulo, 12 set. 1933.

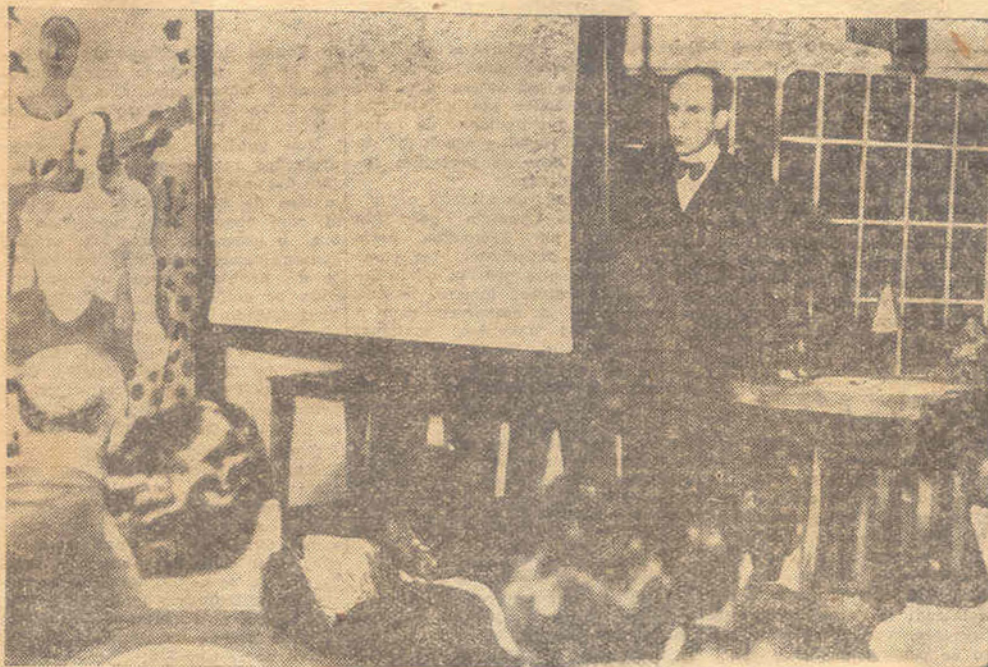
Quinta-feira, 14 de Setembro de 1933

JORNAL DO ESTADO

(Orgão oficial dos poderes do Estado de S. Paulo - B.)

Jornal do Estado
14-9-33
Interpretação de desenhos de crianças

A conferencia de ontem, no Clube dos Artistas Modernos



O dr. Pedro de Alcântara pronuncia, no Clube dos Artistas Modernos, a sua palestra sobre desenhos infantis

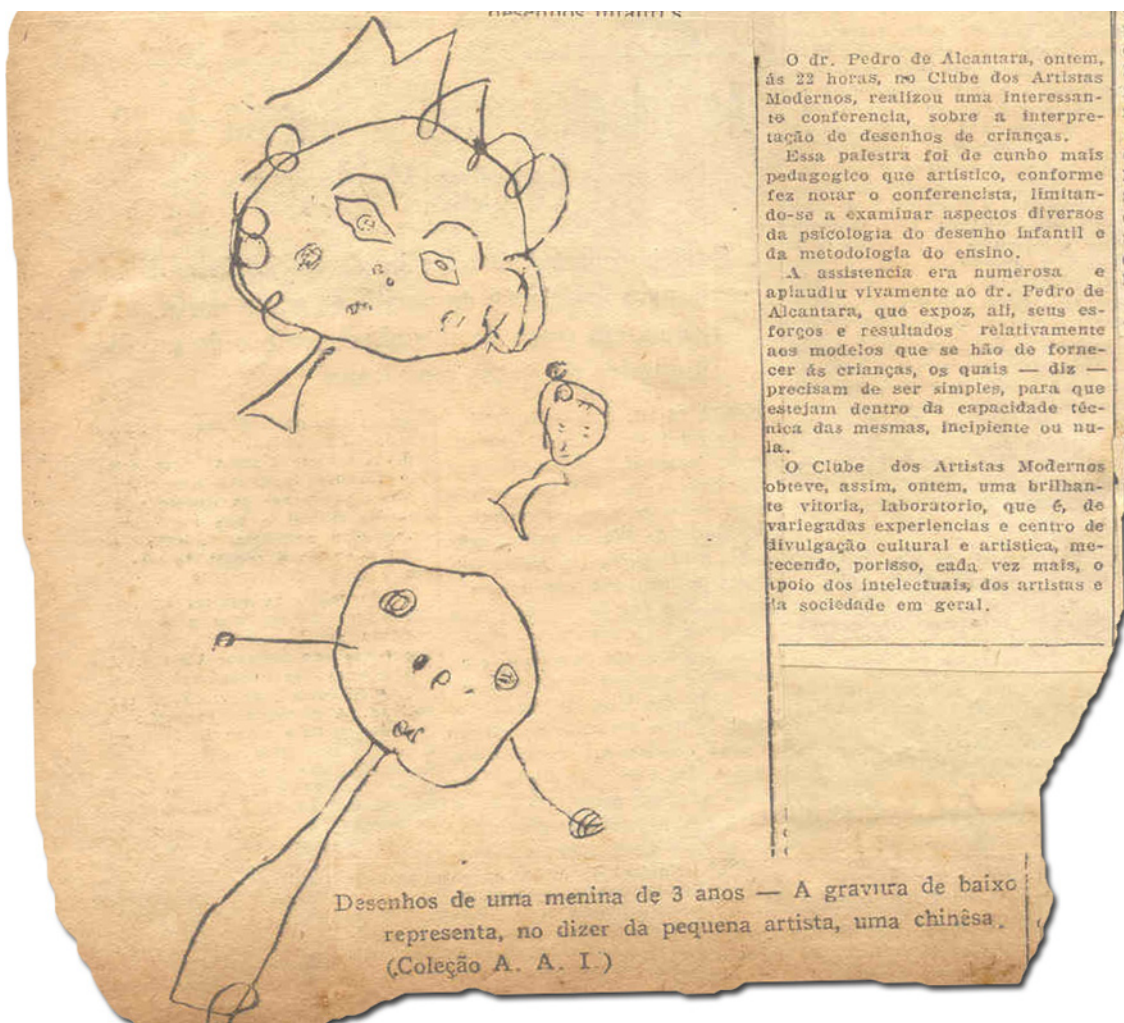


Fig 121 – Interpretação de desenhos de crianças. Fonte: Jornal do Estado. 14 set. 1933.

A psicanalise dos desenhos de doentes mentais

Jornal do Estado
20-9-33

A conferencia do dr. Durval Marcondes, no Clube dos Artistas Modernos

O Clube dos Artistas Modernos, continuando na serie de suas conferencias do "Mês dos loucos e das crianças", deu oportunidade ao seu seleto publico de ouvir ontem o dr. Durval Marcondes.

O conhecido psicanalista pareceu-nos, no inicio da sua palestra, um pouco confuso, exprimindo-se com dificuldade e repetindo a terminologia repisada dos livros, catalogando-se entre os apenas cultos, diversamente dos eruditos, ou sejam os que ao dizerem, extratificam a materia nos achinhos da pre-conciencia, capazes, depois, de dissertar sobre a mesma com personalidade, e destarte conseguindo interessar os ouvintes. O conferencista esqueceu-se de que não se achava numa sociedade scientifica, mas sim artistica, repetindo, de memoria, e auxiliado por pequenas notas, citações de sabor geometrico, comuns aos tratados e inteiramente em choque com o caracter e a finalidade de semelhantes reuniões, proprias á divulgação entre

leigos e curiosos. Não nos pareceu uma palestra de um observador constante das teorias freudianas, pelo uso da linguagem livresca, rebarbativa aos não iniciados no sexualismo, propriedade de ninguém, e que, porisso, exigia uma explicação ao alcance geral, tornando a feição do orador, individualizando-se, por assim dizer, para melhor ser ouvida e compreendida.

No capitulo concernente á simbologia o dr. Durval Marcondes pouco conseguiu dar uma idéa real do fenomeno, a não ser, muito por alto, quanto á parte pratica cinematografica, de exemplos, assim mesmo muito superficialmente.

Reconhecemos que o freudismo é uma cousa complexissima, tornada inda mais difficil atravez a palavra dos maus professores, que se põem a pregar a nova ciencia, sem antes dela se aprofundarem. Não obstante, o Clube dos Artistas Modernos mostrou uma grande boa vontade no sentido de proseguir na sua nobre finalidade, e

o dr.
verifi
conta
se m
perfe
palav

CHI

o dr. Durval Marcondes deve ter verificado que para se por em contato com platêas bisonhas faz-se mister um dom especial e um perfeito conhecimento, tomada a palavra no seu alto sentido.

CHEGOU

Fig 122 - A psicanalise dos desenhos de doentes mentais. Fonte: Jornal do Estado. 20 set. 1933.

A ACTIVIDADE DO CLUB DOS RATISTÁS MODERNOS

Inaugurou-se hontem á rua Pedro Lessa, 2, uma exposição de Cartazes Russes, verdadeira curiosidade para São Paulo pois que mostra como um povo faz a sua propaganda ideologica, e como o cartaz adquiriu um valor psychologico formidável na vida moderna.

INDIOS NA AMAZONIA

No dia 17 ás 22 horas, o sr. Pedro Faber Halemberg falará sobre os Inhay da Amazonia. O sr. Halembeck durante 20 annos passou longos periodos em contacto com os indios de diversas tribus e é um conhecedor amoroso dos sertões.

A VONTADE DE UM POVO

No dia 23, ás 22 horas, o sr. Jayme Adour da Camara palestrará sobre a sua viagem na Russia, discorrendo sobre o thema "vontade de um povo" com referencia á exposição de cartazes.

TARCILA DO AMARAL

No dia 29 a pintora patricia Tarcila do Amaral discorrerá sobre o thema "Arte proietaria".

MEZ DOS LOUCOS E DAS CRIANCAS

Em principios de agosto será inaugurado o mez dos loucos e das crianças, com uma exposição de desenhos de loucos e de crianças, e uma série de interessantes conferencias culminando em uma semana de debates sobre o assumpto.

O psychiatra dr. Osorio Cesar, que está tomando parte na organização deste movimento certamente fará varias conferencias sobre o assumpto. Virá a São Paulo especialmente para realizar conferencias e tomar parte nos debates o dr. Neves Manta um dos mais conhecidos psychiатras do Rio de Janeiro e assistente do professor Roxo. Também tomarão parte nos debates o dr. Octavio Monteiro de Camargo e outros especialistas que oportunamente serão convidados pela direcção do Clube.

Fig 123 – A actividade do club dos artistas modernos. Fonte: O Dia. 13 jul. 1933.



Fig 124 – Marcel Proust, psychanalytica e literariamente, pelo dr. Neves Manta, dia 3, no salão do club dos artistas modernos. Fonte: O Estado de São Paulo. 28 set. 1933.



Fig 126 – Psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes. Pelo dr. Durval Marcondes, no club dos artistas modernos. Fonte: O Estado de São Paulo. 16 set. 1933.



Fig 125 – Interpretação de desenhos de crianças e o seu valor no ensino, pelo dr. Pedro de Alcântara, no club dos artistas modernos. Fonte: O Estado de São Paulo. 13 set. 1933.



Fig 127 – Marcel Preyoust psychanalytica e literariamente, pelo dr. Neves Manta: hoje, no club dos artistas modernos. Fonte: O Estado de São Paulo. 3 out. 1933.

CONFERENCIAS

**"A BROCA DO CAFÉ", PELO
PROF. OLIVEIRA FILHO, NA
SOCIEDADE RURAL BRASI-
LEIRA**

A convite da directoria da Sociedade Rural Brasileira, o sr. professor Manuel Lopes de Oliveira Filho, assistente chefe da secção de entomologia do Instituto Biológico de São Paulo, fará amanhã, ás 16 horas e meia, na sede daquela sociedade, á rua Libero Badaró n. 45, uma palestra sobre a broca do café e os meios a serem empregados para combatel-a.

Tratando-se de um assumpto de grande interesse para a lavoura, dada a maneira assustadora com que se vem alastrando a terrível praga em nosso Estado, e sendo o professor Oliveira Filho uma das maiores autoridades na materia a que tem dedicado longos e pacientes estudos, chamamos para a palestra de amanhã a attenção dos nossos agricultores e das pessoas interessadas.

A entrada será franqueada a quem quer que se interesse pelo assumpto.

**"PSYCHANALYSE DOS DESEN-
INHOS DOS DOENTES MEN-
TAES", PELO DR. DURVAL
MAMEDE, HOJE, NO CLUB DOS
ARTISTAS MODERNOS**

Hoje, ás 21 horas, no salão do Club dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa n. 2, o dr. Durval Marcondes realizará uma conferencia sobre "A psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes", iniciando a sua palestra com uma synthese da theoria de Freud.

**NA FACULDADE LIVRE DE
PHARMACIA E ODONTOLOGIA**

Continuando a série de conferencias organizada pela Faculdade Livre de Pharmacia e Odontologia do Estado de São Paulo, falará, no proximo dia 22, o dr. Edmundo Scala, que discorrerá sobre o thema "Principaes factores que concorrem para a delinquencia".

A conferencia, que é publica, será levada a effeito no amphitheatro daquelle estabelecimento de ensino, á rua Barão de Itapetininga, 21.

CONFERENCIAS

**"A MUSICA COMO FACTOR DE
APROXIMAÇÃO ENTRE OS PO-
VOS", POR D. CONCEPCION FER-
NANDEZ, HOJE, NA SPAM**

Estão despertando o maior interesse as conferencias culturais organisadas pela Sociedade de Arte Moderna, em sua nova sede, á praca da Republica n. 44. Em continuação á série estabelecida, falará hoje, ás 21 horas, a escriptora hespanhola d. Concepción Fernandez, que fará uma palestra sobre "A musica como factor de aproximação entre os povos". Hoje a entrada será franqueada ás pessoas que se interessem pelo assumpto.

**"A ARTE DOS LOUCOS E A
ARTE DE VANGUARDA" PELO
DR. OSORIO CESAR, HOJE, NO
CLUB DOS ARTISTAS MODER-
NOS**

Hoje, ás 22 horas, no salão do Club dos Artistas Modernos, á rua Pedro Lessa n. 2, realisar-se-á a primeira palestra da série intitulada dos loucos e das crianças. O trabalho do dr. Osorio Cesar sobre "A arte dos loucos e a arte de vanguarda", tratando de materia que o autor já estudou em varios livros, destina-se a interessar não somente ao publico em geral como também aos estudiosos.

Ao mesmo tempo, nesse club, será inaugurada uma exposição de trabalhos artisticos de loucos e de crianças.

Fig 128 - A arte dos loucos e a arte de vanguarda, pelo dr. Osorio Cesar, hoje, no Club dos Artistas Modernos. Fonte: O Estado de São Paulo. 30 ago. 1933.

Fig 129 - Psychanalyse dos desenhos dos doentes mentaes. Pelo dr. Durval Mamede, hoje, no club dos artistas modernos. Fonte: O Estado de São Paulo. 19 set. 1933.



Fig 130 – A arte e a psychiatria através dos tempos, pelo professor Pacheco e Silva, hoje, no club dos artistas modernos. Fonte: O Estado de São Paulo. 26 set. 1933.



Fig 132 – A arte e a psychiatria através dos tempos, pelo dr. Pacheco e Silva, dia 26, no club dos artistas modernos. Fonte: O Estado de São Paulo. 22 set. 1933.

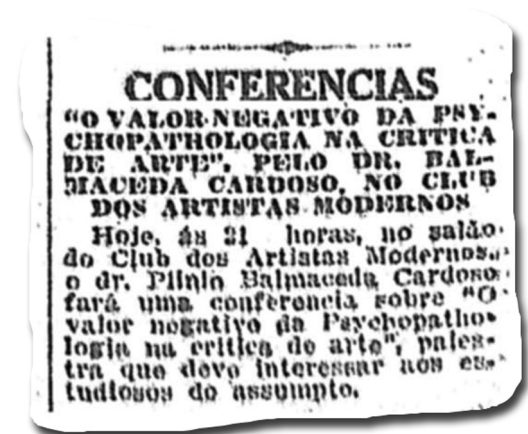


Fig 131 – O valor negativo psychopatologia na critica de arte. Pelo dr. Balmaceda Cardoso, no club dos artistas modernos. Fonte: O Estado de São Paulo. 17 out. 1933.



Fig 133 – No club dos artistas modernos. Fonte: O Estado de São Paulo. 14 out. 1933.

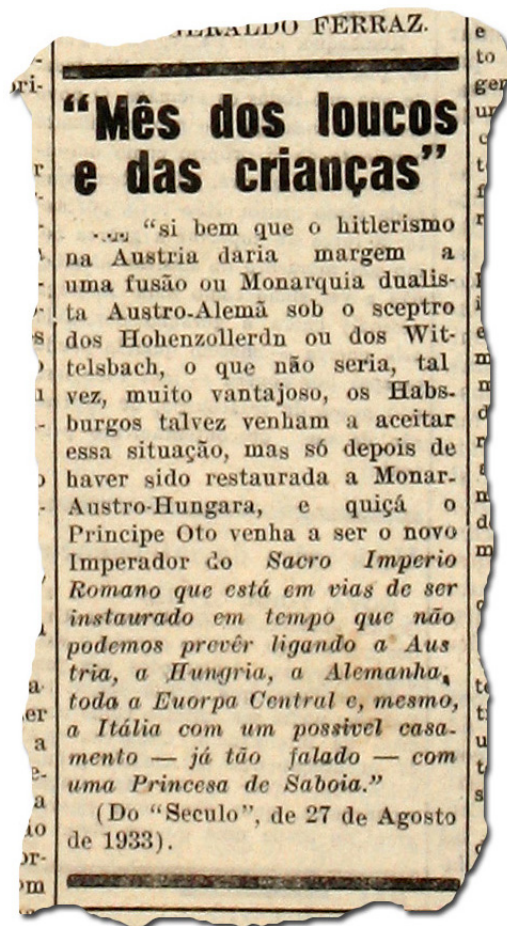


Fig 134 – Mês dos loucos e das crianças.
Fonte: O homem Livre. set. 1933.

da

el-

es-

de

ti-

ca-

de

ais

55,

li-

a

to

te-

o

as,

a

N-

A figura do Bobão grande

Muitos especímenes são assim porem o exemplo que aqui fica especifica a qualidade de bobão de que se trata.

Ele virou moralista da ultima hora. E ao saber que alguma senhorita tinha ido ao Clube dos Artistas Modernos dizia com loquacidade: "Não repita isto nem nenhum outro lugar porque poderão fazer juizo mau da você".

O Clube dos Artistas Modernos! Pensava ele acacionamente que o Clube podia ter a seguinte pintura pessimista:

E' um lugar arredio das vistorias policiais apesar de ter sempre pago seus alvarás que custam os olhos da cara; é um recanto perigoso para a reputação de uma pessoa honesta dste e da. quele sexo; lá passeiam milhares de mulheres de especie vária nuas e de mão no bolso e ás mesmas se chamam modelos; que muito se bebe e canta lá; que é um antro de concentração de gente incrivelmente facinorosa, dos tais de "comunistas". Esse o conceito que fazia o bobóca alçado a conselheiro.

Resposta:

O Clube dos Artistas Modernos, é antro de tudo um laboratorio de experiencias (ver: programa do C. A. M) o Clube dos Artistas Modernos não liga importancia á estupidez de individuos recalçados sejam eles ditos artistas ou açougueiros; que em nossa casa não se racha lenha; que é lugar publico a que frequenta quem paga mensalidade ou 10\$000 e 400 réis nos concertos; que o Clube não dá acesso a cretinos porque não quer mudar o nome de "modernos" para "burros". O resto diz respeito á mãe.

F. M. A.

Tipogr. Frankenthal

Rua José Paulino, 49
Tel. 4-6066

Fig 135 – F. M. A. A figura do bobão grande. Fonte: O homem livre. 14 ago. 1933

19. Revista Anual do Salão de Maio (RASM)



ESTE NUMERO CONTEM:

Um plano de seis anos — Flavio de Carvalho
Manifesto do III Salão de Maio
1912 — Lasar Segall
1917 — Anita Malfatti
Historia da Semana de Arte Moderna — Carminha de Almeida
Ideias de 1922 — Guilherme de Almeida
Verdamarelismo — Cassiano Ricardo
Pintura pau brasil e antropofagia — Tarsila do Amaral
Da doutrina antropofagica — 1928 — Oswald de Andrade
Recordação do Clube dos Artistas Modernos — Flavio de Carvalho
A epopéia do Teatro da Experiencia e o Bailado do Deus Morto — Flavio de Carvalho
Rápida Notícia sobre o Spam — Paulo Mendes de Almeida
1.º e 2.º Salão de Maio — Oswald de Andrade Filho
O que ha de errado na nossa literatura moderna — Luis Martins
O que ha na arquitetura — Rino Levi
Paisagem da musica brasileira — Ciro Monteiro Brisolla
A literatura na minha geração — Sangirardi Junior
Um nome brasileiro na cinematografia mundial —
Catalogo das obras expostas no III Salão de Maio
Notas biograficas dos colaboradores do III Salão de Maio

RECORDAÇÃO DO CLUBE DOS ARTISTAS MODERNOS FLAVIO DE CARVALHO

Di Cavalcanti, Carlos Prado, Gomide e eu, ocupávamos o prédio todo da rua Pedro Lessa, 2, com os nossos "ateliers". Em 24 de novembro de 1932, com o intuito de preencher uma necessidade e por motivos de conveniências, fundamos o Clube dos Artistas Modernos, primeiro andar desse prédio, com as seguintes finalidades: reunião, modelo coletivo, assinaturas de revistas sobre arte, manutenção de um bar, conferências, exposições, formação de uma biblioteca sobre arte, e defesa dos interesses da classe.

Em assembléa geral, fui eleito o seu primeiro presidente.

O prédio situado junto ao viaduto Santa Ifigênia, em pleno vale Anhangabaú, tinha pelos fundos a Guarda-Civil, e como acesso o aspecto napolitano da rua Anhangabaú, entre frutas, imprecções sírias, fileiras de salames, casas suspeitas, molecada suja, pelotões de guardas que entravam e saíam e as sombras dos tabuleiros e treliças do viaduto, que tornavam o ambiente acolhedor e irresponsável.

Os quatro fundadores decidiram pintar, cada um, um painel nas paredes. Houve festa, com vinho e barulhada, a festa se espalhava pelas janelas a fóra e alcançava o passante logo em baixo; Nair Duarte Nunes trouxe um gigantesco bolo que apareceu entre cânticos e gritos estranhos, Noêmia Mourão (então aluna de Di Cavalcanti) foi enviada ao filósofo italiano dono do restaurante ao lado (o nosso restaurante ainda não estava fundado) para a compra de garrações de vinho. Os painéis se prolongaram por uma semana, entre visitas, discussões, dansas ao som do pente com papel de seda e cantos esquisitos, Frank Smit e senhora ofereceram um vodka com pimenta curtido em sapé. Logo apareceu um piano não sei donde e com ele executores. Mais gente veio, Anita Malfatti, Osvaldo Sampaio, etc.... e o Clube dos Artistas Modernos, solidamente fundado, progredia com rapidez.

Alguns pintores iniciaram as atividades com duas noites por semana de modelo coletivo. O ambiente era íntimo e de camaradagem; a cosinha (já uma realidade) e o bar na sala única do Clube, Pacha, uma moça russa... excelente cosinheira, bom vinho (ou máu), música às vezes notável... Me lembro certa tarde, antes de Elsie Houston dar um seu recital, cantávamos e bebíamos: Elsie cantava como nunca

cantou, tinha Segall, seu inimigo Di Cavalcanti, Paulo Magalhães (o de São Paulo) com mania de piano, lírico, cantando valsas do Braz e a "Pomba Rôla" que nostálgica escoava na sala quasi vazia e pelo cair da noite lá fóra, entre os assobios da Guarda e o ruído de um mundo que não era o nosso.

O Clube, que tinha poucos recursos, logo progrediu, espalhou-se tornando-se conhecido, faltava apenas iniciar publicamente a atividade; apareceu uma noite a voz de Adacto cantando ao público, em seguida Pongetti fala atacando Procópio e Procópio contra-ataca, segue-se Elsie Houston com enorme sucesso cantando o seu (nosso) folk-lore e exibindo a sua (então) delicada simplicidade.

Apareceram com grande sucesso dois quartetos de vozes excelentes: o do maestro Tupinambá e o quarteto alemão Klein. O quarteto alemão surgiu numa noite alegre sem ninguém saber como.

Houve música dos mestres da música moderna, por Frank Simt e Camargo Guarnieri, Lavínia Viotti e Ofélia Nascimento. Depois uma série de conferências, Nelson Tabajara fala sobre a China, Tarsila sobre arte proletária (houve violentas e interessantes discussões sobre este assunto), Jaime Adour fala de Bopp; Amadeu Amaral Júnior, Nelson Rezende, Mário Pedroza, Caio Prado Júnior (recentemente chegado da Rússia, na sua famosa conferência onde a assistência se prolongava a mais de 150 metros pela rua), o recital de Maria Paula com a poesia de Bopp, várias exposições como a de Kathe Kollowitz, uma exposição de cartazes russos contendo vida, novidade e interesse.

Organizei então o famoso Mês das Crenças e dos Loucos, com exposições de desenhos, pintura e escultura de alienados do Hospital do Juqueri (1), de crenças das escolas públicas de São Paulo e de particulares, em conjunto com uma série de conferências por especialistas no assunto. Como complemento se realizaria uma Noite dos Poetas Alienados, onde os poemas eram declamados por Maria Paula.

O certamen visava focalizar a importância psicológica e filosófica da arte do louco e das crenças, e mostrar o erro cometido por professores, imbuídos de rotina e ritual, quando corrigem os desenhos de crenças e os adaptam às suas rotinas.

O C. A. M. expôs durante um mês inteiro um verdadeiro panorama dramatizado das espécies, espalhados sobre as pequenas mesas da sala única estava toda a tragédia da vida e do mundo, todos os cataclismos da alma e do pensamento, a dolorosa caricatura de tudo e o drama simples de formas e de cores que tanto faz inveja aos grandes artistas. Era um verdadeiro grito de revolta contra as paredes opressoras e asfixiantes das Escolas de Belas-Artes que corrigindo e polindo procuram sempre impôr aos alunos a personalidade frequentemente mofada e gasta dos professores. A importância da arte do louco e da crença foi definitivamente focalizada, colocando em evidência os fenômenos de associação livre de idéas, a sequência de fatos ancestrais e as formas de uma evolução longínqua.

(1) — O dr. A. C. Pacheco e Silva, nessa ocasião diretor do Juqueri, teve a amabilidade de nos emprestar as coleções desse hospital.

Pedro de Alcântara falou sobre "Interpretação dos desenhos de crianças e o seu valor na pedagogia", Osório Cesar falou sobre "A arte dos loucos e vanguardistas", A. C. Pacheco e Silva sobre "A arte e a psiquiatria através dos tempos", Durval Marcondes sobre "Psicanálise dos desenhos dos psicopatas", Fausto Guerner sobre "O louco do ponto de vista da psicologia geral". Os debates após as dissertações foram animados e às vezes violentos.

Nessa época o Clube infiltrado de elementos da extrema esquerda política, alguns que nada tinham a ver com arte, apresentava um aspecto variado eminentemente pitoresco. Debatia-se em torno de tudo, mesmo as coisas que mais apelavam para a concordância, era absolutamente impossível fazer uma afirmação que ficasse em pé, por mais positiva, inocente e simples que fosse; toda e qualquer idéia era esvaçada e destruída ou pelos elementos cépticos ou pelos elementos cuja índole ou forma política exigia essa exibição de sadismo. A direção do Clube, imbuída de liberalismo, acatava a polêmica arriscando com frequência o desacato.

A medida que o ciclo de conferências avançava, a agitação era maior e mais pitoresca e variada a assistência. Me lembro certa vez quando Nelson Tabajara na sua palestra atribuía aos missionários boa parte dos males da China; um missionário que lá se achava saindo precipitadamente e zangado derrubou o whisky do sr. André Dreyfus.

Ninguém se sentia constrangido e as objeções eram feitas com a maior candura e simplicidade — magnífico material para estudo social.

As dissertações eram franqueadas ao público e logo começaram a aparecer elementos provocadores que se aproveitavam da boa-fé de todos, habilmente deturpando com palavras de ordem política, as reuniões até então das mais agradáveis. Os homens prostituíam à política o cérebro e as suas idéas. Era o início da decadência do Clube dos Artistas Modernos; as conferências se tornavam mesquinamente turbulentas, ora perturbadas pela solenidade de elementos da direita, ora pela exuberância partidária de elementos da esquerda. Havia desaparecido tudo aquilo quanto pôde ser chamado belo na ação pelo raciocínio, isto é, a capacidade que tem o homem de submeter as suas emoções às conclusões frias e duras do raciocínio, independente das suas idéas do passado.

A turbulência e a depreciação — nos momentos mais felizes — às vezes era tão pronunciada que desabrochava em franca e gostosa brincadeira: meninos e meninas brincando alegremente em torno de um conferencista, como aconteceu com o sertanista Halembeck (o homem que se fotografava com barbas postiças de longo estágio no sertão), que não pôde terminar a sua maçante palestra com pretensões a dicionário, sendo raptado por um bando de mascarados, embrulhado e amarrado em um grande lençol branco que empunhava festivamente Salvador Piza Filho, quando momentos antes brincava de assombração com o conferencista. Posteriormente foi o conferencista benzido e untado com espírito de vinho e mostarda.

Contudo, o Clube de Artistas ainda apresentava coisas, já se discutia a criação do Teatro da Experiência. Jorge Amado com a simplicidade que o caracteriza falou sobre a "Vida na fazenda de cacáu", Galeão Coutinho sobre "Elogio à Usura", Osvald de Andrade leu para uma sala entulhada de gente com grande sucesso e certo

escândalo trechos da sua peça "O Homem e o Cavalo" (peça que provavelmente seria representada no Teatro da Experiência se este continuasse aberto). Agripino Grieco, mais mordaz do que nunca, e sem dúvida encorajado pelo ambiente distribuiu dosagem alta de veneno a uma assistência quasi igual à da palestra memorável de Caio Prado Júnior; o tenente-coronel Regalo Braga também falou sobre índios e chavantes, e trouxe esta noite para o Clube numeroso contingente de sertanistas irritados; entre eles se encontrava o famoso Hermano Ribeiro da Silva que negava categoricamente as afirmações do coronel.

Entre os acontecimentos mais interessantes do Clube se destaca a palestra do pintor mexicano David Alfaro Siqueiros. Siqueiros fez parte do grupo da renovação mexicana, o grupo de Rivera (antes de brigar com Rivera)... aquele grupo que pintava afrescos nas paredes externas da cidade do México.

Tipicamente artista, alto, massiço, cabeleira negra, era — coisa pouco comum entre os artistas — grande orador, falava horas inteiras com um improviso vigoroso e imaginativo e sem cansar o público... Siqueiros empolgava a assistência, formava um verdadeiro campo magnético no auditório e conservava esse campo magnético com o mesmo potencial durante as horas que duravam as suas orações, nunca em nenhum momento esmorecia, como costuma acontecer com os altos e baixos do orador normal.

Ele era mais exuberante como orador que como pintor, tinha-se a impressão que a sua oratória emanava da sua pintura, era uma consequência e uma continuação da pintura, vinha como o sublime acabamento da pintura. Ele não falava para explicar mas sim para acabar uma coisa que ele havia começado plasticamente. A oratória era em Siqueiros o fim de uma luta, o último ato de um espetáculo, mas evidentemente uma "finale" que não podia ser expressa plasticamente, que só era visível em palavras.

Siqueiros era político e o seu vigor em oratória provinha das suas condições políticas; o ambiente irreverente, irresponsável e livre, do Clube, o inspirava. Ele sentia-se bem entre nós.

As suas idéas políticas só uma ou outra vez afetaram a côr e a forma dos seus argumentos — coisa rara entre elementos radicais.

A forma da sua oratória se parecia com a forma da sua pintura: grande imaginação, grande exuberância, dantesca em tonalidade, forte e definida em emoção.

A assistência imóvel, hiptonizada, sem o menor sinal de cansaço, escutou Siqueiros durante quatro horas.

A atitude política para com o Teatro da Experiência prejudicava o Clube dos Artistas Modernos... A chamada para a eleição do novo presidente ninguém respondeu, uma segunda chamada quatro ou cinco membros elegeram o sr. Agostini Filho. O novo presidente, com o fechamento do Teatro da Experiência, não conseguiu manter o Clube aberto.

O que mais caracteriza o comportamento dos artistas como classe é a flutuação brusca das emoções, sem o devido controle do raciocínio. As emoções saltam de um polo a outro em espaços de tempo pequenos, abaixo do normal. Ele é um selvagem, pula da tristeza à alegria, do ódio ao amor, do prazer à repulsa, com a mesma facilidade com que saltamos de um ônibus. E quando ele se mantém em um estado neutro e nivelado, de aparente pacividade sonhadora, é um recalcado esperando o momento propício para despejar bruscamente o seu armazenamento de recalques. Isto acontece sobretudo com os melhores artistas, aqueles que mais se dedicam e mais se gastam na sua pintura, todos eles têm uma obceção dominante qualquer, bem marcada e definida, irradiando de um jogo de complexos de inferioridade.

Essas observações (que encontram a sua polarização no surrealismo) não se aplicam ao artista abstracionista, que dia a dia caminha pra uma forma pura de mentalismo.

São eminentemente sinceros, sarcásticos, críticos e creanças, nas suas observações e contacto com o mundo, e possuem uma visão global das coisas, pronunciada, sem dúvida proveniente do seu treinamento na pintura, do seu modo de enxergar pictoricamente as coisas, se agitam e se manifestam movidos por imagens visuais e associações livres de idéas que acionam como reagentes.

Vivem uma vida interior intensa.



Nelson Tabajara de Oliveira quando realizava no "Clube dos Artistas Modernos" uma conferência sobre a China.

Fig 136 – Recordação do clube dos artistas modernos. Fonte: Revista Anual do Salão de Maio. 1939.

rumor

nesto numero

carlos sussekind de mendonça ■ republicanos, communistas e catholicos
sergio milliet ■ liquidacão
carlos lacerda ■ eça de queiroz falou
paul gavaux ■ autographo

todo o mez
movimento universitario
educacão
livros novos
para saber quaes os melhores livros brasileiros
respostas de gilberto amado, affonso arinos de
mello franco, antonio de alcantara machado e
wellington brandão
visto nos cinemas (reportagem do gato felix e
de camondongo mickey)

amostra ■ comparacão ■ gazeta ■ pin-
gente ■ livros de caio prado junior,
afranio peixoto, jorge de lima, etc. ■ o
livro que nasceu sosinho ■ falam diversos
oradores ■ congresso da c. i. a. d. e. ■
onze de agosto ■ aposta ■ club dos
artistas modernos ■ estudo pro samba
(letras do salgueiro) ■ festa ■ fallencia ■
annuncio ■ exposicão lasar segall ■
k. k. k. ■ etc.

publicacão do servico de publicidade e
divulgacão da casa do estudante do brasil
redactores:
carlos lacerda -- rui costa
jayne assis almeida
redacção:
largo da carioca 11-2°
rio de janeiro — brasil
este jornal não se responsabiliza pelos
conceitos emitidos em artigos
assignados

publicidade
cruzeiro limitada
r. s. pedro 62-3°
tel. 4-0844

400 rs.

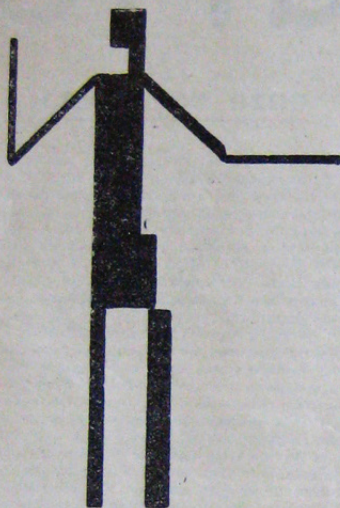
assignatura annual: 6\$000



club dos artistas modernos

um laboratorio de experiencias para a arte moderna

s. paulo (correspondencia para rumo)



em s. paulo. na rua pedro lessa numero 2, com telephone: 40319. tem um curso de desenho do pintor antonio gomide (base cubista). teve uma exposiçao de cartazes russos. uma palestra de jaime adour da camara "a vontade de um povo". jaime adour da camara é o autor de "oropa, frança e bahia", o livro de viagens que não parece outra palestra delle sobre "o sentido anthropophagico da poesia" de raul bopp teve uma fala de tarsila do amaral, sobre "arte proletaria", com apresentação de discos de musica da u. r. s. s. teve exposições, mostras, palestras, conferencias, conversas. e agora tem a semana dos loucos e das crianças. desenhos da turma do hospicio de juquery e da garotada de todos os logares. a arte solta, a imaginação allucinante, sem freio na boca, sem algemas, sem ferraduras. desabalada. nas crianças e nos loucos, o mesmo desejo de conseguir todas as coisas sem respeitar convenções ignoradas ou esquecidas. desprezadas.

sobre os desenhos dos loucos um homem intelligente de s. paulo disse isto, na "a platéa":

"respeitavel publico! ha uma arte interessantissima, curiosissima, uma arte capaz de produzir fundas impressões a quem a admire, uma arte desvalrada, mas por isso mesmo attraente, uma arte que nos prega surpresas a cada momento. essa arte os senhores a desconhecem por completo. é a arte dos loucos. é preciso que os senhores travem relações com ella,

quando mais não seja para perder a convicção errada de que a loucura é uma grande noite sem estrellas. venham vêr quanta beleza se desprende das mãos dos pensionistas dos juquerys e se espalha sobre o papel branco. venham abandonar essa presumpção inabalavel de homens normaes e procurem convencer-se de que a normalidade commum — porque a absoluta não existe — é o que se chama, em bom latim, de "aurea mediocritas"...

e sobre os desenhos de crianças: "esta é tão interessante quanto a primeira e tão desprezada quanto ella. principalmente entre nós. aqui ninguem se interessou ainda por isso. as creanças fazem os seus desenhos e os papeis em que elles foram traçados vão para a lata do lixo. ás vezes, apenas, um papá qualquer se encanta com as habilidades do petiz e manda enquadrar a obra prima. mas não foi com intenção scientifica. foi um movimento sentimental.

entretanto, é claro, insophismavel, indiscutivel o valor que esses desenhos encerram. ninguem ignora que os individuos reproduzem, no seu crescimento, as phases de evolução das sociedades, e já é tambem do dominio publico as relações entre os desenhos de creanças e as manifestações artisticas dos primitivos.

naquelles desenhos realizados espontaneamente, com o intuito de brincar, de se divertir, e não nos desenhos feitos em classe, sob a vigilancia do professor, é que a creança põe muito e muito da sua psicologia. esses desenhos traçados sem preparação anterior, sem preocupação de copiar um modelo, sem cogitação de beleza são documentos de como a creança vê o mundo, daquillo que para ella é essencial e daquillo que ella considera accessorio.

e não raro esses pontos de vista são, nos garotos, diametralmente oppostos aos dos adultos."

laboratorio de experiencias para arte moderna é como o team do club de arte moderna chama esse club. elle é mais que isso. não. elle é isso mesmo. e basta. e já é muito. e já é tudo.

onze de agosto

continuação da pag. 15

veja-se estas emendas: haverá tambem uma universidade na provincia de minas geraes, em villa nova da rainha de cacté — gomide. — haverá nas cidades de olinda e s. paulo um curso juridico e outro philosophico — araujo linia. — proponho que a haver uma unica universidade no sul esta se estabeleça na cidade de marianna — teixeira gouvêa. pereira da cunha propoz uma universidade no maranhão, outra na bahia, um collegio de sciencias naturaes em s. paulo, outro em marianna, um collegio da faculdade de leis e philosophia e uma cadeira do primeiro anno mathematico em olinda. carneiro da cunha achava que a séde devia ser na parahyba: clima moderado, abundancia de viveres, todas as commodidades para a subsistencia e nenhuma distração ou divertimentos, povo simples de costumes mui singelos, onde não ha theatro nem dissipação de qualidade alguma. alguns deputados propunham que a séde da universidade devia ser o rio, allegando entre outras coisas, que aqui se conservava melhor a pureza da lingua, pois sempre se falou o idioma nacional nas côrtes.

afinal venceu a proposta da criação de universidades e cursos juridicos em s. paulo e olinda. poucos dias depois a assembléa constituinte foi dissolvida summariamente pelo imperador.

em 1825 pedro primeiro assignou o decreto, referendado pelo ministro estevam ribeiro de resende, creando provisoriamente um curso juridico no rio de janeiro, com as convenientes cadeiras e lentes necessarios.

o projecto de estatutos, organizado pelo visconde da cachoeira, tem a data de 2 de março mas só foi publicado com a lei de 11 de agosto de 1827, que creou os cursos de sciencias juridicas e sociaes nas cidades de s. paulo e olinda.

INSTITUTO DE ENSINO SECUNDARIO

Rua do Ouvidor, 189 - 3.º e 4.º andares
(Elevador) -- Telefone 2-9511

Diretor: DR. FREDERICO RIBEIRO

Cursos de Admissão e Seriados Oficializados -- Habilitação a 4.ª Serie.
Vestibulares às Escolas Superiores
Professoras officiaes de notoria competencia e tirocinio

CHAPÉUS CAMISAS CAPAS
PERFUMARIAS PV

© CAMI

PARA ESTUDANTES R. ASSEMBLEIA 20-32

Fig 137 - Club dos artistas modernos: um laboratório de experiências para a arte moderna. Fonte: Rumo. ago. 1933.

rumo

nesto numero

La joie de connaitre ■ Robert Garric
Poema ■ Jorge de Lima
Reflexões a esmo sobre o drama da geração ■ Sergio Milliet
Os estudantes cubanos ■ José Sergio Velasquez
3 poemas ■ Murillo Mendes
Mosquitos inconvenientes ■ Carlos Lacerda
Mal ■ J. B. Guerra
As universidades contra a guerra ■ Harold Seedeman
Vinde ■ Wellington Brandão

exposição Di Cavalcanti
Eça de Queiroz de novo
todo o mez
para saber quaes os melhores livros brasileiros:
resposta de Ascenço Ferreira, resposta de Mario
de Andrade a Affonso Arinos de Mello Franco
artigo em Etc. - Etc...
livros novos
educação
movimento universitario
congresso leigo academico

explicação ■ o magro ■ derrapagem ■ feira desigual,
dante costa ■ poemas, de matheos de lima ■ una mujer
para un dia de primavera ■ viagem ■ a dona ausente ■
o doutor ■ quinze dias ■ programma ■ congresso
da c. i. a. d. e. ■ a tragédia que sahiu do cubiculo ■
crianças-artistas, loucos-artistas ■ ensaio de psycho-
logia e de pedagogia do desenho infantil ■ etc.

linoleum de maria clemencia
ilustrações de:
di cavalcanti
paulo werneck
rui
flavio de carvalho
carlos frederico
etc.

publicidade
cruzeiro limitada
r. s. pedro 62-3°
tel. 4-0844

400 réis

assignatura annual: 6\$000

este numero é para commemorar a
quinzena da casa do estudante do brasil.

rio de
janeiro
setembro
e outubro
de
1933
anno 1
n^{os} 5 e 6



publicação do serviço de publicidade e
divulgação da casa do estudante do brasil
redactores:

carlos lacerda -- rui costa
jayne assis almeida

redacção:

-- largo da carioca 11-2°
rio de janeiro -- brasil

este jornal não se responsabiliza pelos
conceitos emitidos em artigos
assignados

crianças - artistas d o i d o s - a r t i s t a s



S. Paulo — O Club dos Artistas Modernos, espécie de colmeia dentro de S. Paulo, organizou uma larga exposição de desenhos de loucos do Juquery e de crianças de toda parte. Essa exposição durou um mez que foi chamado "o mez dos alienados e das crianças", bonita aproximação porque reúne as duas classes de pessoas que vivem na libertação mais completa: uma porque já se livrou da escravidão, outra porque ainda não foi na onda.

No programma da exposição estavam incluídas conferencias, cada qual mais interessante. E ainda estão sendo realizadas essas conferencias. No dia 13 passado, "interpretação dos desenhos de crianças e o seu valor pedagogico", pelo dr. Pedro de Alcantara. No dia 19, "psychanalyse dos desenhos dos psychopaths", pelo dr. Durval Marcondes. No dia 26 que vem, "a arte e psiquiatria através os tempos", pelo director do Instituto do Juquery, dr. A. C. Pacheco e Silva. No dia 3 de outubro, "marcel proust literaria e psychanalisticamente", pelo dr. Neves Manta. No dia 10 de outubro, "o louco sob o ponto de vista da psychologia geral", pelo dr. Fausto Guerner. No dia 17 de outubro, "a musica nos alienados", pelo sr. José Kliass. Essas conferencias serão depois editadas pelo Club dos Artistas Modernos, que fará uma bonita edição illustrada com desenhos de loucos e de crianças.

Mas porque desenhos de loucos e de crianças? foi a pergunta que as pessoas mal-avisadas fizeram aos organizadores da exposição. Então Flavio de Carvalho, o padrinho do Club dos Artistas Modernos explicou: "os desenhos das crianças, quando não são estupidamente controlados pelos professores, têm uma

importancia que ainda não apreendemos bem. Porque trazem para a nossa meditação todo o drama animico dos homems das cavernas, do *epithecantropus erectus* e a magnifica agitação de uma fauna incrivel, que mal podemos visualizar



esculptura de um louco do Juquery

e acreditar". E os desenhos dos alienados? perguntaram ainda. O autor da "experiencia n.º 2" explicou: "Os desenhos dos alienados indicam o caminho para encontrar a genesis da tortura immensa que sacode a alma do louco". Mas, voltando aos desenhos infantis, Flavio de Carvalho explica que o dr. Pacheco e Silva pretende que os desenhos da criança, quando são espontaneos, recordam toda a animosidade da espécie, mais ou menos como do mesmo modo como o desenvolvimento do feto recorda

todas as phrases da evolução das espécies, "e parece ser o livro de uma historia que não está mais ao nosso alcance".

"— Os desenhos infantis — informa o architecto Flavio de Carvalho — não são uma simples manifestação fantasiosa, sem nenhuma expressão mais profunda. Quando se livram da influencia do professor, esses desenhos têm antes de tudo profunda importancia psychologica, porque elles são uma forma de associação livre de idéas, trazendo á tona a sequencia de factos ancestraes as formas de uma evolução longinqua, alguns delles realizando uma coisa como um panorama das espécies. Parece que a criança, impulsionando livremente o lapis, desdobra toda a tragedia da vida e do mundo, todos os cataclysmas da alma e do pensamento. Ella vê a dolorosa caricatura de tudo e dramatiza numa simplicidade de formas e de cores que faz inveja aos grandes artistas."

Realmente a gente sabe que os artistas, muitas vezes, não conseguem aquelle poder de imaginação desenfreada que a criança possui. Por isso é que Flavio de Carvalho conclue, com vasta razão: "Os verdadeiramente grandes artistas se parecem com as crianças nas suas invenções, possuem uma espontaneidade inconsciente em cor e forma, sem a preocupação dos "trues" dos prestigiaditadores das escolas de bellas artes. A função dos professores de desenho e de escolas de bellas artes tem sido quasi sempre abafar ou matar qualquer surto de originalidade que apparece na fantazia da criança. Individuos quasi sempre mediocres, estes professores gostam de impor á criança a sua personalidade gasta e empoeirada".

Por isso é que houve um grande mérito na exposição do Club de Artistas Modernos. Ali appareceram os desenhos das crianças e dos loucos com uma espontaneidade absoluta, e um completo desinteresse pelas formas rígidas da arte academica. Imagine-se uma criança solta no salão de Bellas Artes!

Fig 138 - Crianças-Artistas, doidos-artistas. Fonte: Rumo. set/out. 1933.

ensaio de psychologia e de pedagogia do desenho infantil

O dr. Pedro de Alcantara falou, no Club dos Artistas Modernos de S. Paulo, durante o mez das crianças e dos loucos, sobre os desenhos das crianças. Aqui está o resumo do que elle disse. Resumo feito para "rumo".

O desenho pode e deve ser equiparado á linguagem como um recurso, aliás universal, de expressão de nossos estados de consciencia, e como tal devia ser ensinado nas escolas, á semelhança da linguagem escripta. Na organização escolar do ensino, porém, elle é ensinado como desenho technico nas escolas profissionaes, e como desenho artistico na totalidade das escolas primarias e secundarias. Por mais louvavel que seja o proposito de fazer, de creanças, artistas, essa orientação tem fracassado, pois toda gente aprende desenho e ninguem fica sabendo desenhar. Isto se deve a que o desenho requer um substracto technico, a educação da vista e da mão, de aquisição longa e difficil, sem o qual não ha desenho e muito menos desenho artistico. Ensinar o desenho-arte ao mesmo tempo que esse substracto é ensinar ao mesmo tempo a voar e a engatinhar. Nas escolas dever-se-ia ensinar apenas o substracto, isto é, o desenho como recurso de expressão, auxiliar da linguagem falada e escripta, sobretudo no que esta tem de mais deficiente que é a descripção da forma; desenho para as necessidades da vida diaria, emfim. O desenho artistico ficaria para os bem dotados, como o fica a linguagem artistica, isto é, a literatura e a poesia.

A historia do ensino do desenho mostra o quebra-cabeças que tem sido a elaboração de um methodo que concilie as duas leis segundo as quaes a capacidade technica evolúe do simples para o complexo, e o interesse pelas cousas evolúe do complexo para o simples, sendo a creança no inicio capaz de se interessar só por modelos complexos e capaz de realizar só modelos simples. Uns, como Quenieux e Ravaisson propuzeram methodos partindo do complexo para o simples; outros, como Guillaume, methodos partindo do simples para o complexo, das linhas geometricas para a figura humana. Todos elles fracassaram, por isso que só obedeciam a uma das pontas do dilemma, e era preciso obedecer a ambas. Braunschwig tentou uma conciliação, dando modelos reaes que se aproximassem da regularidade geometrica, hastes de trepadeiras, folhas de arvores, laranjas, peras. Mas real não é synonymo de complexo, e o methodo não deu o rendimento esperado.

O autor imaginou esclarecer o problema com o auxilio da analyse dos desenhos infantis. Evitou os desenhos escolares por causa da deturpação decorrente da influencia do ambiente; preferio utilizar-se dos desenhos das paredes das ruas, que, pela ausencia das influencias perturbadoras, devem apresentar um maximo de expontaneidade, de naturalidade, de ingenuidade mesmo.

Taes desenhos revelaram uma predominancia absoluta da figura humana, nas quaes o autor realizou sua analyse. A porcentagem de figuras incompletas é grande, possivel consequencia de uma incapacidade de retenção do modelo na

Fig 139 – Ensaio de psychologia e de pedagogia do desenho infantil. Fonte: Rumo. set/out. 1933.

largo da carioca, 11 - 2º

rio de janeiro - brasil

RUMO

nesto numero

Leonidas de Resende — Hypertrophie economica e politica

José Vasconcelos — Integração primeiro

Alberto Guillén — Elegia a un soldadito muerto

Dante Costa — Conversa sobre literatura

Murillo Mendes — 2 poemas

Carlos Lacerda — Chega!

anno 2
numero 7

redactores:

carlos lacerda

jayme assis almeida

rui cost

Waldo Frank no Rio —
presença de RUMO — Steinlen — Collapso
O contrario de Babbitt —
por exemplo — Mais valia — João Ribeiro —
Radio — Porção de verdades — Educação —
Para quando o ensino gratuito? —
Desenho — Livros novos — Paraíso —
Literatura na stratosphera — N. I. R. A. —
Estadista —
Exposição de Paris —
Communimo versus fascismo correspondencia
de Nova York —
etc.

publicação da casa
do estudante do
b r a s i l

desenhos
de:
Di Cavalcanti
Portinari
etc.



des. de kaethe kollwitz

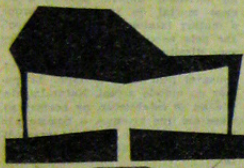
400 rs.

assignatura annual

12\$000

educação

“é uma incoherencia, além de ser uma injustiça que se pague ao soldado para aprender a arte de matar e se cobre ao estudante para aprender a arte de viver.”



ministro washington pires
caricatura de paulo affonso
para rumo

com estas palavras o jornalista nobrega da cunha recebeu o ministro da educação no congresso revolucionario.

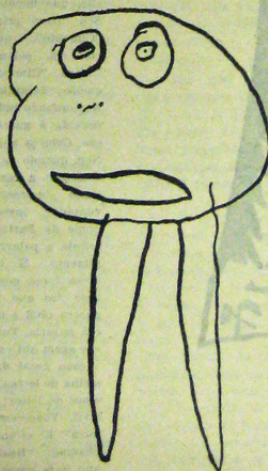
para quando o ensino gratuito?

desenho

Os leitores de rumo acompanharam, pelas correspondências enviadas de S. Paulo, o que foi ali o mês das alienados e das crianças, em que foram expostos desenhos de loucos e de crianças. Loucos do Juquery e crianças de toda parte. Recebemos alguns pedidos de informação sobre a bibliographia referente a esses assumptos. Sobre a arte dos loucos já existe, publicado recentemente, um livro do dr. Théodore César, que estudou profundamente o assumpto. Sobre o de crianças não existe, segundo parece, nenhuma obra completa em portuguez. Esperemos pela publicação das conferên-

cias técnicas do assumpto, a serem editadas pelo Club dos Artistas Modernos de S. Paulo.

Hoje publicamos dois desenhos de crianças: Tixe, de 5 annos e outra de 8 annos, ambos para rumo. Em ambos a imaginação andou solta sem intervenção de paes, padrinhos, professores, amigos da familia. Resultado: a imagem simplista do homem e a concepção de um homem complicado saíram ambas com uma espontaneidade admiravel.



CURSO

ANDREWS

Praia de Botafogo

308

Rio de Janeiro

leia

“26 poemas”
de Aderbal Jurema e
Odorico Tavares

Fig 140 – Desenho. Fonte: Rumo. nov. 1933.

**Anexo C – A psicanálise dos desenhos dos psicopatas
– Durval Marcondes (1933)**

REVISTA
DA
ASSOCIAÇÃO PAULISTA
DE MEDICINA

REDATORES:
DR. J. BARBOSA CORREIA - DR. J. E. SANTOS ABREU - DR. DURVAL MARCONDES

VOLUME III

Outubro de 1933

NÚMERO 4

SUMÁRIO:

A psicanálise dos desenhos dos psicopatas. Dr. Durval Marcondes	175
Cataplexia narcoléptica provavelmente encefalítica. Prof. E. Vampré e Drs. Petraglia Sobrinho e Jonas Ribeiro	183
Distúrbios na condução aurículo-ventricular nos surtos reumatis- mais agudos. Drs. Jairo Ramos e J. Otávio Nébias	190
Tratamento da teníase pela via transduodenal. Dr. Cesário Matias	198
Forma cística do câncer pulmonar. Drs. J. Roberto Pires de Campos e Paulo de Almeida Toledo	203
Teses	211
Pelas revistas	215
Reuniões	222

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: PRÉDIO MARTINELLI - 13.º ANDAR - CAIXA POSTAL 2103
SÃO PAULO - BRASIL

Laboratorio Paulista de Biologia

Rua Tymbiras N. 2 e 4

Caixa Postal, 1392

SÃO PAULO

PALUDAN Feliz associação do quinino, azul de methyleno e arrhenal. Para o tratamento radical do **paludismo agudo e chronico**.

AMPOLAS de 5 cc. para adultos e 2 cc. para crianças. Injecções endovenosas e intramusculares.

COMPRIMIDOS. Cada comprimido contem gr. 0,20 de sulfato de quinino associado a azul de methyleno e arrhenal.

ASPIR Citrobismuthato de sodio, activo em todos os periodos da syphilis. Não produz estomatites nem albuminuria.

AMPOLAS de 2 cc. para injecções intramusculares, cada 3 dias

IODAMINA Combinação organica de iodo bem tolerada pelo organismo

ELIXIR de gosto agradável (2-3 colheres das de sopa ao dia) e

AMPOLAS (injecções diarias).

Em todos os casos em que é indicado um tratamento iodico.

Iodo-bismuthato de quinino Sal insolúvel de cor vermelha, que contém 20 % de Bi-metallico. Acção prompta e segura na syphilis.

AMPOLAS de 2 ½ cc. Injecções intramusculares com 3-4 dias de intervalo.

SULFOMERCOL Sulfureto de Hg. colloidal, estável, indolor, não mancha a pelle.

AMPOLAS de 1.º e 2.º grão. Injecções em dias alternados.

GLYCONATO DE CALCIO Em solução de 10 %, preferido porque não é caustico, não determina reacções e não augmenta a retenção chlorurica. Nos tuberculosos melhora o estado geral.

Permite um tratamento calcioterapico prolongado.

RADIOVITAMINA Producto alimentar e terapeutico que contem malte e oleos irradiados por raios ultra-violetas. Acção antirachitica, 3 colheres das de sopa, por dia.

CHLOROVITA **ELIXIR** vitaminado de chlorophylla, agradável ao paladar, regenerador do sangue, estimula as glandulas endocrinas. Tres colheres, das de sopa, por dia.

SORO FERRUGINOSO ARSENICAL **AMPOLAS** contendo ferro, arsenico e estricnina. E' um tonico reconstituente ideal. Cx. 12 **AMPOLAS** de 2 cc. Injecções diarias.

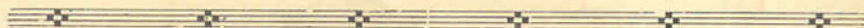
SORO NEVROTONICO Cacodylato, glycerophosphatos e estricnina em amp. de 2 cc. E' um tonico do systema nervoso. Injecções diarias, não dolorosas.

ENDOHEPATINA Extracto de figado glycerinado, para os nervos methodos dieteticos de tratamento das anemias, 3 colheresinhas, das de café, por dia.

EQUISEROL **XAROPE** de soro de cavallos submettidos a frequentes sangrias. Tres colheres, das de sopa, por dia.

HISTOCALCIO **COMPRIMIDOS** de sais de calcio associados a extractos opotherapicos, que fixam o calcio no organismo. Indicado na mineralização dos tecidos. 2 a 4 comprimidos por dia.

OVIFOSFIL **AMPOLAS** injectaveis de lecithina das gemmas de ovos. Reconstituente das cellulas nervosas. Cx. 12 **AMP.** de 2 cc. Injecções diarias.



TRATAMENTO
MODERNO
DELA

Cholinotherapia



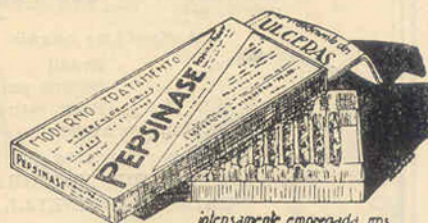
Laboratório Pelosi
AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 14
SAO PAULO

Uma injeção de SINKOL
cada dois dias,
produz na tuber-
culose um melhora-
mento rápido.

MODERNO
TRATAMENTO
DAS

HYPERCHLORHYDRIAS
E ULCERAS GASTRICAS
PELA

Pepsinotharapia



Produto do
LABORATÓRIO "HYPODERMIA"
"PELOSI"
AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 14
SAO PAULO

intensamente empregada nos
Hospitais de S. Paulo, e indica-
da e receitada por inúmeros
operadores e radiologistas,
como também é preferida pe-
los principais especialistas
em moléstias do estômago.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA

RUA OITO DE DEZEMBRO, 123 — TEL. 8-4348 — CAIXA POSTAL 1202 — RIO DE JANEIRO

SOROS: Anti-Difterico — Anti-Tetanico — Anti-Dysenterico
Anti-Estreptococcico — Anti-Meningococcico — Renal
Caprino, etc.

VACCINAS: Estaphylococcica — Estreptococcica — Contra
a Coqueluche — Typhica — Gonococcica mixta — Pneu-
mococcica — Pestosa — Meningococcica, etc.

GYNEGON: Lypovaccina curativa dos processos inflam-
matorios annexiaes.

STOPIL: Vaccinotharapia cutanea dos furunculos, pyo-
dermites, etc.

VACCINA ANTI-INFECTUOSA I. B. M. Antipyrogenica de
grande efficacia.

CITROBI: Injeções indolores de bismutho. Antisyphilitico
energico.

COLOMY: Antiluetico bismuthico para creanças. Indolor.

IMMUNICALDO: Filtrados bacterianos para uso local. Me-
thodo de Besredka.

MATERSANA: Vaccina prophylactica e curativa das infecções
puerperaes.

Amostras aos clinicos que as solicitarem

REVISTA
DA
ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Publicação mensal

EXPEDIENTE

Redação: PRÉDIO MARTINELLI, 13.º andar - TELEFONE 2-3370

Caixa Postal 2103

SÃO PAULO - BRASIL

Assinaturas anuais:

Brasil 20\$000

Outros países 40\$000

Para estudantes 12\$000

Número avulso 3\$000

Todos os assuntos referentes a anúncios devem ser tratados diretamente com o Sr. AMÉRICO MOREIRA, R. BOA VISTA 3-3.º andar ou no PRÉDIO MARTINELLI, 13.º andar - (Séde Social)

AOS COLABORADORES

Os originais devem obedecer à ortografia oficial e vir datilografados com espaço duplo.

As observações e citações devem estar assinaladas para que sejam impressas em tipo menor.

As citações bibliográficas devem, na medida do possível, seguir o método da Associação Médica Americana, nesta ordem: nome do autor, título do artigo, nome do jornal ou revista (abreviado), volume, página, mês (dia do mês se for semanal) e ano.


Os clichês que excederem a duas paginas correrão por conta dos autores.

Não se devolvem originais, embora não publicados.

Os trabalhos originais devem vir acompanhados de um resumo em separado para ser traduzido em francês, inglês ou alemão, a escolha do autor. Quando esse resumo não seja muito extenso e já venha corretamente traduzido por iniciativa do autor, poderá ser publicado em mais de um idioma estrangeiro, a juízo da Redação.

LABORATORIO "MALHADO FILHO"

ANALYSES CLINICAS

Analyses de Urina, Sangue, Escarros, Falsas Membranas, Succo Gastrico, Leite, Fézes, etc.  Reacções de Wassermann, de Ronchèse, de Floculação e de Widal, Auto-Vaccinas, etc.

PHARMACEUTICOS

MALHADO FILHO e PENNA MALHADO

Rua São Bento N. 24 (2.º andar) - Telephone 2-2572 - SÃO PAULO

Asma e suas Complicações *Bronchites Crônicas*



CURAM-SE TOMANDO
THEVIX ou MYOVIX
ENDOVENOSO INTRAMUSCULAR

FAZ DESAPARECER os PHENOMENOS DYSPNEICOS,
OS PIADOS, OS SIGNAES de BRONCHITE e DETEM
O ACCESSO. PEDIMOS aos MEDICOS que ENSAIEM ESTES
DOIS REMEDIOS CERTOS de que TERÃO RESULTADOS
BRILHANTES e VERÃO CURADOS os SEUS DOENTES

Laboratorio Pantherapico

Carvalho de Mendonça & C.^a Ltda.
RUA ASSUMPÇÃO, 141
RIO DE JANEIRO

EPILEPSIA COMPRIMIDOS **TRICLIPSINA**

Baseado no estudo do equilíbrio
ácido-básico no epileptico

O específico de maior eficácia no tratamento da EPILEP-
SIA, ANCIDADE, PSICOSE MANÍACO-DEPRESSIVA,
ENXAQUECA e INSOMNIA.

Preparado de acordo com os mais recentes estudos dos
professores Bigwood, Devane e Pascal, que mostraram a
existência de alterações do equilíbrio ácido-básico nas
mencionadas síndromes.

Experimentado largamente, com os melhores resultados no
Hospital Nacional de Psicopatas, na Clínica Neurológica da
Faculdade e em muitos outros serviços clínicos do
Rio de Janeiro.



Laboratorio Pantherapico
Carvalho de Mendonça & Cia. Ltda.
Rua Assumpção, 141 - Botafogo
RIO DE JANEIRO

RINS, BEXIGA E
APPARELHO DIGESTIVO

AGUA
MAGNESIANA



(ETIQUETA VERDE)



*Contra as perturbações
da menopausa*

especialmente baforadas de calor, suores,
excitação, cefalea, insomnia, etc.

Klimakton «Knoll»

0,03 g de Ovaradeno, 0,006 g de Tiradeno,
0,15 g de Bromural e 0,15 g de Calcio-Diuretina

«A combinação feliz e inigualável»

na opinião de numerosos médicos.

Tubos de 20 e vidros de 50 drageas; 3 vezes
ao dia 1 a 2 drageas, tomem-se sem mastigar.



KNOLL A.-G., Ludwigshafen ^{s/}o Rheno (Alemanha).

Para amostras é favor dirigir-se à Caixa postal 1651, Rio.

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

REDATORES:

DR. J. BARBOSA CORREIA - DR. J. E. SANTOS ABREU - DR. DURVAL MARCONDES

VOLUME III

Outubro de 1933

NÚMERO 4

A PSICANÁLISE DOS DESENHOS DOS PSICOPATAS

DR. DURVAL MARCONDES

Psiquiatra do Serviço de Higiene e Educação Sanitária Escolar

A compreensão psicanalítica das psicoses teve início com os trabalhos da escola de Zurich publicados a partir de 1906. Já em 1894 (1) Freud chamara a atenção para o mecanismo psicológico das psicoses e em 1896 (2) estudara um caso de demência paranóide, estabelecendo desde então que a forma dos sintomas é determinada pela natureza das idéias inconscientes. Mas foram os trabalhos da escola de Zurich, sobretudo os de Jung (3 e 4) que abriram o estudo sistemático da questão. Analisando exhaustivamente as manifestações sintomáticas de uma das psicoses mais freqüentes, a esquizofrenia, chegou Jung a interessantes resultados, em que avultam as seguintes conclusões: 1). Os sintomas mentais têm um sentido, isto é, são compreensíveis quando observados do ponto de vista da história do indivíduo. 2). São, como mostrara Freud para os sonhos e as neuroses, a expressão de desejos insatisfeitos, que buscam dêsse modo uma forma especial de satisfação.

A doença mental deixava, assim, de ser uma produção caótica, criada ao sabor do acaso, e a vida psíquica dos enfermos perdia aquele caráter de recinto misterioso, vedado ao conhecimento do resto dos mortais.

Essas idéias abriram novo rumo às pesquisas psicanalíticas e os estudos que se seguiram vieram ampliar e completar as afirmações iniciais. A psicose passou a ser compreendida, em seu aspecto psicológico, como a expressão de uma luta entre os impulsos do indivíduo e a limitação que lhes é imposta pelas exigências

da realidade exterior. Alargou-se a concepção freudiana do sonho e da neurose: a noção do conflito psíquico encontrou novo campo de observação.

O conceito unitário que esses estudos permitiram formar do conjunto psíquico dos indivíduos normais e dos psicopatas estabeleceu os principais caracteres comuns às manifestações estéticas e psicopatológicas.

Em primeiro lugar, há, em ambos os fenômenos, uma satisfação vicariante de impulsos instintivos regeitados pelas instâncias superiores do psiquismo. Esses impulsos, cuja significação original permanece inconsciente, derivam sua carga energética através dos sintomas, no caso do enfermo, e da criação estética, no caso do artista.

Em segundo lugar, há um acentuado grau de subjetivismo: no enfermo e no artista existe certa renúncia quanto à satisfação desses impulsos no mundo exterior. Ambos fogem à realidade penosa e mergulham no mundo interno da fantasia, que lhes permite uma liberdade instintiva mais ampla. Em oposição à realidade material, é a realidade psíquica que neles exerce o papel preponderante. Existe aquilo que foi chamado por Bleuler "autismo", isto é, desvalorização do mundo exterior em favor das representações ligadas aos desejos individuais. Sintoma e obra de arte são criações imaginárias, que compensam até certo ponto, as restrições da vida real.

O terceiro caráter comum é o primitivismo psíquico que ambos os fenômenos encerram. As tendências derivadas na arte e na moléstia estão impedidas de obter satisfação normal por sua natureza grosseira, em conflito com as exigências culturais da personalidade. São resíduos da evolução psíquica do indivíduo em seu amadurecimento para a vida social. Os processos que permitem seu desfogo na arte e no sintoma são de feição acentuadamente arcaica, peculiares à região do aparelho psíquico em que se desenvolvem, isto é, o inconsciente. Ambas as criações oferecem, portanto, um refúgio no qual o homem civilizado encontra um pouco da antiga liberdade natural que as necessidades da vida coletiva vieram sufocar.

Salientarei aqui, de passagem, a diferença essencial entre a moléstia e a produção artística: enquanto a moléstia é uma criação inútil do ponto de vista social, o artista faz de sua obra uma fonte de prazer para os demais. Traduzindo os mesmos anseios inconscientes dos outros indivíduos e representando-os de forma a dissimular sua origem suspeita, ela proporciona um consolo para as privações alheias e goza da simpatia geral da humanidade.

Há, na vida psíquica normal, um fenômeno cuja compreensão permite conhecer melhor o mecanismo profundo da arte e da moléstia mental: é o sonho. Segundo a expressão do criador da psicanálise, o sonho é a estrada real para o estudo do inconsciente.

Freud já havia mostrado com respeito aos sonhos aquilo que Jung mostrou depois para as psicoses: os sonhos têm sentido. Atrás dos elementos desconexos

que aparecem no primeiro plano, ocultam-se outros que, uma vez descobertos, não só dão completo sentido ao sonho como o enquadram perfeitamente na vida psíquica do sonhador. O conteúdo manifesto do sonho, isto é, aquilo que nos aparece ao recordá-lo pela manhã, encobre, portanto, seu verdadeiro sentido, ou conteúdo latente, que só a psicanálise permite esclarecer.

O sonho apresenta os mesmos caracteres já apontados para a criação estética e a moléstia mental: realização de desejos, autismo e arcaísmo psíquico.

Ele encerra uma realização de desejos. Há nele uma satisfação substitutiva de desejos recalçados, isto é, de desejos cuja verdadeira significação se mantém inconciente por se achar em choque com a parte socialmente adaptada da personalidade. Tal satisfação torna-se possível por um complicado processo de deformação que mascara o sentido original do impulso vetado. As imagens do sonho manifesto representam um compromisso entre a idéia recalçada e a sensibilidade moral individual. Nos sonhos de angústia, ou pesadelos, não há deformação, ou esta é parcial e insuficiente, o que os torna mais próximos de uma satisfação franca dos desejos recalçados. Daí seu acento afetivo desagradável, que leva mesmo às vezes à interrupção do sono.

Pela extrema renúncia da realidade objetiva, o sonho é também uma acentuada expressão do autismo. O estado psíquico em que ele se desenvolve, isto é, o sono, constitui um afastamento rítmico e regular do mundo exterior, por meio do qual o indivíduo retrai periodicamente seu interesse afetivo do ambiente, investindo com ele as fantasias da criação onírica.

O sonho envolve, finalmente, uma regressão psíquica. Suas raízes dinâmicas prendem-se aos mais remotos desejos infantis e sua elaboração reproduz formas caducas de atividade mental. Muito antes de Freud já afirmara Nietzsche que o homem raciocina hoje no sonho como a humanidade raciocinava na vigília há milhares de anos. "O sonho, disse ele, nos conduz a estados longínquos da civilização e nos fornece um recurso para compreendê-los melhor".

Dentre os meios de expressão do inconciente que, como tais, se encontram não somente no sonho, mas também na arte e no sintoma, estudarei aquele que é, sem dúvida, o mais interessante e nos proporciona uma visão mais profunda da arte patológica: o símbolo. O símbolo é uma comparação estereotipada peculiar ao inconciente. Seu emprêgo decorre da dificuldade de expressão de uma idéia cuja manifestação direta está inibida, dificuldade essa que é contornada pela volta a uma espécie de língua fundamental há muito abandonada. "Aquilo que hoje se mostra ligado por uma relação simbólica, achava-se unido, em épocas primitivas, por uma identidade de conceito e de expressão verbal" (Freud, 5, pag. 60). Esse caráter anacrônico do símbolo está bem explanado neste trecho de Rank e Sachs: "Encarada do ponto de vista psicológico, a formação de símbolos vem a ser um fenómeno de regressão, uma volta a certa fase do pensamento concreto que, no homem plenamente civilizado, só se observa com toda nitidez em estados excep-

cionais, sobretudo naqueles em que a adaptação conciente à realidade se acha restringida, como no êxtase religioso ou artístico, ou parece totalmente abolida, como nos sonhos e nas desordens mentais. A essa concepção psicológica corresponde a função original da identificação; e é essa função, cuja existência é documentada por toda a história da civilização, que forma a base do simbolismo, como meio de adaptação à realidade, meio que se torna supérfluo e adquire a simples significação de um símbolo desde que o fim visado, isto é, a adaptação, foi realizado. E' assim que a simbólica aparece como um resíduo inconciente de meios primitivos, tornados fora de uso, da adaptação à realidade; como uma espécie de armazem de despejo da civilização ao qual o adulto, quando sua capacidade de adaptação sofreu uma diminuição ou qualquer outra vicissitude, recorre de bom grado, para retirar daí seus velhos brinquedos de criança há tanto esquecidos. Aquilo que as gerações mais avançadas só consideram como um símbolo, teve, em fases mais primitivas da evolução mental, um valor e uma significação perfeitamente reais. À medida que a humanidade evolue, a significação originária dos símbolos se apaga de mais e mais, sofre mesmo mudanças, embora a linguagem, o folk-lore, etc., tenham por vezes guardado traços mais ou menos evidentes das associações originárias". (Rank e Sachs, citados por E. Jones, 6, pag. 231).

O caráter fundamental do símbolo, que o distingue das outras formas de representação indireta é sua significação inconciente. "Só são símbolos no sentido psicanalítico, diz Ferenczi, as cousas (ou idéias) que na consciência se revestem de uma afetividade inexplicável e infundada; e cuja acentuação afetiva a psicanálise mostra resultar de uma identificação com outra coisa (ou idéia) à qual ela de fato pertence. Nem todas as comparações são, portanto, símbolos, mas unicamente aquelas em que um dos membros da equação está recalcado no inconciente". (7, pag. 277).

Em alguns símbolos, o elemento comum que serve de base à comparação é facilmente reconstituído. Por exemplo: um revólver simbolizando os órgãos genitais masculinos. Em outros casos, porém, o elo associativo permanece mais ou menos obscuro e só se esclarece quando se chega por outros meios ao conhecimento das relações simbólicas. E' assim, por exemplo, o caso do manto, que é igualmente um símbolo fálico, mau grado a aparente falta de conexão entre os dois objetos.

Embora existam símbolos de limitado emprêgo individual, formados particularmente pela pessoa com seu próprio material de representação, eles, em regra, são de difusão universal e se empregam pela maioria dos indivíduos. Há, por consequência, símbolos que podem interpretar-se quasi sempre do mesmo modo. Exemplo: os chefes de estado (imperador e imperatriz, rei e rainha, etc.) representam os pais. Outros, no entanto, podem ser usados em mais de um sen-



Figura 1
A "catedral dos assombros".



Figura 2
A "catedral dos assombros".

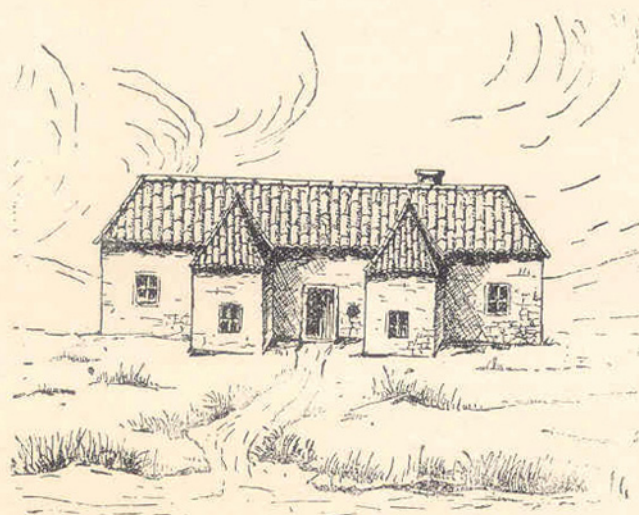


Figura 3
Desenho de um doente de E. Weiss.

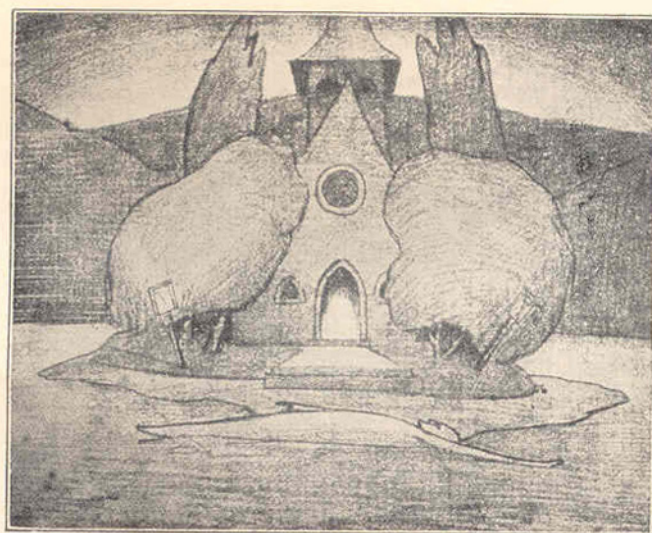


Figura 4
"Requiem". Quadro de um paciente de O. Pfister.

tido e sua interpretação fica dependendo do contexto ou de outros elementos auxiliares. As variações de significação são, porém, bastante restritas.

A freqüente uniformidade na significação dos símbolos sugere a hipótese de sua origem filogenética. Em face desse fenômeno, Jung chega a distinguir duas espécies de inconsciente: o inconsciente pessoal, que contém o material de representação próprio do indivíduo, e o inconsciente impessoal ou coletivo, que encerra os pensamentos mais antigos, gerais e profundos da humanidade. "Em cada indivíduo, diz ele, além das reminiscências pessoais, existem as grandes imagens *primordiais*, como acertadamente as denomina Burkhardt. São possibilidades de humana representação, herdadas na estrutura do cérebro, e que reproduzem remotíssimos modos de ver. O fato dessa herança explica o estranho fenômeno de que certas lendas estejam repetidas por toda a terra em formas idênticas. Explica também porque nossos enfermos mentais podem reproduzir exatamente as mesmas imagens e relações que conhecemos pelos textos antigos... De modo algum afirmo com isso a *herança das representações*, mas apenas a possibilidade da representação, que é cousa muito diferente". (8, pag. 122).

Jones assim se manifesta a esse respeito: "A curiosa independência das significações dos símbolos desperta, sob forma diversa, a velha questão da herança das idéias. Certos autores, Jung entre outros, pretendem que o simbolismo antropológico seja herdado como tal e explicam desse modo seu caráter estereotipado. Por motivos que expus alhures, acho, ao contrário, que o simbolismo é criado novamente à custa do material individual e que a estereotipia depende da uniformidade do espírito humano em face das tendências particulares que formam a fonte do simbolismo, isto é, da uniformidade dos interesses fundamentais e permanentes da humanidade (E. Jones, cit. em 9, pag. 349).

De qualquer forma, a significação de um determinado símbolo tem, em regra, larga difusão e, além de encontrar-se nos sonhos, na arte e na psicopatologia, ela aparece ainda nas manifestações do inconsciente popular (mitos, lendas, etc.). Exemplo: a emasculação é muitas vezes representada no sonho pela privação da função visual (o olho é um símbolo fálico muito freqüente). A mesma idéia pode tomar, na neurose, o aspecto de uma fobia da cegueira e, na narração lendária, o de um arrancamento do globo ocular, como na lenda do rei Édipo.

Em contraste com a grande quantidade de símbolos usados, as idéias por eles representadas são muito reduzidas. Daí o fato de uma só idéia poder exprimir-se por larga variedade de símbolos. Tem, de modo geral, representação simbólica, o corpo humano (em seu conjunto), as pessoas da família (pai, mãe e irmãos), o nascimento, a morte e principalmente tudo que se relaciona com a vida sexual (órgãos genitais, cópula, nudez, etc.). São, como se vê, idéias que se prendem aos interesses mais primitivos da espécie humana. A maior parte dos símbolos refere-se à sexualidade, sendo particularmente numerosos os que

representam o órgão masculino. A predominância dos símbolos de significação sexual se explica pelo fato de que as idéias ligadas ao instinto de reprodução formam a maioria das idéias recalçadas, achando-se, portanto, mais aptas que quaisquer outras para a expressão indireta.

Como a análise demorada dos desenhos dos psicopatas escapa aos estreitos limites dêste trabalho, exporei rapidamente, com simples intuito ilustrativo, um exemplo de expressão simbólica nesse gênero de manifestação artística.

Começarei pelos desenhos produzidos por um esquizofrênico de 20 anos, cujo material devo à amabilidade do Prof. E. Vampré. Esse doente compôs uma novela ilustrada, cheia de figuras coloridas, entre as quais as duas aqui reproduzidas (Figuras 1 e 2). Vê-se nelas uma casa que o doente chamou "catedral dos assombros". Nota-se, desde logo, em ambos os desenhos, que esse edifício tem o aspecto de uma figura humana. Ora, a experiência psicanalítica nos ensina que a casa é um símbolo do corpo humano. Esse fato já fôra reconhecido, no que diz respeito ao sonho, em 1861, pelo filósofo K. A. Scherner, que, segundo a opinião de Freud, deve ser considerado como o verdadeiro descobridor do simbolismo onírico. "As paredes, diz Freud, e os muros lisos, bem como as fachadas pelas quais escorregamos — às vezes com intensa sensação de angústia — correspondem a corpos humanos de pé, e reproduzem, provavelmente, no sonho, a recordação da subida, na infância, pelas pernas dos pais e mães". (5, pag. 64).

Além de representar, de modo geral, o corpo humano, a casa é mais particularmente um símbolo da mulher. "As casas de paredes lisas, escreve Freud, são homens; as que apresentam saliências e balcões aos quais se pode agarrar, são mulheres (10, pag. 210). Freud lembra, a propósito dessa significação das saliências das casas no sonho, a conhecida reflexão que a gente do povo formula ao encontrar uma mulher com seios muito desenvolvidos: "Essa tem onde se pegar". (10, pag. 220). Isso está bem ilustrado no seguinte sonho de um paciente do psicanalista E. Weiss: "Sonhou que se achava perto de uma casa rústica com duas saliências, semelhantes às casas que tivera ocasião de ver na Rússia durante a guerra (V. Figura 3). No sonho ele devia desenhar essa casa. Mas no fim do sonho, a casa tornou-se uma mulher e as saliências transformaram-se nos seios". (11, pag. 38).

Simbolizando o corpo feminino, a casa simboliza mais especialmente a figura materna, pois a mãe é, de todas as mulheres, aquela a que o indivíduo se acha, no terreno afetivo, mais remota e profundamente fixado. Pfister nos relata (12, pag. 389) o caso de um rapaz de 18 anos que ele psicanalisou e cuja produção artística, constituída por várias pinturas e desenhos, é muito interessante a esse respeito. No quadro "Requiem" (v. figura 4), o edifício da igreja representa a mãe, conforme ficou estabelecido pelas associações produzidas na psicanálise. O corpo que jaz diante da igreja representa o próprio paciente: desejava morrer,

e, como cadáver, atrair o amor da mãe que lhe era negado durante a vida. Convém assinalar aqui que a igreja é, em especial, um símbolo feminino.

Qual será a origem dessa significação da casa como símbolo da mulher e, particularmente, da mãe? A resposta se torna mais fácil quando nos lembramos de que a caverna tem a mesma significação simbólica. Conforme assinala Von Sydow (13, pag. 72), a estreita união das casas dos selvagens com a terra exprime a conexão genealógica entre a toca e a casa. Por outro lado, aquilo em que a toca é feita, isto é, a terra, também constitui um símbolo feminino e materno. "Mãe terra" é uma expressão corrente nas religiões primitivas. Terra, toca e casa formam, como se vê, uma estratificação percorrida outrora pela concepção humana, que faz, ainda hoje, das três cousas, um símbolo do corpo feminino, especialmente do ventre materno.

Von Sydow nos mostra como, por sua morfologia, as habitações construídas pelo homem selvagem se prendem a essa significação. Sua forma redonda ou cônica e sua escassez de aberturas reproduzem de certo modo as condições da cavidade uterina. Segundo esse autor, é provável que as construções hemisféricas sejam as mais primitivas e as retangulares representem um grau posterior de evolução. O traçado angular e a diferenciação entre teto e parede constituem já uma aquisição cultural.

O regaço materno é, de fato, o abrigo original, do qual todos ou outros são simples reproduções. O útero é o lugar em que o indivíduo vive, é protegido e aquecido antes do nascimento. Num interessante estudo intitulado "O homem e o ambiente", G. Roheim (14, pag. 162) reúne largo material demopsicológico sobre o assunto. "O homem primitivo, diz ele, olha inconscientemente o mundo que o envolve como um segundo ventre, e sua percepção inconsciente do espaço é baseada na experiência da vida prenatal".

Ao finalizar esta breve dissertação, bem sei que ela não deixa na maioria dos leitores forte convicção sobre a veracidade dos princípios aqui expostos. Cumpre-me lembrar, a meu favor, que o intuito deste trabalho é a simples divulgação e de modo algum a documentação. Esta para que seja eficiente, deve ser buscada, em rigor, no trato direto e demorado do material psicanalítico. Aliás, quando criou, a pouco e pouco, os abismos do espírito humano, a natureza não se preocupou em ser convincente. Nós é que devemos nos libertar de nossos preconceitos culturais para poder entendê-la em toda a simplicidade de sua grandeza.

CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — S. FREUD — Las neuropsicosis de defensa. Obras completas, trad. espanhola, vol. XI, pag. 115.
- 2 — S. FREUD — Nuevas observaciones sobre las neuropsicosis de defensa. Obras completas, trad. espanhola, vol. XI, pag. 236.
- 3 — C. G. JUNG — Ueber die Psychologie der Dementia praecox, 1907.
- 4 — C. G. JUNG — Der Inhalt der Psychose, 1908. 2.ª edição, 1914.
- 5 — S. FREUD — La interpretación de los sueños (parte II). Obras completas, trad. espanhola, vol. VII.
- 6 — E. JONES — Traité théorique et pratique de psychanalyse. Paris. 1925.

- 7 — S. FERENCZI — Sex in Psycho-Analysis (Contributions to Psycho-Analysis). Boston, 1918.
- 8 — C. G. JUNG — Lo Inconsciente. Madrid, 1927.
- 9 — NOLAN D. C. LEWIS — Graphic Art Productions in Schizophrenia. Capítulo de: Schizophrenia (Dementia Praecox). Vol. V de: A Series of Research Publications, Association for Research in Nervous & Mental Disease. New York 1928.
- 10 — S. FREUD — Introducción a la psicoanalisis (parte I). Obras completas, trad. española, vol. IV.
- 11 — E. WEISS — Elementi di psicoanalisi. Milano, 1931.
- 12 — O. PFISTER — The Psychoanalytic Method.
- 13 — E. VON SYDOW — Primitive Kunst und Psychoanalyse. 1927.
- 14 — G. ROHEIM — Primitive Man and Environment. Artigo em: The International Journal of Psycho-Analysis, vol. II, part 2. 1921.



Spirochetes esparsos
no derma, original
do Prof. BUSCHKE
Berlim

IOBIL

Prof. Rubião Meira

TREZ DOSAGENS:	
Normal	0,06 grs.
Forte	0,10 "
Infantil	0,03 "

Attesto que tenho empregado com bons resultados principalmente nas manifestações cardio-vasculares da lues, o preparado "IOBIL" cuja prescrição therapeutica é aconselhavel pois se trata de produto digno de nota.

(a.) Prof. Rubião Meira

S. Paulo, 28-7-933

INSTITUTO PINHEIROS

BACTERIOLOGIA — SÔROTERAPIA — ANÁLISES CLÍNICAS
SERVIÇO ANTIRRABICO

Direção dos Drs.
EDUARDO VAZ e MARIO PEREIRA

EXIJAM

SÔROS e VACINAS

DO INSTITUTO PINHEIROS

A PROCEDÊNCIA DO PRODUTO
É GARANTIA PARA O MÉDICO
E PARA O DOENTE. —————



Laboratório, Direção, Administração:
Rua Fradique Coutinho, 65
End. Tel. "LUZITA" — C. Postal, 951
Telefones: { 7-5898
 { 7-6411

Secção de Análises Clínicas:
Rua Libero Badaró, 23
5.º And. — salas 46-47
Telefone 2-4705

SÃO PAULO — BRASIL

Iodosulfol

CAIXA COM 24 AMPOLAS

PARA QUALQUER TRATAMENTO
INTENSIVO À BASE DE
ENXOFRE E IODO

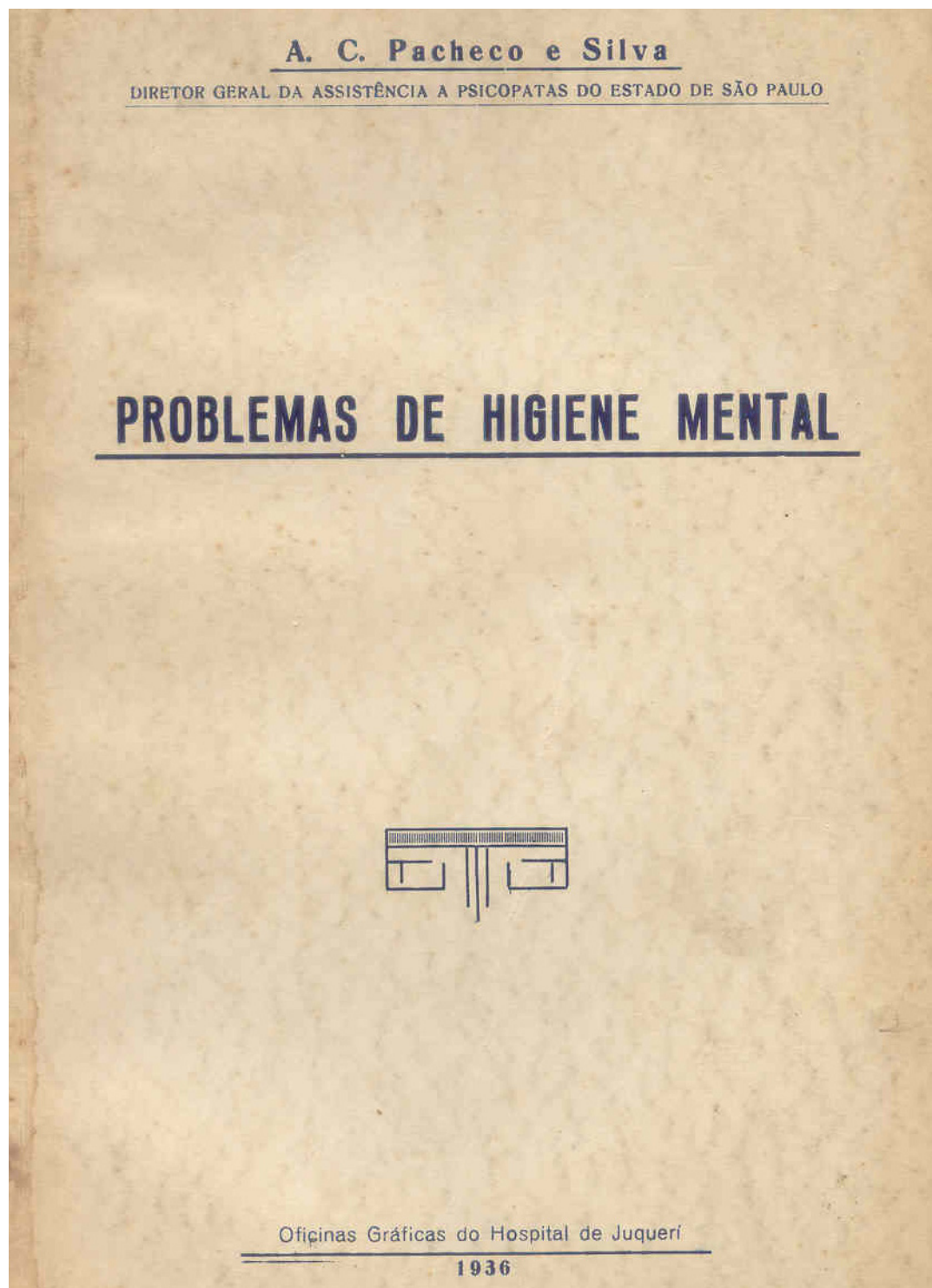
Antirreumático

É UM NOVO PRODUTO DO



HENRIQUE SCHELIGA & CIA.
— SÃO PAULO —

Anexo D – A arte e a psiquiatria através dos tempos – Pacheco e Silva (1936)



A. C. Pacheco e Silva

DIRETOR GERAL DA ASSISTÊNCIA A PSICOPATAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

PROBLEMAS DE HIGIENE MENTAL



Oficinas Gráficas do Hospital de Juquerí

1936

Índice

	PAGS.
I. Capítulo	
Infância Anormal e Criminalidade	5
II. Capítulo	
Cinema e Higiene Mental	9
III. Capítulo	
Conselhos aos Pais das Crianças Nervosas	15
IV. Capítulo	
O Sono	33
V. Capítulo	
Higiene Mental e Intoxicações Profissionais	39
VI. Capítulo	
Venenos Sociais	53
VII. Capítulo	
Alcoolismo e Automobilismo	61
VIII. Capítulo	
O 1.º Congresso Brasileiro de Eugenia	67
IX. Capítulo	
Exame mental obrigatório dos Condutores de Veículos e Elevadores	69
X. Capítulo	
Os efeitos do Alcoolismo sobre o Cérebro Humano	73
XI. Capítulo	
O exame médico-psicológico dos Candidatos à Aviação	81

	PAGS.
XII. Capítulo	
A Psicanálise	87
XIII. Capítulo	
A Previdência	91
XIV. Capítulo	
Higiene do Espírito	95
XV. Capítulo	
Esporte e Sistema Nervoso	103
XVI. Capítulo	
Rumor e Higiene Mental	111
XVII. Capítulo	
Sífilis e doenças mentais	119
XVIII. Capítulo	
A Arte e a Psiquiatria através dos tempos	127
XIX. Capítulo	
A Higiene Mental na profilaxia dos males sociais	139

Prefácio

Não há centro civilizado do mundo onde a higiene mental não seja hoje objeto de cuidadosa atenção.

Estudos modernos têm demonstrado a influência benéfica das medidas de prevenção contra os vícios e os maus hábitos, sobretudo da infância, na formação mental do indivíduo.

Convencido da necessidade de se difundirem no nosso meio os principais objetivos dessa nova ciência, que no dizer de Toulouse apenas desponta, desde há muito vimos, pela palavra escrita e falada, divulgando, à luz das modernas aquisições, princípios de higiene mental, que dão uma idéia da vastidão dos seus domínios e o muito que dela se pode esperar em todos os ramos da atividade humana.

Nas Assembléias Legislativas Federal e do Estado de São Paulo, onde tivemos assento, insistimos nos nossos objetivos. Foi o Brasil o primeiro país a incluir na sua Constituição a obrigatoriedade dos poderes públicos "estimularem a educação eugênica, cuidarem da higiene mental e incentivarem a luta contra os venenos sociais."

Acresce ainda que pelo decreto n.º 4.802, de 24 de dezembro de 1930, artigo 2.º, cabe à Assistência Geral a Psicopatas do Estado de São Paulo não só socorrer as pessoas que apresentarem distúrbios psíquicos, como também organizar a profilaxia das moléstias nervosas e mentais.

Dando cumprimento à última parte do referido artigo, iniciamos, com a publicação dêste estudo, uma série de trabalhos visando difundir no nosso meio os principais elementos da higiene mental, cujos benefícios múltiplos não se limitam à obra já de si benemérita da profilaxia das psicopatias, como ainda facultam ao homem um maior rendimento mental e redobrada eficiência no trabalho.

Capítulo XVIII

A Arte e a Psiquiatria através dos tempos (*)

Conquanto tenha sempre vivido afastado das vossas atividades e não possa, na minha ignorância de tudo quanto diz respeito à arte moderna, experimentar as emoções estéticas dos que me ouvem, nem auscultar-lhes os sentimentos para bem compreendê-los, anuí ao convite do vosso dedicado Presidente para participar da série de conferências que aqui vem realizando um grupo de médicos amigos da arte.

Profissão de fé

Manda um dever de consciência que eu declare público e raso que sempre andei mais em contacto com a arte passadista e que bem poucas vezes me tem sido dado apreciar o esforço dos vanguardistas da arte nova.

Talvez eu possa explicar êsse apêgo ao passado, essa relutância em abandonar a velha escola, pela minha formação mental, embebida em biologia desde os bancos acadêmicos. O estudo da ciência da vida nos ensina que a natureza não dá saltos, estabelecendo em nosso espírito certa tendência à generalização. Assim, quando se me deparam expressões artísticas que fogem às diretrizes clássicas, que me habituei a ver e a ouvir desde a infância, tenho logo à primeira vista a mesma impressão que me causa, em medicina, a observação de um caso teratológico. Analisando, porém, melhor, sobretudo algumas produções artísticas dos modernos, conquanto se me afigure ainda uma arte imperfeita, sou forçado a reconhecer que o seu estudo é digno de ser prosseguido e incrementado.

(*) Conferência realizada no Clube dos Artistas Modernos.

A arte moderna e a arte dos alienados

A arte equiivale à emoção. Assim, um mesmo excitante recolhido no mundo exterior pode despertar, em indivíduos diferentes, reações antagônicas.

Platão dizia "a arte é o amor" e um velho rifão nosso repete "quem ama o feio, bonito lhe parece."

As manifestações artísticas dos alienados sempre mereceram cuidadosa atenção dos psiquiatras. Elas encerram muitas vezes o tema delirante que assalta certos insanos reticentes, dissimuladores, que não exteriorizam as suas idéias pela palavra falada ou escrita, nem deixam transparecer na fisionomia o que se lhes passa no íntimo.

Valendo-se das expressões artísticas dêsses doentes, pode muitas vezes o alienista encontrar elementos preciosos para firmar juízo seguro sôbre determinado caso clínico, exatamente como o paleontologista logra reconstituir, mercê de um só osso de animal, todo o esqueleto primitivo.

Têm-se estabelecido paralelos entre a arte moderna e a dos alienados. Realmente, si fizermos confronto entre as produções da exposição ora exibida no vosso clube com as de alguns dos vossos membros, não será difícil encontrar pontos de contacto. Reconhecer essa verdade nada tem de pejorativo.

A arte moderna procura desvencilhar-se da rotina do passado, criando novas expressões, mais condizentes com o dinamismo da época presente. Por isso busca fixar, na tela ou no mármore, na poesia ou na música, os reflexos da nova mentalidade.

Nas artes, como nas ciências, o progresso se faz, freqüentemente, graças ao arrôjo dos que têm a coragem de renunciar aos preconceitos da sua época, do seu meio, da sua própria pessoa, lutando assim com a censura externa e com a interna, para deixar que se manifestem em toda a sua pureza as imagens que lhe associam ao espírito.

É a arte u'a manifestação instintiva?

A arte é u'a manifestação instintiva, que pode ser desenvolvida, cultivada, aperfeiçoada, mas sem a bossa artística ninguém alcança fama. Os modelos e as lições de um mestre não poderão nunca suprir o que o céu recusou ao discípulo. Já nos séculos XVII

e XVIII, artistas de todos os países do mundo encaminhavam-se para Roma e bem poucos se aproximaram de um Rafael, de um Miguel Ângelo ou de um Leonardo da Vinci.

Esse dom inato para as artes levou cientistas, como Goll, a afirmarem a existência, no cérebro humano, de determinados centros, que presidiriam às manifestações artísticas. Daí a sua afirmação "Os italianos parecem dotados de um órgão das artes mais desenvolvido que o dos habitantes dos centros mais setentrionais, tais como os Flamengos, os Alemães, etc. Eis aí porquê a Itália tem tido os maiores pintores da história que qualquer outro país. Em favor dessa sua asserção, Goll escreveu "Está provado pela experiência que o senso das artes, assim como os seus centros, podem alcançar grande desenvolvimento já na infância, ao passo que com as outras qualidades ou faculdades já se não dá o mesmo." Essa razão serviria também para explicar o fato de certos débeis mentais revelarem acentuada vocação artística, que poderia também conservar-se na insanidade mental, mau grado a profunda decadência das outras faculdades cerebrais. A arte não seria, pois, um produto das nossas reflexões, mas u'a manifestação instintiva latente, despertada por uma emoção.

Não padece dúvida, entretanto, que muito embora os princípios básicos sejam os mesmos, o clima, os costumes, os hábitos exercem poderosa influência nas manifestações artísticas. Tome-mos um exemplo : a arquitetura. Independente da arquitetura grega, diz Sobry, na sua prática das artes, — existe ainda um grande número de estilos — egípcio, chinês, gótico, mourisco, etc. Todos partiram de um princípio comum — a arte primitiva — mas foram se diferenciando graças à influência daqueles fatores.

A vida humana sofreu nestes últimos anos profundas modificações, mercê de grandes descobertas científicas, que aceleraram o ritmo da vida, aproximaram continentes, encurtaram distâncias. Como exigir que a arte não sofra a influência desse dinamismo ? A natureza morta — que paradoxo ! — está ameaçada de morte. Já ninguém se satisfaz com as imagens sem vida. Tudo requer movimento. As crianças da minha geração se extasiavam diante da lanterna mágica, que projetava na tela a imagem fria de um quadro imóvel. Com o advento do cinema, a lanterna mágica "caiu no ostracismo." Mas o próprio cinema era silencioso, os artistas

eram mudos que se deslocavam de um para outro lado, impressionando um só sentido — a vista. O gênio humano não descansou enquanto não sincronizou o som à imagem. A nova mentalidade é exigente, não se satisfaz com as impressões que afetam um só dos nossos sentidos. O homem moderno só se entusiasma quando percebe movimento, atividade, vibração. Assim, a arte nova tem sua razão de ser.

Ao debuchar um quadro, o artista procura arrancar da tela o máximo de emoção. O compositor, por sua vez, não se contenta apenas em deleitar o espírito com a maviosidade da sua música. Ele a quer viva, empolgante, arrebatadora, candente, atuando não apenas sobre as células e fibras nervosas afetas à audição, mas repercutindo sobre todos os centros psíquicos, despertando os mais variados sentimentos, dando-lhes cor, luz, vida.

O artista torna-se, pois, um fisiologista à moda de Pavlow, a sua arte é um instrumento destinado a estudar, a despertar reflexos condicionados. A visão de um quadro, a contemplação de uma estátua, a audição de um trecho musical, devem desencadear um sem número de reflexos tendentes a provocar, no espectador ou no ouvinte, as mesmas emoções, os mesmos sentimentos que inspiraram o artista.

Muito deve a Psiquiatria à Arte

A psiquiatria moderna não lograria jamais reconstituir os primórdios da sua história, não fossem os poetas, os pintores e os escultores da antiguidade. Foram eles que nos transmitiram, através da arte, as lendas, as superstições do passado, que nos facultam hoje o estudo das formas clínicas observadas nos tempos primitivos e dos processos terapêuticos em uso ainda na era pré-científica.

Senão vejamos.

No antigo Egito, as moléstias mentais eram atribuídas à cólera dos Deuses e para se obter a cura dos insensatos levantavam-se monumentos de arte às divindades, sobretudo à deusa Isis.

Os heróis que se distinguiam na Grécia antiga, pela sua bravura e pela sua coragem, eram tidos como filhos dos Deuses e teriam o dom de acalmar a cólera divina. Não são poucas as obras

de arte daquela época que nos instruem sobre as idéias então reinantes sobre o psiquismo humano.

Não fosse Hesfodo, poeta primoroso, e não conheceríamos a lenda da cura miraculosa do pastor Melampo, graças ao qual as filhas de Prétus, rei de Argos, se restabeleceram do mal horrível de que foram atingidas por terem ofendido a Venus, julgando-se tão belas quanto ela.

A Lucrécio, autor da natureza das coisas, artista finíssimo da música da alma que é a poesia, devemos preciosos ensinamentos sobre a medicina do passado, sobretudo da psiquiatria.

Na Biblioteca de Paris existe um baixo relêvo egípcio, datando do século XIII A. C., representando a cura de uma princesa asiática que, possuída por um mau espírito, foi curada pelo Deus Khons.

Foram os grandes trágicos gregos que reconstruíram e propagaram até nós a história de Orestes, de Hércules e de Ajax.

Graças à escultura antiga é que conhecemos as cerimônias de adjuração das divindades malfeitoras, as purificações, os jejuns, os sacrifícios e os exorcismos em uso naquela época.

Vejo-me forçado a citar um número limitado de exemplos. Citar todos obrigaria-me a fazer a história da psiquiatria, desviando-me dos moldes desta palestra, em que a vastidão da matéria me obriga a fazer breve síntese, transpondo-me de um assunto para outro sem período de transição.

Passarei, agora, a projetar uma série de diapositivos que servirão para demonstrar, melhor que as palavras, a veracidade do que acabo de afirmar.

Que fazem aqui os psiquiatras ?

Para muita gente poderá parecer estranha a presença dos psiquiatras num centro de cultura artística moderna. Talvez não falem comentários tendenciosos : A arte moderna é, para alguns, sinônimo de idéia desarrazoada, incongruente, absurda, capaz de despertar apenas curiosidade provocada por tudo quanto é novo. Por outro lado, que irão fazer os psiquiatras — dirão os seus colegas —, num clube de artistas modernos ? Provavelmente estudar os artistas...

Eu direi : Cumprir um dever. Seja para apoiar, criticar ou

combater, a ninguém é lícito recusar o seu concurso quando chamado a opinar sobre assuntos de interesse social. No caso presente, acresce ainda salientar, a arte tem prestado, como já vimos, inolvidáveis serviços à psiquiatria e esta muito pouco tem feito pela arte.

Importância para os artistas dos conhecimentos de psiquiatria

Muito teriam a lucrar os artistas com os conhecimentos de psiquiatria. As idéias delirantes que empolgam o indivíduo despertam-lhe profundos sentimentos de tristeza, de dor, de rancor, de ódio, de alegria, de doçura ou de êxtase. Ora, todos esses sentimentos se exteriorizam por expressões fisionômicas características, por u'a mímica especial que será o reflexo do que vai na alma do homem convencido da realidade das ilusões, das alucinações ou das falsas interpretações que o assaltam.

Assim se explica o fato dos artistas desde a antiguidade evidenciarem grande pendor pelos modelos colhidos nos manicômios, onde há campo fértil para o estudo das expressões das emoções. A mesma razão que leva o psicólogo a estudar as funções psíquicas nos doentes mentais, onde elas se encontram exageradas, obriga o artista a procurar estudar nos insanos a expressão dos sentimentos.

Esse método poderia ser chamado artístico-experimental. Conhecedor das idéias predominantes de um doente, o artista que lhe retratasse a fisionomia poderia assinalar os principais traços, estabelecendo paralelos entre o psiquismo e a exteriorização das idéias através da mímica facial e das atitudes.

Vêde a fronte vincada de um melancólico em cuja fisionomia se estampa a tristeza, a dor moral, a ansiedade, a angústia. Analisai o fâcies inexpressivo e sem vida de um indivíduo em estado de confusão mental. Observai o riso alvar de um idiota ou a expressão estagnada de um parquinsoniano.

Onde, fora da psiquiatria, encontrareis modelos iguais ?

Broussais, médico notável, tinha, pois, muita razão para afirmar, no seu magnífico livro — Da irritação e da loucura — “O homem só será conhecido pela metade si fôr observado no estado de sanidade mental ; o estado da moléstia tanto faz parte da sua existência moral como da existência física.”

Se assim sucede com o artista, o psiquiatra por sua vez não pode desinteressar-se da arte. Quanta vez não se vê êle obrigado a interpretar os traços fisionômicos de um doente que se recusa a falar ou a escrever, sôbre o qual não dispõe de nenhum comemorativo e para o diagnóstico do qual só dispõe dos elementos fornecidos pela inspeção.

O alienista cultor das artes, senhor dos segredos da mímica facial, da expressão das emoções, terá por certo maior número de probabilidades para chegar a conclusões mais precisas.

Essa observação foi feita com grande penetração por um artista de mérito incontestável, cultor apaixonado dos assuntos médicos, que lhe valeram o título de médico honorário — Paul Bourget — “A psiquiatria, diz êle, é uma ciência, mas que confina, a ponto mesmo de invadí-la constantemente, com a literatura da observação. Tal drama de Shakespeare, tal comédia de Molière, tal romance de Balzac oferecem verdadeiros quadros clínicos, aos quais só falta o rótulo para poderem figurar nas psiquiatrias. Otelo é o delírio do ciúme ; Hamleto encerra a idéia obsidente da dúvida ; o rei Lear, a demência senil delirante ; o Doente Imaginário é uma vítima das idéias hipocondríacas nosofóbicas ; em Ursula Mironet tereis o delírio onírico sistematizado.”

O gênio e a loucura através dos séculos

Ao tratar de um tema em que se tenta estabelecer relações entre a arte e a psiquiatria, ninguém poderá passar ao largo de uma questão que, há mais de 2.500 anos, vem preocupando sábios de credos diferentes e que, de cem anos para cá, tem sido discutida pelas classes cultas de todos os países, com particular interesse, pela simples razão de, até a presente data, ainda não se ter chegado a um perfeito acôrdo no que diz respeito a êsse enigma.

Tal divergência se explica, no dizer de Lange, pelo fáto do instinto de adoração, santificação e idolatria, que se manifesta de forma inata no homem, lutar contra outro instinto, igualmente forte, que é o da indagação científica.

Assim é que se revelam claramente duas tendências opostas no homem moderno, que reluta em aplicar os métodos naturais da medicina, particularmente os psiquiatras, quando se trata de in-

vestigar a mentalidade dos seres que os próprios homens endeusaram e que são hoje objetos de uma verdadeira idolatria.

Resulta daí uma luta da fé contra a psiquiatria científica.

O estudo desse problema deve interessar todos os homens cultos, em particular os psiquiatras e os artistas que se consagram às questões latentes da vida psicopatológica e da sua influência sobre a mentalidade dos homens.

O desenvolvimento histórico da concepção do gênio é ainda mui obscuro, mesmo para muitos homens que se consideram cultos. Já se não falando das múltiplas interpretações da filologia, que são de pouca importância, porquê representam opiniões antiquadas e na sua maioria errôneas, baseadas via de regra na presunção da existência de um ser privilegiado, de um espírito dotado de um dom inato, há muito a considerar. Quando alguém faz referências a um homem de gênio, há a tendência em se o considerar como um ser sobrenatural, uma espécie de semi-deus, dotado de fôrça sobre-humana, embora limitada.

O estudo das ciências clássicas antigas revela-nos que nos tempos primitivos admitiam-se seis raízes, nas quais se baseia a atual concepção que temos do gênio.

Assim, o conceito em que é este hoje tido só se veiu a esboçar em meados do século XVII. As citadas raízes podem ser assim discriminadas :

1) *A doutrina do entusiasmo da Escola de Platão* : — Um deus fala pela boca de um homem, de um filósofo, ou de um poeta. No entanto, esse mesmo ente é, por si mesmo, destituído de gênio.

2) *O "demonium" de Sócrates* : — Um determinado espírito se apodera de um indivíduo favorecido pelos deuses e nele se encarna.

3) *O culto aos heróis* : — Em todos os tempos e em quasi todos os povos, alguns homens têm sido glorificados, heroificados, sendo-lhes prestado o culto correspondente.

4) *O Sonho de Scipião descrito por Cícero* : — Os indivíduos mais capazes, as mentalidades que se tenham revelado superiores na terra, as pessoas de excepcional talento encontrar-se-ão num determinado céu, só para elles reservado.

5) *O livro de "Longineus"* — 250 anos antes de Cristo — Sobre a "Sublimidade" com a glorificação dos dotes inatos, que os eleva à divindade.

6) *Os "viri illustres"* dos escritores e poetas romanos antigos, para os quais todos os homens sábios representam uma unidade à parte e seleta. Só mais tarde, entretanto, é que a Renascença Italiana veio personificar as capacidades intelectuais do homem, particularmente as criadoras, que caracterizariam o gênio, dedicando-lhe um culto quase divinal.

Devemos notar, porém, que essa concepção de força "criadora" não corresponde ao conceito moderno, nem à atual concepção de originalidade. Foi somente em época posterior que "os engenheiros pintores" aduziram ao conceito do gênio o postulado da criação nova, original; assim Leonardo (1500); Vasari (1550); Scaliger (1561); Telesio (1565).

Com o correr dos tempos, outros predicados, tais como — facilidade de produção artística; gênio inventor; extravagâncias no querer e no pensar; irracionalismo e inspiração. Só cem anos mais tarde, entretanto, já no período Baroco, é que pela primeira vez o termo "gênio," no sentido de força criadora, foi empregado para designar um dom especial, revelado por determinado indivíduo.

Em 1700, o homem de inteligência superior passou a ser chamado "gênio," isso nos países romanos — Itália, França, Espanha, Portugal — ao passo que, na Idade Média, os espíritos superiores eram elevados à categoria de Santo, na Renascença era o "homem da corte," o "homem de Estado" e o "bel esprit" que representavam o ideal supremo e as classes burguezas literárias ambicionavam tornar-se gênios.

Em época alguma, porém, esse conceito perdeu o fundo místico, sobretudo no século XVIII, sob a influência de um inglês — Shaftesbury, cuja principal obra apareceu em 1741, na qual esse autor caracterizava o gênio como a manifestação do espírito universal de um Deus.

Encontramos, ao depois, a mesma veneração mística pelo gênio, no classicismo, no romantismo, nas obras de Schelling, Schoepenhauer, Carlyle, Emerson. Por fim, adquire ainda maior vulto nas obras de Nietzsche, como o ideal de Zaratrasta.

O desenvolvimento das ciências naturais, em particular da psiquiatria, prosseguiu nos seus rumos racionais. Os investigadores tentaram atribuir as qualidades geniais aos fatores hereditários. Desde então um sem número de teorias foram propostas para explicar o aparecimento do gênio : "Instrumento de uma divindade," "Talento sobrehumano," "Grau psicológico mais elevado da espécie "homo sapiens."

Extremamente interessante é a vasta e debatida literatura que procura estabelecer paralelos entre o gênio e a loucura. Esse mesmo problema já preocupava os antigos muito antes da era cristã, dele se ocupando com particular interesse os sábios da Grécia. Estes estabeleceram certa analogia entre a embriaguez, a demência e o êxtase dos poetas e profetas.

Convém, ao demais, notar que esse conjunto vago, que Eurípedes, Sócrates, Demócrito, Platão e Aristóteles, Cícero e Horácio, Seneca consideravam como "mania," "demência" ou "furor," não corresponde aos atuais conceitos psiquiátricos da loucura. Os antigos já conheciam e descreveram certos estados como "obsessão " por parte de um Deus, "excitação," "êxtase," etc., estados esses que comumente designamos por estados psíquicos excepcionais.

Por certo, foi baseado nesse critério que os nossos legisladores introduziram no Código Penal o conceito da perturbação dos sentidos e da inteligência.

É de se notar, porém, que Aristóteles já havia observado que muitos homens de excepcional talento não raro caíam em estado de profunda melancolia. Com a Renascença foi de novo posto em foco o problema, esquecido na Idade Média. Vemos, assim, iniciativas louváveis de Campanelle, de Gazoni, de Pascal, de Felix Plater, de Boerhave, de Quadrio, de Diderot, de Murratore, de Zimmermann e outros. A partir do ano de 1800 a discussão desse tema começa a se tornar cada vez mais complexa. Para tanto muito contribuiu o advento da era científica da psiquiatria, alicerçada em observações precisas. Schoepenhauer, Stuart, Renaudin, Blumroeder, merecem citados em primeira plana ao se desenvolverem essas questões, de acôrdo com as atuais concepções.

Em 1830 o problema toma novo aspecto e passa a ser tratado com maior severidade científica. Assim, Reveillé-Parise, em 1833, emite a opinião que os grandes esforços intelectuais num indivíduo

de cerebração intensa podem levá-lo à melancolia e à nevrose. Lelut, em 1836, escreveu a primeira patografia científica sobre Sócrates. Em 1845, esse mesmo autor publicou outro trabalho idêntico sobre Tasso.

Segue-se Lombroso com um trabalho sobre Gardano. Na Alemanha, Droste e logo depois Noack, publicaram interessantes monografias sobre o tema.

Na mesma época surgiram algumas patografias interessantes, entre outras uma sobre Mozart. O principal mérito cabe, entretanto, a J. Moreau (de Tours) pela sua obra "La psychologie morbide dans ses rapports avec la philosophie de l'histoire ou de l'influence des neuropathies sur le dynamisme intellectuel," publicada em Paris, em 1859, onde esse intrincado assunto é tratado sob forma científica e profunda. Segundo Moreau, o gênio é uma nevrose, é um estado semi-mórbido do cérebro. A excitação excessiva do sistema nervoso seria a fonte comum da energia intelectual (gênio) ou da moléstia mental. A inspiração é comum a ambos. Quasi todos os homens célebres padeceram de nervosismo e é por causa dessa disposição mórbida que esses indivíduos são mais predispostos à loucura que o comum dos homens.

Lombroso teve o mérito de coordenar as idéias já existentes, expondo a sua opinião numa aula inaugural, proferida na Universidade de Pádua, em que ele desenvolveu o tema "gênio e loucura." Alguns anos depois, o professor italiano construiu uma verdadeira doutrina, publicando notáveis trabalhos, entre os quais se destacavam: "O homem de gênio," "Gênio e degeneração," "Novos estudos sobre o gênio," "Sobre a origem e natureza do gênio."

Lombroso foi, assim, um dos iniciadores desses estudos, feitos à luz dos modernos conhecimentos, muito embora tivesse elaborado em erros, entre outros o de considerar a genialidade como u'a manifestação epilética.

Numerosas discussões se têm travado entre os adeptos da teoria de Lombroso e os que a combatem. Disso tudo resulta uma conclusão: é que existem "gênios verdadeiros," que não são mórbidos, e "gênios" por assim dizer patológicos, que não passam de "pseudo gênios."

Moebius, que também muito se ocupou do problema, não foi nem pró nem contra Lombroso. Defendeu idéias próprias, afir-

mando não existir um determinado tipo de "gênio" mas sim várias modalidades de "gênios" e de "talentos." Estudou os gênios isoladamente, demonstrando que só pelo estudo individual era possível chegar-se a uma conclusão segura. Foi ele quem criou o termo patografia, da qual são principais representantes, na Alemanha, Jaspers, Storch, Hentig e outros.

Não podemos, finalmente, deixar de considerar, como quer Lange, a opinião de psicanalistas, sobretudo a de Adler. Este defende o seu ponto de vista afirmando que a neurose se desenvolve em terreno degenerativo e, conseqüentemente, o gênio redundaria da compensação de uma inferioridade orgânica conciente. Assim se explicaria o fato de ter Mozart sofrido de degeneração do pavilhão da orelha ; é fato sabido o de muitos pintores afamados apresentarem anomalias da visão.

A escola de Freud atribue quasi todas as manifestações artísticas aos impulsos, que teriam por ponto de partida complexos reprimidos, sobretudo de ordem sexual.

Há uma certa tendência entre os psiquiatras modernos de se esquivarem de tratar de frente o problema do gênio e da loucura. Diz Lange : Afastando-se d'ele como se fosse uma bomba ou mina na iminência de explodir e cuja explosão poderá destruir a fama científica do psiquiatra que temerariamente se ocupa de um problema tão delicado. E é por isso, senhores, que eu, seguindo o conselho do eminente cientista alemão, vou dar por encerrada esta desprezenciosa palestra, antes de me perder nesse labirinto e correr mesmo o risco de não encontrar a porta da saída.